

**UNIVERSIDADE DE SOROCABA  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA,  
EXTENSÃO E INOVAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**Íris Adriane Santoro Cardoso**

**AS COSTURAS ADENTRAM O COTIDIANO ESCOLAR:  
AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA PERSPECTIVA ECOLÓGICA EM  
EDUCAÇÃO**

**SOROCABA/SP  
2022**

**Íris Adriane Santoro Cardoso**

**AS COSTURAS ADENTRAM O COTIDIANO ESCOLAR:  
AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA PERSPECTIVA ECOLOGISTA DE  
EDUCAÇÃO**

Tese apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de doutora no curso de Doutorado em Educação na linha de Pesquisa: Cotidiano Escolar.

Orientador: Marcos Antônio dos Santos Reigota

**SOROCABA/SP  
2022**

### Ficha Catalográfica

Cardoso, Íris Adriane Santoro

C262c As costuras adentram o cotidiano escolar: as práticas pedagógicas na perspectiva ecologista em educação / Íris Adriane Santoro Cardoso. -- 2022.

216 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Antônio dos Santos Reigota.

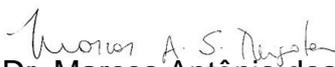
Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2022.

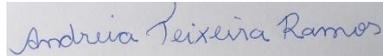
**Íris Adriane Santoro Cardoso**

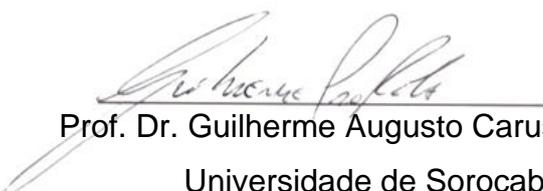
**AS COSTURAS ADENTRAM O COTIDIANO ESCOLAR:  
AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA PERSPECTIVA ECOLOGISTA DE  
EDUCAÇÃO**

Tese apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de doutora no curso de Doutorado em Educação na linha de Pesquisa: Cotidiano Escolar.

**BANCA EXAMINADORA:**

  
Prof. Dr. Marcos Antônio dos Santos Reigota  
Universidade de Sorocaba

  
Prof.<sup>a</sup> Dra. Andreia Teixeira Ramos  
Universidade Federal do Espírito Santo

  
Prof. Dr. Guilherme Augusto Caruso Profeta  
Universidade de Sorocaba

  
Prof.<sup>a</sup>. Dr. Mauricio Massari  
Faculdade de Educação Física da ACM de Sorocaba

  
Prof. Dr. Thiago Henrique Barnabé Corrêa

Dedico este trabalho ao meu companheiro, parceiro, amor, que vêm costurando, bordando e rebordando comigo nossa história há muito tempo, obrigada Pin.

Figura 1 - Entre as costuras



Fonte: Elaboração própria

## AGRADECIMENTOS

*O que eu sou  
Eu sou em par  
Não cheguei  
Não cheguei sozinho, não, não.  
Castanho – Lenine  
<https://www.youtube.com/watch?v=r8hkfn3FMCU>*

Como nos traz Lenine em sua música Castanho, somos o que somos em pares. Por essas costuras passaram muitas mãos que de alguma forma comigo cerziram esse processo, com palavras, apoios, risadas, broncas, apoios, confortos, conversas, correções, ausências e energias.

À energia divina que sempre nos enlaça e nos fortalece para seguirmos, são muitas bençãos.

Ao Paulo “Pin”, parceiro dessa e de outras vidas, que com paciência e carinho sempre esteve segurando as linhas desse propósito e de vida.

Aos meus irmãos, irmã, cunhado e cunhadas, a Victória e aos meus sobrinhos e sobrinhas pelas tramas que construímos nesta urdidura familiar. Aos amigos e irmãos do C.E.T.U. 7Giras, em especial à Célia Ferraz Albertini, pelo apoio.

À amiga Suzete “Susi” que mesmo em sua nova vida, não deixou de estar ao meu lado e ajudou a coser, em muitos momentos.

Ao professor Marcos Reigota, que sempre me mostrou a importância dos remendos e principalmente dos atilhos. Que mesmo com muitos farrapos, me auxiliou a bordar e transformar os rasgos em retalhos.

Agradeço a professora Andreia Teixeira Ramos por ter aceitado gentilmente meu convite para estar entre os meus remendos. A Professora Alda Romaguera, por sempre perguntar e questionar muito mais do que dar respostas, a sua pergunta trouxe as costuras. Ao professor Thiago Barnabé por estar emaranhado nessas linhas e tecidos, assim como a professora Ana Cristina, a professora Vania e o professor Guilherme Profeta. Ao professor Mauricio Massari, por auxiliar em muitos nós da caminhada, a parceria ajuda a desatar alguns e criar outros, possibilitando muitos aprendizados.

Ao amigo e professor Kleber Trevisan, pelas caronas, conversas e suporte para alinhar os tecidos, auxiliando em muitos momentos e me estimular a continuar.

À amiga e professora Gisele que, com sua paciência e ternura, me ajudou a perfilar todas as costuras, descosturou, me ajudou a costurar novamente, em todos os detalhes, me ensinado a cerzir da maneira que deve ser feito.

Ao amigo e professor Rubens Antonio Gurgel, pelos pontos neste recamo e nos tempos de conversas pelos corredores.

À professora Marcia Rodrigues por me ensinar a descosturar, recosturar e perceber a importâncias das cores.

À Associação Cristã de Moços por ser um bastidor na minha trajetória de vida.

Aos alunos e alunas “pequenos e grandes” que são as muitas linhas coloridas desse bordado, que me ensinam muito e que me movem a continuar a bordar e costurar.

Minha gratidão!

*E por enquanto só tomem muito cuidado, por favor, os dois, para não se contaminarem com a doença do desprezo e do deboche. Ao contrário: lentamente procurem curar seus amigos, pelo menos alguns deles, dessas doenças. Falem com eles. Falem também com os ofensores e até com os malvados, com todos que se comprazem em prejudicar. Falem, por favor, com todos que estiverem dispostos a ouvir. Tentem falar até mesmo com quem debocha de vocês e os despreza. Não liguem, continuem tentando dizer mais e mais.*

*(Amós Oz)*

## RESUMO

A costura adentra a perspectiva ecologista e a cada alinhavo no entrecho da Educação Física, por meio das narrativas ficcionais, procura-se unir as fazendas formadas por imagens, poesias faladas, reflexões e debates vividos nos cotidianos do ensino superior. Toda cosedura está enlaçada pelos pensamentos de Paulo Freire, que bordam nos corpos as bonitezas e amorosidades que estão no cotidiano, assim como a exclusão e o preconceito. E na urdidura desses corpos, quer-se trazer para o diálogo em especial, os deficientes, os negros, os indígenas, as tramas se contorcem, se envolvem, dançam e atravessam os espaços, tecendo os mais diferentes tecidos que serão unidos e contam nesta colcha as práticas pedagógicas cotidianas envolvidas pelas dimensões éticas, políticas e estéticas na educação. As costuras evidenciam a frente do trabalho sem deixar de narrar os avessos e nós que estão presentes no trabalho com a intenção de evidenciar as práticas pedagógica ecologistas.

**Palavras – chave:** Perspectiva ecologista. Cotidiano. Educação Física. Práticas docentes.

## ABSTRACT

The sewing enters the ecological perspective and with each tack in the intertwining of physical education, through fictional narratives, an attempt is made to unite the fabric formed by images, spoken poetry, reflections and debates lived throughout college years. All sewing is linked by Paulo Freire's thoughts, which embroider the beauty and loveliness that is in everyday life, as well as exclusion and prejudice. And in the warp of these bodies, one wants to bring to the dialogue, the disabled, the black, the indigenous people, the plots twist, get involved, dance and breakthrough spaces, weaving the most different fabrics that will be united and tell on this quilt as everyday pedagogical practice involved by the ethical, political, and aesthetic dimensions in education. The seams show the work, while narrating the insides and knots that are in the work with the intention of highlighting ecological pedagogical practices.

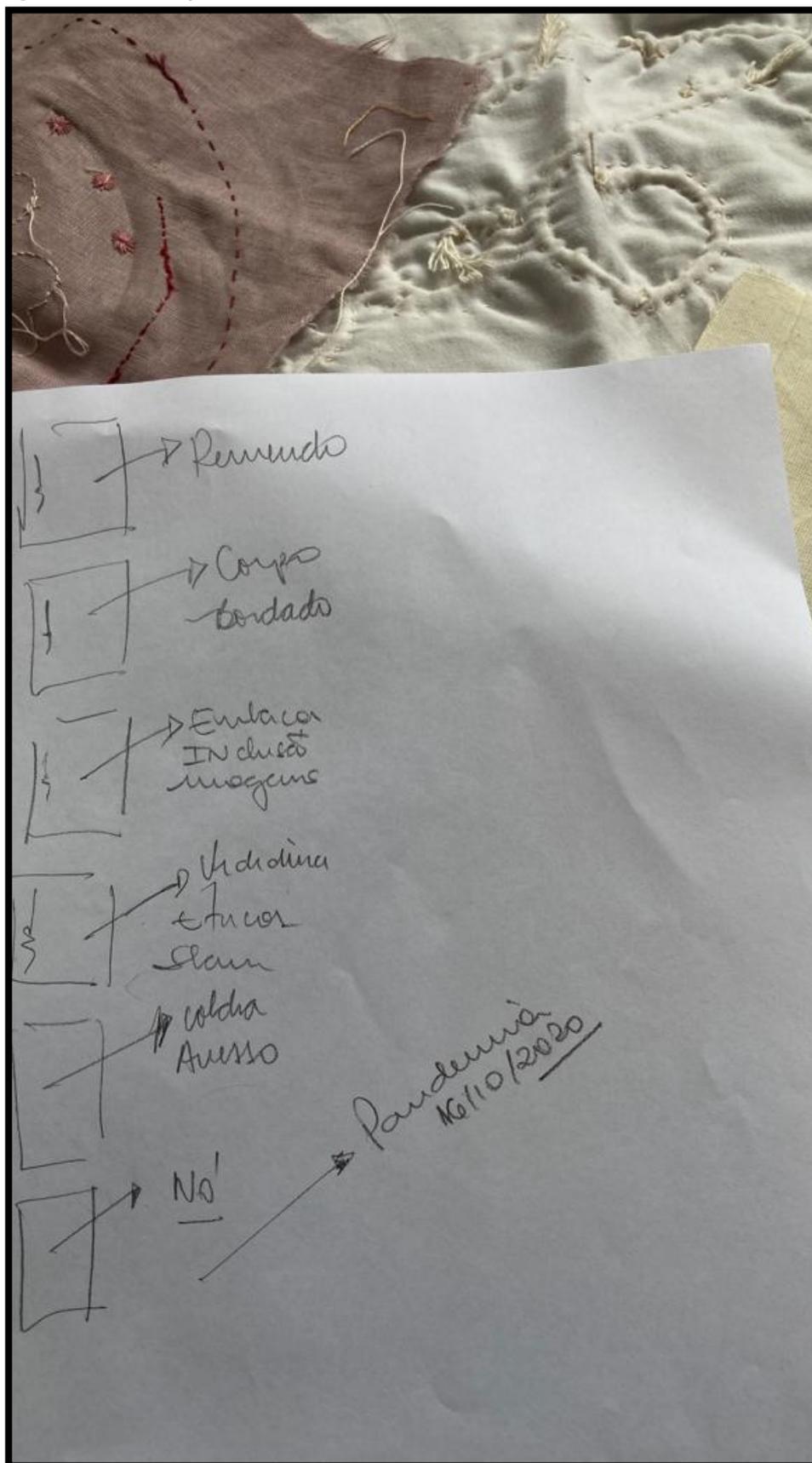
**Keywords:** Ecological Perspectives. Everyday Life. Physical Education. Pedagogical practices.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Entre as costuras.....	6
Figura 2 – Elaboração da colcha .....	14
Figura 3 - Primeiro as imagens.....	18
Figura 4 - Nós .....	25
Figura 5 - Retalhos .....	33
Figura 6 – Remendos .....	33
Figura 7 – Blocos em tiras .....	44
Figura 8 – Estofa Manta de algodão .....	49
Figura 9 - Obra: Pintura a óleo: Almoço com os barqueiros de Renoir.....	52
Figura 10 – Obra: Pintura a Óleo: Aula de dança de Degas.....	56
Figura 11 – Obra: Gravura: Paisagem com Três árvores de Rembrandt.....	61
Figura 12 - Obra: Escultura: três sombras: Rodin.....	65
Figura 13 - Obra: Foto: coreógrafo: João Wainer .....	67
Figura 14 - Obra: Pintura em acrílico: Flores: Ida Santoro.....	70
Figura 15 – Obra: técnica de giz pastel: dança do espantalho/ 1º movimento: Carlos Augusto Cardoso.....	73
Figura 16 – Bordar .....	76
<i>Figura 17 – Ponto Haste .....</i>	<i>97</i>
Figura 18 – Ponto Pirulito .....	98
Figura 19 – Ponto Corrente .....	100
Figura 20 – Ponto atrás .....	102
Figura 21 – Imagens.....	106
Figura 22 – Xícaras .....	123
Figura 23 – Vírus .....	125
Figura 24 – Luz.....	127
Figura 25 – Formigas.....	129
Figura 26 - Martelo .....	131
Figura 27 – Preso no ninho.....	132
Figura 28 – Não es quente com o padrão seja você mesmo.....	133
Figura 29 – Fire Flowers .....	135
Figura 30 – Ponto Planta .....	137
Figura 31 – Cores .....	139

Figura 32– Julgamentos .....	141
Figura 33 - Sufoco .....	143
Figura 34 – Urdiduras .....	145
Figura 35 – Mapa povos originários.....	151
Figura 36 -Avessos.....	174
Figura 37 – Panôs, trapuntos, blocos .....	177
Figura 38 – Técnica Blocos .....	178
Figura 39 - Continuar.....	183
Figura 40 - Pontear .....	184

Figura 2 – Elaboração da colcha



Fonte: Elaboração própria

## SUMÁRIO

BORDANÁRIO - INTRODUÇÃO .....	16
BLOCO COSEDURAS.....	19
BLOCO NÓS .....	26
BLOCO RETALHOS E REMENDOS.....	34
BLOCO ESTOFO .....	50
BLOCO BORDAR.....	77
Ponto Haste .....	97
Ponto Pirulito .....	98
Ponto Corrente .....	100
Ponto Atrás.....	102
BLOCO ENLAÇAR .....	107
BLOCO URDIDURA .....	146
BLOCO AVESSO .....	175
REFERÊNCIAS .....	185
ANEXOS.....	201

## BORDANÁRIO - INTRODUÇÃO

A costura e o bordado são tão antigos e, apesar de estarem há muito tempo em nossa cultura, não nos damos conta de suas importâncias, passando de uma finalidade utilitária para as mais variadas expressões artísticas e que, tão pouco, não nos damos conta de seus termos, por muitos, desconhecidos. A proposta é criar um *Bordanário*, nome sugerido pela Professora Andreia Teixeira Ramos, para explicar os termos que envolvem as costuras e os bordados. Sendo assim, observo que os *atilhos*, que são tiras estreitas de tecidos que servem para unir outros tecidos, diante de mim, estão separadas por cores e não por texturas. Vou começar a *alinhar-los*, costurá-los com pontos largos para não soltar, para depois decidir se vou *cerzir*, unir com pontos miúdos, para não descosturar.

Assim vou *cosendo*, costurando os retalhos, os fragmentos de tecidos, que me contam histórias diversas dos alunos e alunas, dos espaços, dos sons, dos aromas, que a mulher, professora, pesquisadora, ecologista ouve, observa, toca, cheira, mesmo sabendo que haverá momentos dos sentidos não procurarem algo para *suturar*, que nada mais é do que costurar e juntar, apenas estarei entre os *ornamentos*, tudo que pode ser usado para aplicar, pois temos que estar apenas no que se estuda e observa, nada mais. Porém o objetivo é entender como os alunos e alunas entendem e pensam imagens no curso de Educação Física, como os alunos e alunas pensam a poesia, a música no curso de Educação Física.

Como a costura não é algo perene, podemos entender também que estaremos juntando o que não se sabe, com o que se entende que sabe e isso nos trará um *emaranhado* de fios confusos e que estão presos, mas que como nos mostra bell hooks em seu livro *Ensinando a transgredir* (2017, p.60), sobre aulas:

No papel de professora, tive de abrir mão da minha necessidade de afirmação imediata do sucesso no ensino (embora parte da recompensa seja imediata) e admitir que os alunos podem não compreender de cara o valor de um certo ponto de vista ou de um processo.

Na costura com retalhos em blocos é necessário *perfilar*, endireitar os tecidos para o corte dos mesmos e deixá-los no tamanho desejado. A costura em blocos são formas de se costurar, que viajaram da Europa para os Estados Unidos com os imigrantes, além de enfeites e de contar histórias, as mantas, colchas, panos foram utilizados em alguns estados para mostrar rotas de fuga para os escravos, como nos

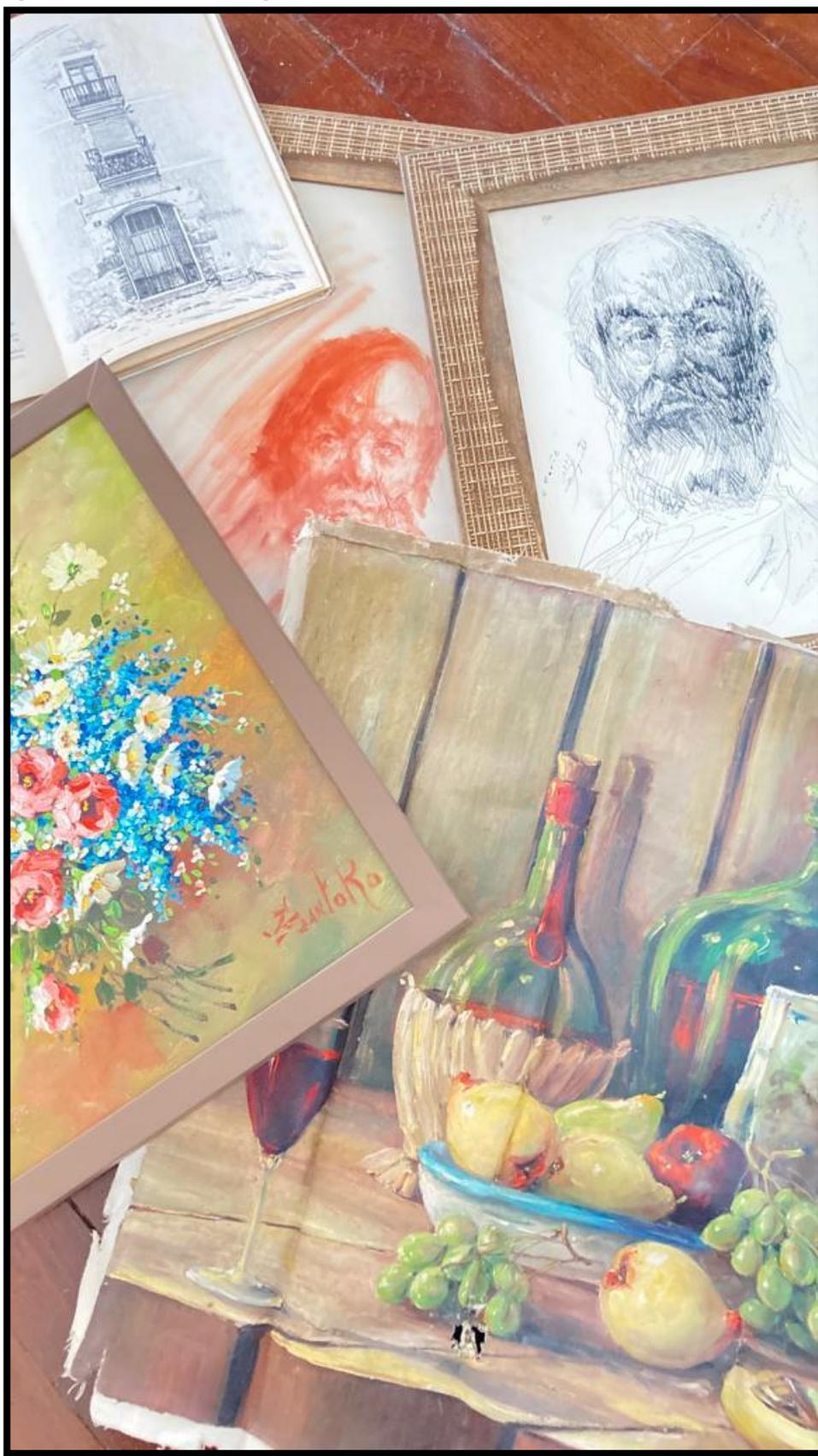
traz, Tatiana de Andrade Aguiar Delfiol e Milton Rosa (2021, p.102), “Esses códigos confeccionados nos *quilts* eram um tipo de mapa codificado que orientava os escravos fugitivos durante a fuga”. De alguma forma se assemelha aos códigos de fugas nas tranças das escravizadas, desenhos que faziam referência ao trajeto que, quando observados, sabiam o caminho a seguir (VARGAS,2003), mas aqui não utilizaremos blocos, vamos *emendar*, ligar os tecidos, a *enlear*, prender e ainda a *enlaçar*, amarrar as práticas pedagógicas cotidianas ecologistas.

Na *urdidura*, que são os fios colocados de forma paralela, trazemos as aulas no curso superior em Educação Física, as tramas vêm e vão com poemas, danças, imagens, debates, na importância das pertinências dos movimentos dos fios que vão e vem formando os *riscos* que não estão fixos, mas queremos *entrecer*, misturar nos envolver, incluir a todos.

Sigo a *remendar*, emendo o que consigo segurar com a consciência de que muito me escapa, pois faço *laçadas*, que se desfazem facilmente, mesmo aquilo que está registado nas imagens, nos *slans*. Porém tenho uma metragem interessante de narrativas costuradas, preciso procurar o *estofo*, o recheio para essa colcha, panô, ou seja lá o que vier a ser. Percebo que o *enchumaçar*, o estofar, o acolchoar será feito com o repertório cultural e religioso que trago em minha história e me torna sujeito dela.

Paro de mexer nesses remendos, paro de *chuleá-los*, costurar para não desfiar e vou pegar o *bastidor*, material utilizado no bordado pra segurar o tecido para que se tenha firmeza ao *bordar*, assim começo a cobrir com linhas coloridas, ou não, o tecido e, porque não dizer, o corpo que envolve as áreas aqui estudadas. Não se borda sem fazer nós, que pode ser um encontro de fios, podem estar cruzados, presos, eles trazem muito de todos os aqui *recamados*, em relevo, autores e autoras, alunos e alunas, espaços e possibilidades. Assim seguimos com a colcha, sem blocos, com remendos, com bordados, com algum *trapunto*, técnica muito antiga de acolchoamento, para salientar algumas partes do trabalho, numa forma de recorrer as costuras para unir, aproximar as origens de todos os envolvidos nesse encontro.

Figura 3 - Primeiro as imagens



Fonte: Elaboração própria

## BLOCO COSEDURAS

Chegou à costureira, pegou do pano, pegou da agulha, pegou da linha, enfiou a linha na agulha, e entrou a coser. Uma e outra iam andando orgulhosas, pelo pano adiante, que era a melhor das sedas, entre os dedos da costureira, ágeis como os galgos de Diana — para dar a isto uma cor poética. E dizia a agulha: — Então, senhora linha, ainda teima no que dizia há pouco? Não repara que esta distinta costureira só se importa comigo; eu é que vou aqui entre os dedos dela, unidinha a eles, furando abaixo e acima. A linha não respondia nada; ia andando. Buraco aberto pela agulha era logo enchido por ela, silenciosa e ativa como quem sabe o que faz, e não está para ouvir palavras loucas. A agulha vendo que ela não lhe dava resposta, calou-se também, e foi andando. E era tudo silêncio na saleta de costura; não se ouvia mais que o plic-plic plic-plic da agulha no pano. Caindo o sol, a costureira dobrou a costura, para o dia seguinte; continuou ainda nesse e no outro, até que no quarto acabou a obra, e ficou esperando o baile. Veio a noite do baile, e a baronesa vestiu-se. A costureira, que a ajudou a vestir-se, levava a agulha espetada no corpinho, para dar algum ponto necessário. E quando compunha o vestido da bela dama, e puxava a um lado ou outro, arregaçava daqui ou dali, alisando, abotoando, acolchetando, a linha, para mofar da agulha, perguntou-lhe: — Ora agora, diga-me quem é que vai ao baile, no corpo da baronesa, fazendo parte do vestido e da elegância? Quem é que vai dançar com ministros e diplomatas, enquanto você volta para a caixinha da costureira, antes de ir para o balaio das mucamas? Vamos, diga lá. Parece que a agulha não disse nada; mas um alfinete, de cabeça grande e não menor experiência, murmurou à pobre agulha: — Anda, aprende, tola. Cansas-te em abrir caminho para ela e ela é que vai gozar da vida, enquanto aí ficas na caixinha de costura. Faze como eu, que não abro caminho para ninguém. Onde me espetam, fico. Conte esta história a um professor de melancolia, que me disse, abanando a cabeça: — Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária! (ASSIS, 2003, p18.)

No conto de Machado de Assis “Um apólogo” (muito sugerido pela minha amiga a professor Daniela, que integra o grupo de pesquisa Perspectiva Ecologista em Educação da UNISO), no texto a linha e agulha ficam a discutir quem é mais importante, se uma ou se outra. Aqui nestas costuras todos os materiais para coser são fundamentais, são eles os responsáveis por essa tese, que não tem na colcha uma figuração, mas possibilidades de transformações que foram sentidas e vividas nos cotidianos e transbordadas em narrativas, aqui as narrativas ficcionais, que nos proporcionam formas de contar a convivência, o experimentado no dia a dia deixando no anonimato os envolvidos.

Antes das costuras, bem antes, vieram as imagens, penso que sempre foram elas que motivaram a minha trajetória, meus pensamentos minhas ações e minhas aulas. As minhas ideias sempre vieram pelas imagens. As palavras vieram depois, pois eu não entendia, não sabia como as imagens poderiam ser entendidas epistemologicamente, como as observações ouvidas, vistas, sentidas, entendidas e

anotadas seriam validadas. Como os valores morais unidos ao compromisso da ética e da moral, presentes no espaço da Educação Física e tão caro à perspectiva ecologista, poderiam dialogar.

Essa costura não traz modos de fazer uma colcha, procura apresentar o que pode fazer parte das costuras de uma colcha, ou panô, bandeira, estandarte, ou o que se quiser costurar. Na verdade, criar circunstâncias (DELIGNY, 2018). Com Deligny, podemos pensar a educadora, pesquisadora, bordadeira, como criadora de circunstâncias, entendendo o empenho de um processo formativo como criação de circunstâncias.

“Criador de circunstâncias, assim é o educador a se debater com todas as inércias.” (DELIGNY, 2018, p.216).

As costuras são abertas pelos nós que se formam quase que diariamente no dia a dia e assim estudamos os cotidianos. Nossas agulhas furam o tecido e passam a linha e ali as deixam, como também ajudam a desfilar e puxar outras tramas, os nós vão nos amarrando e nos provocando a fazer outros caminhos, estudar mais. Os nós acontecem muitas vezes não por descuido, mas para observarmos as linhas que se encontram em seu comprimento e algumas já desgastadas de tanto passar pelo tecido e serem puxadas enroscam e o enroscar nos faz pensar o que estamos fazendo automaticamente e chama atenção para a nossa observação. Não estudamos sobre os cotidianos, estamos costurados neles.

Nos remendos e retalhos eu procuro apresentar que a Educação Física vai além das práticas corporais, como brincadeiras, jogos, lutas, danças, ginásticas e esportes, quero trazer, dobraduras, pinturas, histórias para as aulas, a prática pedagógica será desconstruída, reconstruída e identificará as representações sociais, como nos esclarece (REIGOTA, 2002a). Com as leituras das autoras Nilda Alves, Inês Barbosa de Oliveira e Regina Leite Garcia, mulheres cariocas que produzem estudos sobre o cotidiano da escola e escrevem de uma maneira que se faz entender, como nos trazem Inês Barbosa e Alexandra Garcia em uma entrevista que realizam com Nilda Alves, no livro *Nilda Alves, praticantepensante*<sup>1</sup> de cotidianos (2015,p.53), “uma

---

<sup>1</sup> Essa forma de escrever em itálico e unidas, são assim escritos e estudados pelos grupos de pesquisa que envolvem os estudos com os cotidianos do qual estudamos, mas não temos a pretensão de evidenciá-lo nesta pesquisa. Para maiores informações, procurar na dissertação de mestrado de

questão que estava muito clara para mim desde o começo, mas que vai ganhando força com esse grupo, é a necessidade de ter outra escrita, uma escrita que desse para todo mundo entender [...]” percebo assim que as minhas práticas podem ser estudadas. Nessas leituras as práticas pedagógicas dos professores e professoras são valorizadas e entendidas como possibilidades de conhecimento e não como estratégias, ou técnicas somente, elas percebem que tem muito mais envolvido no processo antes de nós que estamos no processo, aquilo que parece corriqueiro, elas nos mostram que é rico de experiências e possibilidades, que é político, ético e que amplia olhares de todos os envolvidos. “Na pesquisa atual, vamos caracterizar os “mundos culturais” dos professores. Eu considero a maneira como o professor pensa, como diz que pensa e como executa sua prática” (OLIVEIRA; GARCIA,2015, p.56).

Os estudos dessas autoras tinham parcerias em diferentes retalhos, costuravam novos remendos, em diferentes espaços de diferentes formas, mas com cumplicidade. Essas costuras chegam para mim, por meio do Professor Marcos Reigota, que foi aluno de Nilda Alves antes de seu doutorado na Bélgica. Eu estava neste momento cursando mestrado na Universidade de Sorocaba em 2003, o livro de duas delas é lançado em 2001, são mais de 20 anos desse movimento na pesquisa com os cotidianos, uma grande produção e circulação de conhecimentos. Assim, começo a ampliar meus conhecimentos e o encontro desses autores e autoras com outros autores da Educação Física como Jocimar Daolio e João Batista Freire, os diálogos se aprofundam e as imagens e as palavras se tornam uma pesquisa. Mas, não foi simples, muitas dificuldades precisavam ainda ser superadas e o que muito me ajudou foi a literatura nos livros de Milton Hatoum, Bernardo de Carvalho, Modesto Carone, Amos Oz, Edward Said, Gaile Parkin, Érico Verissimo, Jorge Amado, Chimamanda Ngozi Adichie, Conceição Evaristo, Jeferson Tenório, assim de alguma forma me ajudaram a entender os cotidianos, na maneira na qual cada autor ou autora nos apresentam suas formas de entender e compreender todas as relações e situações.

O que enchumaça uma peça, podemos chamar de estofa, eu de alguma forma tive um privilégio de acesso a um conhecimento além do escolar, foi capital cultural familiar que teve sua importância na cidade de Sorocaba, que mistura a influência

alemã, italiana, essa formação por princípios estéticos e filosóficos e que carrego para a noção de formação na sala de aula. O bordado é o bloco que eu utilizo para apresentar o corpo e as muitas linhas com que podemos entender as diferentes histórias e expressões corporais no contexto social. Cristina Greiner e Jocimar Daolio nos auxiliam. No bloco enlaçar as imagens e a diversidade são trazidas para a prática pedagógica e aqui seus estudos são apresentados, Alberto Manguel, Celina Bartalotti, Neusa Gusmão, são os interlocutores, são os fios desse bordado. A pergunta é: como os alunos entendem imagens? Como as imagens são criadas e produzidas na faculdade de Educação Física? Os estudos sobre diversidade são importantes neste bloco, as diferenças são estudadas para além das deficiências.

Depois das imagens e das palavras, podemos entender a urdidura como o que viria depois das palavras. Desde que me entendo como professora no caso de Educação Física no segmento da educação infantil e de Fundamental I, algumas questões como deficiências, questões raciais sempre estiveram de forma clara nos debates, não havia problema em serem tratados nas aulas. O estudo das diferenças estava em meus discursos e gestos sem os referenciais teóricos, mas com o vivido. Na aplicação da lei 10.639 e em seguida da lei 11645, a lei não me incomodava e eu não me sentia obrigada a trabalhá-la, assim como alguns colegas pensavam, mas a redução do tema à capoeira, à pega-pegas de senhores contra fugitivos e à feijoada, sem desmerecer, seria reduzir muito os inúmeros debates que poderíamos aprofundar.

Eu lecionava em uma escola de Educação Infantil e Fundamental I que tinham aproximadamente 200 alunos e somente 6 eram negros sendo 4 meninas e 2 meninos. Estava em uma aula com a turma do 3º ano, 25 alunos, nesta sala tínhamos 2 meninas negras. Em uma aula eu lia um conto sobre princesas africanas e a beleza. Quando eu termino Mariana, levanta a mão e diz que Isadora disse que ela era feia por ser negra e que seu cabelo também era feio. Isadora levanta a mão e diz: eu disse mesmo é verdade. Leandro que estava encostado na parede, fala: - *Ué: porque você falou isso para Mariana, você também é negra.* Isadora fica espantada e fala que não era como Mariana. Começamos a conversar sobre o assunto e muitas dúvidas foram surgindo. Isadora ficou o tempo todo indignada e Mariana encostada e comentava em alguns momentos. Pedro levanta a mão e pergunta: - *Vamos ficar só conversando sobre cor de pele ou vamos correr na quadra?*

Eu pergunto se não é importante falarmos sobre o assunto e ele me diz que sim, mas cada um tem sua cor e daí, a gente já podia estar correndo. Mariana fala que tem gente que não gosta de algumas cores de pele e maltrata os outros. A história rendeu a aula toda e teve outras repercussões na escola, mas quando a aula acaba Isadora vem conversar comigo e diz que seu cabelo não é como o de Mariana e que a mãe dela já conversou com ela sobre isso, e olha para Mariana e chega perto. Mariana sorri. Isadora se desculpa. Mariana me abraça e diz que a mãe conversa com ela sobre sua história e que ficou feliz em ter podido conversar sobre isso ali na escola. Mariana, há muito não é minha aluna, mas onde me encontra me abraça o mesmo abraço, que me fez entender que o propósito era maior, não adiantava eu somente respeitar e entender eu precisava conhecer e me aprofundar.

Começo a ler Kabengele Munanga, que me leva à Nilma Gomes, reencontro com Boaventura de Souza Santos e Nilma também me leva à Vera Candau, mas não posso deixar de agradecer a Rosângela Alves, educadora física formada na FEFISO, fundadora do Projeto Quilombinho, hoje Centro Cultural Quilombinho<sup>2</sup> aqui na cidade de Sorocaba que partiu muito jovem e, tinha um trabalho sobre difusão da cultura negra para as crianças e para a sociedade e que me fez entender muito do movimento negro e sua importância. Também preciso agradecer a Claudia Lima, minha amiga de magistério e de formação na Educação Física, educadora, coordenadora do MOMUNES<sup>3</sup> Movimento de mulheres Negras de Sorocaba, que foi fundado por sua mãe Mazé Lima, um movimento de empoderamento da mulher, que começou com um coral que cantava músicas em dialeto africano e que se transformou em uma organização, cultural, política e educativa que auxilia crianças, mulheres e jovens, esses trabalhos me auxiliaram na minha trajetória como cidadã.

Essas urdiduras se fortalecem quando solicito para ser a professora de relações étnicas uma nova disciplina que teríamos na grade da Educação Física. Como os alunos e alunas entendem os estudos dos povos originários e africanos? Por quais caminhos as informações chegaram para os alunos e alunas sobre os povos originários e africanos? Qual o impacto desses estudos no curso de Educação Física?

Ao coser essas práticas dialogando com tantos autores e autoras, observo que os avessos me trazem outras tantas informações, que as circunstâncias favoreciam.

---

<sup>2</sup> Centro Cultural Quilombinho: <https://pt-br.facebook.com/quilombinho/>

<sup>3</sup> MOMUNES: [www.momunes.org.br](http://www.momunes.org.br)

“Não mais influenciar seus alunos, mas se deixar influenciar por eles. Contagiar-se da ingenuidade deles e perceber com espanto as coisas novamente pela primeira vez” (TENÓRIO, 2020, p.157).

Vou cortando meus tecidos e observando cada remendo que se forma diante de mim, a mulher, professora, pesquisadora, ecologista queria outras coisas com seus remendos precisava costurá-los sem blocos, precisavam acontecer outras formas de comunicação, vamos para os desenhos, o teatro, a dança e os Slam. Assim, costuro e descosturo cada remendo bordo com diversas linhas os caminhos, sem deixar de prestar atenção no que se forma no avesso do caminho, pois ele nos mostra outras formas de se pensar e ver as relações. “Enquanto caminhava, você ficava lembrando de cada pedacinho da aula. Então, em determinado momento, você olhou para o alto e cantarolou com Jards Macalé: a lua é gema e ovo no copo azul lá do céu” (TENÓRIO, 2020, p.172-173). Vou chulear para não desfiar....

Figura 4 - Nós



Fonte: Elaboração própria

## BLOCO NÓS

Certa vez o maior especialista em nós do mundo, que vinha a ser um marinheiro que viajou por todos os mares, chegou num porto. Exibia suas habilidades prometendo a todos os pescadores da vila e interessados em geral que lhes ensinaria os mais complexos e impressionantes nós de corda. E o nó podia ser feito em cordões menores? Podia. E com panos? Absolutamente. Linhas pra fazer redes de pesca? Com certeza. Show vendido.

Executou sua melhor performance naquela tarde. Era vaidoso, tinha voz de trovão de tanto brigar com tempestade, exagerava nos movimentos, ressaltava a força que tinha nos braços contraindo bem os músculos. Era gracioso e preciso como um atleta. Ficaram todos muito satisfeitos, ele principalmente.

Na manhã seguinte antes de partir em nova aventura ficou sabendo que na noite anterior, com nós perfeitos, uma filha fugiu pela janela, um menino aprendeu a laçar os cadarços, duas mulheres amarraram um intruso que invadiu a casa, um homem enforcou-se no quintal e um grupo de pescadores fez a rede que pescou o almoço de todos na vila naquele dia.

Quando num outro porto, numa outra vila, quiseram que ele ensinasse seus famosos nós aos moradores, o marinheiro respirou fundo e disse que nó é uma coisa fatal demais pra se dominar de um dia pro outro. Mostrou os movimentos básicos e aconselhou que cada um descobrisse seu próprio nó, nó era coisa séria, pessoal. Têm amarrados que são irreversíveis, é melhor saber o que se está fazendo. (GOBBY,2021)

Esse texto de Camila Gobbi, apresenta os nós como um entrelaçamento como uma laçada feita em fios ou panos, algo que trará uma resistência. Posso entender o nó como um impedimento, como uma laçada, como um obstáculo, ou pode ser um elo, uma juntura, posso prender a outras peças ou a ela mesma.

Estou juntando fios para bordar em um novo pedaço de tecido, um espaço diferente de criação para oferecer possibilidades de conhecimento de quem assim quiser. No processo criativo exploratório, os registros de suas histórias, seus pensamentos, muito de você está nessa atividade, os fios vão se enlaçando e nos movimentos quase que rituais da minha rotina às vezes não percebo que uma nova cor, ou uma nova linha diferente, inusitada pode fazer um nó que a princípio é irreversível, mas estar disposto a desmanchar e aprender novos caminhos e pontos é essencial no processo de aprendizagem.

Uma manhã de segunda-feira de março de 2020, as notícias são muitas e confusas, ministério da saúde, governo federal, municipal, chego à faculdade para as aulas rotineiras, encontro o coordenador e diretor que me comunicam que a mantenedora junto com a diretoria tomaria a decisão de que as aulas poderiam ser suspensas ou não. Sigo para a sala e os alunos e alunas ansiosos com muitas perguntas sobre a suposta suspensão das aulas, tento sanar as dúvidas e sigo com a

aula para de alguma forma tentar espantar a tensão. Terminei essa aula e sigo para a outra turma. O coordenador me encontra e avisa que as aulas serão suspensas e depois será explicado como faríamos para dar continuidade ao curso. Converso com os alunos e alunas da próxima turma e comunico a decisão, as incertezas são muitas e ingenuamente digo que será por pouco tempo, por mais que o medo rondasse minha aula, minha casa, minha vida, a sociedade, o mundo. “Quando tudo está entrando em parafuso, você tem que ter alguém pra chamar - eu chamo Drummond. Para mim ele é um daqueles paraquedas coloridos que eu menciono em Ideias para adiar o fim do mundo.” (KRENAK, 2020, p.24). Eu abri meu paraquedas e chamei as costuras.

Por duas semanas, nós, os professores e professoras, tivemos que nos atualizar em uma plataforma que já era usada pela instituição para futuras aulas híbridas, on-line e presenciais, que alguns professores já estavam colocando em prática. Naquele momento o computador era apenas algo que eu usava em extrema necessidade, tínhamos uma relação distante, não havia muita interação. Isso já melhorou bastante.

Em um primeiro momento as aulas foram pela plataforma, rapidamente, talvez nem tanto, aprendemos a usá-la e nela escolhíamos os conteúdos já existentes que se encaixavam em nossas disciplinas, ali além dos conceitos, tinham vídeos, livros, textos e alguns exercícios, podíamos incluir outros conteúdos se fosse de nosso interesse. A plataforma tem um recurso no qual consigo observar se a aluna, o aluno entrava no sistema, quanto tempo ficara, as dúvidas, os erros e acertos. Os alunos e alunas se sentiram perdidos, alguns não tinham internet, não tinham computadores, não tinham essa vivência toda que sempre acreditamos que os jovens têm. Eles também estavam com medo, ansiosos, sem caminhos. Tivemos uma porcentagem pequena de alunos e alunas que desistiram do curso, outros procuravam a instituição solicitando ajuda, o diretor e o coordenador com ajuda da secretaria, imprimiram diversos conteúdo das mais variadas disciplinas, gravaram em *pen drives*, levaram para as casas dos alunos e de alunas, os contatos telefônicos eram diários, muitas soluções eram pensadas para que os alunos e alunas fossem os menos prejudicados. Eles sentiam falta de nos ver, de falar conosco.

Alguns professores começam a dar aula on-line e os alunos pedem que isso fosse feito também pelos outros, o diretor sugere que, quem pudesse, seria positivo para todos. Eu não imaginava como fazer isso. Fiquei receosa e com ajuda do professor Kleber, do meu marido e do diretor verifico as possibilidades e novas

barreiras surgem, como o computador em que o som é ruim. O professor Kleber me empresta um computador que não estava utilizando e me ocupo dele neste momento, mudança de potência do Wi-Fi, local da casa onde a claridade seja boa, onde os latidos dos cachorros não atrapalhassem. Os alunos e alunas entravam em minha casa.

A barreira física foi vencida, a tela vai sendo enfrentada, agora a distância é o desafio, algumas turmas participam como se estivessem presencialmente, dúvidas, críticas, perguntas, piadinhas, risadas percorrem a aula. Em outras você fala, fala, fala... e as letras (identificação do aluno/aluna na tela do computador) não respondem, essa é uma situação surreal. Eu sou uma professora que lê os alunos e alunas como se fossem um texto, percebo os olhos, o corpo, seus gestos, tudo. Como nos traz Anita Freire no livro *Pedagogia do compromisso* (2018, p.41), uma fala de Paulo Freire no seminário em San Luiz na Argentina:

Enquanto eu falo, como docente, tenho que desenvolver em mim a capacidade crítica e afetiva de ler os olhos, o movimento do corpo, a inclinação da cabeça. Devo ser capaz de perceber se há, entre nós, alguém que não entende o que falo e nesse caso tenho a obrigação de repetir o conceito de forma clara para recolocar a pessoa no processo do meu discurso.

E ainda,

Você assiste a uma educadora que se movimenta de tal maneira na sala, que usa seu corpo e sua linguagem eficientemente na comunicação, com seu próprio método. E isso é de uma importância fantástica, porque, como eu dizia, as vezes o mais importante não é como o educador diz, mas como ele faz o que diz. (FREIRE, 2018, p.227)

Este é um novo espaço pedagógico onde as relações acontecem de forma diferente, é necessário aprender a entender esse espaço como também de criação e de conhecimento e aos poucos fui aprender sobre esse novo momento.

No doutorado as aulas também começaram a ser on-line, a cada encontro você percebia as angústias e dificuldades de cada um e expor os nossos pensamentos e pesquisas foi uma forma de seguir. Na escola onde leciono Educação Física na Educação Infantil, as aulas foram gravadas para que as crianças fizessem atividade física com os pais, eu recebo alguns vídeos das crianças fazendo com suas famílias. E ali fico aguardando as decisões da escola sobre como seria resolvido. As férias forma antecipadas, começo a dar aulas remotas para crianças de 2 a 6 anos, a

dificuldade foi enorme. Tudo é novo para todos, para o mundo, o aprendizado já estava ali, eles iam além das muitas habilidades e referências conhecidas. Eram outros cotidianos sendo apresentados, acompanhados de angústias e tensões pessoais e sociais. Pensava em outros conhecimentos outras formas de realizar e entender esse processo. Como nos auxilia Nilda Alves (2004, p.17-18),

Partimos do entendimento de que os conhecimentos criados não só pelos caminhos já sabidos e consagrados, e que precisam ser questionados permanentemente, mas também nesse tecer constante de encontros e desencontros do cotidiano.

Neste momento de uma nova realidade de vida, em que um vírus invisível toma conta do mundo inteiro, muitas são as perguntas e dentro das minhas práticas eu fico a me questionar o que realmente queremos nos cotidianos escolares?

Estava em um nó, emaranhada em diferentes fios que não faziam sentido, os meus pensamentos, os meus conhecimentos, a falta deles e todo contexto social em que estávamos e ainda estamos vivendo ficava baralhado.

Rádio, computador, internet, informações conflitantes, desavenças políticas, uma grave crise de saúde mundial entra em conflito com o sistema político, somos bombardeados por inúmeras notícias que esgotam nossas energias.

A organização para realizar as aulas é fundamental, confesso que ainda estou em processo de aprendizado. A horas passam mais rápido e você tem a sensação de que trabalha mais. Na verdade, acredito ser falta de hábito, o desconhecimento do sistema, são muitas mensagens para serem lidas e respondidas, e-mails vão e vêm e muitos não chegam. E assim os meses estão a passar.

Já passaram três meses, as atividades vão e vêm por e-mails, em uma troca de comunicação intensa, mas alguns não entravam, ou redes não deixaram chegar, as justificativas eram as mais variadas e muitas vezes impossível de não se envolver.

*- Professora, estou depressivo não consigo, você pode conversar comigo?*

*- Professora, perdi o emprego.*

*- Professora, perdi minha avó, que na verdade ela cuidou de mim, mais do que minha mãe.*

*- Professora, sou pedagoga, será que as dificuldades que estou tendo são menores ou iguais aos dos meus alunos e alunas?*

*- Professora, estou preocupada com a turma, me dá angústia não poder ajudar aqueles que estão precisando.*

- Professora, estou com COVID, estou bem, graças à Deus, porque minha mãe está muito pior, eu fiquei com ela no hospital, tá difícil.

E assim caminhamos no semestre, as pessoas estavam tensas e nervosas e nem poderia ser diferente, com muitas declarações e depoimentos de alunos e alunas que aconteciam no início das aulas, antes de todos os estudantes estarem on-line, muitas informações, alto número de mortes, dúvidas sobre doença, remédios sem comprovações, as polêmicas nas vacinas, higienizar os alimentos, as roupas, os sapatos, as mãos, alergia ao álcool em gel, não receber ninguém em casa, não aglomerar, incertezas e muitas confusões, as redes se tornam ringues polêmicos.

Logo no começo, tem-se algo que me ajudou e ajuda sempre é fazer *patchwork*. Peguei meus retalhos e comecei a costurá-los aleatoriamente, não pensei em montar blocos, em motivo e nem histórias, eu costurava, costurava, costurava. Cortava tecidos na medida que eu decidi fazer e perfilava para colocar outros retalhos e, assim, segui. Aprendi a fazer máscaras, no início da crise pandêmica, era apenas o que era indicada como proteção segura, mas logo depois seu uso se tornou obrigatório para todos, aí decidi fazer para nosso uso de casa, assim como para minha família, amigos e para uma instituição de Sorocaba.

Outra atividade que me auxiliou muito naquele momento foi assistir às muitas *lives*, como são chamadas as apresentações que acontecem pelas redes sociais de cantores e cantoras, de artistas, de escritores e escritoras, *chefs* de cozinha que ficaram famosas neste tempo de isolamento, escolhíamos os fios para nos ajudar a passar por esse processo.

Em uma dessas, assisti a uma professora de bordado. Lembrei-me imediatamente da minha avó e da minha tia e de seus bordados. Resolvi bordar e colocá-los aqui neste projeto. E nesse processo eu percebi que escrever é um bordado, cada perfuração é como observar os corpos nos cotidianos, suas colocações, manifestações sozinhas ou em grupos, sobre temas que auxiliam para uma sociedade respeitável, que são como os riscos que escolhemos seguir, que se preocupa com o coletivo como os fios que estão juntos para preencher o trabalho, a discursão dessa ou daquela cor, são as incertezas das escolhas, é o rever cada ponto e desfazer se for necessário. O tempo passa e os nós por nós criados, ninguém pode tirar, pois são nossos, concebidos pelos fios e tecidos que nós escolhemos e que são emaranhados por nós, mas eu tinha e tenho sempre esperança “porque não é possível andar sem a esperança de chegar.” (FREIRE, 2018, p.28).

A cada bordado novas esperanças, novos riscos, novas possibilidades, novos pontos, novos nós, novas formas de pensar os cotidianos escolares virtuais. Assim chega à possibilidade voltar ao presencial, fiquei com medo, meu marido pertence a um grupo de risco, sair de casa parecia descumprir uma norma severa.

Volto primeiramente à escola com os pequenos e foi difícil, pois eles queriam abraçar e a orientação era que não podia fazê-lo, mas confesso que acontecia e eu não reprimia. Não foram todos os alunos e alunas que voltaram, alguns permaneceram em casa, alguns dias eu tinha encontros presenciais e outras aulas eram virtuais. Essa volta com as crianças foi muito importante para elas e muito importante para mim, a cada encontro a esperança só aumentava.

*- Chego na escola e Helena que tem cinco anos corre e me abraça!!!!*

*- Írissssss, que saudades!!! Ah!!! Esqueci!!! Não pode abraçar.*

Helena é uma menina agitada e que sempre está sorrindo. Falo que estava com saudades, ela me diz que também.

Ela me diz: *- Posso te pedir uma coisa?*

Digo que sim. Ela me diz bem baixinho:

*- Posso dar a mão para você? Depois a gente passa álcool.*

A minha vontade era de abraçá-la, mas sigo de mãos dadas até a quadra e confesso que foi um momento energizador.

Algumas aulas da faculdade também voltaram ao presencial e alguns alunos e alunas estão na sala e outros em casa, aulas para todos juntos, dificuldades tecnológicas, dificuldades pessoais, e enfrentamentos.

Os bordados e as costuras não param, leituras, linhas, bastidores e outros pontos. A crise pandêmica se agrava voltamos todos para casa, mais mortes e pessoas bem próximas fazem sua passagem, novas crises políticas, tensões emocionais e de saúde.

Sem perder a esperança, a vacinação segue no exterior e tínhamos a esperança de começar no Brasil. Confusões, falta de insumos, aguardo de aprovações da Agência Nacional de Vigilância Sanitária, aprendemos que os insumos que vêm do exterior e são a base para a produção de vacinas, assim como as diferentes tecnologias de suas formações, tivemos a certeza da importância do SUS e das pessoas que trabalham na saúde. A vacinação começa a esperança é grande!

Com parte da população vacinada, as aulas retornam e com ela as possibilidades de novos encontros e de muitos reencontros nos cotidianos da

faculdade, ansiedade, alegrias, poucas tensões e muita esperança, corredores com alunos e alunas, saguão com burburinhos, risadas, sons, gente...

No início, alguns alunos e alunas não conseguem voltar para as aulas na faculdade, moram em outra cidade e as prefeituras demoram para liberar o passe estudantil, dificuldades econômicas, de organização para o retorno.

*- Professora, que saudades.... Você não sabe como estou feliz de estar aqui, dá até vontade de chorar, tô sem emprego, tô sem namorada, mas tô com esperança, porque se a gente voltou para as aulas é por que tudo vai passar.*

*- Profê e aí? Tamo de volta. Vou te contar uma coisa, é bom voltar, mesmo que ficando em casa facilitava, já estava jantando e assistindo aula.*

Eu digo: *- Assistindo? Você ficava dormindo!*

Ele responde: *- Que é isso? Só as vezes e ri bem alto.*

Eu dou risada também e ele me diz:

*- Não mudei nada, não?*

A maioria dos alunos e alunas se encontram presentes, as aulas acontecem com muita energia e disposição. Os nós, às vezes, soltam as pontas e assim conseguimos desfazê-los, já outros permanecem, mas eles nos ajudam a lembrar o que já fizemos e o que vale rever e outros ainda nos ensinam a seguir por outros caminhos. Os nós foram impedimentos que nos ensinaram outras habilidades, obstáculos a serem ultrapassados e uniram outras ideias e novas criações. Como nos auxilia Anita Freire (2018, p.47)

[...]professores e professoras, educadores e educadoras, alunos e alunas, devemos nos preocupar com a criação e a recriação, em nós e em nossos lugares de trabalhos, das qualidades fundamentais que são as que nos vão permitir realizar nossos sonhos.

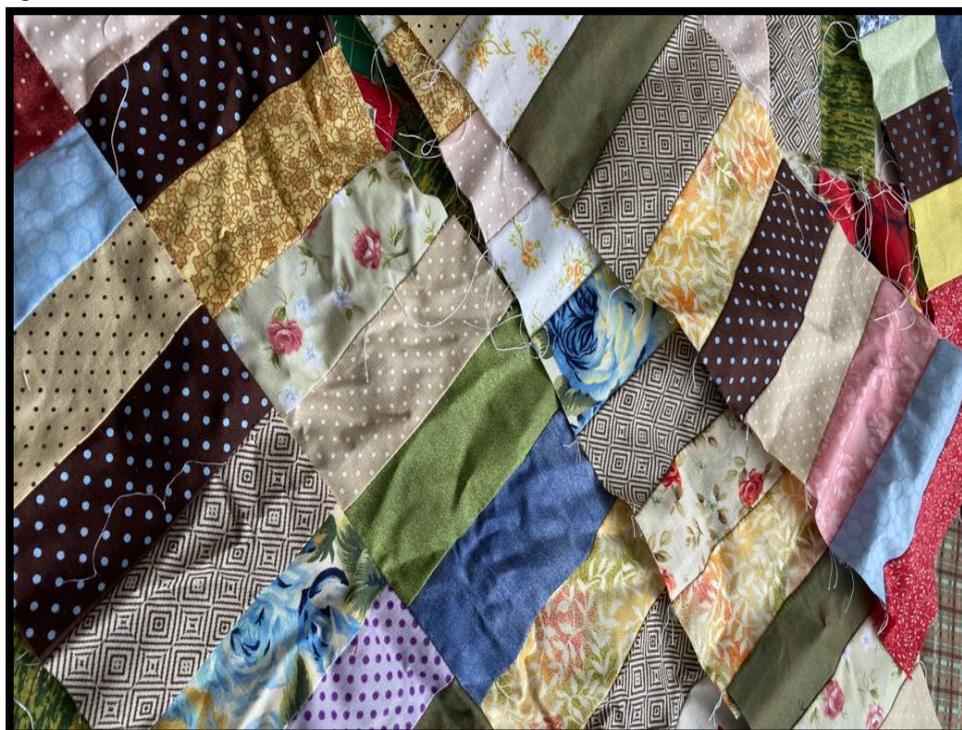
Nossos nós...

Figura 5 - Retalhos



Fonte: Elaboração Própria

Figura 6 – Remendos



Fonte: Elaboração Própria

## BLOCO RETALHOS E REMENDOS

Uma reunião de fios é necessária para que um tecido seja formado, dependendo de sua origem, os fios formam diferentes padrões que depois são colocados em categorias para essa ou aquela determinada função. Em cada momento da história cada tecido teve sua importância social, cultural e econômica, desde sua trama, sua composição, a situação em que foi requisitado para utilização, seja utilitária ou ostentação.

O tecido revela muitos elementos e, para os estudos aqui propostos, ele nos trará textos, conjunto de palavras, imagens, que tornaram públicas questões ecológicas, educacionais e políticas que estão sendo alinhavadas para, talvez, serem costuradas. O alinhavo prepara e organiza antes de verificar se quer deixar permanente, o que pode, ou não, ocorrer. Em suas tramas traz muitos diálogos, muitas imagens, poemas, muitos encontros e desencontros de tantos envolvidos nos muitos processos vividos. Observamos essa questão a seguir:

Texto quer dizer tecido; mas enquanto até aqui esse tecido foi sempre tomado por um produto, por um véu todo acabado, por trás do qual se mantém mais ou menos oculto, o sentido (a verdade), nós acentuamos agora, no tecido, a ideia gerativa de que o texto se faz, se trabalha através de um entrelaçamento perpétuo; perdido neste tecido – nessa textura – o sujeito se desfaz nele, qual uma aranha que se dissolvesse ela mesma nas secreções construtivas de sua teia. Se gostássemos dos neologismos, poderíamos definir a teoria do texto como uma hifologia (hyphos é o tecido e a teia da aranha). (BARTHES, 1987, p.82-83)

Assim, alguns fios foram unidos, entrelaçados e aqui trago-os para apresentar um pouco dos meus tecidos: alguns são retalhos, outros estão na trama, esses fios vêm em forma de expressões, de trechos da literatura, de manifestações e como nos traz Nilda Alves em seu texto “Dois fotógrafos e Imagens de crianças e seus professores”, no qual reforça a importância da contribuição de fotografias e narrativas nos processos curriculares.

“As Narrativas – as próprias fotografias, ou o que sobre elas é contado – só ganham sentido porque são feitas em relação de praticantes, em situações culturais que têm sentido para todos os envolvidos” (ALVES, 2010, p.196).

A proposta é de costurar, bordar sem algo definido, pelo prazer de conhecer como as práticas pedagógicas cotidianas estão entremeadas de uma diversidade de conceitos e de contextos que dialogam entre as costuras, podemos sim talvez montar

uma colcha que pode aquecer, que pode expor, que pode enfeitar, que pode contar algo ou talvez não, ou podemos simplesmente só costurar.

As narrativas procuram expressar as experiências, que ganham vida e pretendem levar a todos o conhecimento de cada um, um conhecimento de mundo para além de conceitos e normas e o que isso provoca no outro e no ambiente. Como riscos, as narrativas vão sendo escritas e bordadas, a partir do que salta ao olhar, ao toque e aos sentidos da pesquisadora, professora, da mulher, que observa, que vivencia e pretende dar sentido ao que está sendo dito.

Essa costura com retalhos está sendo cerzida pela perspectiva ecologista que tem em suas linhas a política, os princípios morais que marcam o tecido no compromisso da ética e da justiça. É que se compromete em interagir com os variados grupos, pesquisar as diferenças culturais e questionar as tensões e conflitos que são arbitrárias e causadas por desinformação.

O material está espalhado e, no entorno da máquina de costura, vê-se apetrechos para bordar, costurar, meadas das mais variadas cores, agulhas de diferentes números, para uma, duas, três ou mais linhas, dedais, bastidores, tesouras, cortador, giz, placa de corte, réguas, mantas e os tecidos. São muitos os tecidos, com diferentes padrões, texturas em uma abrangente paleta de cores nos mais variados tamanhos. Não passam de dez centímetros, diversos formatos, são retalhos, mas, diferente do que se define muitas vezes, o retalho não é sobra, não é somente uma tira, é uma parte importante que pode ou não compor uma história, ele vai trazer muitos sentidos e significados das muitas relações que envolvem tudo que está sendo vivido nos cotidianos para quem está montando, ou para quem possa querer observar, ou até ler essa colcha.

Como nos traz Teko Semente, artista de moda que por meio de lixo têxtil descartado, com seus retalhos, constrói “vestidos poemas”, em entrevista para Julia Caramés em outubro de 2020, para o portal Yam, explica seu trabalho com retalhos:

Eu não tenho muita técnica ou clareza para criar. Mas tenho liberdade e tranquilidade para construir e produzir peças únicas... Isso me permite definir e descobrir, na hora que estou criando, quais retalhos serão unidos e quais palavras vão habitar o vestido. É um processo subjetivo, de deixar fluir.  
(CARAMÉS, 2020 p. s/n)

A costura de retalhos para muitos pode ser algo simples de se fazer, junta-se os pedaços de tecidos e passa-se a linha na máquina ou faz-se à mão. Mas, na

verdade, não se tem em conta a dimensão do que é a feitura da junção de histórias, que pode levar à construção de novas outras possibilidades de se manifestar e de expor as manifestações de outros grupos em algumas situações que trazem à tona muitas discussões que ficam escondidas nos retalhos. Cada pedaço de tecido pode nos dizer muito por seu corte, por seu encaixe, por sua cor, por sua textura, na resolução da escolha por ser este o retalho e não o outro e, assim, a história é apresentada e pode ser desfeita e talvez refeita, não será a mesma, o desfiar deixou marcas e o remendo por si só já conta algo novo.

Ao longo do tempo muitos estudos foram elaborados sobre as costuras na história. Observamos as variedades de tecidos que influenciaram as condições sociais, culturais e econômicas assim como aquelas feitas com retalhos, que estavam presentes nos mantos, nas mantas, nos estandartes, nos mapas que com esses pedaços traziam as marcas da importância dos momentos.

“A própria escolha do tecido e o processo de criação de uma colcha era registro da vida de um artesão ou da artesã, cuja história era registrada em tecido e transmitida de geração para geração” (BATT, 2012, p.61).

A costura que aqui está sendo proposta não é mera ilustração ou forma de se fazer entender os estudos ecologistas no cotidiano, os retalhos aqui remendados possibilitam trazer as transformações constantes vividas nos espaços e tempos, nos processos, nos instantes pessoais, coletivos e amorosos que estão sendo cerzidos.

A Perspectiva Ecologista de Educação tem uma história e uma grande produção bibliográfica, e está documentada entre outros em Rodrigo Barchi (2006, 2009); Leandro Belinaso (2009); Ana Godoy (2008); Mauricio Massari (2014); Barbara Prado (2004); Eder Proença (2009); Andreia Ramos (2018); Marcos Reigota (1999, 2001, 2002, 2010, 2013); Leodir Ribeiro (2004); Kleber Trevisan (2021); uma história comprometida com a justiça e com a pertinência política, que procura pesquisar e dialogar com as mais diferentes relações nas diversas formas de espaços, de trabalhos, de grupos, de ambientes, que evidenciam não os produtos finais, mas as trajetórias, os percursos e as leituras que cada um traz e os encontros dessas apreciações.

Essas leituras se manifestam por meio das mais variadas formas de expressão como desenhos, danças, imagens, poesias, literatura, costuras, podemos observar, ler, compreender as possibilidades de diálogo que ampliam o pensamento ecologista que tem a preocupação ética e cidadã de estudos nos/dos/com os cotidianos.

Na procura por dar atenção ao que está nos arredores, percebo os gestos e os silêncios, o interesse aumenta e oferece novas hipóteses, assim vou com delicadeza no chuleio dos tecidos, com cuidado ao desfiar para não perder as inúmeras situações que estão diante dos olhos, dos ouvidos, e do toque nos cotidianos que podem e na verdade precisam ser narradas e estudadas, pela importância que apresentam ao levantar questionamentos e trazerem alguns arremates. Desse modo,

Não importa para onde se dirijam os projetos de uma ecologia maior; serão inventadas ecologias menores. Seu modo de habitar é nômade, não está vinculado a um território, mas aos percursos traçados e aos percursos por traçar. Habitar como um nômade é habitar as intensidades que nos atravessam, as variações experimentadas nos encontros, é habitar paisagens. (GODOY, 2008, p. 307)

Essas situações muitas vezes por não estarem dentro de normas e categorias estabelecidas oficialmente, por serem como um retalho, parecem não ser tão relevantes, mas queremos corroborar mais uma vez com a importância do estudo ecologista nesta construção artesanal de uma possível colcha, que por ser feita à mão e com diferentes pedaços é menor.

Gallo(2002) traz, entender, menor como resistência, compreender o ambiente como ativo de mudanças e que evidencia as diferenças em estética e política. Ela traz a dinâmica das costuras ao aprofundar a agulha, deslizar sobre o tecido, fura-se o tecido de volta e com esse gesto prende e firma duas ou mais partes dos vários saberes, que evidenciam as inúmeras relações, de criatividade e subjetividade.

Sobre essa questão destacamos:

[...] é possível pensarmos que as perspectivas ecologistas estão presentes em outros meios que não somente aqueles que foram institucionalizados, ou mesmo que buscam terem reconhecidos seus discursos para serem inclusos entre as noções devidamente legitimadas como educação ambiental, sendo enquadradas e cristalizadas nos/pelos padrões científicos e burocráticos vigentes. Essas outras ecologias estão presentes nos discursos e nas ações de grupos que não estão preocupados com a sua aceitação perante as esferas e organizações que legitimam oficialmente o que é ou não ecologia. São manifestações de pessoas e coletivos que buscam fugir aos padrões de conduta impostos por uma determinada ação normalizadora, a qual se mostra cada vez mais impositiva das noções homogeneizantes daquilo que possa ser entendido como ciência, educação e ação política. (BARCHI, 2017, p.180)

Para quem costura com retalhos, pedaços não passam despercebidos e nunca são negligenciados, estão por todos os potes, gavetas, sacos à espera de serem utilizados. Aqui, os tecidos trazem as observações, anotações e estão presentes a

todo momento naquilo que está previsto e proposto, porém os retalhos são os que inúmeras vezes nos desviam para o que nós queremos, que são os instantes, as conversas e as provocações que estão diante de nós no processo pedagógico, dos fragmentos dos textos, das imagens, da literatura, dos debates que proporcionam diversos encontros e estamos atentos à variedade e à diversidade.

Os estudos no/do/com<sup>4</sup> cotidianos trazem a legitimidade de todos os envolvidos, de todas as costuras e bordados que se possam encontrar, refletir, aprender, fazer e criar. Nos estudos do cotidiano aqui vividos, os fios, as tramas, a urdidura vão se formando como numa dança, em um processo de linguagem de comunicação e expressão corporal.

Os tecidos que aqui temos, não os queremos em sua extensão, em sua metragem, queremos os pedaços, queremos aquilo que não está em evidência dentro das normas estabelecidas, nem os conhecimentos pré-estabelecidos que são vistos nos espaços escolares, aqui, no ensino superior. Para muitos pesquisadores, é a dimensão que tem uma metragem de determinado tecido que importa, seus estudos trazem esse enfoque e afirmam que quando cortado se perde e não condiz com a estrutura do longo pano.

Ao contrário disso, sabemos e pesquisamos a importância que os pedaços nos trazem, o que buscamos é o que está sendo vivido e experimentado que busca transformar o que é considerado como modelo e técnica, expressões caras para a realidade da Educação Física. Os estudos dos cotidianos trazem-nos para a posição de atuante, de envolvido nas mais diferentes situações e condições. Peter Spink (2008, p.71) nos auxilia com os estudos de micro lugares no cotidiano:

Virar as costas para o cotidiano é abrir mão da possibilidade de uma inserção mais caótica no mundo das ações sociais; uma inserção ordinária e corriqueira – diferente da daquela do especialista e do observador imparcial. O apelo figurativo para os micros lugares é um apelo para a importância dos pesquisadores se conectarem com os fluxos constantes de pessoas, falas, espaços, conversas e objetos, de assumir-se também actante (Latour, 2004), parte de um processo contínuo de negociação, resistência e imposição de sentidos coletivos

---

<sup>4</sup> Os estudos no/do/com os cotidianos tiveram início com as professoras Nilda Alves (1999), Regina Leite Garcia (1999), Inês Barbosa de Oliveira (2001) e estão sendo produzidos em outros grupos no Brasil, dos quais muitos pesquisadores fazem parte (OLIVEIRA,2008).

O cotidiano não é para quem o pesquisa algo costumeiro ou rotineiro, é o que te envolve e permeia, são as tramas que são enredadas por todos os envolvidos e que enredam de volta. Os fios não estão soltos, estão em movimento com o corpo todo, alguns arrebatam, outros desfilam no tecido, outros fazem nós e não conseguimos retirá-los. A cada laçada observa-se tudo, pois é isso que está sendo levado em conta: as mudanças e as transformações factuais que provocamos e que nos provocam e que observamos.

Esses fios todos são tramados juntamente com as normas e regras que estão presentes, precisamos entender como utilizá-las e compreender todas as relações que ali existem, desfiando tramas estabelecidas, como nos mostra Inês Barbosa de Oliveira (2008, p.17) no livro *Estudos do Cotidiano em Educação*, “produtores/ construtores/ tecedores” de conhecimentos do cotidiano da humanidade: “Aí me imagino como tecelão..., mas não é só. O cotidiano me tece... Sou tecido por ele além de tecê-lo”, precisamos perceber a extensão desse estudo.

Quando resolvemos aprofundar, como nos auxilia Nilda Alves (2001b), precisamos mergulhar, correndo o perigo que pode significar sentir o mundo e não só o olhar de longe, ampliar as fontes de conhecimento e considerar aquilo que está sendo contado. “Narrar a vida e literaturizar a ciência” (ALVES, 2015, p.144), não estamos falando de descrições de categorias, mas de perceber a realidade para que possamos nos aprofundar nas costuras desses cotidianos e trazer os alinhavos feitos e que ficam no avesso dos trabalhos e, que se estudados, carregam as linhas do desafio, das lutas e de mudanças (ANDRADE; CALDAS; ALVES, 2019).

As costuras precisam ser outras além das que sabemos, outras formas de interpretação são valorizadas, vão além de análises. As narrativas vão procurar conhecer os efeitos das práticas nas relações que acontecem no cotidiano, onde todos participam com suas falas, ações, cortes e costuras e dialogam com o que se produz na academia.

Narrar a vida e literaturizar a ciência faz parte “dos movimentos necessários as pesquisas com os cotidianos”(ANDRADE; CALDAS; ALVES, 2019,p.20), que são estudos que tiveram início em 2001, com publicações de Nilda Alves sobre a organização teórico-metodológica e teórico-epistemológica do campo das pesquisas nos/dos/com os cotidianos(2001b) que são sentimentos do mundo, virar de ponta

cabeça; beber em todas as fontes; narrar a vida e literaturizar a ciência<sup>5</sup> e depois de alguns anos acrescentaram *Ecce Femina*, esses movimentos foram base para as pesquisas com os cotidianos, que vão além dos estudos sobre os cotidianos, pois estamos bordados neles com muitos nós sendo amarrados e nos provocando outros.

Os movimentos são iniciados pela importância de entendermos que todos os nossos sentidos estão envolvidos nesse processo de pesquisar com os cotidianos, em todos os lugares, com todos e todas que estão envolvidos e com os conhecimentos ali presentes e o que eles representam, chamado de sentimento de mundo por Nilda Alves (2001b).

Podemos enlaçar, bordar, costurar, desfiar tudo que por nos passa, repassa e transpassa, pois queremos ir além dos padrões, queremos outras costuras, queremos também os avessos. O próximo movimento anteriormente chamado de virar de ponta cabeça e hoje chamado de Ir além do já sabido (ANDRADE; CALDAS; ALVES, 2019), as costuras se dão quando se liga dois ou mais fragmentos aqui, entendidos como retalhos, a partir desse conhecimento podemos chegar a outros, com outros autores e autoras e assim trazer para as costuras o que não foi feito ainda, e trazer outras formas de observar e coser o que estamos vivendo.

Ao continuarmos a apresentar os movimentos de estudos dos cotidianos, assim como o anterior, fez-se necessário depois de um tempo de pesquisas, alterar o a forma como era denominado “beber em todas as fontes” e hoje “criar nossos personagens conceituais”<sup>6</sup> (ANDRADE; CALDAS; ALVES, 2019), o que trazemos para dialogar com as imagens, poesia, bordado, tecidos, são os personagens que criamos e fazem com que entendamos o que estamos pesquisando e todas as relações que ali estão envolvidas, sabemos que tudo tem outras histórias e para isso precisa ter outras costuras além das que já foram feitas. E a *Ecce femina* que reforça a importância

---

<sup>5</sup> Para mais informações sobre as questões teórico- metodológicas dos movimentos necessários aos estudos dos cotidianos recorremos ao livro: Nilda Alves: praticante-pensante de cotidianos/Organização e introdução de Alexandre Garcia, Inês Barbosa de Oliveira: textos selecionados de Nilda Alves. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2015.

<sup>6</sup> Para mais informações recorrer ao texto: Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos- após muitas conversas acerca deles, de Nívea Andrade, Alessandra Nunes Caldas e Nilda Alves, in Estudos dos cotidianos, currículo e formação docente. - Questões metodológicas, políticas e epistemológicas, 2019.

daquela que pesquisa e suas interpretações, observações, no processo de pesquisa com os cotidianos. Desse modo,

Estudar o cotidiano aparece, assim, como um eficiente, e mesmo necessário, meio para pensar a tessitura da emancipação social, aquele tipo de emancipação que não se restringe aos sujeitos individuais e à autonomia moral e intelectual individual, mas pretende ser um processo de transformação dos modos de interação entre os diferentes sujeitos, grupos, sistemas de pensamento, de crenças e de valores, horizontalizando-os, contribuindo para a viabilização da igualdade na diferença, de relações sociais de solidariedade e de cooperação mútua. (OLIVEIRA; SGARBI 2008, p.85)

Ao costurar os cotidianos, eu os escrevo e trago como investigação e isso provoca uma desestabilização para entendermos o aprofundamento e o funcionamento desses estudos. Não queremos homogeneizar, queremos as alterações e o que elas despertam em todos que estão nesses processos. “O cotidiano impregna-nos de acontecimentos sensíveis que ressoam, em nós, conosco, por nossa causa ou depois de nós” (CATUNDA, 2013, p.28).

Os retalhos da literatura somados aos estudos ecologistas no cotidiano carregam reações diversas. São tantas histórias que temos para contar, de histórias outras que foram deixadas de ser contadas ou simplesmente não foram contadas por uma determinação de poder, de não entendimento do todo. As histórias estão por todo o caminho, aproximam e/ou afastam no percurso os muitos envolvidos, os saberes são diversos, de culturas, de tradições, de realidade. Não nos damos conta de que se não nos aprofundarmos nas diferentes costuras, acabamos utilizando somente uma forma de cerzir como se não existisse outros modos de fazer, de ser e de conhecer.

Ficar na mesma possibilidade de costura nos acomoda e reforça cicatrizes vividas por todos e todas que estavam nas histórias, assim como seus descendentes. Quando outras costuras são apresentadas, costuras essas que vêm de outros lugares e com diferentes linhas e fios com diversos modos de fazer, podemos desmistificar conceitos, procurar trocar ideias, abrir debates sobre as muitas questões contemporâneas. Muitas costuras chegaram por um único tipo de fio de linha que determinou os pontos e transformou em verdades sua posição diante da natureza, do ser humano, das relações de poder e de convivência.

Nossa história muitas vezes nos foi apresentada de forma única, com somente a verdade do colonizador, pois nos era apresentado somente um risco. Vimos isso

com os indígenas, com os africanos, com os que sofreram na ditadura, com os deficientes, porém depois de muitas costuras e remendos, os fatos estão cada vez mais em relevo, publicados por autores e autoras de diferentes gerações que trazem um pensamento sular, mas não podemos esquecer que eles já eram cantados, dançados, dramatizados, narrados pelos muitos que aqui passaram e como Griot's<sup>7</sup> que em posição de cantor, cantora, ator, atriz, educador, educadora, lutador e lutadora da resistência que sempre enfrentaram situações opressoras e preconceituosas, para que uma posição fosse tomada, para que conhecêssemos e compreendêssemos as inúmeras relações históricas, sociais e econômicas dos que vêm das margens. A literatura nos provoca a reflexão e que colabora para a compreensão do cotidiano, do que está diante de nós e muitas vezes não nos damos conta.

Como traz-nos o autor,

Eram estranhos os desvios de memórias das pessoas da aldeia: coisas eu eles se empenhavam em lembrar às vezes fugiam e se escondiam bem no fundo, sob o manto do esquecimento. E exatamente aquilo que decidiram que era muito importante esquecer, justo isso vinha à tona, e saía de dentro do esquecimento como se fosse, intencionalmente, para incomodar. Às vezes se lembravam com os mínimos detalhes de coisas que quase nem tinham ocorrido. Ou se lembravam do que um dia existira e depois deixará de existir, lembravam com dor e saudade, mas de tanta vergonha ou pesar decidiam definitivamente que tudo fora um sonho. E diziam aos filhos; isso não passa de lenda. (OZ,2007, p.50)

Essa é uma citação do livro "Nas Profundezas do Bosque" de Amos Oz, escritor e ativista político israelense que com seus romances e crônicas, escrevia de modo a envolver o leitor com os caminhos de suas palavras, que fortalecem as pessoas e suas relações, facilmente você pode estar em seus romances, que tratam de paz, religião, história e política.

Foi nas leituras do mestrado quando eu estudei Edward Said, um autor palestino e ativista político que fazia críticas ao posicionamento de Amos Oz, na situação da palestina, que me fez querer conhecer esse autor. Esse livro especificamente traz uma fábula que conta a história de um vilarejo que há muitos anos passados em uma noite, todos os animais somem e as pessoas, por não

---

<sup>7</sup> Griot - Termo do vocabulário franco-africano criado na época colonial para designar o narrador, cantor, cronista e genealogista que, pela tradição oral, que transmite histórias de personagens (LOPES,2011).

encontrarem e não quererem encontrar uma resposta para esse sumiço, afirmam que eles nunca existiram e quem comenta sobre os animais é visto com descaso, doente ou inferior e, na verdade, é sobre discriminação e deboche. As minhas costuras encontram na literatura formas de encontrar pontos para a costuras e para as minhas práticas ecologistas. Nas palavras de Marcos Reigota, podemos entender,

Quando me detenho na literatura faço isso na perspectiva do leitor, atento ao fato de como esses livros e autores estiveram presentes na minha formação e como marcaram minha vida cotidiana e leitura do mundo. (REIGOTA, 2020, p.125)

A literatura com seus diferentes autores e autoras nos apresenta muitas narrativas e a maneira como são escritas nos auxiliam a ficarmos mais atentos em como observamos e vivenciamos os cotidianos e em como narramos, o que queremos trazer à tona, o que é significativo. Modesto Carone, em seu livro *Resumo de Ana*, nos traz uma narrativa minuciosa e envolvente de uma mulher simples e sofrida numa cidade do interior de São Paulo, e depois de seu filho. Poderia ser uma história como muitas outras, se essa narrativa não acontecesse na cidade onde moro, na rua onde morei na minha adolescência toda e a aproximação com os personagens anônimos acontece de forma quase que automática. Observamos as relações que se constroem, desconstroem e recriam ambientes.

Podemos contar uma história na feitura de uma colcha, ela pode ser realizada em blocos que podem determinar o trajeto de algo a ser contado em pequenos quadros limitados por molduras de tecidos que exaltarão o centro, ou pela escolha de retalhos que vão sendo aplicados de inúmeras formas, dependendo da tradição ali aplicada, sendo o desafio harmonizar pequenas partes que completam o todo que se quer narrar.

Como nos traz Tanya Robyn Batt, em seu livro, “O tecido dos contos maravilhosos”, em que cita vários tecidos por meio de contos e antes de um conto judaico, ela explica sobre as colchas de retalhos ao longo da história e nos apresenta uma narrativa:

Levei mais de vinte anos para fazê-la, acho que quase vinte e cinco à noite depois do jantar, quando as crianças já estavam todas na cama. Minha vida inteira está naquela colcha. Às vezes, fico assustada quando olho para ela. Todas as minhas alegrias e todas as minhas magoas estão pespontadas naqueles pedacinhos... Às vezes tremo quando me lembro do que aquela colcha sabe a meu respeito (BATT, 2012, p.61).

Figura 7 – Blocos em tiras



Fonte: Elaboração própria

Em cada fio e/ou conjunto de fios, na constituição das tramas, me identifico e me reconheço como sujeito da história nos espaços, grupos e situações mais variadas. Sujeito da história, um dos estudos freireanos, que nos mostra que não somos expectadores do cotidiano, estamos todos envolvidos e somos responsáveis pelas/nas relações ali existentes, pelas histórias que ali se costuram. “Reconhecer-se e reconhecer o outro como sujeitos diferenciados de uma história comum” (REIGOTA; POSSAS; RIBEIRO, 2003, p.10).

No processo pedagógico, a nossa busca são as mudanças que as práticas pedagógicas trazem quando o compromisso de ação, reflexão e compreensão estão presentes, com intenção sempre de diálogo e criação. E esse ser sociedade, que está em interação com a realidade, produz as mais variadas reflexões sobre a educação que vão além dos conhecimentos técnicos específicos exigidos, existem outros conhecimentos que precisam ser valorizados e que são resultados de suas histórias e experiências, que pelas práticas são assimilados e realizados com facilidade, despertam outros conhecimentos com respostas que fogem dos padrões estabelecidos, são criadores e transformadores que muitas vezes não são entendidos como tal.

As histórias são costuradas a partir dos retalhos que foram tramados com as linhas dos diálogos e das relações de empatia e trazem suas leituras de vida e de mundo, de realidade (FREIRE, 1983).

Esses retalhos trazem para esse momento as histórias de encontros que não estavam à espera de resultados, são as observações e interações de momentos únicos. “É aquela que é mais sensível à conexão do conteúdo e da expressão por si mesmos, na qual a matéria nunca é algo preparado, portanto, homogêneo, mas é, essencialmente, portadora de singularidade” (BARCHI, 2009, p.188).

Para remendar esses retalhos que apresento, faço uso de narrativas, que procuram trazer o que acontece no cotidiano dos espaços, que vão ressaltar os trajetos, os detalhes, os saberes e as relações, por onde se deram e como aconteceram, evidenciando a importância do outro e dos cotidianos (REIGOTA; PRADO, 2008).

Sobre essa questão, destacamos que:

É preciso, pois, que incorporem a ideia que ao dizer uma história, somos narradores praticantes traçando/trançando as redes dos múltiplos relatos que chegaram/chegam, até nós, neles inserindo, sempre, o fio de nosso modo próprio de contar. Exercemos, assim, a arte de contar histórias, tão importante para quem vive o cotidiano do aprender ensinar. Buscamos acrescentar ao grande prazer de contar histórias, o também prazeroso ato de pertinência do que é científico. É possível? Bem, se outros e outras fizeram antes de nós e continuam fazendo, por que não? (ALVES, 2001a, p. 35).

As narrativas tiveram uma outra conotação quando li o livro “Ecologistas” de Marcos Reigota (1999), que me fez entender e compreender a importância dos vínculos que estão nas situações vividas no cotidiano, que precisam ser trazidos para as pesquisas e têm sua importância e validade, assim como as estatísticas, amostras e números, não são apenas histórias, elas buscam a originalidade do momento da respiração, das ações, dos espaços e tempos de quem observa e de quem costura.

Neste livro sou apresentada às narrativas ficcionais que trazem as histórias que vão além dos relatos. Elas são trazidas em sua origem e preservam os sujeitos envolvidos, narradas de forma ficcional no respeito aos fatos que são verdadeiros e deixa os personagens intangíveis. Acompanho a pesquisa e construção da “Bio:grafia possibilidades pedagógicas, políticas e de produção de conhecimento e de sentidos sobre a sociedade em que os sujeitos vivem e atuam como profissionais e cidadãos.” (REIGOTA; PRADO, 2008, p.124) e depois venho a ser apresentada ao livro A

“Aventura de Contar-se” de Margareth Rago (2013, p.19) “o trabalho mais sutil da reconstrução do sujeito e de sua rede de relações.”

Alguns retalhos são narrativas que aproximam o cotidiano que está sendo vivenciado e estudado como possibilidade de troca de conhecimentos, de quem está distante das ações e criações de modos de entender as práticas sociais pedagógicas, que são políticas e que vão construindo a ideia de solidariedade, de direitos e de pertencimento, tão caras ao pensamento ecologista.

Esse cotidiano como espaço de costuras que se encontram e desencontram dos sujeitos e passam pelas poesias, músicas, literatura e que a partir disso muitos questionamentos são levantados e não se segue somente na junção desses retalhos, mas a pensar sobre outras formas de ler a possível colcha. Sobre cotidiano, destacamos que:

Cotidiano, como espaço tempo existencial e de intervenção profissional e política, no qual os sujeitos constituem-se em relação constante consigo, com o “outro” individual e coletivo, próximo e distante, conhecido e desconhecido e com o meio ambiente, imaginado e/ou delimitado como espaço físico, cultural e natural, internalizado como inerente às suas práticas pessoais e sociais (REIGOTA; PRADO, 2008, p.129).

Coser para trazer outras histórias, outras leituras diferentes daquelas que já estão emendadas, como única forma de entendermos o que vivenciamos nos espaços escolares. Narrar o que nos circunda diariamente e que vamos nos dando conta que o pensamento e ações ecologistas já estavam presentes e atuantes, nas produções e expressões que se apresentam. E, assim, exploramos os espaços com esse ou aquele bordado, fazemos descobertas diversas e de alguma forma tornamos pública essa experiência, também com imagens, poemas e danças. Como nos auxilia Inês Barbosa de Oliveira ao citar Nilda Alves, sobre o texto “Decifrando o pergaminho” no livro “Narrativas: outros conhecimentos, outras formas de expressão”,

Há, assim, uma outra escrita a aprender: aquela que talvez e expresse com múltiplas linguagens (de sons, de imagens, de toques, de cheiros, etc.) e que, talvez, não possa ser chamada mais de “escrita”; que não obedeça à linearidade de exposição, mas que teça, ao ser feita, uma rede de múltiplos, diferentes e diversos fios; que pergunte muito além dar respostas; que duvide no próprio ato de afirmar, que diga e desdiga, que construa uma outra rede de comunicação, que indique, talvez, uma escrita/fala, uma fala/escrita ou uma fala/escrita/fala (OLIVEIRA; GERALDI, 2010, p.15).

Nos remendos aqui expostos, vividos no curso de Educação Física, na formação de educadores e educadoras físicos, a diversidade é uma das costuras principais, ela esteia os estudos aqui cerzidos, no entender e compreender a dificuldade que isso muitas vezes apresenta. Os encontros que trazem em seus remendos as diferenças e suas contribuições vão deixar de homogeneizar e sim contemplar o que é singular e ao mesmo tempo o plural, sem determinar uma mesma linha nesta costura, ela segue os cortes dos retalhos, na procura por com essas costuras evidenciar as multiplicidades dos cotidianos.

Pensar sobre diferenças parece não ser importante para quem se encontra dentro dos grupos dos aceitos, mesmo que isso seja momentâneo, mesmo que estejam somente autorizados a fazerem parte e não se dão conta disso, a procura é por ser igual.

Nenhum tecido é igual, dentro de sua constituição ele é único, pois a fibra pode parecer a mesma, seja ela natural ou sintética, mas não o é, se transformará por meio de diferentes processos em linhas que terão em suas tramas verticais e longitudinais a formação de seu tecido, que terá que ser trabalhado, pois neste processo ele traz resquícios de sua essência para, então, ser colorido. Em que momento ele se torna igual?

A diversidade incomoda e seus estudos trazem à tona assuntos que precisam ser debatidos por alunos e alunas que entram no campo da Educação Física, exatamente por entenderem que ali é só um espaço de performances, padrões e se deparam com muitas provocações na valorização das diferenças. Entender que o que é chamado como diferença parte de algo ou de um processo social, que promove situações em que estes, por tais razões ou aqueles, por outras, não se encaixam.

Essas divisões vêm sempre com ironias, imposições que acabam por criar conflitos. Como nos auxilia Candau (2011, p.246) em seu artigo “Diferenças Culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas”, “as diferenças são então concebidas como realidades sócio-históricas, em processo contínuo de construção-desconstrução-construção, dinâmicas, que se configuram nas relações sociais e estão atravessadas por questões de poder”.

As diferenças são vistas, percebidas, muitas vezes como inferiores, com situações que levam as pessoas serem desvalorizadas e isso deve ser combatido, pois as diferenças precisam ser evidenciadas e valorizadas. Candau (2012, p.239)

traz em seu artigo “Diferenças culturais, interculturalidade e educação em Direitos Humanos”:

Os diferentes são um problema que a escola e os educadores têm de enfrentar, e esta situação vem se agravando e não sabemos como lidar com ela. Esta é a tônica que predomina nos relatos dos educadores. Somente em poucos depoimentos a diferença é articulada a identidades plurais que enriquecem os processos pedagógicos e devem ser reconhecidas e valorizadas.

Trazer para o espaço do ensino superior formas de expressar conhecimentos na Educação Física, em diálogo com o pensamento ecologista, que se encontra e outras vezes desencontra das práticas sociais pedagógicas que acontecem e são costuradas, pelas conversas, pela valorização das diferenças, incentivo à autonomia, reconhecimento de direitos e deveres e entender o que se propõe a realizar é também um ato político de pertencimento do espaço e tempo.

São muitos remendos suturados no espaço da Educação Física, aqui queremos os retalhos que são tramados pelos gestos e suas expressões, que a linguagem corporal pode nos oferecer, não queremos reduzir a movimentos de execução ou reprodução, seria empobrecer as vivências do cotidiano.

Queremos trazer os estudos sobre diversidade, com o uso das narrativas, das observações e criações de imagens e poemas falados. Queremos costurar com as diferenças essa colcha ou no que se transformar essa pesquisa, aplicando a relevância do assunto nos espaços da Educação Física, na procura por levar o debate da multiplicidade, da leitura do pensamento e ações ecologistas nos diferentes retalhos que podemos remendar com narrativas, bordar imagens, urdir poemas falados e tudo mais que pudermos tramar.

Figura 8 – Estofa Manta de algodão



Fonte: Elaboração própria

## BLOCO ESTOFO

Estofa é um tecido que pode servir de enchimento, como conteúdo traz um valor de confiança de pertencer. O que poderia ser meu estofa, minha trajetória?

Como nasci e cresci em um ambiente repleto de tintas, de palhetas, de espátulas, de telas, de papéis, de giz pastel, de livros, de música, de tecidos, de imagens de muitos quadros, croquis e esboços, fiquei pensando nos muitos ateliês que pude vivenciar, nas muitas casas que vivi com meus pais, cada espaço tinha sua peculiaridade, rico nos detalhes, nas pinceladas por todos os lados, nos aromas de vernizes, tintas e cigarros. Ali era o mundo de experiências. As lembranças eram sempre em tudo que eu podia explorar nestes espaços, com tantas oportunidades que uma criança pode ter não que tudo fosse permitido até porque era o sustento da família, as obras e as aulas.

Folhear as obras nos livros, nacionais e importados, todas aquelas imagens de flores, marinas, natureza, sempre chamaram minha atenção, ao mesmo tempo em que contemplava as imagens que estavam diante de mim das obras de meus pais, ficava a observar cada detalhe e admirar como a tinta a óleo endurecia e ficava em relevo, formando outras imagens nas misturas de cores. Meu pai falava para eu olhar bem de perto e depois bem de longe, daí comentávamos as minhas análises. Essa pequena brincadeira que me fez sempre olhar para tudo de diferentes formas e entender o distanciamento e aproximação das coisas, levo comigo isso até hoje.

Muitas perguntas que eu fazia sobre esse ou aquele artista, essa ou aquela técnica sempre eram acompanhadas de histórias e outras obras dos mesmos, contadas por ele, que era notívago, dizia que assim ninguém o incomodava. Ele ficava ali, o criador e as criaturas, ouvindo a rádio gaúcha, interagindo com os âncoras por telefone e tecendo suas criações. Nossos momentos juntos, com as suas criações, eram de curiosidade para saber sobre as folhas de verniz, o solvente, as espátulas, ouvia as explicações sobre luz, sombra, cores e a cada manhã, eu sempre passava pelo ateliê para ver o que ele tinha produzido naquela noite, seja uma novidade ou a conclusão de uma obra.

Na colcha temos dois lados, as costuras passam a contar suas histórias pelas duas superfícies, assim como os retalhos que estão sendo unidos, quando vamos ler o avesso da colcha, temos histórias diferentes que precisam ser narradas. O estofa ficará muito próximo desse encontro e ele permite realçar cada detalhe, pois depois

de narrado, costurados os retalhos e observado o avesso, a linha prenderá o enchimento a um tecido com alinhavos e assim o que forma o estofado é que vai encontrar com muitas obras, leituras e autores e sendo assim, estudos são feitos e reemendados. Dessa forma, escolho algumas obras de arte para aplicar no meu estofado. São obras que de alguma forma neste momento estão comigo e podem contar os momentos que foram vividos. Poderiam ser outras tantas, mas neste momento, essas me auxiliarão e, em outro momento talvez, use outras e assim desconstruirei as antigas.

Figura 9 - Obra: Pintura a óleo: Almoço com os barqueiros de Renoir



Fonte: <https://www.wikiart.org/pt/pierre-auguste-renoir/o-almoco-dos-barqueiros-1881>

O meu estofo é a arte, sou a terceira filha de quatro irmãos. Minha infância e adolescência, como já foi dito, foram em meio às obras de artes e tudo que possa estar dentro de ateliês, acredito que o gosto por apreciar o novo, o diferente, as variadas formas, as pessoas, possa ser resultado, entre outras coisas, desse envolvimento com a arte.

Minha avó materna Cathe Vather era alemã, que por medos de perseguições alterou seu nome para Catarina Santoro, casada com meu avô Aniello Santoro, italiano que eu não conheci, muito rígida que ao mesmo tempo e jeito, era amorosa, teve forte influência sobre mim e sobre meus irmãos. Não há como escrever sobre minha infância e adolescência sem lembrar-se dela, passava 15 dias conosco e depois voltava para São Paulo à casa da minha tia, ou do meu tio, mas a partir de um determinado momento, de repente quando me dei conta ela já morava definitivamente conosco. Era uma mulher forte e determinada para os padrões da época, falava três idiomas e aprendeu a ler e escrever sozinha. Exímia cozinheira e, mesmo nos momentos de pouca fartura, com alguns alimentos, tínhamos o que eu vou chamar de banquete, mesmo hoje, tendo a sabedoria de entender que não era. As festas familiares, de aniversários, Páscoa, Natal, Dia de Reis, ficavam grandiosas, vista pelos meus olhos infantis e ingênuos, aconteciam pela criatividade e carinho de suas ideias fabulosas.

Cascas de ovos secas, pintadas e depois recheadas com guloseimas, presépios de gravetos, pequenos tecidos se transformavam em bolsas ou roupas de bonecas, na máquina de costura de minha mãe que não a usava muito, mas que participava das artes da minha avó. Até hoje suas tradições são mantidas, agora por seus bisnetos, que na sua maioria, sem a terem conhecido pessoalmente, querem dar continuidade. Esse quadro apresenta pessoas à mesa e algumas no entorno, em animada conversa, pessoas elegantes e outras mais simples, com seus chapéus que trazem a marca da diferença social, um cachorro e na mesa uvas e garrafas. Essa escolha para mim representa os grandes momentos que vivi, em volta da mesa ou na preparação dos pratos e das festas. Muito falatório, muita comida, música e risadas. Estar em volta da mesa é algo muito marcante ainda nas reuniões de nossa família.

Gosto muito de Renoir, Degas, Rembrandt, Rodin, Monet, Pissaro, os impressionistas. Vejo-me criança, sempre escolhendo os quadros que considerava os mais belos, entre tantos livros maravilhosos sobre pinturas, artistas e galerias que havia em minha casa e me pegava sempre notando um novo detalhe que talvez eu

ainda não tivesse reparado. Meu pai contava o que aquela imagem significava para ele como artista, explicava as técnicas usadas neste ou naquele quadro do livro e naquele que ele próprio estava trabalhando no momento. Os livros eram sobre arte, de desenho, pintura, esculturas, também tinham os de ficção, romances, literatura, espíritas, poemas e enciclopédias, muitas enciclopédias.

Filha de dois artistas plásticos renomados que fizeram de Sorocaba sua residência, minha mãe Ida Santoro, paulistana, formada pela Escola Técnica de Artes de São Paulo, descendente de italiano e alemã, mulher forte e determinada, transgressora para o período, chega à cidade como mãe dos filhos e esposa do artista e no final da jornada por mérito e trabalho é reconhecida como a artista das flores da cidade. Seus quadros tinham como base a tinta acrílica, que tem um brilho interessante e uma secagem rápida, diferença importante para quem usa da arte o seu sustento. Suas pinceladas eram largas, movimentos leves de pulso para dar a cada flor um carinho especial.

Meu pai, Carlos Augusto Cardoso, carioca, formado pela Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro, que tem em suas obras a marca forte do impressionismo, utilizava tinta a óleo, que entre tantos casarios, marinas e figuras, trouxeram para Sorocaba a ideia e realização do movimento artístico sorocabano, sendo vice-presidente da Associação de Artistas Plásticos Sorocabanos. Ambos foram professores de artes plásticas levando seus conhecimentos para a população de Sorocaba, desenhos e telas para todo lado.

Minha tia Geovanina Santoro, carinhosamente chamada de Ninha deixou também suas marcas em nós, por seus medos e seu modo de ser bem extrovertida, exímia costureira, sua casa era onde eu passava minhas férias em São Paulo. Ali eu via de vestidos de noivas a muitas roupas elaboradas com cortes diferentes e muitos bordados, assim, como eu via as fantasias da escola de samba, que ela ajudava, sem nunca ter ido para a quadra ou para a avenida. Três mulheres, cada uma do seu jeito, ensinaram-me a seguir e entender as dificuldades, de não depender, sem dramas e sem deixar de lado a espiritualidade.

As tintas, vernizes, os papéis, os gizes, ou pincéis e carvões, fizeram parte das minhas brincadeiras e das do meu irmão, um pouco mais novo, Claussios, que é funcionário público e professor de história sem atuar na escola, que canta, interpreta, tem no teatro sua forma de transformar seu trabalho em arte, com muitas dinâmicas e reflexões na busca de contribuir na área da saúde e, de forma simples, atingir a

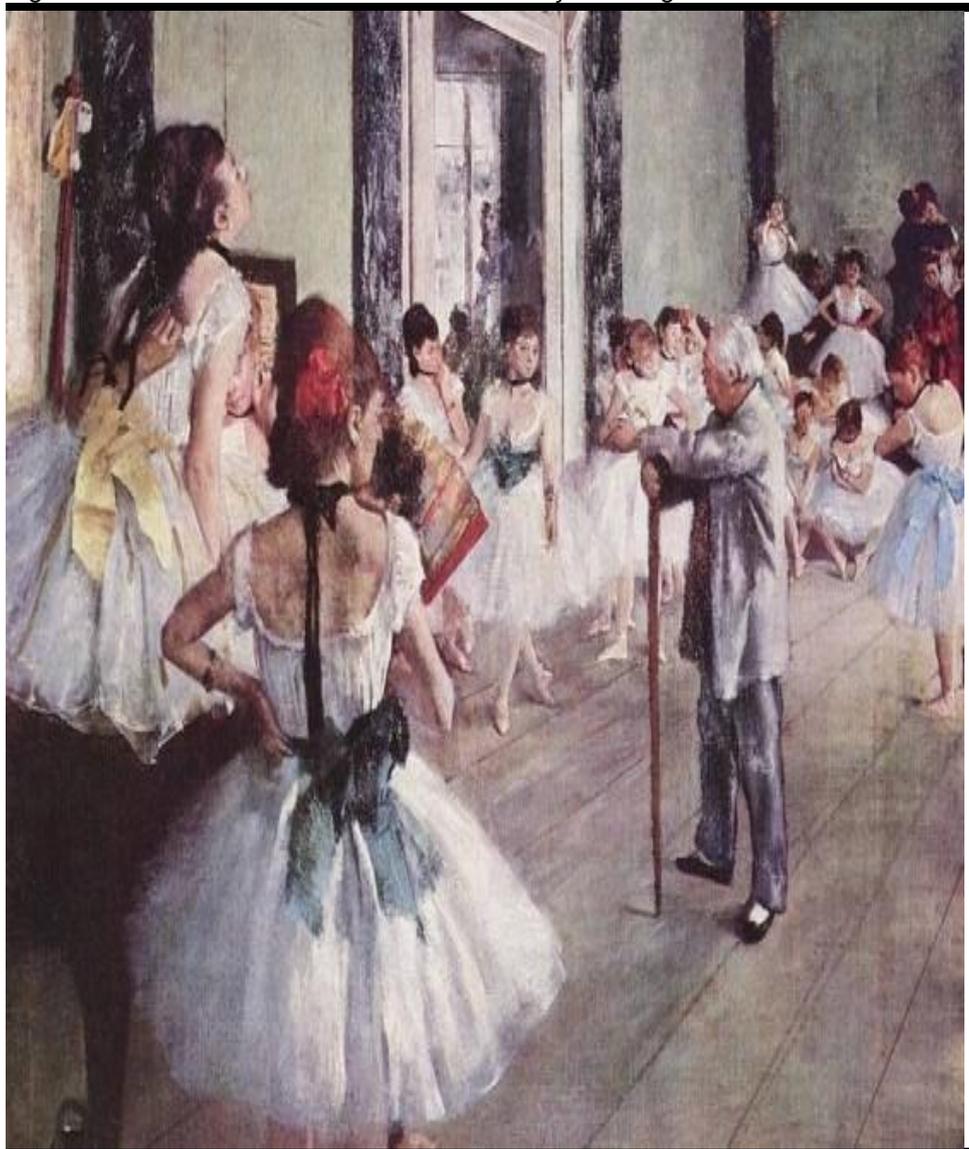
todos. Um artista nato, autodidata, desenha e toca vários instrumentos somente na observação e treino. As músicas, a literatura, a gravura, a fotografia estavam à nossa volta e por toda casa. Meu irmão mais velho, Cadmo, é maestro e professor de música e minha irmã Iara, professora de Educação Física, com sua voz linda e afinada, fez da música seu canto.

Estar nas artes não era obrigatório, mas todos estavam envolvidos de alguma forma com um movimento artístico. Eu não cantava, não regia, não tocava, porém me mexia e muito. Dançar foi a arte escolhida, talvez por influência dos quadros, talvez por observá-los tanto, talvez por querer reproduzi-los, por puro prazer de mexer o corpo. Mexer em diferentes ritmos ouvidos em minha casa, desde as muitas óperas acompanhadas das detalhadas explicações que meu pai dava sobre cada uma, muitos clássicos, bossa nova, Vinicius de Moraes, Dorival Caymmi, Chico Buarque, Frank Sinatra, Sami Davis Jr., enfim.... Fiz *ballet* e dança por muito tempo, de forma simples, sem muito glamour, sem projetar nisso algo para o futuro. Somos uma família de professores. Eu sou professora de Educação Física, mas isso precisa de uma outra obra. No momento sigo com Renoir.

Estudei em um grande colégio estadual da cidade, popularmente conhecido como Estadão, desde o Pré-primário, primário até o ginásio e, como terceira filha, tinha a obrigação de acompanhar os bons resultados dos meus irmãos mais velhos e até do mais novo que se mostrava um gênio! Confesso que ser a diferente incomodava e exigia um esforço acima do esperado por mim e, acredito, que para os meus pais também. Porém, já demonstrava certa habilidade e facilidade para organizar grupos, festas e eventos esportivos da escola, estava sempre envolvida com os acontecimentos.

Na mesma escola fiz o colegial, onde fiz o magistério, curso preparatório para formação de professores de pré e primário, onde tive excelentes professores, alguns inspiradores. Gostava das aulas que poderiam se tornar práticas. Todos os trabalhos eu queria transformar em eventos. Foi neste momento que me dei conta que, de alguma forma, eu buscava ser professora, mas ao mesmo tempo, não queria estar na sala de aula para alfabetizar. Meus fios me levavam para outros tecidos, cada fio da minha formação me fez neste retalho de ser professora, que foi costurado, descosturado e recosturado muitas vezes e cada remendo trouxe novas formações, emoções, medos, dificuldades e muitas alegrias.

Figura 10 – Obra: Pintura a Óleo: Aula de dança de Degas



Fonte: <https://pt.wahooart.com/@/8EWFD6-Edgar-Degas-a-aula-de-dan%C3%A7a>

Os quadros de Degas sempre foram aqueles em que eu pousava lentamente os meus olhos para ficar atenta a cada detalhe. Suas obras sobre dança e, principalmente aquelas que traziam os ensaios, chamavam muito minha atenção, por eu gostar de dançar e de alguma forma, por me ver ali, naquela sala em conversa antes do ensaio, onde observamos o professor à espera de algo ou alguém, onde a bailarina se coça, onde outras conversam e arrumam suas sapatilhas, cabelos arrumados, com flores e fitas, um cachorro circula, um regador está ao pé do piano. Há alguns anos pude ver alguns de seus quadros em uma exposição em São Paulo, muitas lembranças e poder estar diante de algo que eu só tinha visto por fotos é sempre muito rico.

Para escrever sobre o meu ensino superior é necessário trazer uma das linhas importantes do meu tecido que é a Associação Cristã de Moços (ACM<sup>8</sup>) de Sorocaba, e da influência que tem neste meu retalho.

A ACM tem como princípio, desde sua fundação na Inglaterra em 1844, usar o tempo livre com atividades edificantes, no início voltado para o lado espiritual religioso, já que o tempo de trabalho era intenso e em seguida com atividades físicas e de lazer.

“É um movimento mundial e secular portando, história e cultura própria. Foi o berço de muitas modalidades esportivas conhecidas e praticadas atualmente, além de outras contribuições ao esporte, ao lazer, à saúde e às práticas culturais.” (BENITO, 2007, p.35).

Foi fundada em Sorocaba em 1954, na região central da cidade, tinha cursos profissionalizantes e atividades esportivas, tem em sua base a valorização do trabalho social. As atividades são desenvolvidas para crianças, jovens, adultos e idosos, são atividades esportivas e de lazer, é mantenedora da FEFISO<sup>9</sup> - Faculdade de Educação Física da ACM de Sorocaba, desde 1978, que contribui e zela pela formação de profissionais da Educação Física de Sorocaba e região.

Posso dizer que, praticamente, fui criada na ACM onde, além de conhecer a Educação Física por meio das práticas, das atividades lúdicas, das reuniões e eventos, houve as mais diferentes descobertas pessoais, sociais e políticas. Participei de campeonatos e torneios, conheci várias cidades do Brasil, fiz parte de grupos de

---

<sup>8</sup> ACM-[www.acmsorocaba.org.br](http://www.acmsorocaba.org.br)

<sup>9</sup> FEFISO-[www.fefiso.edu.br](http://www.fefiso.edu.br)

jovens líderes, fiz trabalhos solidários, participei de congressos e cursos, tive inúmeras experiências de vida pessoais e em grupo, fiz cursos de liderança e ser líder foi algo que mostrava ser uma possível meada na escolha de ser professora. Pude conhecer e compreender com os mais diversos grupos de amigos e professores, valores que me auxiliaram muito na minha formação.

Acrescentarei mais um retalho, muito importante, na adolescência e já cursando magistério, fui contratada como estagiária no Recanto Ecológico Pindorama, onde a responsável Teonila Ribeiro Puglia, Bióloga, propunha em um espaço da família Puglia oferecer propostas pedagógicas, ecológicas de forma lúdicas para escolas, com o objetivo de atender a pré-escola e o primário. Recebíamos muitas crianças da cidade de Sorocaba e muitas escolas da cidade de São Paulo. Basicamente as experiências que tinha na ACM, eu podia utilizar naquele espaço de trocas de informações, materiais e saberes, onde aprendi muito sobre solidariedade, empatia e sobre educação ambiental. Naquela época já falávamos da importância que se deve dar às relações culturais e econômicas entre a natureza e a humanidade (REIGOTA, 2001).

Preciso fazer uma pequena pausa nesse momento para trazer mais alguns fios para esse retalho. Na ACM fiz inúmeros amigos, entre tantas pessoas conheci um amigo do meu irmão mais velho, Paulo “Pin”, que depois de muitos anos, de cada um ter costurado e descosturado seus próprios caminhos e suas histórias, nos reencontramos. Ele já tinha a pequena Victória, hoje médica formada e esse reencontro proporcionou que o amigo se transformasse em companheiro de jornada que, quando decidimos começar a tecer junto, trouxe a alegria e a energia dos “turcos” para essa “meio alemã, meio italiana”. Eles são apoios fundamentais para a minha vida pessoal e profissional.

Como eu já estava no ambiente da ACM e a família sem condições financeiras de me fazer estudar em outra cidade, escolher a FEFISO – Faculdade de Educação Física da ACM de Sorocaba como faculdade foi um caminho seguro para esse retalho da futura profissional. Fui aprovada em janeiro de 1989. Estudava no Estadão à noite no quarto ano de magistério e o primeiro de Educação Física pela manhã. No mesmo ano, em agosto de 1989, consigo um estágio de auxiliar de classe em uma escola particular de Sorocaba, no período da tarde. A vida como professora se firmava os alinhavos já passavam para outro estágio, a vontade de ser professora estava se construindo em mim.

Na faculdade, em nenhum momento me interessei pelos ensinamentos de biometria, cinesiologia, fisiologia, musculação. Segui sempre com o foco na escola, o curso tinha a duração de três anos e era realizado por semestres, não tinha separação entre bacharelado e licenciatura, como acontece atualmente. No quinto semestre, em 1991, eu ainda exercia a função de auxiliar de sala, mas acontece uma mudança na Educação Física da escola e fui convidada pelo professor Adilson Madeira, que já era conhecido por ter sido meu professor na ACM e que acabava de assumir a coordenação do colégio, a dar aulas de Educação Física para os alunos do Ensino fundamental I e Educação Infantil.

Com o tempo e aos poucos, minha carga horária no colégio foi aumentando e não tive outra escolha, senão pedir minha transferência na FEFISO para o turno da noite, assim consegui conciliar meus estudos com meu trabalho. Sou eternamente grata pela confiança depositada no meu trabalho, desde muito jovem tanto ao Professor Adilson, quanto ao Colégio que sempre me apoiaram e, no caso do Colégio, me apoia até hoje.

Os movimentos de mudanças aconteciam ao longo da história da Educação Física e no final da década de 1970 e ao longo de 1980, estudos já não eram tão somente sobre as áreas biológicas e técnicas, mas juntavam-se as teorias da psicologia, sociais e críticas, segundo Daolio (1998, p.44):

Além dos brasileiros doutorados no exterior, colaboraram para o surgimento de novas ideias, reflexões e propostas metodológicas na Educação Física brasileira criação dos primeiros cursos de pós graduação no país, a busca de parte profissionais de Educação Física por cursos de pós graduação em outras áreas, sobretudo das ciências humanas, o aumento do número de publicações especializadas e a realização de vários congressos, encontros seminários e cursos na área.

Interessavam-me as áreas das ciências humanas, muito autores e autoras despertavam minha atenção e as leituras, influenciadas pelo livro de João Batista Freire, Educação de corpo inteiro, que apresentava a Educação Física que valoriza o potencial da criança, os conhecimentos espontâneos e propondo uma educação de corpo inteiro. Para Freire (1992, p.13) “corpo e mente devem ser entendidos como componentes que integram um único organismo”.

Em seguida conheci os estudos de Jocimar Daolio, que por meio de pesquisas antropológicas, que evidenciam as relações sociais e as entendem como formadoras de significados para as ações do homem no mundo (DAOLIO, 2013), chamaram a

minha atenção, assim como a valorização da diversidade tão caras para este autor. Como nos traz em seu livro “Da cultura do corpo”,

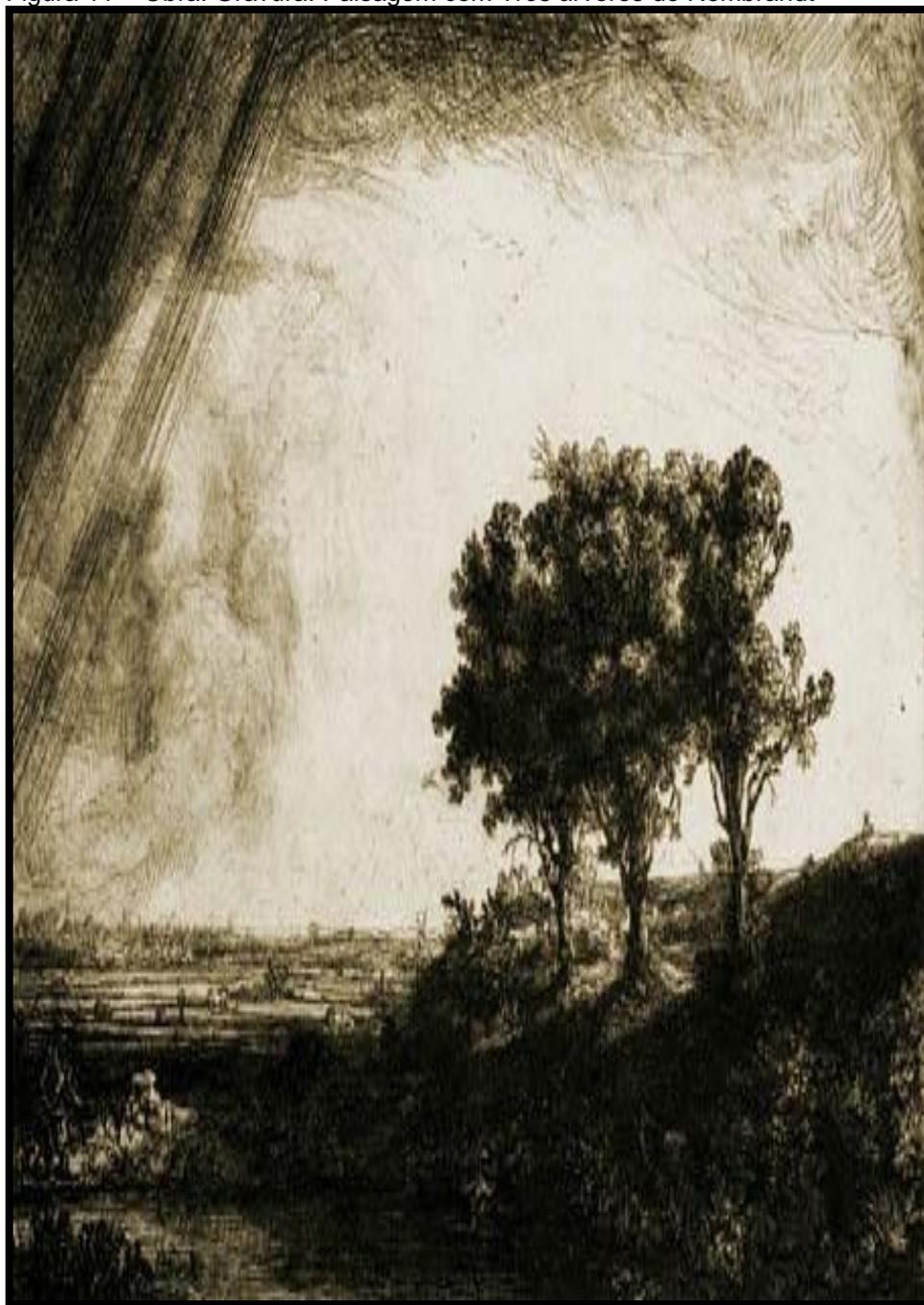
A antropologia nos ensina a evitar qualquer tipo de preconceito, uma vez que todo comportamento humano, por possuir uma dimensão pública, não pode ser julgado por meio de conceitos implacáveis como bom/mau ou certo/errado. O entendimento de qualquer atitude humana deve ser buscado em referenciais culturais que dão sentido a essas atitudes...o olhar antropológico implica uma relação especular entre quem olha e quem é olhado. Olhar para o outro é, em alguma medida, olhar para si mesmo através do outro, porque a forma de olhar é também influenciada pela cultura (DAOLIO, 2013, p.26).

Assim como seus estudos sobre o corpo, que traziam o que eu já acreditava que, não se pode ver um corpo só em suas funções e realizações, havia outras coisas a serem estudadas pela Educação Física, outras leituras de corpo

Em outras palavras, não existe melhor ou pior, existem corpos que se expressam diferente diferentemente, de acordo com a história de cada povo em cada região, de acordo com a utilização que cada povo foi fazendo dos seus corpos ao longo da história. (DAOLIO, 2013, p.43).

Seus estudos são linhas que tramadas ficam evidenciadas nos meus tecidos que trazem a Educação Física, fios que às vezes ficam puxados, ou repuxados, mas estão ali a contar histórias de muitas vivências na quadra e nos mais diferentes espaços.

Figura 11 – Obra: Gravura: Paisagem com Três árvores de Rembrandt



Fonte: <https://www.meisterdrucke.pt/impressoes-artisticas-sofisticadas/Rembrandt-van-Rijn/268787/As-Tr%C3%AAs-%C3%81rvores,-1643.html>

Quando fico diante de uma obra de Rembrandt, perco a noção do tempo. Seus traços marcantes, particularmente me fazem pensar em como traços tão dispersos formam imagens que trazem a realidade daquele tempo vivido pelo artista. Pude mais uma vez ver de perto as obras que estiveram ao meu lado dentro dos livros, enquanto eu crescia, em uma exposição em São Paulo. Outro retalho e para este escolhi representar com uma gravura, xilografia, impressão tipográfica, que muito meu pai me contava sobre elas e sobre Rembrandt. Observa-se nessa imagem três árvores, sobre um morro, ficam evidentes os traços de luz e sombra.

Eu estava em um ensino hierarquizado, onde eu também contribuí para que ele continuasse assim, mas ao mesmo tempo queria de alguma forma sair à procura de outros caminhos. A minha história, as minhas raízes me seguraram e as árvores ainda me davam alguma segurança e conforto.

Com vontade de estudar e aprofundar meus conhecimentos em novos estudos, fiz minha inscrição no vestibular na fundação Dom Aguirre para Pedagogia, turma de 1996. Fui aprovada, tive como mestres Vania Boschetti, Marilda, Maria Helena, Wilson Sandano, Sonia Chebel entre outros. Muitos foram os conhecimentos adquiridos nesse curso que contribuíram para que os fios desse retalho fossem mudando de estágios.

Entre tantos desafios oferecidos pelos grandes mestres, lembro-me de um trabalho da professora Marilda, em que tínhamos que fazer um resumo do livro “As veias abertas da América Latina” de Eduardo Galeano.

Fiz todos os trajetos de exploração por meio de desenho e de muitos traços. Esse trabalho ficou exposto na faculdade. As imagens, desenhos e obras estavam em minha caminhada dentro de casa, da escola, na Educação Física e na faculdade, sempre que possível. Criei com os alunos e alunas várias exposições de arte e literatura, sempre tentando apresentar um diálogo entre Educação Física e outros tantos pontos importantes da educação, o que causava estranhamento e curiosidade nas muitas pessoas envolvidas com a educação escolar onde eu lecionava.

Como se torna quase impossível citar tantos encontros e desencontros que ocorreram no cotidiano escolar desde que iniciei minha jornada como professora, escolhi trazer um retalho específico, no qual a literatura vai conversar com a Educação Física e vice-versa.

Quero deixar claro que eu estava em um currículo hierarquizado no formato de árvores e, com isso, reforço ainda mais a escolha da xilografia. Como traz Nilda Alves

a explicação sobre conhecimento em árvores, no seu texto Tecer conhecimento em rede, no livro O sentido da escola, do ano de 2001, na p.113: “essa forma de construir “conhecimento” é a que vai possuir uma grafia em árvore, que pressupõe um caminho obrigatório, único, linear, hierarquizado”, porém eu estudava e buscava outras formas de trazer a Educação Física para a escola e principalmente para as crianças. Anos depois, venho a aprofundar e vivenciar o conhecimento em rede, onde evidencio mais esse tema na dissertação de mestrado intitulada Educação Física e Educação Ambiental: Uma possibilidade de diálogo através das práticas pedagógicas cotidianas com crianças de 1ª a 4ª séries, do ano de 2007,

O encontro de conhecimentos produz desconforto e, por vezes, conforto, mas essa produção criada e recriada esboça as formas das redes e os conflitos fazem parte. Contribuem para o que chamaremos de traçado do conhecimento, que vai formando um desenho, que não estará acabado, pois não buscamos a finalização da obra, mas o seu “croqui”, que poderá ser feito e refeito quantas vezes for necessário. O estudo da teoria junto com a prática considera todos os envolvidos nas experiências do cotidiano como partes desse desenho, sendo cada um responsável por um fragmento da obra (CARDOSO, 2007, p.23).

Voltando ao retalho, por ser um ano de Copa do Mundo, 1998, que foi na França, o currículo indicava que deveríamos tratar do tema. Eu não seguiria o caminho de fazer torneios de futebol, decido, mais uma vez, levar a literatura para a quadra. Escolho o livro “O menino e a bola” de Ana Raquel e Simone Goh, um livro que tem uma arte chamando atenção por parecerem coladas e várias das muitas mensagens que apareceram são de sustentabilidade, diferenças, amor. Um livro curto e de rimas simples. Entre tantos diálogos e debates que surgiam nas aulas práticas, muitos assuntos foram levantados, como respeito, empatia, orgulho, entre outros.

Com esses encontros, eu queria saber qual a importância da bola, personagem principal da história, para cada um deles e sugeri que os alunos e alunas criassem sua bola, que traria as marcas de cada um.

A adesão foi tão grande e criativa que resolvi expor pela escola toda, corredores do colégio, pátios e dentro da biblioteca, o que aguçou a curiosidade de funcionários e dos outros estudantes, que iam observar as mais diferentes formas de se contar sobre cada um, por meio de uma bola.

Os comentários eram muito interessantes, cada um tinha algo para comentar sobre as bolas das crianças. Mas nem tudo são flores, essa manifestação causou certo desconforto para a bibliotecária, pois segundo ela, muitas pessoas estavam

frequentando o espaço da biblioteca procurando as obras de arte e isso “atrapalhava o seu trabalho”! A arte estava incomodando.

Percebi, então, que havia conquistado muito mais do que eu imaginava, continuamos afirmando que:

Essa vivência em quadra, da literatura em conjunto com o corpo, nos movimentos, brincadeiras, conversas e danças, contribui para a formação de identidades. O conhecimento que cada um constrói de si em diferentes situações e a possibilidade de se ver nos personagens e a sua prática em seguida a essa reflexão é rico e, favorece a ampliação dos conhecimentos dos alunos/as de acordo com o que vivenciamos. (CARDOSO, 2007, p.92).

Estava em busca de novas formas de pensar o meu ser professora e o de todos os envolvidos no cotidiano escolar. Trazia para as aulas propostas diferentes, como muitas professoras e professores fazem e eu não entendia isso como científico. Regina Leite Garcia, em seu texto, “Do baú de memórias: histórias de professora”, que está no livro “O sentido da escola”, nos ajuda a entender a importância da prática, sendo que ela nos traz “minha intenção é que fique claro ser a prática um locus de produção de conhecimentos que muitas vezes antecipa o que a teoria mais tarde afirma como verdade científica” (GARCIA, 2001, p.45).

Não sabia identificar esse ser professora, não entendia o cotidiano como estudo científico, sabia que tinha importância e entendia as tramas que ali aconteciam e eram costuradas. Mas até aí, ser visto como algo a ser validado, ia além dos meus conhecimentos.

Os conhecimentos criados e vividos no dia a dia da escola estão diretamente relacionados com os encontros e desencontros dos sujeitos que ali estão, ou que estão representados em ideias e propostas. Em um movimento intenso de acordos, conflitos, reflexões, resistência e inventividade, precisavam encontrar outros caminhos que a gravura não contemplava.

Figura 12 - Obra: Escultura: três sombras: Rodin



Fonte: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/207500>

A mudança é grande e, para isso, saio em um momento das pinturas e das gravuras para as esculturas, pois para mim é algo que também gosto e aprecio muito. Sinto cada detalhe do artista em transformar uma porção de algum minério ou de terra em algo identificável com detalhes riquíssimos, essa é a forma de apresentar esse meu momento.

A imagem traz a escultura em bronze de Rodin, denominada As três sombras, corpos que são retratados com as cabeças unidas e olhando para um mesmo ponto.

Pude visitar uma exposição do Rodin em São Paulo. Esculpir, moldar, as formas que estão diante de nós encantam e surpreendem. Estava em busca de um caminho e me deparei com muitas possibilidades. Transformar a terra, a argila, o tecido que sou eu, em pesquisadora. Construir, desconstruir, sinto uma angústia. Imagino como um artista, uma artista que não consegue ver em sua obra o que se espera. Mas o que se espera?

As pessoas conversavam comigo sobre o curso de mestrado, mas confesso que eu não sabia como funcionava e nem se era possível fazê-lo, pois quando eu estava nas graduações o mestrado era algo distante e para poucos. No seu texto A contribuição política e pedagógica dos que vêm das margens, Reigota (2010, p.2) traz exatamente como me sentia naquele momento:

Como pedras que rolam um pouco mais, chegam ao mestrado em educação e se deparam com uma avalanche de textos que falam da condição da classe operária, dos rizomas, de vigilâncias e das punições, da pedagogia do oprimido, dos currículos ocultos, das representações sociais, do construcionismo, do construtivismo, do voluntarismo pedagógico, da complexidade, da hermenêutica, do pós-modernismo, da educação ambiental. A desconstrução.

Começo a frequentar as aulas como aluna especial do mestrado na Universidade de Sorocaba e já no início fui aluna do Professor Marcos Antonio dos Santos Reigota, que em sua aula de apresentação, mostrou a sequência de livros do que veríamos no trajeto do semestre, minha matéria-prima se perdeu.

A leitura volta para a minha rotina, mas agora autores que não eram da Educação Física ali me faziam pensar as minhas práticas pedagógicas, meu cotidiano é atingido por outras formas ao conhecer Carlo Ginsburg, Milton Hatoum, Edward Said, Maria Lúcia Medeiros, retiro alguns retalhos, corto outros e começo uma nova colcha e, então, recomecei muitas vezes...

Os livros do professor Marcos Reigota primeiramente “Ecologistas” e depois “A Floresta e a Escola”, sem deixar de lado “Iugoslávia, Educação Ambiental e Representações Sociais”, fazem a diferença na vida da professora de Educação Física que tem na quadra seu espaço de criação e anotações.

Com as leituras, percebi que a quadra era uma fonte de pesquisa, que a literatura e as imagens que usava nas aulas de Educação Física poderiam dialogar com a visão ecologista de Michel Postic, André Giordan e Maria Cecília Pelicioni.

O que eu pensava sobre ecologia se desfazia ali, a cada aula, o pensamento ecologista já estava em mim e no que estava em minha volta não era algo distante e que pertencia somente para alguns grupos ou categorias. Como nos auxilia Marcos Reigota,

São esses sujeitos que, ao se virem como cidadãos e cidadãs, como profissionais indispensáveis, como estudiosos/as e pesquisadores/as do cotidiano escolar, passam a olhar seus alunos e alunas e interagir com eles de forma diferente, alteram suas práticas pedagógicas, desobedecem aos pacotes institucionais, os discursos ideológicos e interesses partidários explícitos que chegam até os professores e professoras e que os querem como simples reprodutores. Não, isso não. Não mais. O ambiente escolar em que vivem e atuam se transforma (REIGOTA, 2010, p.4).

Assim as árvores vão se afastando e eu começo a prestar atenção nos gramados e na floresta, a colcha recomeça...

Saio das gravuras, pinturas e esculturas, pois entrar no mestrado foi uma ruptura e entro na fotografia. A imagem (Figura 13) apresenta a dança de um coreógrafo em sua criação, sem produto no processo. O professor Marcos Reigota aceita o desafio de ser meu orientador e a avalanche de autores aumenta: Carlos Ferraço, Guacira Louro, Nilda Alves, Inês Barbosa de Oliveira, o processo coreográfico da construção de uma colcha era tenso e eu estava à procura, entre as leituras de Educação Física e o conhecimento de currículo de Nilda Alves e Inês Barbosa de Oliveira, qual seria o desse croqui.

A primeira professora autora explora o uso de imagens como uma das formas de narrar os cotidianos e os estudos de cotidianos e currículos, juntamente com a segunda autora, ambas mulheres e professoras. Identifico-me com as falas, com o modo de escrever e começo a devorar seus livros. Os estudos *de/dos/com/nos cotidianos*, a validação dos mesmos e do quão rico e importante se tornam as narrativas vão me auxiliar na imagem futura.

Figura 13 - Obra: Foto: coreógrafo: João Wainer



Fonte: <https://folhapress.folha.com.br/paginas/galerias/fotografos/joaowainer/index.shtml>

Muitas vezes a Educação Física parece ficar à margem no grupo dos componentes curriculares da escola, por muitos é vista até hoje como saúde, como *fitness* ou pouco além de esportes. Escrever sobre algo em que se está no processo de construção, ao mesmo tempo é como um fotógrafo que registra um momento da história, com aquele olhar, aquele ponto de vista. Sem querer fechar àquele momento, pois sabe que tem muito mais coisas acontecendo e muitos conhecimentos para serem observados.

Exercício difícil da escrita perpassa todo trabalho de pesquisa, a análise das muitas imagens a construção das narrativas do cotidiano escolar, a Educação Física dialogando com a perspectiva ecologista era tudo muito novo. Apresento esse estudo sem fechá-lo, este tecido já era um retalho, assim que termino e já com um tempo disponível, início um curso de *patchwork*. A costura começa a fazer parte da minha

história de forma descompromissada, mas com um interesse muito grande, pois sempre achei maravilhoso o trabalho de *patchwork*.

Figura 14 - Obra: Pintura em acrílico: Flores: Ida Santoro



Fonte: Arquivo pessoal

Volto às pinturas, pois elas estão em mim, essa em particular. A técnica de tinta acrílica é diferente da tinta a óleo, tanto pelas características do material, pela forma de trabalhar como pelo resultado que é outro. Trago essa obra nesse momento, pois assim vejo minha caminhada e, por mais romanceada que seja essa afirmação, é verdadeira. As flores têm sua beleza, mas têm seus espinhos e seu tempo de duração. Muitas flores foram pintadas nas telas que circulavam em minha casa. Cada pétala, cada galho, cada folha tinha sua singularidade.

Sigo a caminhada dentro da escola, com muitos projetos agora atenta às costuras e bordados que acontecem no cotidiano escolar. Novas cores e técnicas para contribuir com a cultura da escola em que continuo até hoje. Novas obras vão surgindo no percurso e receber um convite para lecionar na FEFISO foi algo muito importante, convite este feito pela Professora Ms. Mirian Aparecida Ribeiro Borba Leme, então diretora da faculdade.

Assumiria as aulas de Bases pedagógicas de inclusão em Educação Física, no ano de 2008, onde me encontro até hoje, já com outras disciplinas, tais como Ginástica Geral/Ginástica para todos, Relações étnicas e de Práticas de ensino. Novos fios, novos retalhos, novas costuras, feito com os fios já vistos e estudados, mas que estavam bordados em mim. Nas palavras de Marcos Reigota,

Não se trata de transmitir conteúdos, conceitos e o método científico experimental, mas sim aprender a olhar, aprender a ler indícios e o aleatório, entender a ciência como criatividade e atividade que permite integrar a arte e os diferentes conhecimentos (científicos e tradicionais). (REIGOTA, 2002a, p. 18)

Recebo convite para trabalhar com as aulas de práticas de Ensino na Educação Infantil e Fundamental I, no curso de Pós-Graduação da FEFISO, no curso de Educação Física Escolar e, nesse ano, fui convidada para ser Auxiliar na coordenação de uma reformulação do currículo do mesmo curso. O que traz uma responsabilidade e um trabalho muito grande já que estamos pensando na atualização de um profissional que irá trabalhar com corpos, os mais diferentes e com a ideia de que ele entenda a sua posição como professor pesquisador.

Sou convidada pelo atual diretor, o professor Doutor Maurício Massari, da FEFISO, a fazer parte do grupo que fez a nova grade curricular do curso de Educação Física, da mesma instituição. Um trabalho de muita responsabilidade, pois tínhamos

que seguir as novas regras das leis da educação brasileira, com mais horas de estágios práticos, com cargas obrigatórias e tudo que o processo de mudança educacional do ensino superior exigia. Porém, sabíamos que queríamos uma faculdade humana influenciada pelos autores do cotidiano e ecologistas, como nos traz Reigota (2002a, p. 25) “[...] Na busca e construção de alternativas sociais, baseadas em princípios ecológicos e éticos e de justiça, para com as gerações atuais e futuras”, voltada para o que acreditamos ser os valores da Educação Física e respeitando a missão da nossa mantenedora a Associação Cristã de Moços de Sorocaba.

O currículo está em fase de aplicação e sentimos o quão válidas estão sendo as mudanças que o grupo sugeriu assim, como os ajustes que ainda serão necessários fazer.

Figura 15 – Obra: técnica de giz pastel: dança do espantalho/ 1º movimento: Carlos Augusto Cardoso



Fonte: Arquivo pessoal

Giz pastel é uma técnica adorável para mim e que eu particularmente gosto de usar, as cores se espalham e se encontram formando cores outras e trazendo novas nuances para o que se quer transmitir. Essa é uma obra de uma sequência de dez trabalhos, chamados pelo artista de movimentos dos espantalhos/dança dos espantalhos. Vi todos os ensaios desses movimentos, todos os croquis, adorava imitar cada gesto, cada expressão ali desenhada. Mais uma vez ficava a observar a precisão nos detalhes, voltava aos momentos da infância, fui chamada atenção muitas vezes, pois eu quando nova, não sabia que meus dedos deixavam marcas, com o tempo aprendi a não deixar rastros, mas continuava a tocar nas telas e nas folhas.

Os espantalhos realmente pareciam dançar quando todos estavam juntos, pareciam realmente rir da coreografia criada por eles e pelo meu pai, que registrou com precisão aquele encontro. Vejo-me no movimento dessa dança e na busca de novas cores e outros gestos. Essa dança que traz em suas linguagens e suas inúmeras formas de expressão algo para contar. Soltar as amarras que ainda sobram de ensinamentos que esperam únicas respostas, para um ambiente que busca, transforma espaços, pensamentos, conceitos. Este primeiro movimento traz este instante no qual estou à procura por encontrar as respostas, ou formular novas perguntas sobre imagens, cotidiano e ensino superior.

Nessas oportunidades de desconstrução desses currículos e reconstrução de novos, na busca por respostas, senti a necessidade de estudar e, então, tive vários incentivos para o retorno. Voltei para as aulas do grupo de estudos do professor Marcos Reigota, Perspectiva ecologista em educação na UNISO nas quais fui muito bem recebida pelo professor e pelo grupo. De imediato já sou reapresentada a Mary Jane Spink e apresentada a bell hooks, Ailton Krenak, Lélia Gonzales, Franz Fanon e Grada Kilomba. Rapidamente vou devorar esses autores e reafirmo meus estudos no cotidiano com a utilização e criação da imagem, que é um estudo que está em mim e no meu trabalho como professora, pesquisadora e ecologista.

Os meus estudos hoje estão no cotidiano dos alunos e alunas do ensino superior em Educação Física, na procura por entender como esses alunos e alunas que ingressam, entendem trabalhar com valores como preconceito, gentileza, alteridade, equidade, racismo entre outros na Educação Física. A princípio percebe-se que muitos têm em seu discurso os valores importantes para si e não para o outro, isso fica evidente em seus diálogos e ações. Outros trazem seus valores em tudo que realizam na preocupação e atenção com o outro.

Como fazer esse encontro acontecer na criação de uma imagem ou de um teatro ou poesia? Como eles entendem, se entendem o uso da imagem nos seus cotidianos? Como a poesia adentra o curso de Educação Física?

O estofo está apresentado, aqui estão algumas obras, retalhos, fios, para contar outras histórias que ainda não foram narradas. Por enquanto, juntei os retalhos que estão sendo guardados e espalhados desde 2019. São fotos, folhas de papel, gravações e o desafio de seguir no manuseio, que aqui podem ser lidos e costurados de acordo com a construção de quem o faz, aqui apresentados na forma de blocos.

No bordado onde as linhas são traçadas e perfuram o tecido e trazem para colcha um diálogo sobre o corpo na inclusão e nos estudos de relações étnicas na Educação Física.

Na urdidura que está fixa e a trama faz o tecido ser a história que se quer contar da história brasileira dos povos originários e africanos e transbordar isso em poesia falada.

No enlaçar, estreitar os laços e tecidos da inclusão e a imagem que se tem dos corpos e da diversidade.

No traçado da colcha no processo dos estudos no cotidiano. E o avesso que conta outra história do outro lado, ou outro ponto de vista, de todas as costuras e bordados estudados. Desse modo,

Eis o que eu fiz, isto não é para ser refeito pois já está feito; mas o fato de que eu o tenha feito prova que é fazível.” (Sempre me impressionei, E nos museus, por esta lição exclusiva — nos dois sentidos — dos grandes quadros: “Eis aí, é isto; eu te desafio a achar outra coisa tão certa como esta.” Não um modelo, portanto nenhuma lição efetiva, mas a afirmação de uma possibilidade e uma espécie de desafio tranquilo.) (BARTHES,1987, p.52)

Figura 16 – Bordar



Fonte: Elaboração própria

## BLOCO BORDAR

Trago o bordado para escrever, narrar, contar, recontar histórias, as muitas histórias que observo, escuto, leio nas muitas linguagens e estudos sobre o corpo, que permeiam o curso de Educação Física. Sabemos que o tecido é essencial para as costuras, porém o traquejo com a agulha e as linhas personaliza o trabalho criativo. E como muitas são as possibilidades de ver, estudar, observar, interagir com o corpo o bordado pode levar ao que procuro que: é entender o que os alunos e alunas que estudam na faculdade de Educação Física pensam e talvez bordem sobre corpo. E como nos traz Claudia Chagas em seu artigo “Bordado como expressão de vida: gênero, sexualidade”, 2013, na p.08:

Há relações possíveis entre bordado e corpo? Penso que a história da vida é feita de pontos infinitos nos quais sujeitos vivem cotidianamente seus corpos mediados por saberes culturais múltiplos que são costurados por linhas de cores e texturas diversas. E assim como os corpos, os bordados podem ser costurados, emendados, unidos, separados, podem ser coloridos ou de uma cor. Penso ainda que os bordados convertidos em linguagem são como metonímias do contexto de que foram tirados, ganham vida própria, contam sobre um lugar e uma história a eles ligada.

Os corpos bordados com linhas estão repletos de pontos, de pontos distintos, de conhecimentos, de histórias, de experiências variadas que o tornam mais que um acervo de conhecimentos, são fontes de expressões e gestos variados. Seus pontos trazem o posicionamento dos corpos, os enfrentamentos, as resistências, as dificuldades e superações que nos contam, nos relatam muitos acontecimentos de diferentes redes de saber e fazer do cotidiano de todos os envolvidos que rodeiam, que de alguma forma se envolvem e juntas são fontes criadoras Alves (2015).

Os encontros dos corpos bordados com os ambientes nos mostram que podem ocorrer, ou não, alterações nos pontos que podem acontecer tanto pela agulha e linhas únicas, para fazer marcações, ou pelas linhas duplas para realçar, linhas em quarteto para preencher, quanto pelo tecido de textura grossa, ou leve que pode ser liso, encorpado, cada encontro promove experiências únicas.

As práticas pedagógicas têm a responsabilidade de envolver esses corpos nesses espaços, entrelaçá-los de maneira consciente e com liberdade de criação e expressão, sem amarrar, fios soltos:

As experiências são frutos de nossos corpos (aparato motor e perceptual, capacidades mentais, maquiagem emocional etc.), de nossas relações com nosso ambiente físico (mover, manipular objetos, comer, etc.), e de nossas interações com outras pessoas dentro de nossa cultura (em termos sociais, políticos, econômicos e religiosos) (GREINER, 2005, p.46)

As vivências podem proporcionar transformações nos corpos, bordados que marcam todos os momentos, cada perfurar da agulha afasta as tramas do tecido e esse momento permite que seja original, são gestos que experimentam a liberdade, a opressão, criação, democracia, humilhações, competições, estão expostos a diferentes situações em diferentes cotidianos. Como esses corpos observam outros corpos? Que bordados utilizamos para representar tantos corpos? Quais histórias podemos contar ao bordar esses corpos? Que corpos traremos para esses bordados?

Queremos observar as relações que envolvem os corpos e seus bordados em suas multiplicidades, perceber suas criações e manifestações, entender que fios e que pontos estão em seus tecidos e o que bordam em outros tecidos. Sobre essa questão, destacamos:

“O bordado é trabalho, alvo de políticas, sem deixar de ser também lazer, atividade ligada ao cotidiano da casa e da família. E mais que isso, ele é forma de ver o mundo – de pensá-lo e reinterpretá-lo” (BRITO, 2011, p.75)

Os recamos podem trazer inúmeras leituras corporais sobre as mais diferentes situações e suposições sobre os corpos que estão ao nosso redor. Pode-se entender cada corpo de variadas formas ao longo do tempo foi se conceituando o corpo e muitos os colocaram em categorias, que se modificaram nos mais diversos cenários de acordo com o interesse e situação de quem os criou, são constituídas culturalmente, por mais que se diga que são espontâneos. Sobre essa questão, destacamos:

Há muitas formas de entender categorias e o modo de categorizar o mundo. As categorias nunca são fixas ou uniformes. São definidas por protótipos e semelhanças familiares esses protótipos, ajustáveis a contextos e sugeridas por vários propósitos diferentes. Quando um pressuposto parece verdadeiro depende de quando a categoria é empregada, dos propósitos humanos e de outros aspectos do contexto. (GREINER, 2005, p.47)

A proposta não é encaixar os alunos e alunas em categorias ou observar e pesquisar as categorias sobre o que os alunos e alunas trazem como informação sobre corpo, mas desconstruir a ideia de determinados corpos que cabem em determinados bordados e outros não podem ser bordados, entender a importância do

contexto social no estudo sobre o corpo, como nos auxilia Ferraço, no texto Pesquisa no cotidiano 2007, na p.90, onde ele traz o que talvez possamos chamar de bordados para fazermos em nossa colcha:

As redes tecidas em meio à articulação dos contextos culturais, políticos, sociais, econômicos, religiosos, familiares, vividos pelos sujeitos cotidianos, produzem diferentes *saberes-fazer*s dependendo de necessidades e/ou interesses pessoais e/ou locais, das histórias de vida, formações, valores e intenções.

E ainda Daolio, no livro “Da cultura do corpo”, podemos ter outros fios para bordar:

Discutir o corpo como uma construção cultural, já que cada sociedade se expressa diferentemente por meio de corpos diferentes”. Todo homem, mesmo inconsciente desse processo, é portador de especificidades culturais no seu corpo. Tornar-se humano é torna-se individual. (DAOLIO,2013, p.34)

Esse encontro com os diferentes fios de bordar em um mesmo tecido com vários riscos traz as marcas culturais dos corpos ali envolvidos, em um mesmo espaço, que estão entrelaçados. O importante desse encontro não está no que se assemelha, mas no que se difere em todos os fios inteiros, partidos, com nós desfiados, que estão nesses corpos que possibilita inúmeras leituras e interpretações, ampliando nossas vivências e prolongando nossa sensibilidade, como nos traz Candau (2013).

Os fios escolhidos para falarmos sobre corpo partem de Jocimar Daolio, Renata Russo, Guacira Louro, João Batista Freire, Christine Greiner, Vera Candau, Nilma Gomes, entre outros autores e autoras que dialogam neste texto pelas inúmeras perfurações feitas e desfeitas neste bordado, em busca de tratar dos corpos todos que circulam pelos corredores, quadras, salas e outros tantos espaços da faculdade.

A pesquisa encontra os mais variados corpos, os visíveis com suas histórias, buscas, diálogos, que estão, como dizem, “Prontos para pegar o diploma, já têm o conhecimento da experiência de anos de práticas em esportes, academias, estúdios”.

Acreditam estarem prontos, pois, já sabem o que precisam, linhas, que de alguma forma, chamam a atenção por sua evidência. Temos também os corpos que se consideram invisíveis, que estão em silêncio, que aos poucos também trazem seus enredos, seus causos, suas narrativas de vida e percebemos linhas cortadas, às vezes gastas, ou somente, são linhas à espera de serem usadas para poder, com

seus corpos, serem o que quiserem. São muitos os fios, cores e texturas que temos para observar e muitas possibilidades de riscos para serem bordados. Cada fio ou tipo de fio vai ter sua história,

Os fios de bordar aparecem numa grande variedade de cores e em várias texturas e grossuras. A grossura do fio dita o tamanho e a forma do ponto, que terão um aspecto muito diferente com um fio de lã grosso ou com um fio de algodão[...] (GANDERTON, 2012, p.14.)

Quando se trata dos fios, temos que escolher as cores, separar, se for em meadas e abrir para não embaralhar, enrolar em um separador, medir e cortar. Em alguns momentos recamar com linha simples, em outros com linhas duplas, com diferentes tipos de agulhas, preso no bastidor para dar firmeza ou talvez por segurança. Porém, em alguns momentos, faz-se necessário soltar o tecido, pois a linha cortou, emaranhou, saiu da agulha ou o ponto não está firme e pode se soltar, assim acontecem os encontros e desencontros dos sujeitos que estão envolvidos e é isso que provoca a reflexão no bordado.

Ainda destacamos que:

O bordado é criado a partir de um processo complexo e detalhado, abrangendo desde a escolha da matéria-prima - escolha do tecido e decisão das peças, dos motivos a serem bordados, dos tipos de linhas empregadas para a execução da obra – até a distribuição das peças. (BRITO, p.194, 2011)

Tínhamos os corpos e seus bordados, queríamos desfiar a ideia para entender como esses conhecimentos acontecem além das disciplinas estudadas na faculdade, deixar surgir outras propostas, nada para finalizar, entender mais um bordado, querer compreender essa rede de conhecimento, como nos traz Nilda Alves (2001a, p.115), em seu texto Tecer conhecimento em rede,

Trata-se, assim, de dar à prática dignidade de fatos culturais e de espaço de criação de conhecimento, como os conhecimentos, que não são “tecidos” na teoria e que são importantes, para os homens como os conhecimentos que nesta são “construídos”.

E ainda em Alves:

Tecer conhecimento em rede, no entanto, é a forma possível para indicar como sempre, o conhecimento foi criado nos contextos cotidianos do viver humano, mesmo quando para se fazerem, a ciência e o poder econômico precisaram dizer que essa forma de criar conhecimentos era inferior e que os conhecimentos práticos que criavam só existiram enquanto não fossem

superados pelo poder. Esses conhecimentos práticos/de uso receberam a denominação genérica de senso comum, não se reconhecendo neles a sua diversidade, multiplicidade e complexidade, nem as possibilidades de mudança, em alguns casos, e de sua persistência, em outros. Hoje creio que já podemos concordar com o fato de que essa denominação é insuficiente para descrever e falar de todos os conhecimentos cotidianos. (ALVES, 2000b, p.30)

O estudo aqui proposto trata do corpo para além do entendimento biológico, sabemos da importância que essa perspectiva traz principalmente para a Educação Física, mas queremos trazer aos bordados, os estudos dos cotidianos, o que conseguimos captar no encontro desses corpos, nos temas, que são levantados, a pertinência que estes têm e sua autenticidade. Somos auxiliados por Nilda Alves (1998, p.02) em seu livro “O espaço escolar e suas marcas”:

Buscar entender, de maneira diferente do aprendido, as atividades do cotidiano escolar ou do cotidiano comum, exige que estejamos dispostos a ver além daquilo que os outros já viram e muito mais: que sejamos capazes de mergulhar inteiramente em uma determinada realidade buscando referências de sons, sendo capazes de engolir sentindo variedades de gostos, caminhar tocando coisas e pessoas e se deixando tocar por elas, cheirando os cheiros que a realidade vai colocando a cada ponto do caminho diário.

Quando se borda, não é só seguir os modelos prontos, riscados usar esse ou aquele ponto, é querer contar algo, mostrar algo, pode ser com a mesma técnica, mas a seu modo. A história do bordado nos mostra isso, como nos apresenta Lucinda Ganderton em seu livro “Dicionário de pontos”,

A arte de bordar tem sido definida simplesmente como a ornamentação de têxteis com pontos decorativos. É uma arte antiga com muitas histórias e os mesmos pontos são usados por bordadeiras de todo o mundo. Estas fornecem um vocabulário internacional que atravessa fronteiras terrestres. (GANDERTON, 2012, p.06)

E ainda na dissertação de mestrado de Maria Regina M. Batista e Silva (1995, p.43) “O universo da bordadeira: estudo etnográfico do bordado em Passira”:

A existência do bordado no mundo é muito antiga. Desde o aparecimento da agulha, quando o homem descobriu que **costurando** peles e tecidos criava uma proteção necessária ao corpo, foram surgindo outras necessidades, "necessidade derivada"(l) como chamou Malinowski, de ornamentar as vestes com preocupações estéticas, para chamar a atenção do outro ou como símbolo de status social, em ocasiões especiais como a guerra e celebrações rituais. Para executar esses adornos na indumentária, procurou-se reunir os fios de vários materiais e espessura, surgindo então o bordado, como técnica

de ornamentação do tecido. Primeiramente os fios de lã, o linho e o algodão. Mais tarde aparecem os fios de ouro, prata e por último a seda influenciada pela China e Japão.

Podemos pensar o bordado na Educação Física brasileira que passou por muitas linhas, traçados e tecidos, foram várias as mudanças em seus pontos, na elaboração e na construção dessa história, da chegada com a ginástica das concepções militares e higienistas, com forte influência das escolas suecas e francesas, indivíduos saudáveis livres de doenças com uma visão do corpo biológico, ao momento que vivemos hoje.

Os médicos higienistas do século XVIII relatavam que o corpo em movimento promove saúde, a Educação Física fica responsável por deixar esses corpos fortes e saudáveis e auxiliaria na nova ordem social, trazia para o bordado os corpos salubres, em que o movimento eugenista estimularia a saúde e desviaria dos maus hábitos que prejudicavam a sociedade, "saúde física e mental, como promotora de saúde, como regeneradora da raça, das virtudes e da moral" (SOARES, 2004, p.69).

Percebe-se um modelo de corpo que se enquadra neste movimento, forte, saudável, limpo, sem deficiência e branco,

Além disso, por decorrência do grande número de escravos negros no país, a Educação Física esteve associada à educação sexual, na qual as pessoas eram responsabilizadas em manter a 'pureza' e a 'qualidade' da raça branca (eugenia). (GUIMARÃES *et al*, 2001, p.18)

E ainda "escolas do Sistema Nacional de Educação, com o intuito de tornar a juventude mais sadia para que pudesse atuar na defesa e no desenvolvimento do país, através de um corpo perfeito" (CASTELANI FILHO, 1988, p. 34).

A formação desses corpos acontecia para que fossem eficazes, produtivos, para o trabalho o que aumentava o preconceito e a discriminação com outros corpos. Alguns corpos não caberiam para serem formadores de uma sociedade, estes corpos foram e ainda são estigmatizados, sofreram e ainda sofrem distinção. Nas palavras de Guacira Louro, destacamos que:

Em nossa sociedade, a norma que se estabelece, historicamente, remete ao homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão e essa passa a ser a referência que não precisa mais ser nomeada. Serão os "outros" sujeitos sociais que se tornarão "marcados", que se definirão e serão denominados a partir dessa referência. (LOURO, 2000, p.9)

Com a mudança social no Brasil, a Educação Física sofre influência do pensamento tecnicista e tem como seu objetivo o melhor desempenho dos alunos e alunas, a eficiência, o controle e a melhora na produtividade, utilizando o esporte, para serem desenvolvidos nas aulas nas quais a performance, a seleção, a competição ficaram em evidência e a procura era por formar atletas:

Pensando o corpo como perfeição técnica, chega-se, portanto, à ideia de corpo eficiente, em duplo sentido: mecânico por um lado, de manutenção da máquina perfeita e, por outro lado, social de cumprimento de regras que a vida em grupo exige, contribuindo, assim para o desenvolvimento da sociedade. (DAOLIO, 2013, p.78)

Essa forma de se trabalhar a Educação Física deixou marcas e resquícios até hoje, com a procura por corpos que correspondessem às propostas categorizadas, de realizar ou não realizar da forma exigida às técnicas, o aluno, a aluna, ou eram ganhadores ou perdedores em aulas competitivas. Segundo Renata Russo (2010, p.89) no texto “Do corpo usado ao corpo conhecido”, “esquecendo-se de sua função educativa, a Educação Física escolar tem valorizado a performance, desrespeitando muitas vezes a individualidade, comparando resultados e, o que é pior, gerando frustrações”. E ainda por Jocimar Daolio (2013, p.06) em seu livro “Educação Física e o conceito de cultura”,

Tendo priorizado tradicionalmente a dimensão da eficiência, a Educação Física distanciou-se dos aspectos estéticos, subjetivos, simbólicos. Considerou o corpo máquina biológica passível de intervenção técnica e perdeu a possibilidade de vê-lo como produtor e expressão da cultura.

Nos anos 80, o debate se abre entre as áreas biológicas e das ciências humanas e com isso alguns autores trazem a possibilidade de dialogar, criticar, pesquisar, deixando de arremedar movimentos em determinadas situações para criar outros pontos, valorizar os gestos e as expressões e com isso, novas possibilidades de diálogo e por que não, de bordados.

Percebemos a mudança com alguns grupos de autores, entre eles Daolio (2013), que traz a afirmação de que a Educação Física tem que atingir a todos, partindo do pressuposto que somos todos diferentes, sem necessidades de comparações. Esse pensamento atravessa a ideia de que os alunos e alunas não usassem seus corpos de forma integral e só estivessem a agir, movimentar e

reproduzir ações sem pensar, sem refletir sobre o que se está fazendo, por que está fazendo.

Essa Educação Física de reprodução ainda persiste onde atende os corpos que se encaixam em um modelo e os outros tantos corpos que não se encaixam naquilo que se espera, são estereotipados e deixados de lado.

Precisamos refletir sobre seguir padrões que estão colocados na Educação Física, isso permanece desde sua chegada ao Brasil, e estão em nosso entorno até hoje, reproduções que acontecem sem pensar, formas ditas corretas em que as respostas são as esperadas e assim seriam todos esses corpos aceitos, valorizados e que contribuiriam de muitas maneiras para a sociedade.

Corpos que não refletem, não criticam, não questionam como Angel Vianna e Jacyan Castilho (2002, p.23) nos auxiliam em seu texto, percebendo o corpo,

Alunos que não percebem o próprio corpo, que não são estimulados a usá-lo de forma consciente, criativa, acabam cultivando desde muito cedo a indiferença, a mesmice (...) todos agindo da mesma forma, igualados não só pelo uniforme, uniformizados na maneira de ver o mundo.

Ficamos a pensar, são os corpos que não se encaixam no espaço da Educação Física ou a Educação Física que não está para todos os corpos? O que a Educação Física espera dos corpos?

O curso superior em Educação Física tem em seu cotidiano esportes, jogos, brincadeiras, lutas, danças, ginásticas, entre outras manifestações corporais, que têm como objeto de estudo principal o corpo.

Trabalhamos com os corpos dos outros das mais diferentes formas e com os mais diferentes objetivos e muitos futuros professores não entendem, ou não se dão conta, da importância desse trabalho com o corpo. O que entendem sobre corpos?

Corpo máquina, corpo rendimento, corpo representativo, corpo sujeito, corpo biológico, corpo social, corpo filosófico, corpo negro, corpo indígena, corpo deficiente, corpos prontos, corpos em construção, o que entendem, na verdade, sobre corpos na perspectiva da diversidade?

Constatamos ainda hoje, depois de tantas mudanças na história da Educação Física, que os corpos que estão na faculdade de Educação Física reproduzem os discursos e as aulas que tiveram, ou deixaram de ter, em seus espaços escolares. Muitos relatam que sofreram com as escolhas de times para jogos, pressões por suas “faltas de jeito” em uma ou outra atividade do mesmo modelo, que não tinham

variações, que exigia habilidades repetidas que eles não conseguiam resolver. Outros, por sua vez, relatam que eram estimulados por suas competências, na mesma atividade apresentada aos anteriores e como não tinha alterações, eles conseguiam ter um status que se restringia àquele espaço de poder.

A quadra, deixando claro que não é propriedade da Educação Física, é um local que, por ter marcações de alguns esportes, determinou-se que ali seria o local das aulas, mas sabemos que todos os ambientes da escola são para todos os que ali circulam e estão envolvidos. É um local que deveria ser para todos e todas se descobrirem, se expressarem de inúmeras formas, mas muitas vezes acaba sendo um espaço de luta, de resistência, de tensão e de ameaças. Assim a Educação Física desse modo, não está para todos os corpos. É preciso e tem sido feito entender esse espaço como mais um de debate, de descobertas e de diálogo é importante e necessário, para isso os encontros com os alunos e alunas devem ser sem modelos prontos, sem imposições, com espaço para todos os corpos e suas manifestações em diferentes áreas de conhecimentos.

Sabemos que a Educação Física escolar há algum tempo tem grupos que estudam e colocam em prática estudos críticos e culturais, com muitos trabalhos publicados e uma mudança significativa no pensamento da disciplina.

Vamos voltar ao bordado...

Na faculdade quando se abre a discussão para outras questões sobre corpo, sobre a Educação Física, sobre diversidade, sobre gestualidade, história e tradições, os alunos e alunas ficam resabiados sobre um assunto que eles consideram tão simples. Quando questionados sobre o significado que eles dão ao corpo, ficam presos a observações e indignações como, por exemplo:

- *Nunca pensei sobre isso;*
- *Corpo é o que ele produz;*
- *Assim de bate pronto, não sei dizer;*
- *Não entendo assim.*

E quando a discussão é sobre diferenças, sobre diversidade, sobre sairmos da norma que se coloca sobre corpo, da famosa normalidade, entre aspas, como se assim obtivesse permissão de usar a palavra, quando na discussão, claramente nomeamos os corpos deficientes, indígenas, africanos, trans, percebemos que a resistência é também corporal, alguns corpos continuam invisíveis. Quem os deixou de fora? Quem cabe na discussão? E, então, temos novas falas:

- *Você não acha que é perder tempo?*
- *Veja, eu também sou descendente de negro.*
- *Pensei que eles eram preguiçosos.*
- *Nunca pensei em conquista sempre em descoberta.*

As linhas bordadas sempre foram selecionadas por quem estabeleceu as categorias e são os mesmos que incentivam um padrão determinado como ponto essencial para a seleção, sob a sombra de uma igualdade, que na verdade é um discurso falho para amenizar intolerâncias, com frases de que todos somos parecidos e que devemos estar cada vez mais semelhantes para podermos ser bordados.

Queremos bordar com outras linhas, queremos outros encontros, outras misturas. Queremos evidenciar a importância das diferenças sem pensar em categorias, sem pensar as condições anatômicas, políticas e culturais.

Observar na prática, com os inúmeros acordos e conflitos que são promovidos diante e por nós, e que nos fazem entender os corpos como singulares que se expressam por suas vivências, experiências e não podemos querer juntá-los em um único risco para bordar o mesmo ponto, isso seria diminuir a importância da diversidade e, com isso, deixar de compreender que, o que alguém chama de diferença, já está colocado em comparação com outro e, nessa comparação, alguém ou alguns não caberão.

As diferenças não podem ser fator de subjugação, elas devem ser o que promove a nossa cidadania. Como nos assegura Daolio (2013, p.93) em seu livro “Da cultura do corpo”, “porque os homens são iguais justamente nas expressões de suas diferenças”. Os estudos cotidianos aqui colocados passam pelas histórias destes corpos únicos e nas mais diversas situações e relações, assim bordamos os muitos questionamentos e reflexões que acontecem e tem importância e muitas vezes passam despercebidos. Neste momento Ferraço (2007, p.87) nos ajuda com seu texto “Pesquisa no cotidiano”:

Mesmo com todo o empenho e a determinação de pesquisadores comprometidos, como *sujeitosindividuaiscoletivos* que se pensam “com” os cotidianos, ainda somos nós, alguns poucos, que decidimos que fios, que lembranças, que relatos, que imagens, que histórias, que sons, sombras e silêncios se tornarão “visíveis” aos “olhos” dos nossos leitores. Somos alguns poucos que, ao ousar “invadir” os cotidianos das escolas na tentativa de falar aos que ainda não se deram conta de que nada lá é lugar-comum, repetição ou obviedade, acabaremos por decidir quais serão as “marcas” dos cotidianos a serem impressas em nossos textos.

Diante de um trabalho de bordado, observo os pontos e aprecio cada detalhe, querendo saber como realizar, por onde passar a agulha, onde segurar a linha, se depois ou antes da laçada, muitas são as dúvidas e, talvez, algumas suposições. Parto da atenção para a ação, então a interação entre eu, a agulha e as linhas, acontece para desvendar o que acabou de ser apreciado: nada fácil, muitos traçados, construções e reconstruções.

A aplicação desse trabalho procura trazer à tona o estudo ecologista com práticas diversas que se preocupam com a formação cidadã, justiça social e equidade de todos os envolvidos, os estudos de imagens e de *slams* nas aulas de inclusão e relações étnicas, respectivamente na faculdade de Educação Física e esse estudo como já está sendo tratado passa pelos corpos. Corpos que estão em constantes mudanças, pelas relações e experimentos, que estão sempre a despertar sinais.

Como nos auxilia Greiner (2011 p.8) “o corpo não é enclausurado em si mesmo, está sempre interagindo com aspectos do ambiente (físico e cultural) em um processo de troca de experiências.” E, ainda a mesma autora, “o estímulo ao conhecimento corporal, proporciona a leitura de mundo e as mais diferentes interpretações das informações que são recebidas o tempo todo” (GREINER, 2005, p.130).

O corpo tem, pode e deve se expressar de muitas maneiras, e a liberdade dessa expressão deve ser essencial no cotidiano escolar e nos corpos que vivenciam o ambiente. “[...] essas vivências trazem para cada encontro uma riqueza de informações que precisam ser valorizadas, estimuladas e lidas, nas entrelinhas, no cuidado das observações” (CARDOSO, 2007, p.19).

Todas as formas de expressão passam de alguma forma pelo corpo e deixam suas marcas e traçam diferentes diálogos, novas possibilidades, não podemos entender o corpo somente como um abrigo de informações, ele é bordado, mas desmanchado e rebordado, com outras linhas, outras situações, novas perfurações, outras comunicações.

[...] informações passam a fazer parte do corpo de uma maneira bastante singular: são transformadas em corpo. Algumas informações do mundo são selecionadas para se organizar na forma de corpo - processo sempre condicionado pelo entendimento de que o corpo não é um recipiente, mas sim aquilo que se apronta nesse processo coevolutivo de trocas com o ambiente. E como o fluxo não estanca, o corpo vive no estado do sempre-presente, o que impede a noção de corpo recipiente. Nesse sentido, ao tramar estruturas que permitem sua comunicação com o mundo, o corpo torna-se sua própria condição de estar vivo, uma estrutura provisória que se

apoia fundamentalmente no sucesso da transferência e contaminação permanente de informação. (TORRES, 2019, p.21)

Corpos rápidos, fortes, ágeis, flexíveis, corpos que produzem num mesmo ritmo que trazem as mesmas respostas para as idênticas perguntas corporais. E os corpos que têm outras respostas para essas perguntas? Querem fazer outras perguntas, contar outras histórias do que aquelas que estão sendo recamadas? Onde esses corpos podem ornar suas linguagens? Em que tecido pode ser feito esse encontro de corpos que são diferentes para alguns grupos e que apresentam as mais variadas experiências?

Na história, sabemos que as linguagens corporais foram sendo vistas, estudadas e trabalhadas de acordo com o pensamento de cada período, de cada sociedade. Não tinham e não têm as mesmas respostas, mas na história da Educação Física, por um tempo e em alguns grupos, assim como na área de exatas, era necessário apresentar o mesmo resultado e com isso agir da mesma maneira, com técnicas específicas.

A gestualidade não era evidenciada e, com isso, a criatividade pouco explorada, a leitura dos corpos estava na análise do arremate esperado e não no que se pode traçar, criar, alinhar com suas linhas. A gestualidade é importante, é significativa, ela nos conta, nos apresenta muito do que os corpos têm a expressar e quando essa gestualidade se junta a outras, a linguagem que se tem em uma dança, um jogo, uma apresentação, uma brincadeira, em poemas e imagens vão além dos famosos e aguardados resultados.

Os corpos apresentam outras respostas pela gestualidade, contam outras histórias, fazem questionamentos e assim bordam. O tecido é o mesmo, as linhas e observações que estavam no avesso, aparecem. Faz-se necessário outras leituras neste projeto artesanal, com a gestualidade podemos ter outras tantas possibilidades do que as que nossos olhos, nossa escuta estão para ver e atentar, como nos traz Carmen Soares (2000, p.01) em seu texto “Imagens da educação no corpo: a ginástica e a estética da retidão”,

Os corpos e sua gestualidade podem ser imaginados como expressão e lugar de inscrição da cultura, e as imagens de corpos, como registro de marcas e de lugares sociais ocupados. O estudo do corpo e de sua gestualidade pode construir uma narrativa integrando imagens que, como expressão de um olhar particular, revelam tanto o que se vê quanto o que não se vê.

O corpo tem bordado, seus conhecimentos que se comunicam de forma criativa e cultural com outros corpos por meio da gestualidade, isso se dá pelas maneiras como as relações acontecem. Transmitir o que se percebe, ou não, das interações e da diversidade, auxilia a absorver e expandir as transformações que se desenrolam no cotidiano. Desse modo,

Gestos é uma prática simbólica incorporada sinestesticamente, conhecida por quem faz, visualmente conhecida pelos observadores e derivada de um mundo, onde está também embebida naquilo que as mãos operam (GREINER, 2005, p.99).

Posso pensar em um ponto de bordado, para cada corpo no cotidiano e ao aprofundar, são muitos nomes e tipos, entre eles temos o ponto haste, *ajour*, corrente, corrido, atrás, chifre, cesto, centopeia, cruz, areia, entrelaçado, teia, espada, de linha, de contorno, de encher, abertos, etc. Assim como os pontos para bordar, muitos são os corpos.

Corpos esses que devem ser valorizados pelas diferenças e não pela semelhança que fazem com que sejam importantes para essa ou aquela forma de viver. Ao longo do tempo a sociedade foi criando padrões, estereótipos e quem não alcançava esses modelos ficava excluído de um grupo e dentro de outro: o dos que não pertenciam ou cabiam naquela norma.

Pensando os parâmetros que foram sendo colocados e os estereótipos reforçados, a Educação Física colaborou e porque não dizer que ainda colabora para esse processo. Celina Bartalotti (2006, p.15) auxilia-nos no entendimento de exclusão em seu livro *Inclusão social das pessoas com deficiência utopia ou possibilidade*, “a exclusão não é arbitrária ou acidental, é fruto das formas de organização de uma sociedade e das maneiras que elas estabelecem relações entre as pessoas.”

Exaustivamente os meios de comunicação reforçam imagens que não cabem em muitos corpos e isso faz com que haja uma busca por um modelo de corpo bonito que está posto, no caso, eficiente, magro, branco, hétero, de cabelos cortados, lisos e habilidoso nos esportes e ainda, musculoso. Como nos traz Renata Russo (2010, p.87) em seu texto “Do corpo usado ao corpo conhecido”,

Podemos notar que hoje há uma servidão do indivíduo ao próprio corpo, mas não podemos nos esquecer de que o corpo tem sido adestrado ao longo de sua história, perdendo sua identidade, reprimindo seus desejos e emoções, legitimando essa imposição.

Assim como bordados industrializados que apresentam traços computadorizados, que têm sua importância e espaço na sociedade, mas que se distancia de um bordado manual com identidade e personalidade, como nos traz Maria Regina Silva (1995, p.50) em seu texto “O universo da bordadeira: estudo etnográfico do bordado em Passira”.

Com o processo de industrialização, as atividades manuais foram perdendo a sua importância, em razão do consumo cada vez maior da própria sociedade. O que se buscava não era a qualidade do produto, mas, a quantidade a disposição do mercado.

Muitos corpos vão buscar um modelo de beleza imposto, de força, de aceitação, para atender a uma expectativa de um grupo. Nem que para isso tenham que expor seus corpos aos mais diversos movimentos da moda, muitas vezes sem cuidado ou atenção.

Com essa ideia os alunos e alunas chegam à faculdade à procura de continuar a montar corpos em série, assim como bordados de produção. Porém, percebemos que mudanças ocorrem na feitura do bordado. Sobre essa questão destacamos:

O bordado embora seja uma atividade repetitiva, e padronizada, cada bordadeira acaba imprimindo uma marca pessoal ao trabalho, o que em última instância transforma-se não em trabalho de arte, mas, em trabalho artístico, ou seja, onde a estética é um padrão exigido na sua intencionalidade de ser agradável aos olhos. (SILVA, 1995 p.42).

Muitos acreditam e seguem o curso nos rituais de beleza e de padronização e outros começam a apreciar outros bordados, outras linhas, outros pontos para se fazer e pensar.

Ao percorrermos um tecido de ponta a ponta com um bordado, podemos compreender as muitas maneiras peculiares que poderemos realizar esse trajeto, por isso pensamos todos os corpos com a consciência de suas potencialidades e não no que falta anatomicamente, no pigmento da pele ou no tamanho.

Sabemos que as diferenças desestabilizam os padrões e podem interferir em processos de construção de ideias de um corpo que estão enrijecidas em um mesmo molde há muito tempo e é sobre essa desestabilização que queremos bordar, pois sabemos que a convivência de diferenças é enriquecedora para todos os envolvidos.

O estudo com o corpo pela biologia é importante, sem sombra de dúvidas, porém como já dito queremos trazer a ideia de que corpos são culturais que agem na cultura e sofrem ações da sociedade que estão, como nos auxilia (DAOLIO,2013).

O corpo é sujeito de sua história e do encontro de outras histórias, “o corpo fala, cria, o corpo pensa. (...) o corpo traz uma história, uma espécie de memória que está impregnada nos músculos, nos tendões, nos órgãos, no padrão de respiração.” (VIANNA; CASTILHO, 2002, p.25).

E ainda com Guacira Louro (2008, p.81), em seu livro “Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria *queer*”:

Antes de pretender ‘ler’ os corpos biologicamente (gênero, cor, idade), é necessário pensar em corpos como corpos históricos e culturais (...) Não há corpo que não seja, desde sempre, dito e feito na cultura; descrito, nomeado e reconhecido na linguagem, através dos signos, dos dispositivos, das convenções e das tecnologias.

A Educação Física como já posto em sua história selecionou, categorizou e ainda persiste por alguns, em eleger ou criar aulas para somente alguns grupos, como de algumas práticas e determinadas técnicas e, por não dizer, adestramentos. Com auxílio de Jocimar Daolio em seu livro “Da cultura do corpo” (2013, p.76) confirmamos esta afirmação:

Os professores ensinam uma série de movimentos aos alunos, objetivando a incorporação por parte destes de um conjunto de técnicas que deverão ser capazes de torná-los mais habilitado e, ao mesmo tempo, mais socializado, com maior capacidade de enfrentar o mundo.

Os corpos que pertencem ao outro grupo do que não estão aptos a esse sistema *bordam* outros pontos, quem observa, quem aprecia? O que eles contam? Qual gesto é melhor ou pior? Quem é bom? Forte? Como deve ser feita essa ação?

Colocar os corpos num mesmo local e querer que eles reproduzam, sem pensar o quanto todos os corpos podem nos contar, expressar, é muito pouco neste processo de estudos do cotidiano.

Os corpos são produtos e produtores da cultura (DAOLIO, 2004), são influenciados e influenciam, querer estudá-lo somente sobre sua aparência ou performance não podemos observar de forma pejorativa como já citamos onde os corpos não rendem o esperado e com isso devem ser ignorados. Entender os corpos e suas diferenças, pensar as diferenças para além do que os outros assim desejam

como inferior e sem importância. Como nos auxilia Guacira Louro (2001, p.550) em seu artigo “Teoria Queer: uma política pós-identitária para a educação” nos auxilia:

A diferença deixaria de estar lá fora, do outro lado, alheia ao sujeito, e seria compreendida como indispensável para a existência do próprio sujeito: ela estaria dentro, integrando e constituindo o eu. A diferença deixaria de estar ausente para estar presente: fazendo sentido, assombrando e desestabilizando o sujeito.

Entender as diferenças, como possibilidade de criação e de construção de uma sociedade plural e democrática, onde somos o que somos a partir de nós, de onde estamos, do que ouvimos, lemos, observamos, com quem nos relacionamos e não do olhar do outro sobre o que somos, sair desse emaranhado que todos somos iguais.

Conseguir perceber que as diferenças somam e não diminuem. Somos diferentes pois não temos tudo em semelhança com os outros, não temos todos os valores e nem as mesmas condições, temos alguns pontos em comum, mas isso não nos torna iguais a não ser que façamos escolhas e com isso voltamos a verificar quem está em condições para estar aqui ou fora daqui. Continuamos afirmando que:

Um costume ou uma prática de um determinado grupo não devem ser vistos como certos ou errados, melhores ou piores do que outros do nosso próprio grupo. Ambos têm significados próprios que os justificam no âmbito do grupo no qual ocorrem. Portanto, a diferença não deve ser pensada como inferioridade. O que caracteriza a espécie humana é justamente sua capacidade de se expressar diferentemente. (DAOLIO, 2013, p.9)

Os corpos estão ali diante de nós conhecendo outras leituras de corpos e de mundo, leitura essa que precisa ser feita a partir do que os alunos e alunas fazem, do que vivenciam e do que fazem parte, seus saberes e leituras, não podem ser desconsiderados, pois é seu entendimento de presença no mundo (FREIRE, 1996).

Essa leitura de mundo favorece se assim for percebida, a mudança da posição de padrões de corpos, de pensamentos e de posicionamento na sociedade de estudos e discursões e, principalmente, a importância desses encontros corporais e culturais. Nas palavras do autor:

Pensar o corpo como possibilidades exploratórias a valorizar, espaços, sensações, conhecimentos as representações que surgirão no encontro dos diversos corpos que ali por alguma razão se encontram. Valorizar a alteridade e a pluralidade. Porque os homens são iguais justamente na expressão de suas diferenças. (DAOLIO, 2013, p.57)

Corpos que para serem livres precisam, com as linhas oferecidas e com as suas próprias linhas, explorar as diferentes formas de linguagem corporal. Como nos auxilia Carmen Soares e José Rafael Madureira (2005, p.81) em seu texto “Educação Física, linguagem e arte: possibilidades de um diálogo poético do corpo”, “a linguagem multiplica potencialidades de expressão e revigora a história das palavras, dos gestos e olhares esquecidos”. E ainda,

Ela ocupa uma posição de grande responsabilidade, regendo e orientando os usos e abusos do corpo. A Educação Física como educação poética do corpo pode configurar uma resistência contra o esvaziamento de sentido das práticas corporais e o desejo, sempre perigoso, dos pensamentos únicos que desfiguram a experiência subjetiva e sensível. (SOARES; MADUREIRA, 2005, p.86).

Assim como nos chamam a atenção os contrastes nos bordados, já estamos pesquisando os corpos por suas diferenças há algum tempo, por suas formas de se expressar, de se apresentar, de se posicionar e de por que não, bordar.

“O bordado é uma atividade que envolve processos de aprendizado, a disciplina, o corpo, o domínio de técnicas e de repertórios, a criação de vínculos, construindo uma forma de estar e de ver o mundo” (BRITO, 2010 p,19).

Qual a leitura de mundo que fazemos no cotidiano das aulas de Educação Física? Como as diferenças são vistas na faculdade de Educação Física?

Os corpos sendo diferentes, com suas vivências, nos trazem muitas contribuições, no encontro com as mais variadas possibilidades de troca de experiência.

Entretanto, alguns educadores e educadoras insistem que os corpos desde pequenos e, durante toda a vida, não têm histórias e conhecimentos para contribuir neste bordado, que as potências individuais, os encontros com o outro e as diferentes linguagens, não podem auxiliar. Como se os envolvidos estivessem prontos somente a receber sem poder colaborar, como se fossem um tecido liso e que somente determinados bordados feitos de maneira automática e reprodutiva são os que se encaixam nesta fazenda. Como já nos dizia Paulo Freire (2017, p.33) em seu livro “Pedagogia do Oprimido”,

A narração, de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em “vasilhas”, em recipientes a serem “enchidos” pelo educador. Quanto mais vá “enchendo” os recipientes com seus “depósitos”, tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente “encher”, tanto melhores

educandos serão. Desta maneira, a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante. Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. Margem para serem colecionadores ou fichadores das coisas que arquivam. No fundo, porém, os grandes arquivados são os homens, nesta (na melhor das hipóteses) equivocada concepção “bancária” da educação. Arquivados, porque, fora da busca, fora da práxis, os homens não podem ser. Educador e educandos se arquivam na medida em que, nesta destorcida visão da educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber. Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. Busca esperançosa também (FREIRE, 2017, p. 80).

É complexo o entendimento dos alunos e alunas sobre leituras de mundos e de corpos nas aulas. Muitas vezes querem ser valorizados por suas diferenças, mas ao comentar sobre as diferentes possibilidades de trabalhos com alunos e alunas, eles querem igualar, ajustar, para ficarem semelhantes e o espanto é geral. Eles sempre pedem exemplos:

- *Professora como assim?*

- *Tudo bem, eu entendi, mas qual o problema de reproduzir algo que sempre funcionou?*

- *Professora você está querendo dizer que isso é ruim?*

Os corpos parecem fechados em suas vivências e não estão abertos para outras leituras e libertações de outros tantos corpos. As experiências por esses corpos vividos deixam marcas em seus gestos, ou falta deles, ou de iniciativa para trazer à tona uma forma de expressão. Dessa forma:

A educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres “vazios” a quem o mundo “encha” de conteúdo; não pode basear-se numa consciência especializada, mecanisticamente compartimentada, mas nos homens como “corpos conscientes” e na consciência como consciência intencionada ao mundo. Não pode ser a do depósito de conteúdo, mas a da problematização dos homens em suas relações com o mundo. (FREIRE, 2017, p. 26)

Ao falar de corpo, como no bordado, podemos seguir muitas propostas, muitos desenhos e riscos. Sobre essa questão, destacamos:

O riscado é o primeiro passo para bordar. É a base de qualquer bordado. Envolve as formas dos desenhos, a composição do estilo e o planejamento da peça como um todo. Em estreita relação com o tecido, é o riscado que indica o caminho por onde a bordadeira deverá compor a peça, quais são os

conhecimentos necessários para bordar e qual será o tempo dedicado à tarefa. (BRITO, 2010, p.91)

Que ideia de corpos os alunos e alunas têm na faculdade de Educação Física? Que corpos estudarão? As disciplinas aqui apresentadas, de inclusão e relações étnicas, atendem aos alunos e alunas do bacharel e da licenciatura, que corpos estes esperam estudar? O corpo anatômico, fisiológico, biomecânico, biológico é o corpo que a maioria dos estudantes tem em mente, eles estudarão essas disciplinas e na verdade esperam com ansiedade.

Consideram disciplinas difíceis, que precisam ser muito bem entendidas e decoradas. Eles terão acesso a outros corpos filosóficos, das ciências humanas e muitas vezes eles não entendem a importância de se pensar corpo. Nas aulas das ciências humanas, são questionados, como eles veem seus corpos?

“Não são as semelhanças que definem o corpo humano, mas a forma como os conceitos e as definições a seu respeito são construídos culturalmente” (DAOLIO, 2013, p.39).

Alunos e alunas chegam à faculdade com seus corpos dentro do que eles acreditam, produzem, trabalham, malham, se alimentam para alcançarem as expectativas criadas para um determinado fim. Outros tantos alunos e alunas seguem outros caminhos, talvez com uma certa distância desse outro grupo, mas estão ali na mesma busca por conhecimento, experiências, descobertas, refúgio, muitos corpos estão presos, tímidos, constrangidos, obedientes, desconfiados, assustados e muitos, silenciados.

Fico tentando ouvir o silêncio desses corpos e a leitura que eles trazem. Passaram por um processo em que os corpos devem ter ficado por muito tempo imóveis, por que quietos “aprendem” mitos escolares que ainda estão presentes, como nos trazem Nilda Alves e Regina Leite Garcia (2001, p.88) “tudo isso tem a ver com a criação de uma moral voltada para ver o corpo como lugar perigoso a ser controlado e vê todo movimento como inconveniente porque incontrolável.”

Que informação esses estudantes recebem sobre corpo? Qual o processo histórico de construção desses corpos? Que histórias podemos bordar ao encontrar esses corpos?

Em uma aula no segundo período do curso de Educação Física, na qual eles estudam Inclusão e Educação Física, pergunto aos alunos e alunas o que é corpo? Essa é uma prática que trago comigo desde o momento que comecei no ensino

superior e foi com essa disciplina que hoje tem esse nome, mas quando comecei chamava-se Bases epistemológicas de inclusão em Educação Física, sendo que o nome assustava mais os alunos e alunas do que o conteúdo em si.

Tive liberdade de construir o plano de ensino das aulas e influenciada, inspirada, tendo estudado na prática as ideias ecologistas de educação, uma vez que tinha acabado de defender meu mestrado, todos os estudos estavam em mim, na pesquisadora, professora e ecologista.

O corpo teria que abrir os conteúdos, não queríamos de maneira alguma evidenciar o que faltava, o que anatomicamente não estava completo, pois isso é uma pequena parte de um corpo. Ele tem muito mais coisas para apresentar, queríamos salientar a procura, por entender as diferenças e não evidenciar a deficiência que está presente, mas as pessoas não são suas deficiências, as deficiências são uma pequena parte de um todo. E com isso nas outras disciplinas que tenho oportunidade de dialogar com os alunos e alunas, trago à tona os corpos africanos e indígenas, que são entendidos como pertencentes do todo e não como grupos específicos categorizados como colonizados, vítimas de uma sociedade que ainda segrega, que durante toda sua história viveram os fatos e conflitos trágicos que ainda deixam suas marcas, mas que coletivamente e culturalmente se mantiveram nas suas raízes.

E ao perguntar o que é corpo para os alunos e alunas para bordá-los na tese, encontro as mais variadas, às vezes semelhantes, respostas, então, apresento-as por meio de narrativas em forma de pontos do bordado, propositalmente não trarei as imagens dos estudantes para que a imaginação do leitor e da leitora possam estar nesse processo de alguma forma.

Colaboram conosco Inês Barbosa de Oliveira e João Vanderley Geraldi em seu texto “Narrativas: outros conhecimentos, outras formas de expressão” (2010, p.19), quando eles apontam a importância de seus estudos e práticas sobre narrativas e assim vou bordar

A busca por outras formas de conhecer e de expressar os conhecimentos que, assumindo a impossível descrição “neutra e objetiva” de uma realidade preexistente aos sujeitos que nela se inscrevem, requer descobrir/ inventar novos modos de ver/ler/ouvir/sentir o mundo e de narrá-lo e aos diferentes fazeres/saberes/valores e emoções que nele circulam e dialogam.

## Ponto Haste

Figura 17 – Ponto Haste



Fonte: Elaboração própria

*O ponto haste é perfeito para contornos, linha colocada à agulha fura o tecido no risco desenhado, no tamanho que queira fazer, fura o tecido à frente e volta por baixo onde começou....*

Na aula apresento uma forma oval com a palavra corpo e pergunto aos estudantes: o que é o corpo para eles? A cena a princípio é a mesma nas diferentes salas: timidez, indiferença e medo em responder e então percebo que os corpos são biológicos, espiritualizados, produtivos, políticos, estéticos. Alguns desses tópicos aparecem mais em uma sala do que em outras.

Oswaldo rasga o silêncio e manda de forma rápida:

- *O corpo para mim é somente o físico, os músculos;*

Ana completa:

- *Eu acredito que é um recipiente da alma;*

Novo silêncio...

Kleston desencosta da parede e tosse, para depois dizer que para ele:

- *O corpo é uma alma, quer dizer... O corpo é uma máquina, a alma que faz funcionar.*

Solange timidamente e com o tom de voz baixa diz:

- *É uma obra divina;*

Paola nos conta que desde criança fomos ensinados que:

- *O “normal” é bom e o diferente é ruim, quando na verdade não existe essa separação quando falamos de corpos, afinal cada corpo é único e possui sua beleza,*

Mendes pede a palavra e coloca que para ele:

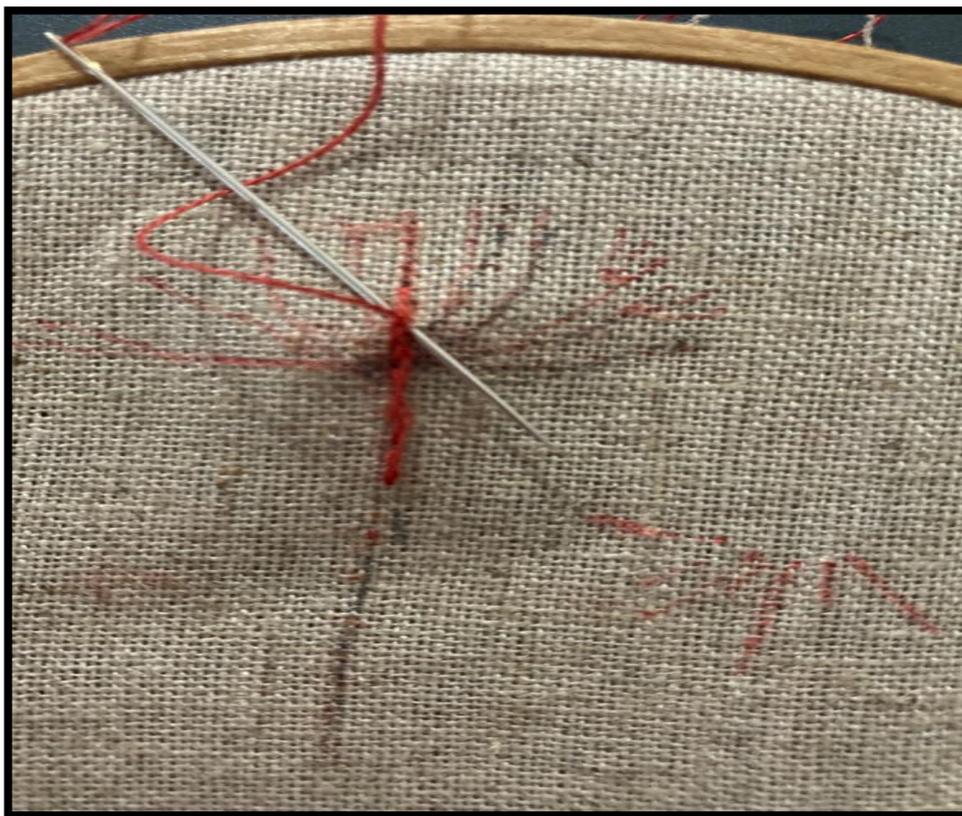
- *Corpo é músculo forte!*

Pedro fala:

*Para mim o corpo é um suporte de sensações para a vida, é energia, o corpo tem tudo a ver com relações, sentimentos e sensações que é quase impossível de se ver e explicar, o corpo de acordo com a anatomia reage com esses sentimentos, de certa maneira.*

### Ponto Pirulito

Figura 18 – Ponto Pirulito



Fonte: Elaboração própria

*Esse ponto é usado para reforçar os detalhes. Agulha pronta fura o tecido no risco que se propõe seguir, marca o tamanho que se quer, fura o tecido, estende a linha e fura o tecido novamente no meio dos dois e puxa para não enrugar. Partimos de um furo....*

Apresento a mesma atividade em outra turma e as respostas vieram de forma rápida e direta.

*-É uma máquina saudável que a moral faz funcionar, diz Regina.*

Em seguida a Diana: *- É estético, é um conjunto de órgãos e sistemas;*

Logo vem Sergio que traz para o momento: *- O corpo, antes de ser o que vemos por fora, no seu sentido fisiológico, é como um recipiente, onde habita o que para mim é o mais importante, nossa alma, cheia de sentimentos, pensamentos, ideias e emoções.*

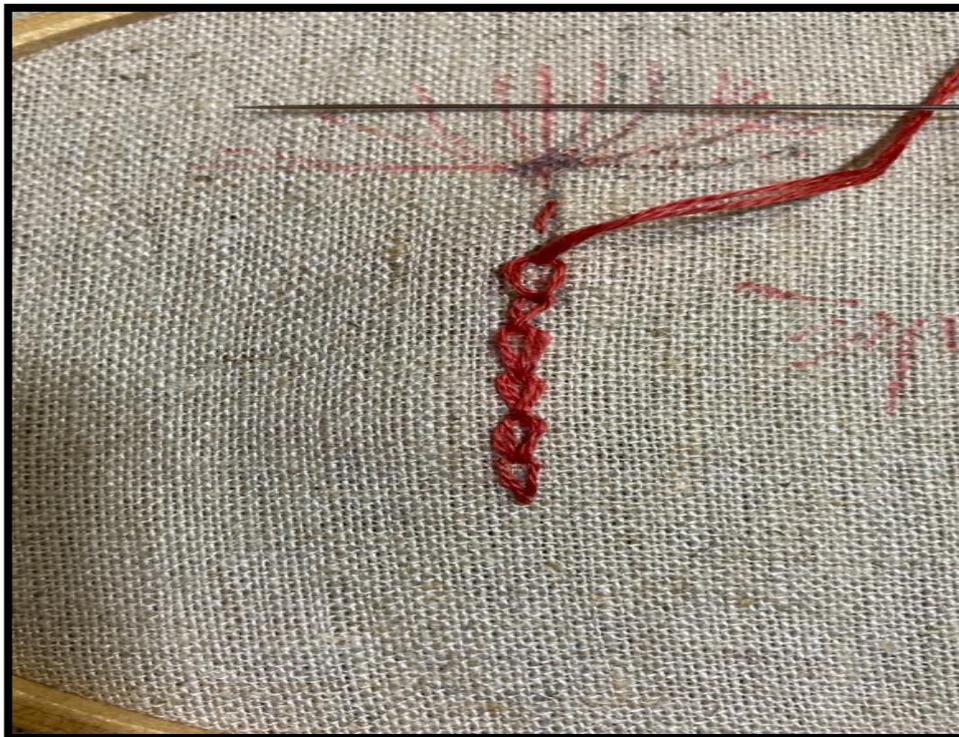
Bernardo levanta a mão e fala: *- Quando penso em corpo, penso em transformação, utilidade e diferenças. Transformação, pois é um fator constante durante toda a nossa vida. Utilidade porque é ele quem nos dá a condição de vivermos, independente das características de cada um.*

Leonel levanta a mão, gagueja a princípio e depois nos conta que ele vê o corpo formado por muitos aspectos e não apenas uma visão do que seja eu, vejo como pequenas coisas que formam um todo e não simplesmente um conjunto de sistemas ou apenas um presente dado a nós por uma força superior.

Richardson levanta a mão e diz: *- Ao meu ponto de vista, o cérebro representa o corpo. Pois é o nosso cérebro que suporta dores, perdas, escolhas, suporta nosso psicológico, ideias que podemos tomar diante de situações difíceis.*

## Ponto Corrente

Figura 19 – Ponto Corrente



Fonte: Elaboração própria: Ponto Corrente

Este ponto tem um visual de gota e feito em sequência parece uma corrente, por isso o nome. Com a linha colocada, perfure o tecido no risco passe a linha da direita para a esquerda e insira a agulha no furo que entrou, ela deve sair logo a frente no tamanho desejado. Para fazer o segundo, inicie o ponto da laçada.

Nas aulas, diante do computador, fico a aguardar a entrada dos estudantes, eles chegam aos poucos, depois dos cumprimentos e de conversas aleatórias, ao fazer a pergunta para as letras, pois poucos são os que estão com a câmera ligada (Vale explicar que no programa que gerencia as aulas on-line, quando não se está com sua câmera ligada, aparecem apenas as iniciais do nome da pessoa que está por traz daquela conexão): o que é corpo? O silêncio persiste por mais tempo e se faz necessário vários pedidos de colaboração.

Então, Celso, somente com sua voz, avisa que vai falar o que pensa: - *O corpo é um conjunto de células, formando tecidos, órgãos e sistemas. Tudo se encaixa perfeitamente, cada parte exercendo sua função, para que nosso corpo seja perfeito e tudo ocorra dentro dos conformes.*

Em seguida vem Jerusa: - *Acredito que ele seja apenas uma máquina biológica que nasce, vive e morre, fazendo assim parte do ciclo da natureza. Não creio nas definições que retratam o corpo como uma energia e ou em algo espiritual.*

Yan abre a câmera e mostra um livro de anatomia humana: - *Professora essa é a minha visão, o corpo é anatômico e fisiológico. Esse organismo no qual tudo se encaixa e tem uma função importantíssima. O corpo se resume em anatomia e tudo que foge disso não faz parte da minha definição.*

Na sequência, Dolores com a câmera fechada: - *Eu acredito que se pensarmos corpo somente com o aspecto motor é muito pouco para algo que pode fazer tantas coisas.*

Gian se manifesta com o “volume alto” e logo pede desculpas: - *Vejo o corpo como uma máquina, pois é formado por várias peças que possuem função própria e quando não estão em bom funcionamento, o todo sofre consequências.*

No chat ao lado da tela onde estão as letras de quem está com a câmera fechada e os alunos e alunas que estão abertos, Augusto escreve:

*“O corpo é algo que sempre está em movimento, é principalmente a melhor função, pois ele nos proporciona a fazer inúmeras coisas, apenas movimentando-se.”*

Ricardo abre a câmera e mexendo o corpo na cadeira o tempo todo pede para falar: - *O corpo nos mostra como podemos fazer algo que não imaginamos movimentos quase que impossíveis e mesmo assim, nosso corpo nos sustenta.*

Maria Rita fecha a câmera e começa a falar: - *Fiquei pensando o tempo todo em como eu penso o corpo e me dei conta que eu não gosto do meu corpo, por isso não sei pensar sobre um corpo, me saboto e machuco, não acredito em meu potencial, mas estou aqui agora pensando o que eu estou fazendo com esse meu corpo.*

## Ponto Atrás

Figura 20 – Ponto atrás



Fonte: Elaboração própria – Ponto atrás

*Este ponto é base para outros pontos. Com a linha colocada na agulha fura-se o tecido no risco, espetar a agulha para trás de onde furou o tecido e sair com a agulha a frente de onde furou no início.*

Depois do debate sobre corpo, sobre o que pensam e como veem os corpos e seus corpos, peço para os alunos e alunas criarem uma imagem sobre corpo e um texto sobre o que pensam sobre o assunto.

Abro a atividade de Alzira e em sua imagem ela usa garrafas de plástico semelhantes de marcas diferentes para comentar sobre corpo e discorre em seu texto nesta linha e comenta que: *“Nossos corpos diferentes em suas características e concepções é o que nos torna únicos em meio ao rebanho que se esforça para ser tão igual.”*

Eugenio com uma imagem de um vaso de planta, na qual se observa a sombra da mesma, podemos ler em seu texto:

*“Essa imagem retrata que o corpo deixa suas marcas, refletimos o que somos não somente no que temos como aparência, mas o interior também. Algumas folhas não estão tão bonitas retratam as dores, as amarguras, as estrias, as celulites, que*

*fazem parte de todos nós e que muitos fazem questão de esconder. Queremos só mostrar nosso lado bonito, com fotos por todos os lados, mostrando o que não somos.”*

Sonia coloca vários objetos em sua imagem e nos diz em seu texto:

*“Nesta imagem quero transmitir a diversidade dos corpos (todos os objetos), incluindo as crianças (pirulito/papel de pirulito), onde podemos encontrar em uma sociedade corpos de tamanhos, cores e formatos diferentes. A minha inspiração foi o caso recentemente falado em aula sobre a menina de 10 anos estuprada pelo tio (papel de pirulito amassado, o pirulito significa a infância colorida, da qual a menina perdeu), e como as pessoas que se colocam como maior e com direito de ditar o que acontece com o corpo de outra pessoa (as pessoas são o salto pisando em cima do papel amassado). Também coloquei a lei número 9.434/97 sobre o direito ao **PRÓPRIO** corpo vivo. Por fim o papel sulfite com as bordas indicam um padrão onde a maioria da sociedade busca se encaixar.*

Com folhas secas Cristina apresenta sua imagem e escreve:

*“Penso eu que somos espíritos no processo de evolução conjugados em uma matéria concreta (Corpo) para podermos nos comunicar com os nossos semelhantes. Nessa imagem vejo folhas velhas secas onde passou pelo processo de nascer, crescer e morrer até chegar ao ponto de não ter mais serventia para a terra.”*

Com objetos espalhados Solange escreve:

*“Uma cabeça afunilada, me faz refletir que os pensamentos, ao final da nossa jornada na terra, vão se afunilando e chegando ao nosso fim. Cada cabelo, olhar, gesto, cicatriz, ou estilo, representam parte de algo que já vivi, observei, senti e expressei. Portanto a foto transmite uma sensação pitoresca e muito similar ao movimento cubista, mostrando que em cada parte do corpo formado há um símbolo de importância que moldou meu corpo, tais como livros, fotos, cheiros, roupas, objetos, etc., que de certa forma demonstram o que eu realmente sou. Mas na realidade o corpo é a definição que cada um coloca para si e temos que refletir e lembrar que cada um de nós, tem o nosso próprio corpo, talvez você seja um pouco mais fortinho, com uma aparência de durão e isso não significa que a aparência do seu corpo define a essência que existe dentro de você. Toda vida é regada de angústia, desafios e sofrimentos passageiros, mas isso é a vida! Cada coisa que passamos na vida define o que realmente somos todas as escolhas, os fracassos, as perdas, tudo isso pode ser transmitido através do nosso corpo.”*

João monta uma foto com batatas e escreve:

*“Para criar essa foto eu pensei no corpo quanto a sua forma, procurei coisas que o representasse como algo diferente para cada um e que essa diferença é importante, pois é o que nos torna especiais. Então quando vi as batatas, elas me remeteram a essa representação, que assim como o corpo, as batatas têm diversas formas, cada uma é de um jeito, tem suas manchas, machucados, e são essas diferenças que nos fazem ser tão únicos e com os barbantes mostrar que o padrão tira a nossa identificação, só nos torna mais um, no meio de tantos outros.*

*Para a imagem, peguei 4 batatas diferentes que encontrei e as coloquei uma do lado da outra, com barbantes de formas diferentes, para deixar evidente o quanto cada uma é única e mostrar que não existe uma melhor que a outra, cada uma teve o seu crescimento, construção, assim como nós, seres humanos e usei o barbante para representar o que o padrão faz, levando todos a um mesmo caminho, perdendo a sua essência. Agora se pensarmos pelo outro lado, cada uma dessas batatas pode seguir caminhos diferentes, como uma virar purê, outra frita, assada e de diversas outras maneiras. Imagina se existisse apenas uma dessas opções, quanto estaríamos perdendo sem conhecer as outras maneiras de fazê-la.”*

Na foto de Wanderley, tem um vaso com flores.

*“O meu corpo está representado por um vaso com 3 flores, uma é um botão de uma rosa, outra é uma rosa já desabrochada e a outra, um girassol, que vai ser um pouco curioso, pois as 3 flores se encontram em um só ramo, vou explicar a seguir. Também tem um beija flor, uma parte de um regador, onde dele sai água e também as seguintes palavras: sentimentos, influência e conhecimento.*

*Mas por que um vaso? Para mim, um vaso pode representar o corpo porque é como se nosso corpo fosse um depósito ou uma estrutura onde se mantém nossa história, ou melhor, nossa trajetória de vida.*

*A terra dentro do vaso representa as memórias guardadas, as três flores diferentes representam as fases da vida e o quanto o corpo muda, a água que rega as flores representa o depósito do que adquirimos durante a vida.”*

São muitos pontos que podem ser bordados neste tecido que partem de um mesmo risco, o corpo, que tem o privilégio de ser um fator central na Educação Física e percebe-se cada vez mais, um trabalho na busca por ter os corpos em seu cerne. Ao me distanciar um pouco dos pontos escolhidos neste risco inserido nesta fazenda, observo a pesquisadora, professora, estudante que, de tantos fios, corpos, riscos,

agulhas e bastidor, observa e constrói artesanalmente o corpo como expansão de conhecimento ético, político e cultural.

Neste bordado ao pensarmos em estudar os corpos nas mais diferentes situações curriculares, do curso de Educação Física, em específico em disciplinas que de algum modo trabalham com os corpos invisíveis e silenciosos nos damos conta que os corpos diante da pesquisadora e o dela no ambiente, produzem possibilidades de diálogos, de desconstruções, de reconstruções nos encontros que acontecem naquele ambiente, que se constrói pelas relações.

A provocação é diária, acontece nos gestos, nas falas, nas ações, na quietude, na agitação, nas formas de se posicionar e com isso, trago à tona as situações presentes, que me fazem repensar o compromisso de observar minha prática pedagógica cotidiana que se constrói a todo momento com os autores que dialogam e me auxiliam nesta pesquisa, assim como todos os envolvidos neste processo.

Paro neste momento o bordado, não porque ele foi terminado, o riscado é amplo, mas, pois, ao me afastar para ver como tem ficado até o momento, me dou conta que, o que me proponho, caminha, deixarei no bastidor e volto para a colcha.

Figura 21 – Imagens



Fonte: Elaboração própria

## BLOCO ENLAÇAR

Enlaçar é entre outras coisas passar fitas, cordões e apertar, estreitar é unir o que está nos cotidianos e trazê-los à tona pelas práticas pedagógicas que foram elaboradas no sentido ecológico da solidariedade de todas as formas e manifestações de vida. A perspectiva de apresentar pelas costuras nos move, pois, coser pode nos auxiliar a trazer com sensibilidade e entender a multiplicidade de significados, como nos apresenta Ana Beatriz Bahia:

Entender o ato de costurar como agente de *ligação* nos conduz à complexidade simbólica da costura. Ajuda a vê-la muito mais densa do que aparenta ser, além da simplicidade de sua técnica. A costura não liga apenas um material a outro, ela liga o artista/público que a vive à uma teia de significações. Entre os diversos níveis de significação da costura, interessa-me, neste momento, destacar aquele que nos *enlaça* para dentro da *imagem* (BAHIA, 2002, s/n).

Enlaçar, emendar, remendar panos novos, com velhos, acrescentar a fita, ou desfazer os nós das narrativas diversas de histórias tantas que por nós passam e perpassam na sala de aula, nos corredores, quadras, pátios, para que possamos aprender ao prestarmos atenção no outro, ao olharmos além do que está evidente, ouvirmos com outros sentidos, buscarmos a boniteza como nos traz Paulo Freire “A boniteza do processo é exatamente essa possibilidade de reaprender, de trocar.” (FREIRE; OLIVEIRA 2016, p.30).

Costurar os encontros e desencontros que são vividos e perceber que estão além de mera casualidade, são fontes de estudos legítimas e nos fazem pensar e refletir sobre a nossa prática. Milton Hatoum (2000, p.6-7) traz-nos em seu livro “Dois irmãos”: “Um território por mínimo que seja pode ser um mundo de muitas culturas, é um lugar que tem uma história, com suas relações de identidade”.

Os alunos e alunas estão naquele espaço cada com suas percepções e compreensão sobre a Educação Física, o corpo, deficiência, inclusão, racismo, imagens entre outros assuntos, partimos de seus saberes que vão se encontrar com os saberes científicos e outros saberes que acontecem por algumas propostas nesse movimento, quando a costura acontecer será muitas vezes a mudança do que já se sabia, mas não queremos entender somente como os estudantes realizaram seus saberes, mas o que farão com eles. Como nos trazem Brandão e Streck,

É uma múltipla teia de e entre pessoas que, ao invés de estabelecer hierarquias de acordo com padrões consagrados de ideias preconcebidas sobre o conhecimento e seu valor, as envolva em um mesmo amplo exercício de construir saberes a partir da ideia tão simples e tão esquecida de que qualquer forma de ser humano é, em si mesmo e por si mesmo, uma fonte original e insubstituível de saber. (BRANDÃO; STRECK, 2006, p. 12-13)

Ao costurar as narrativas o que se ouve chama atenção, mas precisa se estar atento ao que não se ouve, mas ao que se manifesta, não só no produto final, mas naquilo que está inacabado, dar atenção às provocações corporais, visuais, orais que são feitas e nos permitem sairmos de nossa posição estática e assim caminharmos nas muitas imagens que temos/fazemos/construímos/observamos.

Grada Kilomba na conversa com Yoran (Jorshan) Voltz, em *live* da Pinacoteca do Estado no dia 06/06/2020 nos auxilia “nós não podemos contar nossas histórias com as linguagens clássicas.”

Com isso fico a me questionar, o que pensar sobre imagens podem representar para alunos alunas do curso de graduação em Educação Física? De que forma esse estudo pode ser entendido/validado/valorizado/contado/refletido no contexto da Educação Física? Como atá-las ao curso?

As imagens no cotidiano escolar sempre estiveram presentes nas minhas costuras antes mesmo das costuras se tornarem parte do meu cotidiano, estive no percurso como professora/aluna/pesquisadora/ecologista de Educação e em Educação Física, em princípio como registro, validação, mas pensava também as imagens além de ilustrações de um texto, elas possibilitam informações que iam além das palavras. Eu as entendia como troca de informações de quem propicia, solicita, aprende, vivem como criação de conhecimento, as leituras das imagens podem produzir sentidos.

Como nos traz Manguel, em seu livro “Lendo imagens” de 2001, na página 11: “Assim como adoro ler palavras, adoro ler imagens e me agrada descobrir histórias explícitas ou secretamente entrelaçadas em todo tipo de obra”. E ainda, “uma imagem dá origem a uma história que, por sua vez, dá origem a uma imagem, as narrativas existem no tempo e as imagens, no espaço” (MANGUEL, 2001, p. 24).

Essa curiosidade sobre imagem, como já foi citado, foi um dos tópicos estudados e presente na minha dissertação de mestrado, na qual conheci os estudos de Nilda Alves (2001a). Naquele momento e ainda hoje, percebo que em uma obra vão aparecer as emoções de quem registrou a foto e, mesmo sem se perceber, vão

aparecer também as emoções de quem, da sua maneira, observa a imagem. Reforço que os estudos dessa autora e demais outras vieram ratificar e contribuir para o que eu pensava em meus cotidianos.

As imagens que sempre fizeram parte da minha história de forma tão intensa, estavam nos espaços que eu transitava e assim eu não poderia deixar de trazê-las para o ensino superior, agora como estudo da prática pedagógica com elas, que não podem ser vistas somente como registros, são construções de ideias, de pensamentos, daquilo que estamos vendo e do que não se vê. Maria Ciavatta (2004, p.45), em seu texto “Educando o trabalhador da grande “família da fábrica” - A fotografia como fonte histórica”, afirma que:

[...] nem as coisas e nem nos mesmos somos apenas o que aparentamos ser. Assim, também, as fotos, as imagens que observamos, tem seu lado aparente, a imagem propriamente dita, e o lado oculto de sua produção, da história e da técnica com que foi feita, das relações e valores que nortearam a sua realização daquela forma e não de outra.

Pensar imagens e suas possibilidades em um curso de Educação Física procura fazer com que os alunos e alunas sejam críticos com a realidade ecológica, social e política (FREIRE, 2000), correndo o risco de não serem entendidos.

Enlaçar todos esses fios com o risco de emaranhar, mas sem nos arriscarmos não podemos ver transformações e para isso é preciso entender as muitas possibilidades que estão a nossa volta, fugir daquilo que é mecânico, na tentativa de mudar formas de pensar, ver, ouvir, falar criar, assim como a nossa de observar, entender, ouvir esse é o exercício da costura a cada imagem e junto com Nilda Alves e Inês Barbosa de Oliveira (2004, p.32), em seu texto mais uma vez aqui citado *Imagens de escolas espaçostempos* de diferenças, fui reconhecendo que era esse o estudo que queria realizar:

Por isso, a pesquisa no/do cotidiano exige que busquemos outros “dados”, não textuais, sobre os quais precisamos trabalhar, se queremos captar os elementos sensíveis da realidade cotidiana, não-expressadas por meio de textos “científicos”. Essa ideia vai apontar a importância do trabalho com obras artísticas imagéticas – pinturas e fotografias – como um meio de evitar as armadilhas dos textos escritos destinados à compreensão do cotidiano, de modo que se preserve a condição de percebê-lo em sua amplitude e complexidade, considerando a manutenção dessas características que as imagens expressam e os textos procuram esconder.

Imagens são as formas como vemos, sentimos, tocamos o mundo e a forma como mundo passa por nós, como estão no nosso imaginário e como as interpretamos, com todas as referências que trazemos sobre o que conhecemos ou pensamos conhecer. Elas nos trazem informações e nos contam ou contamos por elas sem palavras emitir. Como nos traz o autor,

Imagens capturadas pela visão e realçadas ou moderadas pelos outros sentidos, imagens cujos significado (ou suposição de significado) varia constantemente, configurando uma linguagem feita de imagens traduzidas em palavras e de palavras traduzidas em imagens, por meio das quais tentamos abarcar e compreender nossa própria existência. (MANGUEL,2001, p.21).

As imagens estão a nossa volta e nem nos damos conta de que a todo momento estamos a desvendar tudo que está diante de nós de forma simples e tantas coisas que diante de nós são produzidas e que brincam com nosso desconhecimento (JOLY, 2012). Sempre o homem deixou suas marcas na forma de reproduzir desenhos<sup>10</sup> nos espaços que comunicam algo que se acredita serem sobre seus modos de vida. E assim com os desenhos, pinturas, esculturas, fotos, costuras e bordados muitas são as formas de interpretar algo que se conta o que esteja para se ler e sentir e isso nos inspiram a pensar sobre os nossos valores ou até alterá-los.

Cada criação é única, tem suas características singulares que em muitos alunos e alunas vão apresentar mudanças ao longo do processo, alguns ficam entrançados de imediato, outros poucos tocam nas fitas, e alguns vão sendo enleados aos poucos a cada semana, chegam de forma mansa e quando se percebem estão a movimentar suas fitas de muitas maneiras. Tudo faz parte dessa fazedura: os tecidos, os desenhos, as linhas, agulhas, dedal, separador, lupa, tesouras, cada ponto pensado, errado, desfeito e feito, vão apresentando as dúvidas, incertezas, curiosidades, a história que de alguma forma se busca contar e que os textos não dão contam de transmitir, por essa razão buscamos outras formas de narrar, bordar, costurar.

Quando assumi as aulas de Bases Epistemológicas de Inclusão em Educação Física que na nova grade do curso se transformaria em Inclusão e Educação Física, a perspectiva ecologista permeou os conteúdos já que procurava evidenciar a

---

<sup>10</sup> Para compreensão deste tema indica-se o livro “Introdução à análise da imagem” de Martine Joly. Campinas, SP. Editora Papyrus, 2012

importância das diferenças e não as deficiências, o reconhecimento à cidadania, valorização da diversidade.

Para falar de inclusão, precisamos compreender a exclusão que acontece em todos os lugares, ideias e tratamentos, são reflexos dos contextos, pois alguém ou algum grupo decidiu, reproduziu que alguém ou algum grupo não pertence a aquele espaço, são tratados para que ali não fiquem ou não se aproximem. Precisamos entender que se uma pessoa não se encaixa em um grupo ela estará em outro, mas que isso foi decidido por outras pessoas. Ela não se encaixa nesse grupo de corpo menor, mas se encaixa no grupo de corpo maior (BARTALOTTI, 2006).

A percepção é de que as situações estão determinadas e os corpos deficientes, negros, indígenas aqui estudados farão com que haja necessidade de movimento e esse movimento levará a enfrentamentos onde por falta de conhecimento ou vontade prefere-se ficar onde se está. São esses corpos que devem se adequar às situações e não criarem cenários, com o foco na diversidade dos corpos e nas múltiplas relações que a partir dali possa ocorrer.

Para entender o percurso da exclusão dos corpos com deficiência, durante todo o período histórico <sup>11</sup>, os corpos deficientes foram vistos como incapazes, defeituosos e deformados e o tratamento dado a eles foi de eliminação na idade antiga com alguns corpos sendo poupados e largados à sorte nas florestas e rios, inicia-se a mendicância com aberrações.

Na Idade Média com a influência do Cristianismo, não poderia se eliminar corpos deficientes e doentes, assim determinava-se que esses corpos deveriam ser separados, deixados afastados dos outros fora das cidades. Em seguida, na Idade Moderna, com as grandes invenções, a deficiência é vista como doença, muitas criações como o Braille, cadeiras de rodas, datilografia (alfabeto manual), técnicas de trabalho corporais, próteses, entre outras tecnologias, com o objetivo de se alcançar a cura.

No movimento das duas grandes guerras e depois sendo acentuado pela guerra do Vietnã, a reabilitação é o tratamento dado às deficiências e em seguida adentramos ao movimento da inclusão que tem seu forte início nos anos de 1980. O Brasil seguiu esses passos com uma distância maior de tempo, já que sua história de

---

<sup>11</sup> Estudos mais aprofundados em Bartalotti (2006), Sassaki (1997), Mazzota (2005), Jannuzzi (2006).

formação depois da conquista dos europeus se dá mais tarde, os tratamentos são os mesmos, a separação é muito marcante e fica clara em nossos mitos e lendas que vivem nas florestas como o Saci, o Curupira.

Todos os estigmas e estereótipos foram acentuados neste longo processo e permanecem até hoje. Quando entendemos que os estigmas foram tramados com fios que desqualificam os corpos, que estes não poderiam fazer parte de algo e de alguma coisa por estarem evidenciando o que falta, ou que não condiz, ao “coisificar” (BARTALOTTI, 2006), ele deixa de *ser* para a deficiência estar e somente ela interessar, como se o corpo se resumisse a ela. Os estereótipos estão repletos de preconceito, formulam uma ideia sobre suposições:

O estereótipo, assim como o conceito, é um reflexo/refração específica da realidade, ou seja, reflete com desvios, como um lápis que, colocado em um copo de água, "entorta" -, mas o estereótipo comporta uma carga adicional o fator subjetivo, que se manifesta sob a forma de elementos emocionais, valorativos e volitivos, que vão influenciar o comportamento humano. Ele se manifesta, portanto, em bases emocionais, trazendo em si, como já dissemos juízos de valor pré-concebidos, preconceitos, e atuam na nossa vontade. (BACCEGA, 1998, p.9).

O enlaçar da inclusão é juntar os fios e envolver a todos, mudar o que se está posto, com as mudanças e consequências que esse movimento irá causar, coletivizar espaços, evidenciar a diversidade como valor para a sociedade assim como compreender o que está existente e a necessidade de transformação.

Procurei levar o estudo de imagens para as aulas, trazê-las para compor outras formas de contextualizar, elas seguiram para além das avaliações, trouxe como forma de diálogo e de criação.

Nesse longo tempo estudando as produções de imagens criadas e observadas pelos alunos e alunas, percebo que alguns têm uma certa dificuldade de entendimento sobre imagens e mesmo no processo de criação das mesmas, o que causa estranhamento, já que vivemos em um momento midiático, das redes virtuais cada vez mais velozes sendo parte importante da vida em sociedade, onde estão todos sendo bombardeados por imagens das mais variadas, principalmente para estes estudantes que em sua maioria são nascidos com a virtualidade.

Maria Cristina Ribas nos apresenta um caminho:

Uma tessitura de relatos e reflexões sob o crivo do testemunho vivo, todos alinhavados pela função de enxergar. E esta, por sua vez, tranquilamente inserida na complexa produção de imagens no mundo contemporâneo.

Talvez a própria proliferação de imagens cause cegueira por serem estas, muitas vezes, uma inveracidade. (RIBAS, 2003, p.70).

O que estes alunos e alunas pensam sobre imagens? As imagens são obras de arte? São ilustrações? São descrições? Como as observam em seus cotidianos?

Quais são seus olhares? Encontro em Jan Masshellan no seu texto “E-ducando o Olhar: a necessidade de uma pedagogia pobre”, um apoio:

Na verdade, quero entender o “educar o olhar” não no sentido de educare (ensinar), mas de e-ducere, como conduzir para fora, dirigir-se para fora, levar para fora. E-ducare o olhar não significa adquirir uma visão crítica ou liberada, mas sim libertar nossa visão. Não significa nos tornarmos conscientes ou despertos, mas sim nos tornarmos atentos, significa prestar atenção.

A arte de abrir os olhos – libertando e mobilizando o olhar, ou seja, a arte de apresentar, de fazer presente. Isso significa que não é a arte de representar, de conscientizar, de reflexão crítica, transferindo ou mediando conhecimento ou insights ou visões gerais. O que está em jogo é abandonar a soberania do julgamento (de submeter o presente a um tribunal e a suas leis, relacionando-o a uma visão, projetando-o contra um horizonte) e reconquistando, pode-se dizer, a soberania do olhar, que oferece algo para se ver, tornando-o, por assim dizer, evidente. (MASSHELLAN, 2008, p.36).

O olhar é algo que se vivifica pelas experimentações e o quanto estamos envolvidos nelas e no que sentimos e queremos transmitir, podemos talvez sensibilizar e dialogar sobre a importância de cada um trazer os seus significados e assim talvez entendermos e valorizarmos não só o que está ao nosso redor, mas, sobre o mundo e sobre nós mesmos.

Como nos ajuda Manguel (2001), estamos refletidos nas imagens que estão a nossa volta, somos seres imagéticos. Entre o que pensamos e o que formamos com nas imagens existe a distância que são percorridos pelos nossos outros sentidos, até o que se é apresentado.

Construir imagens montá-las trazer para o conhecimento de todos e de todas, o que se pensou sobre determinado tema é uma ação de se emaranhar nos fios da costura e perder-se... Assim, abrir outras formas de leitura a partir do que se constrói. Sabemos que a experiência não é igual para todos e nem a queremos assim, com isso não são todos e nem todas as imagens produzidas ou observadas que nos auxiliam a compreender, os fatos, as coisas, a sociedade que estamos inseridos e o que está sendo produzido neste contexto, porém elas nos contam outras tantas coisas, levantam questionamentos outros, que por muitos não passam de figurações.

Queremos outras formas de diálogo que vão além do que é mensurado dentro de um mesmo formato, para se encaixar nas respostas que possam ser consideradas, queremos outras repostas soltas, outras perguntas.

Como contribui Masshellan, (2008, p.38) “sendo diferentes formas de relacionar-se com o mundo, relacionar-se com o presente, com o que está presente. Essa diferença é uma diferença de força, do efeito que aquela atividade tem sobre nós mesmos e sobre o que é revelado”.

Trazer a proposta com imagens para buscarmos essas respostas, para que possamos refletir para onde seus olhares estão sendo fixados, buscar talvez uma compreensão da necessidade de outros olhares e ações, na realidade política, educacional e cultural. Não é só construir ou falar sobre a imagem, é a imagem em uma situação de levantar hipóteses, fugir do que se determina como correto, do que é lógico e esperado, respeitar a relevância e o sentido que possa ter para quem cria e quem observa.

Como nos traz Marília Forgearini Nunes (2021, p.174) em seu texto, “Leitura mediada do livro de imagem para o letramento visual e sensível das crianças”:

Não lemos a imagem somente buscando o seu conteúdo discursivo, pois isso tornaria a leitura uma ação simplista ou sobrenatural, como se bastasse colocar nosso olhar sobre a imagem e adivinhar o que ela nos mostra. O conteúdo enunciado pela imagem é uma construção interativa que acontece tanto pelos elementos plásticos (formas, cores, espaços, técnicas), que nos possibilitam ver essa imagem, quanto pela relação com as experiências de quem lê, olha essa imagem.

Os alunos e alunas que chegam para o curso de Educação Física como citado anteriormente, em sua maioria, procuram a linha do bacharelado, pois já estão envolvidos, de alguma forma, com atividade física, seja ela na academia, nos esportes de representação, nas lutas, danças, entre outros modelos de trabalho com o corpo.

Seus objetivos estão envoltos de músculos, preparação física, emagrecimento, aprimoramento muscular etc. Como os estudantes que hoje procuram estes objetivos de funcionamento corporal pensam em imagens? Como eles entendem o uso de imagens em seu cotidiano? Quais olhares estão a procurar? Que espaço o olhar sobre o corpo ocupa nas imagens?

Como nos traz Neusa Gusmão (2013, p.09), em seu livro “Diversidade, cultura e educação”, “transformar esse espaço e suas práticas em fatos reais de

aprendizagem, capazes de fomentar uma educação não só voltada ao respeito à diversidade, mas de trânsito de diferenças.”

Pensar o que é visto como diferente parte da posição que quem assim o vê está, e cria assim sua imagem e as consequências ficam marcadas na cultura de uma sociedade. Assim, temos aqueles que estão a ocupar espaço de modelo que está alimentada pelo poder e, os muitos que querem se encaixar nestes modelos e outros que reforçam, salientam suas marcas diferentes que são opostas as dos modelos de poder e estão nas mesmas costuras com todos os conflitos que esses alinhavos causam e que deveriam ser vistos como possibilidades e desafios e não com desconforto e problema.

Somos diferentes e se assim fosse entendido não ficaríamos a buscar semelhanças e a criar categorias para encaixar cada um nesse ou naquele item, como já foi dito somos sujeitos de histórias que nos formam, que foram vividas e contadas para reforçar quem somos e o que fazemos. Cada corpo, cada música, poema, imagem, a comunicação faz parte da herança cultural e que se for valorizada nos diferentes espaços, aqui estamos tratando do cotidiano escolar, poderia fazer parte do repertório dos encontros de todos como referências e não como excentricidades.

Cada uma passa por sua história de sua maneira, não podemos ser iguais, essa necessidade é para de alguma forma querer homogeneizar e com isso ter domínio e reforçar a discriminação. Se o que se quer é a transformação, só podemos buscar o conhecimento de todos sobre todos.

São muitos os bordados, alinhavos, apliques e costuras que podem ser feitas neste espaço de debates e teorias para se falar de uma matéria-prima (no caso, o corpo), que de alguma forma se quer padronizar, encaixar, quantificar e rotular, aqui já bordado de forma rápida em seu bloco nesta colcha. Queremos estudar a imagem e as narrativas dos sujeitos aqui envolvidos nesta costura, neste processo e todas as diferenças que enriquecem os encontros e trazem abertura para muitos outros conhecimentos, são formas de descobrir, entender, se perder e vivenciar tudo o que se propõe e vai adquirindo diferentes sentidos para quem cria e quem testemunha.

Trazemos algumas fitas e linhas para laçar o pensamento da Educação Física, de imagens nos cotidianos nesta colcha e narrar as práticas sociais pedagógicas que se dão pelas mais diferentes relações, diálogos e encontros e transformações sociais que estão cerzidas no princípio ecologista de cidadania que valoriza as diferenças, incentiva a autonomia e o reconhecimento de direitos e deveres.

Neste enlaçar, temos consciência de que uma colcha pode ser de costuras aleatórias de retalhos com aplicações e enchimentos para aquecer, ou enfeitar, mas também temos a colcha feita a partir da construção de blocos para que por meio deles possa se contar uma história com narrativas tecidas, bordadas, justapostas e repletas de detalhes, na esperança de nada se perder e podem ser apreciados também em panôs, estandartes, bandeiras e toalhas. Como nos traz Amos Oz (2019, p.09) em seu livro do que é feita a maçã “salvar alguma coisa das garras do tempo e do esquecimento”. E ainda em Reigota; Possas e Ribeiro (2003, p.09):

Não podemos dizer que a intensidade do vivido de um é maior ou menor do que a do outro. Não podemos quantificar os significados do que é vivido por cada pessoa; no entanto, conhecê-lo torna-se fundamental na perspectiva da descoberta de uma história construída/vivida cotidianamente pelos sujeitos anônimos.

A costura precisa ser chuleada para que o tecido não se desfie, então, fica presa na pesquisa sobre o cotidiano desse conhecimento que procura cada vez mais trabalhar com a diversidade desses corpos, na contramão do pensamento de normalidade, de perfeito e de um determinado belo, procurando com isso uma forma prática de contribuir para realmente visualizar o ato de cidadania, logo, quais são as narrativas cotidianas de alunos e alunas de Educação Física sobre o uso e criação de imagens? Quais são os olhares que trazem para dentro da Educação Física?

Para responder esses questionamentos precisamos entender as costuras para além do ato de juntar materiais, como auxilia-nos a autora:

Entender o ato de costurar como agente de *ligação*, nos conduz à complexidade simbólica da costura. Ajuda a vê-la muito mais densa do que aparenta ser, além da simplicidade de sua técnica. A costura não liga apenas um material a outro, ela liga o artista/público que a vive a uma teia de significações. (BAHIA,2002)

A ação de coser com a Educação Física, na perspectiva de ecologista encontra vários caminhos, quando, na procura por deixar de lado a visão da disciplinadora, repleta de técnicas, formadora de atletas em nome da busca por saúde, pretende se apropriar das práticas corporais caras à disciplina em conjunto com outras práticas pedagógicas com o intuito de incentivar a empatia, a valorização da solidariedade, a importância das diferenças e equidade. E quando procuramos fazer um diálogo entre

a Educação Física os temas como diversidade e valores e o uso de narrativas, observamos em Reigota (1999, p.85-86) um suporte:

Creio que esses temas precisam ser discutidos com profundidade, não apenas por algumas pessoas dispersas e sem contatos entre si, mas por grupos e instituições voltadas para o estudo das questões contemporâneas que possam desfazer o emaranhado tornando-os um pouco mais claro, tendo em vista, repito, uma atuação política planetária, com base, em pelo menos, representações sociais mais elaboradas.

O conflito de ideias nesses encontros das práticas pedagógicas é natural e precisa ser interpretado como uma algo muito positivo, pois está fazendo o movimento e todo movimento não nos traz de volta ao ponto inicial da costura, será um novo furo, um novo caminho. Paulo Freire no livro “A Pedagogia da Solidariedade” nos auxilia quando traz “que é fantástico que a gente confunda os estudantes, quando estes têm orientações diferentes de diferentes posturas e leituras de mundo dos professores/as”. (FREIRE; FERREIRA, 2016, p.64)

O gesto, a linguagem corporal na Educação Física é carregada de informações, de detalhes, de significados representados pelos corpos envolvidos em um processo sugerido, essa soma de gestos que se encontram em um mesmo espaço vai formando algumas redes de conhecimento.

Tenho visto que os estudos sobre as formas de *ler/ver/ouvir* (OLIVEIRA, 2008) o mundo não pode querer reduzi-lo aos movimentos de execução ou reprodução, seria empobrecer as vivências no cotidiano da Educação Física. Oferecer o estudo das narrativas e criação de imagens para estudantes de um curso de Educação Física amplia o debate sobre a diversidade e a hostilidade, juntamente com as possibilidades de observar o mundo e auxiliar na formação de cidadãos.

Acredito que quando os temas ou motivo de estudo fazem sentido para aquele cotidiano, ele se torna autêntico para todos os envolvidos. As costuras vão se formando e desmanchando e então temos as muitas narrativas que tornam o instante o mais importante no processo. Como nos traz Nilda Alves (2019, p.115) em seu texto imagens, sons e narrativas: criar conhecimentos e formar docentes de 2019:

[...] todas essas redes são ‘*espaçostempos*’ de reprodução, transmissão e criação de ‘*prácticasteorias*’ que se articulam, permanentemente, embora com intensidades e sentidos diversos. Todos nós, nesses diferentes ‘*espaçostempos*’, somos ‘*marcados*’ pelas relações que mantemos com muitos outros ‘*praticantespensantes*’ em múltiplos e complexos ‘*mundos culturais*’ (AUGÉ, 1997; ALVES, 2014) que nelas são criados e re-criados.

Todas estas redes são, assim, entendidas como de '*prácticasteorias*' pois percebemos que nelas são criadas, permanentemente, práticas necessárias e possíveis ao viver cotidiano e intimamente relacionadas à criação de formas de pensamento a que podemos chamar 'teorias'.

A colcha pode ser feita de diferentes maneiras, como aqui já foi dito precisamos enlear os tecidos e isso pode ser feito da maneira que quem está a costurar desejar, assim como muitos têm essa liberdade no processo educacional do cotidiano escolar. Tudo que está sendo usado para enlaçar faz parte dessa colcha dessa rede de conhecimentos que são os variados espaços de conhecer e os diferentes conhecimentos explorados e criados.

Então, o cotidiano escolar fica por nós entendido, com auxílio de Alves (2002) e Oliveira (2001), ser espaço/tempo de saber e criação, como sendo de prazer, inteligência, imaginação, memória e solidariedade, precisando ser entendido também e, sobretudo, como espaço/tempo de grande diversidade. Os espaços/tempos são explorados pelos corpos e seus gestos são produções de saberes, criações, memórias, representações e significados, onde ações diversas estabelecidas por nós pesquisadores e todos os sujeitos nas redes de conhecimento (FERRAÇO, 2001).

No cotidiano o uso de narrativas e imagens são estudadas profundamente como "possibilidades pedagógicas, políticas e de produção de conhecimentos e sentidos sobre a sociedade em que os sujeitos vivem e atuam como profissionais e cidadãos" (REIGOTA; PRADO, 2008, p. 124).

Ao querer levar para o curso de Educação Física um repensar da prática, temos que de alguma forma levar para os alunos e alunas, caminhos para outras formas de ver e de criar na Educação Física que vai muito além de técnicas e normas. Vai à procura de um processo criativo de construção de saberes e possibilidades que exigem outras formas de observar de aprender e de entender que as diferenças são que permitem o conhecimento, respeitando o que se entende por multiplicidade. Como observamos em Daolio (2013, p.129):

A Educação Física plural parte da consideração de que os alunos são diferentes e que as aulas, para alcançar todos os alunos, devem levar em conta essas diferenças". "O que torna os alunos iguais é justamente sua capacidade de se expressarem diferentemente.

São nos estudos sobre inclusão, diversidade e imagens, que queremos poder contribuir para a ampliação do diálogo sobre as diferenças, a criação de imagens que

estejam relacionadas com a Educação Física, inclusão e o pensamento ecologista, que envolve, temas voltados para a cidadania, valores da cultura de convivência.

Essa imagem segue com algumas normas para melhor visualização na exposição futura, já que elas ficam expostas por duas semanas em uma área de grande circulação da mantenedora da faculdade. As imagens devem ser acompanhadas de um texto descritivo sobre a construção da ideia, quatro fotos da montagem, sendo do local antes da montagem, duas fotos dos alunos e alunas envolvidos (as) no processo e o produto final.

Durante o período de aulas temos vários momentos sobre o estudo de imagens e apresento muitas das mais variadas formas e expressões, o estranhamento do começo da proposta ainda permanece em alguns alunos e alunas e os comentários são os mais diversos:

*- Para mim a imagem estava lá e pronto.*

*- Nunca pensei em perceber o que compõe uma imagem, nem sobre cores ou objetos que ali fazem parte.*

*- Vou “viajar” professora!!!! Acredito que a imagem mostra o que a menina não vê.*

*- Nossa! Eu não consegui ver as observações que a Joana fez.*

*- Professora, espera um pouco que eu quero entender o que o Marcos falou.*

Em um desses momentos eu me dirigia à sala de aula no corredor já estavam quatro alunos meus a minha espera, para me contar sobre imagens que eles tinham pesquisado e mostrado um para o outro. Fui ouvindo a caminho da sala tudo que eles relatavam. Confesso que eu estava gostando do interesse deles em querer dividir comigo seus pensamentos. A imagem era uma mesa coberta por uma toalha rosa e vermelha com um círculo de metal e dentro dele várias bolas de gude coloridas em tons vibrantes e um boné ao lado do círculo.

João começou a comentar comigo sobre as cores fortes que apareciam e estavam realçando o que a pessoa que tirou a foto quis passar.

Eu perguntei: *- o que a pessoa queria passar com essa imagem?*

Ele olhou para o amigo e me disse: *- Acho que ele queria falar sobre egoísmo?*  
Eu perguntei por que ele achava isso?

*- Ah! Professora, quando eu vi esse arco e o boné eu pensei fechou o cara não divide nada com ninguém.*

Matheus que está do lado interrompe e coloca: - *Não é demais, professora? Olha a ideia do “cara” com ênfase na voz.*

Logo atrás vinha Cesar. - *Professora! “Brisei” agora.*

Fico em silêncio, peço desculpas e pergunto: - *O que é brisar?*

- *Professora, brisar é viajar no pensamento, perder a noção do tempo.*

Afirmo que entendi e pergunto;

- *Então o que o seu brisar te trouxe?*

- *Nossa, imaginei que as cores podem trazer uma informação o vermelho é uma coisa e o rosa outra.*

Agradeço ter sido recebida de maneira tão calorosa e elogio o interesse deles pelas fotos e que eu estava à disposição quando quisessem conversar sobre o assunto. Mesmo depois de ter terminado o semestre, Matheus sempre quis fazer as imagens para as outras exposições.

Quando se faz a solicitação da criação das fotos, percebe-se, por parte de alguns alunos e alunas, uma preocupação em relacionar os temas e por outros, uma dificuldade em sair do senso comum e querem se assegurar nos espaços físicos considerados da Educação Física.

- *Faremos a imagem no campo de futebol, para deixar claro que estamos querendo falar de cooperação, já que é um ambiente competitivo.*

- *A cadeira de rodas representa a inclusão.*

- *Vamos fazer na piscina para mostrar liberdade.*

Outra dificuldade presente é a necessidade de classificar objetos, para que a pessoa que observa entenda o que eles querem transmitir. Sentem dificuldade de compreender que cada um, ao observar a imagem, fará uma leitura diferente sobre a mesma.

Como por exemplo:

- *Professora, posso colocar palavras na foto para identificar a ideia?*

- *Posso colocar um cartaz junto dos objetos?*

- *Podemos colocar os pesos de musculação com as letras do alfabeto;*

Muitas conversas, criações e problematizações sobre como e o que fazer, inspirações, pirações, medos e desconfortos, o semestre e permeado pelas imagens. Na data da exposição, as fotos são expostas e eles passam por uma entrevista feita por mim e outros alunos e alunas de períodos diferentes, na qual são questionados

sobre seus olhares, sobre a imagem, o tema na perspectiva da Educação Física ecologista.

Logo após a exposição é feito um encontro com os criadores e suas obras para debatermos os temas envolvidos e as propostas criadas com as imagens e textos.

As imagens aqui apresentadas foram costuradas onde me tocaram em diferentes momentos, pois aconteceram em datas variadas, elas apresentam a mesma forma, que a que foi solicitada para todos. Imagem centralizada com uma moldura preta no contorno para que ficasse evidenciada a foto, junto à foto, o aluno, a aluna entrega um texto de no mínimo 12 linhas sobre a proposta, de onde veio a ideia, a escolha do espaço, as cores e tudo que ali está posto. Algumas imagens estão no período do isolamento e outras antecedem esse momento.

Os alunos e alunas poderiam escolher se queriam fazer individualmente, em dupla ou em trio a foto. Interessante observar as influências de suas histórias na imagem.

Aqui a narrativa virá antes para que o leitor a leitora possa também de alguma forma fazer o exercício de criação a partir do texto.

Sonia é uma menina ativa e interessada, a mais nova da sala, isso a incomoda, pois ficam chamando-a de novinha, mas ela se orgulha de já estar ali. Todas as suas imagens sempre trouxeram um olhar sobre o tema de forma política e humana. Em seu texto temos:

*“O meu pensamento sobre isolamento é você se privar de coisas e se afastar em relação a sentimentos e acontecimentos. Quando penso nisso, e relacionando com a foto, é que das três xícaras que representam pessoas, duas estão impedindo que a água entre nelas, enquanto a do meio enche e molha inteiramente. Sendo assim, acho que a água pode ser desde coisas boas até as coisas ruins que as pessoas se privam e se afastam ou se completam. Ainda no pensamento de isolamento, mas, dessa vez focalizando nos dias de hoje, penso em uma chuva de perdição e lamuria que alcançam algumas pessoas e mesmo que as outras sendo atingidas, não absorvem nem se preenchem com isso. Contudo, minha ideia veio mais do sofrimento e da privação que o isolamento traz, buscando a representação de que a água/chuva que cai sobre as xícaras, são problemas que as pessoas decidem ou não se privarem ou se conseguem ou não se afastarem. As xícaras são do mesmo modelo (representando a humanidade, pessoas) mas, suas alças e desenhos as deixam singulares. A singularidade é preconizada também pela forma que elas são*

*atingidas pela água. Uma coisa que é possível e, também, foi pensada durante a produção da foto é que as pessoas/xícaras atingidas não necessariamente estão enchendo por vontade própria, mas sim da posição e recursos que essas têm para se defender e privar. (Figura 22)”*

Figura 22 – Xícaras



Fonte: Registro da autora

Joana coloca sempre sua opinião com força e intensidade, traz em sua imagem (Figura 23) sua potência.

*“Os últimos acontecimentos no mundo nos trouxeram grandes sentimentos, negativos e positivos, sendo assim cada indivíduo pode perceber novas sensações sobre o inesperado.*

*Isolar-se vai muito além de não poder abraçar ou beijar quem amamos, é perceber que a rotina maçante na qual somos obrigados a fazer parte, consumiu nossos valores e sentimentos puros, aqueles que temos quando somos crianças e não entendemos que o mundo nos cobra grandes responsabilidades, e que crescer é lutar diariamente para conquistar todas elas, mesmo que não façam parte do que almejamos para nossas vidas.*

*Dessa forma, isolamento para mim neste momento, foi reconhecer o quão estávamos condicionados a priorizar o nosso egocentrismo, e isolar-se foi trazer o respeito mútuo à tona, a apreciar a solidariedade, a enaltecer o valor de nossas famílias e a se importar de fato com os cuidados com nós mesmos e com o próximo. Também pude entender que o medo, a frustração e todo o negativismo que a sociedade apresentou, se fez presente para todos, estamos no mesmo barco e a necessidade de estender a mão é prioritária na atual situação do planeta.*

*O copo simboliza o mundo destruído decorrente ao vírus, o “apontado” do lápis em preto representa o vírus impregnado no planeta, e o apontado colorido ao redor, representa a diversidade, a união e a solidariedade.”*

Figura 23 – Vírus



Fonte: Registro da autora

*“Pensamos com muito carinho nessa foto, pois esse tempo tem sido bem diferente e importante para todos nós. E diante dessa pandemia, de muito discurso de ódio, da falta de empatia, desse distanciamento social e dessa falta de esperança que vemos em muitas pessoas ao nosso redor, temos para nós a convicção de que não podemos e nem devemos perder a nossa essência nesse momento tão crucial, devemos ser luz e continuar a ter esperança de que dias melhores virão, e que após esse tempo, iremos acordar e passar a ver o mundo de outra forma.*

*Nossa foto contém várias lâmpadas, num breu total. Algumas delas brilhando e iluminando tudo ao seu redor. Algumas apagadas, sem força, sem esperança, sem fé e sem acreditar em dias de luz maior.*

*A partir daí nós somos as acessas e temos o dever de iluminar os nossos parentes, nossos amigos, pessoas que amamos e que vivem conosco diariamente, trazendo de volta a esperança e o amor para todos nós, a maior lição que tiramos dessa foto e desse isolamento é que: **jamais devemos deixar de ser luz, mesmo em dias de escuridão, devemos buscar ser e fazer o nosso próximo brilhar.** (Figura 24)”*

Figura 24 – Luz



Fonte: Registro da autora

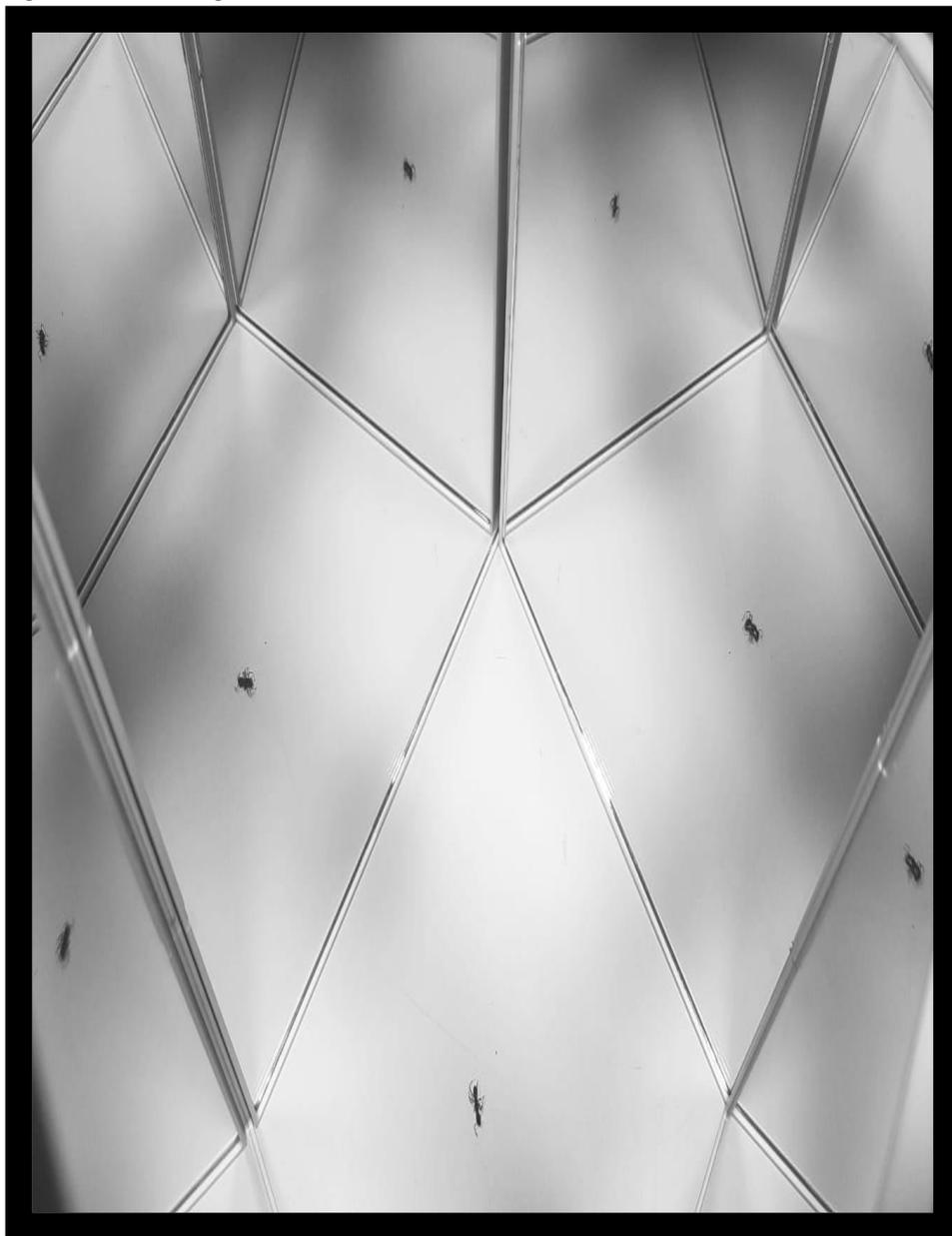
Aqui este trio sempre foi participativo e comunicativo nas aulas, a todo momento elas falavam da dificuldade de trabalhar com a formiga, mas que era algo que elas não mudariam de forma alguma na imagem (Figura 25).

*O isolamento social possui opiniões diversas, cada pessoa com o seu senso crítico, seja ele positivo ou negativo. Vai depender de sua vivência e suas experiências de vida. Do olhar e de quem for analisá-lo. Estamos em um grupo de 3 pessoas, no qual cada integrante tem sua visão, e a sua percepção, juntamos nossas ideias e pegando um pouco de cada um, e montamos a nossa imagem.*

*A nossa imagem é composta por espelhos, uma formiga e fochos de luz. No qual o foco principal é a formiga. A ideia de usar o espelho foi para mostrar que o espelho reflete a nossa imagem, onde analisamos e vemos nos como aparência. Se formos a fundo, começamos a pegar os detalhes de nós mesmo. A formiga por ser pequena nos representa diante o imenso universo, que diante a situações que existem, somos pequenos, mas com uma força e vontade de lutar muito grande. E que apesar de tudo, temos a união igual as formigas. Cada formiga tem o seu formigueiro.*

*Diferente de nós, temos nossas crenças, ideia, um diferente do outro, mas sempre respeitando o próximo. A criação tem como intuito transmitir o momento atual que estamos vivendo, buscando enfatizar não só a parte ruim de se isolar diante a sociedade, mas sim o momento de si mesmo, o autoconhecimento, a reflexão, e as várias formas de pensar, não somente sobre a situação, mas além disso, expandir-se como pessoa.*

Figura 25 – Formigas



Fonte: Registro da autora

Caetano é muito expansivo e coloca de maneira muito sincera e humilde sua opinião, ao enviar seu trabalho quis enviar mais de uma imagem (Figuras 26; 27; 28).

*O sistema quer que você seja o padrão e não o martelo*

*Em questão ao isolamento, vejo pelo mesmo lado, porém, levantando o ponto da falta de empatia e solidariedade pelos demais. Quando criança questiona o porquê de os peixes ficarem presos nos aquários e não soltos em lagos/rios/mares, e ao pensar sobre a ideia do que faria, lembrei desse questionamento, afinal, é o que estamos passando hoje.*

*Tentei passar a ideia de que ficando em casa, você realmente irá “florescer” irá preservar a sua vida e os demais indivíduos que ali residem. E de outro lado você ficando sem necessidade, irá causar o desmatamento não somente de você, mas dos demais, inclusive das pessoas que realmente precisam estar por conta de trabalho e outros afins, representado pela folha verde do lado de fora.*

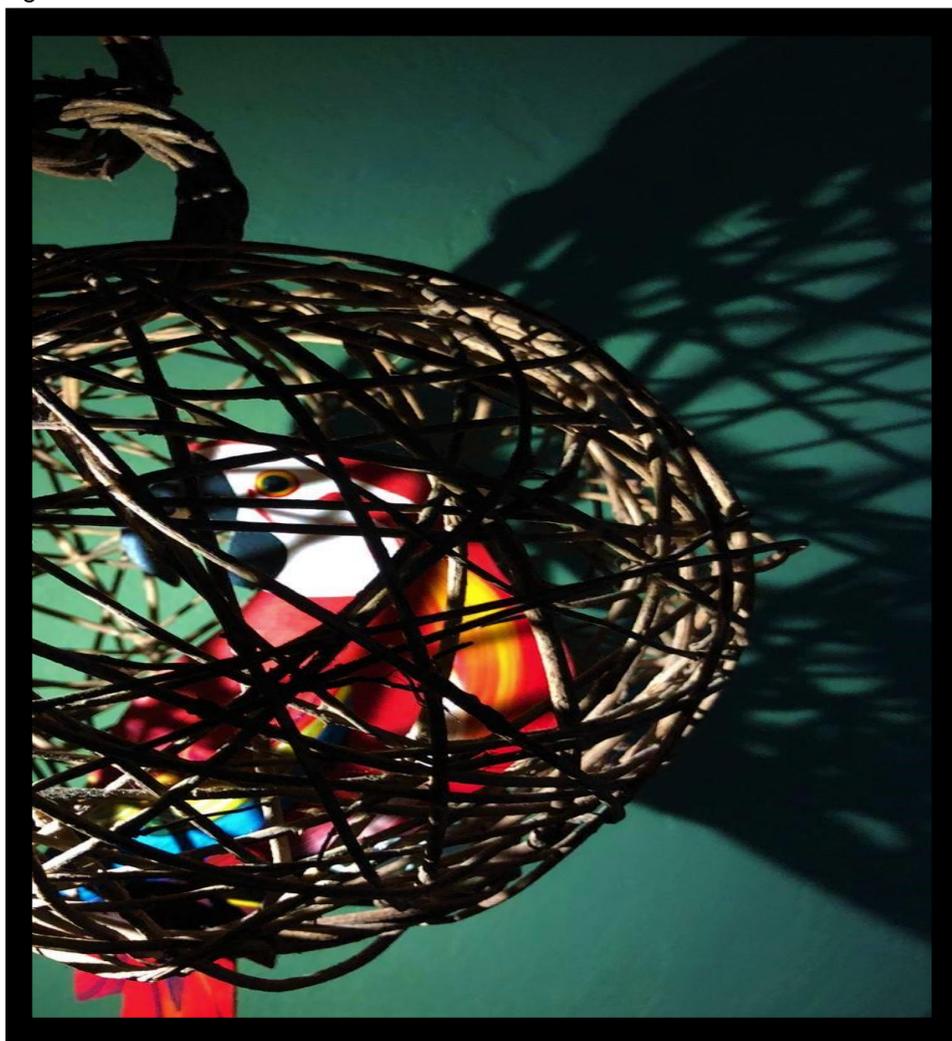
*Ultimamente vejo muito isso, vejo pessoas hipócritas militando em internet sobre ficar em casa e dias depois estão curtindo achando que quarentena é férias, inclusive pessoas da FEFISO que deveriam ser exemplo, mas enfim, essa foi minha ideia. Em relação as outras fotos, essas ideias vieram sobre um pouco da minha percepção de exclusão, e um pouco do que vejo cotidianamente. Onde todo momento há pessoas fazendo “panelinhas” e excluindo os que não se encaixam no padrão imposto. Enquanto outras estão no padrão, querem sair dele, admiram os diferentes. Usei como inspiração um artista que eu já curtia bastante, e o Kleber (professor de Educação Física, Qualidade de Vida e Meio Ambiente) veio a lembrar em um dos documentários pedidos para assistir, o Vik Muniz. Sempre tive um interesse pela arte dele por fazer do lixo, uma obra, então peguei coisas de casa mesmo e tentei dar essa impressão, mesmo com o “pouco” tentei fazer algo diferente. Enviarei as fotos com os nomes que “dei”.*

Figura 26 - Martelo



Fonte: Registro da autora

Figura 27 – Preso no ninho



Fonte: Registro da autora

Figura 28 – Não esquite com o padrão seja você mesmo



Fonte: Registro da autora

Manoel é um menino que pouco falava na aula, mas que a cada atividade, me encantava sua criatividade e seus textos. Mandou uma mensagem ao final do curso contando sobre como foi para ele as atividades com foto e que elas despertaram nele outras habilidades que o deixou muito feliz. O tema aqui era em tempos de ódio amor é revolução. As fotos (Figuras 29; 30; 31; 32) a seguir têm como tema: Em tempos de ódio amor é transformação.

*Tive a minha inspiração olhando a flor, um símbolo de vida, um ciclo, onde ela começa como uma semente e depois vai crescendo, onde vem a florar, chega então a estação onde vem a murchar, mas logo depois flora novamente, isso simboliza o amor, que é um sentimento que nasce no coração como um sentimento pequeno mas com o decorrer do tempo vai crescendo, e um momento pode vir a murchar mas se for verdadeiro vai voltar a crescer.*

*O fogo simboliza na foto o ódio, como algo que queima e destrói, como esse sentimento que vai corroendo por dentro, se torna um fogo incontrolável, onde tudo ele destrói, e no mundo onde o ódio vem crescendo, já não vemos mais flores como antes. Ódio o sentimento motivado pelo medo, raiva ou injúria sofrida, onde isso se torna um sentimento destrutivo, pois tudo é tratado com raiva, onde qualquer coisa que sai do seu controle lida um motivo para sentir ira.*

*O amor, sentimento onde não se tem uma explicação direta para ele, onde o amor pode ser um afeto com um indivíduo ou afeição, como sentimos por uma namorada ou nossos pais, uma consideração que sentimos por um amigo muito próximo, amar e cuidar do outro, de algo, e ter a felicidade se sentir leve, dar risada por coisas bobas, ter amor por viver, não ter ódio das coisas que dão errado.*

*Por isso em tempos de ódio é preciso se amar, pois em um ano onde nada se deu certo, onde tudo que avia sido planejado se foi, e fomos obrigados a se resguardar para a segurança pessoal e de todos, e vimos pessoas com ódio de tudo, por isso ter acontecido, pois seus planos deram errado, e temos a coisa certa a se fazer, ficamos felizes, onde tivemos um momento de reflexão sobre a vida, onde uma coisa pode mudar tudo, inúmeras mortes, e tivemos que saber amar, a família, os pais quem está perto que te valoriza como pessoa, sentir o sentimento sem explicação, saber amar.*

Figura 29 – Fire Flowers



Fonte: Registro da autora

Antonio é um menino que trabalha muito e sempre estava atrasado para entrar nas aulas on-line e nas atividades. Mas, era participativo e procurava sempre questionar as atividades e os temas estudados.

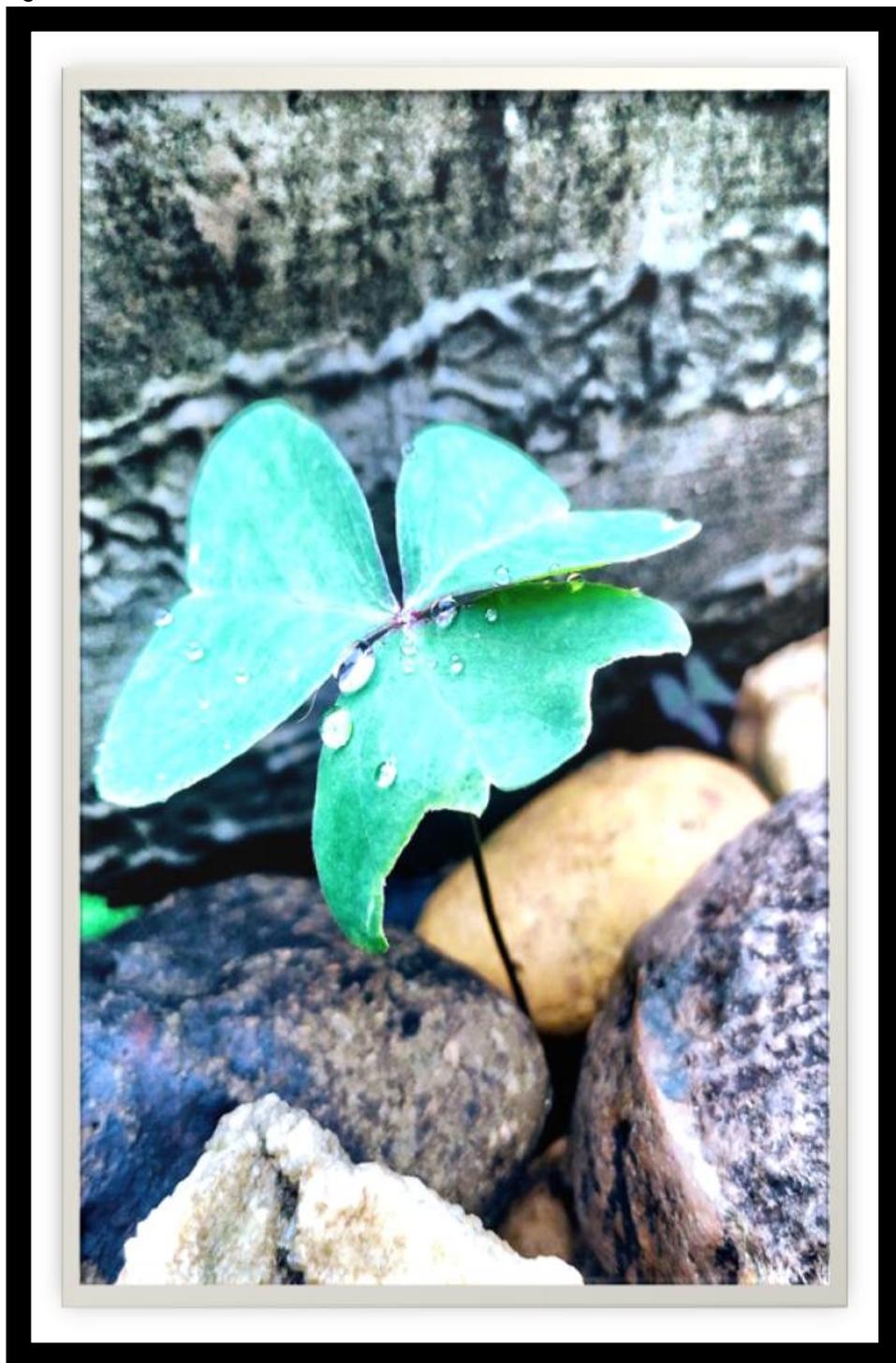
*Minha inspiração para essa foto veio, justamente, de uma conversa com minha avó que ocorreu há alguns anos. Na ocasião, eu havia perguntado a ela, como era possível uma planta nascer em meio ao concreto seco e duro, ela me deu uma explicação mais técnica que emocional, mas hoje, eu também consigo enxergar algo que não vi na época e, até pouco tempo atrás, não perceberia também: a dificuldade e o que levou a planta a crescer ali.*

*Com esta foto, eu quis trazer, justamente, a questão da dificuldade de desenvolvimento e apoio aos excluídos, presente em nossa sociedade e, além disso, demonstrar que um simples ato, pode mudar tudo. Sendo assim, as pedras (preconceito, ignorância) são obstáculos enfrentados pela planta (pessoa excluída) que, graças às gotas de água de uma chuva (amor), consegue se desenvolver e crescer bem, apesar de tudo.*

*Em um meio social em que as pessoas se preocupam, cada vez mais, com si mesmas, é possível observar as consequências disso. Nesse ambiente individualista, enxergamos problemas graves como o preconceito e o “fazer de tudo” pelo benefício próprio. Infelizmente, isso só piora a situação dos nossos semelhantes que são julgados erroneamente como inferiores e são deixados de lado.*

*É notável que, atualmente, temos uma maior visibilidade para projetos de inclusão social e muitas pessoas sabem a importância de tais. Porém, não é somente dessa forma que é possível ajudar. Em nosso cotidiano, é possível encontrar diversas situações em que qualquer ajuda faria uma enorme diferença, cabe a nós, ajudar os que não estão bem incluídos, a se sentirem parte de algo ali como qualquer outra pessoa, seja um aluno novo na escola, um homem negro sendo vítima de piadas de mau gosto ou um morador de rua que necessita de ajuda. Pensar no próximo, não é só um ato de uma boa pessoa, é um ato de amor, que pode, através mesmo que de pequenos atos, transformar a vida de uma pessoa em algo muito melhor e feliz.*

Figura 30 – Ponto Planta



Fonte: Registro da autora

Volto com Manoel, pelo texto e pela simplicidade da imagem.

*Bem, a criação dessa semana busquei ainda mais me renovar e pensar com um olhar mais criativo, semana passada meu foco foi muito em sair da caixinha, sabe, buscar inovações fora de casa, que olhando novamente não finalizei como eu gostaria, às vezes os simples detalhes mais trabalhados e dedicados podem fazer a diferença em uma foto.*

*Então busquei seguir minha linha de pensamento que apresentei em todos os temas até agora, eu gosto como cada foto se completa e como cada uma mantém a minha própria ideia, e opinião colocada em imagens e textos, por isso minha criação dessa semana, com base no tema de inclusão, manifesta ainda minha ideia de que as diferenças não são algo negativo e sim algo que nos completa, que nos faz únicos com cores distintas, afinal a Inclusão acontece quando se aprende com as diferenças e não com as igualdades. Assim montei minha imagem, seguindo a retratação dos seres humanos, eu vejo os lápis de cores como pessoas, diferentes de diversas cores e sentidos, a árvore em si representa o mundo, a arte, eu queria na real juntar esses dois pontos e mostrar que até as cores mais aleatórias possíveis dos lápis de cores podem fazer um desenho tão lindo e diferente, esse é o sentido sabe, juntos, conectados e em prol de um objetivo eu acredito sim que podemos fazer o mundo melhor, mais inclusivo, mais amoroso, mais colorido. Espero ter retratado bem minha ideia, obrigado.*

Figura 31 – Cores



Fonte: Registro da autora

Clóvis, é mais velho já tem é formado em outro curso, é muito educado e interessado em todas as propostas que oferecemos. Nas imagens, tínhamos uma regra de não colocar corpos, pois alguns alunos tiravam fotos de pessoas sem pedir autorização e gerava uma situação desagradável e que não é permitida por lei, mas a partir dessa sua foto comecei a pensar em partes do corpo.

*“Ser diferente não é um problema, o problema é ser tratado diferente”. Mas lembrando que, não somos diferentes em nada a não ser no estilo, na orientação sexual, no modo de se vestir, na opção religiosa, na língua que cada um fala. Essa foto eu acabei tirando em casa no meu quarto e usando sandália da minha esposa, aliás, quem passou o esmalte foi ela. Isso é para mostrar que não devemos ter apenas discursos bonitos, falsos, ideologias, mas sim lembrar que o exemplo começa em casa. Não me julgue pelo sapato bonito que eu uso também não me julgue por usar esmalte ou usar sandália com flores, muito menos pela tatuagem de caveira, pois ela não representa a morte como muitos julgam saber. Existe um ser humano por trás de tudo isso, existem grandes ideias, pessoas que dependem dessa pessoa. Então jamais seja preconceituoso, respeite o seu próximo pois, se você nunca foi tratado de forma preconceituosa é porque alguém o respeitou e o aceitou como você é.*

Figura 32– Julgamentos



Fonte: Registro da autora

Afonso em todas as suas fotos ele desenhou e aplicou algo diferente. Ele é um aluno que abre a câmera interage, questiona e sempre tem algum exemplo para contar aos outros.

*Compromisso, comprometimento, comprometer-se, são todas as palavras que se encaixam bem na atualidade vivida por todos nós, acho que o compromisso vai muito além do ato de comprometer-se apenas com coisas físicas ou com pessoas, podemos ir além e falar que compromisso, em minha opinião, pode ser consigo mesmo, com objetivos, com a cultura, país, momento, com a alma. Essa é uma palavra muito abrangente com um enorme significado, puxando um pouco para inclusão, vejo isso como, sabe, um formato de se colocar, ou criar um objetivo, um vínculo ou assumir esse grande poder de pelo menos procurar entender como futuros professores todo o processo de inclusão de todas as diversas partes, procurar se transformar, mudar, aceitar e respeitar todas as partes, afinal, simples detalhes, momentos e ações podem fazer total diferença na vida de um ser humano, é simples, em tempos de ódio, o amor é transformação. Minha foto retrata o maior compromisso que a humanidade tem consigo mesmo nesses tempos de pandemia, com relação à máscara, compromisso que vai muito além de cuidar de si, mas cuidar do próximo, da família, do futuro, essa é a verdadeira relação de comprometimento com o mundo.*

Figura 33 - Sufoco



Fonte: Registro da autora

A cada imagem, a cada foto representada percebemos a importância do debate e do diálogo na/da prática pedagógica, o quanto esses momentos trouxeram para muitos alunos e alunas outras formas de ver/sentir o conhecimento, muitos fazem questão de externar suas opiniões sobre o início do processo e o final. É interessante verificar estudantes que já passaram por esse processo em outros semestres, quererem saber sobre o tema, visitarem a exposição, conversa com aqueles que estão no processo sobre como fizeram e vivenciaram essa experiência. Sabemos da importância de se trabalhar com imagens nos cotidianos e queremos sempre poder levar o que estudamos e os autores e autoras que conosco dialogam, na perspectiva de Paulo Freire, “quanto mais, a universidade estimular diferentes formas de pensar, de sonhar, tanto mais os estudantes terão a possibilidade de fazer escolhas no futuro.” (FREIRE; FERREIRA, 2016, p.35)

Neste momento outras turmas se envolvem conosco no processo de debate e criação de imagens na perspectiva ecologista na Educação Física.

Figura 34 – Urdiduras



Fonte: Elaboração própria

## BLOCO URDIDURA

Carrossel de horrores, tudo te, faz refém.  
 Motivos pra chorar, até a bailarina tem.  
 O início já é o fim da trilha.  
 Até a Alice percebeu que não era uma maravilha;  
 (MCCesar. Canção infantil. Disponível em  
<https://www.youtube.com/watch?v=Ri-eF5PJ2X0>)

Quando dois conjuntos de fios, que estão ajeitados na vertical e na horizontal, se entrelaçam para formar um ângulo reto, agudo ou obtuso, os primeiros são chamados de tramas que estarão passando entre os fios fixos chamados de urdumes. Como nos explica Tanya Robin Batt (2012, p.07) em seu livro, “Tecidos dos contos maravilhosos, contos de lugares distantes”,

Observe que a urdidura é aquilo que é constante e imutável, ao passo que a trama é constituída pelos fios de cores claras e escuras, cuja dança cria padronagens cheias de vida e desenhos intrincados. São os fios que dão forma, cor e textura a nossas vidas.

Para essa tessitura escolho a urdidura e quem diz que o silêncio é a melhor resposta? Neste momento a trama é o vídeo Canção infantil do MC Cesar, um MC nascido no Espírito Santo, que nesta música faz uma analogia entre as histórias infantis tão conhecidas e a realidade da sociedade brasileira. Quando vi este vídeo pela primeira vez, fiquei muito impactada pelo que ele trazia como letra, imagens e melodia. Resolvi apresentar na aula no mesmo dia e assim o faço. Fico a observar os alunos e alunas, diante da música e do filme, alguns visivelmente abalados, outros cantando, outros com olhos atentos, outros no celular a divagar, outros dedilhando a música. Quando o vídeo acaba, peço que relatem no papel o que sentiram ao assistirem ali juntos. Eles me entregaram.

“A canção infantil é uma beleza,  
 Com muita paz, alegria e amor na letra.  
 Mas, não só de alegria sai o verso na caneta,  
 Tem o ódio e a mentira que correm a cabeça  
 .... Espero um dia tudo mudar,

Que todas as crianças possam voltar a sonhar  
Que o mocinho passe inspiração  
Ou quem sabe também o vilão...”

“A culpa é nossa pois plantamos mentiras,  
Ilusões, é preciso voltar a essência, a inocência.

Ser um mundo com menos julgamentos para que possamos ser uma sociedade melhor.”

“...As pessoas estão distantes uma das outras. Me causou impacto, porque é uma realidade presente demais e lutar contra esse desamor tem sido cansativo, quando se trata, também de se blindar para não se poluir com isso.”

“Eu não aceito essa realidade, eu vou mudá-la; vou fazer meu próprio conto de fadas.”

“Forte, muita verdade!”

“Tá aí a mais pura verdade, a gente que é negro é visto assim, sempre que passa está devendo, nós não estamos nos contos de fadas deles.”

Paulo se aproxima e me entrega sua folha, me diz:

*- Profe fiquei muito feliz de tá ouvindo essa música aqui na aula, eu tava olhando do lado e tava todo mundo curtindo. Eu curto muito essa música ela fala de muita coisa que está na cara de todo mundo. Eu sigo o MC Cesar no Instagram e ele é muito fera, mandei um direct para ele dizendo que aqui na cidade de Sorocaba a gente estava ouvindo numa aula onde a gente debate sobre as injustiças. Acho que ele não vai ler, mas mandei...*

Sou interrompida por uma dúvida de uma aluna e não vi Paulo sair. Procuo sua folha para ler o que ele escreveu, pois fiquei curiosa, mas como elas não precisavam ser identificadas, não sei qual era a dele. Ao ler todas elas, percebo que o impacto do vídeo não aconteceu somente em mim.

Foram muitos encontros realizados, nos quais vários temas foram apresentados, desmembrados e debatidos, antes da apresentação desse vídeo.

O nosso primeiro encontro aconteceu no início de agosto de 2019, na Faculdade de Educação Física da ACM de Sorocaba, aqui já mencionada, onde me apresento e conto um pouco da minha trajetória, o porquê estou ali, sem deixar de mencionar o entendimento que tenho dos meus privilégios, que vão além do curso superior, das oportunidades com esportes e dança, de ter uma família presente, de ser branca, das oportunidades que tive até estar diante deles e que elas aconteceram em razão desse espaço ocupado pelos meus pais, peço que eles façam o mesmo.

Passado esse momento, trago à tona o componente curricular que iremos abordar nos encontros, chamado de Relações Étnicas e Educação Física, que tem na lei 10639/2003 <sup>12</sup> visando tornar obrigatório o ensino sobre “história e cultura Afro – Brasileira” e também da lei 11.645/2008 <sup>13</sup> que trata da história e cultura “Afro-brasileiro e indígena”, sua base de estudo. Utiliza-se das diretrizes curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana<sup>14</sup>, para auxiliar nas orientações no processo de planejamento.

Procura-se entender as diferenças étnicas e raciais, em diferentes contextos, por outros caminhos que vão além daqueles aprendidos. Estes caminhos que são as informações, ações e imposições que partem dos estudos acima da linha do Equador, que reforçam a ideia do colonizador que contribuiu para formar a sociedade atual que entende sua origem, sua história e sua formação social e política, somente por um viés de origem europeia, com suas maneiras de ver o mundo, como diz Frantz Fanon em seu livro “Os condenados da terra”:

O colonialismo, que não matizou os seus esforços, não deixou de afirmar que o negro é um selvagem e o negro, para ele não era angolano nem nigeriano. Ele falava a língua negra. Para o colonialismo, o vasto continente africano era um antro de selvagens, uma região infestada de superstições e fanatismo,

---

<sup>12</sup> Altera a lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "história e cultura afro-brasileira" e dá outras providências.

<sup>13</sup> Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.

<sup>14</sup> Para informações sobre Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana consultar o link: [https://download.inep.gov.br/publicacoes/diversas/temas\\_interdisciplinares/diretrizes\\_curriculares\\_nacionais\\_para\\_a\\_educacao\\_das\\_relacoes\\_etnico\\_raciais\\_e\\_para\\_o\\_ensino\\_de\\_historia\\_e\\_cultura\\_afro\\_brasileira\\_e\\_africana.pdf](https://download.inep.gov.br/publicacoes/diversas/temas_interdisciplinares/diretrizes_curriculares_nacionais_para_a_educacao_das_relacoes_etnico_raciais_e_para_o_ensino_de_historia_e_cultura_afro_brasileira_e_africana.pdf)

digna de desprezo, carregada de maldições divinas, lugar de antropófagos, lugar de negros. (FANON, 2015, p.245).

Esses estudos provocam relações desiguais que estão presentes ainda em nossa sociedade, com histórias de que os povos originários e africanos deveriam ser escravizados, pois eram a essência do mal (Fanon, 2015), eram muito diferentes e estereótipo estava colocado e sempre reforçado, mas a ideia de explorações de terras e de mão de obra sempre esteve em primeiro lugar, tirar os bens, sua essência, suas verdades o que aconteceu com os povos originários como nos coloca Aimé Césaire em seu livro discurso sobre o colonialismo, onde ele discursa sobre as relações de poder e submissão:

Mas eu falo de economias naturais, economias harmoniosas e viáveis, economias na medida do homem indígena que foram desorganizadas, culturas alimentares destruídas, subnutrição instalada, desenvolvimento agrícola orientado para o benefício único das metrópoles, roubo de produtos e de matéria prima. (CESAIRE, 2020, p.25).

Neste processo de conflitos, humilhação, estupros, abusos de poder de um grupo sobre outro que deixou marcas, vistas hoje pela falta de conhecimento, de informações que geram preconceitos, discriminações e estigmas. Como trazem Boaventura Souza Santos e Maria Paula Meneses no livro organizado por eles denominado Epistemologias do sul, logo na introdução:

O colonialismo para além de todas as dominações por que é conhecido, foi também uma dominação epistemológica, uma relação extremamente desigual de saber-poder que conduziu a supressão de muitas formas de saber próprias dos povos e/ou nações colonizados. (SANTOS; MENESES, 2010, p.19).

O conhecimento foi posto de uma forma que somente o que fosse interessar aos que estavam no poder deveria ser colocado para todos, em histórias, conceitos, representatividade e informações, seguiam um padrão e nada que fosse apresentado de forma diferente de pensar, agir, refletir não seria considerado como importante ou validado. Luiz Rufino nos diz em seu livro Pedagogia das encruzilhadas

Esse contínuo que podemos ler nos termos do conceito de colonialidade é compreendido como legado de desigualdades e injustiças produzidas pelo colonialismo europeu. Ao destacar os aspectos concernentes à linguagem e aos saberes, enfatizo a dimensão da colonialidade que recaí sobre o caráter epistemológico. Essa face nos mantém dependentes do paradigma de saber eurocêntrico, nos impedindo de pensar o mundo a partir do modo em que vivemos e das epistemes que lhe são próprias. (RUFINO, 2019, p.37).

O que foi fundamentado não pode ser negado, mas pode ser enriquecido com outras contribuições de grande importância para a formação cultural, respeito e compreensão das diferenças. O que se espera são conhecimentos a serem apresentados por aqueles que no Sul estão, que dos colonizados vieram com suas percepções, vivências e compreensões de mundo, que partem de um olhar, tatos e sensações horizontais. Esse entendimento teórico que parte de um outro espaço, contribui para uma mudança coletiva na sociedade, que trama com outros fios, de outros lugares e texturas e que compreende que são pelas diversas relações que as mudanças devem ocorrer e por elas que teremos reflexões da importância de cada um ser o que é, com as suas peculiaridades e histórias.

Em todos os encontros a busca é incessante para levar aos alunos e alunas outras informações, outros autores e autoras, outros pensadores além do que eles já têm como verdade e que foi formado por uma única maneira em todo seu período escolar.

Faz-se necessário apresentar essas informações que não estão escondidas, mas omitidas e, se não forem contadas, compartilhadas e debatidas, acaba-se conhecendo somente um lado da história, uma fonte, uma verdade e como nos diz Chimamanda Ngozi, Conferência Anual – TED Global 2009 – de 21 a 24 de julho Oxford, Reino Unido, a história única é uma fonte de estereótipos “mostre um povo como uma coisa, como somente uma coisa, repetidamente, e será o que eles se tornarão” para a autora “ poder é a habilidade de não só contar a história de uma outra pessoa, mas de fazê-la a história definitiva daquela pessoa”.

O intuito é de trazer aos estudantes uma série de elementos da história por outras vertentes, de diferentes formas, à procura em provocar (ou não) diferentes criações e pensamentos na busca por trazer outros signos, outras linguagens, para que eles encontrem sentido, ou talvez não, nessa história contada por outros caminhos, outras tramas, outros tecidos que não é o do colonizador. Alike Wunder, Davina Marques e Alda Romaguera (2017, p.1549-1550) nos trazem no texto “Cirandas de Experimentações: giros que ressoam forças”. “A linguagem aqui é menos comunicação de um sentido preexistente e mais imersão na dança sempre contingente e inusitada da criação.”

E por que esse conteúdo em uma faculdade de Educação Física, onde se acredita, em sua maioria, que vai se pensar em corpo, somente na estrutura biológica, anatômica e fisiológica? Corpos fortes, bonitos, habilidosos, porém trabalhamos para

pensar em um corpo que ao mesmo tempo pode, deve e é criador, pensador e solidário. Corpo que dialoga com a ideia de quando percebemos e nos conscientizamos do nosso corpo percebemos e tomamos consciência do corpo do outro (RUSSO, 2010).

Mesmo assim, os alunos, as alunas sempre estão com seus olhos a questionarem o porquê estão estudando uma história que eles já viram na fase fundamental do período escolar.

Ainda nesse primeiro encontro, apresento o mapa do Brasil atualizado com localizações dos povos originários brasileiros de diferentes etnias e como sempre o espanto é grande e já afirmam que não imaginavam que existiam todos esses grupos.

Figura 35 – Mapa povos originários



Fonte: Mapa do filme Guerras do Brasil.doc.episódio1 - <https://www.youtube.com/watch?v=VeMISgnVDZ4>

Uma aluna fica tão espantada, que chama a minha atenção. Olho para ela e eu peço para que ela repita seu nome, pois a apresentação tinha sido há pouco tempo e eu não tinha guardado seu nome, que me diz ser Maura e pergunto por que está espantada.

Ela me pergunta: - *De onde vieram tanto índios? Eu só conhecia os Tupis.*

Antônio, fala do fundo da sala: - *Já ouviu falar nos Guarani?*

Rubens, afirma que conhece os Potiguara.

Pergunto se mais alguém conhece alguma tribo indígena? Silêncio

O que sabem sobre os povos originários? Fico a pensar...

Em seguida na mesma aula mostro diferentes localidades do mundo, especificamente de locais acima da linha do Equador, considerados modelos de prosperidade, mas que naqueles exemplos, apresentam algumas dificuldades, miséria e pobreza daqueles locais.

Logo após mostro outras fotos de países abaixo da linha do Equador, considerados subdesenvolvidos ou em desenvolvimento, só que naqueles exemplos, mostrando suas riquezas e fortunas. Peço, então, para eles identificarem de que localidades do mundo são aquelas fotos.

Não me causa espanto as respostas serem sempre previsíveis e equivocadas. Segundo os alunos e alunas, as fotos apresentadas de locais precários são de países abaixo da linha do equador e as de prosperidade são de países acima da linha do equador. Como nos diz Alberto Manguel (2001, p.27), no livro “Lendo imagens”,

O que vemos é a pintura traduzida nos termos da nossa própria experiência... Só podemos ver as coisas para as quais já possuímos imagens identificáveis, assim como só podemos ler em uma língua que a sintaxe, gramáticas e vocabulário já conhecemos.

As respostas nos mostram que as informações continuam as mesmas.

Pouco se sabe ou se quer saber sobre que ainda não se conhece de tantas histórias que nos foram vedadas ou desconsideradas, como importantes no conhecimento construído para a formação cidadã, que com apenas um tecido procura criar o pensamento único bem costurado e bordado para que a sociedade seja justa, verdadeira e honrada.

De que justiça estamos querendo tratar, senão aquela que traz em seu cerne a negação do outro e de suas raízes que tramam nossa história. O que não se conta, ou o que não procura realmente contar, o que se passou na colonização da terra que pouco tem de honrada, mas de interesses econômicos, de bens de consumo, exploratórios e ambientais, alegando que o colonizado é a síntese do mal, para justificar todo tipo de ação violenta e punitiva.

Reforça essa afirmação Franz Fanon (2015, p.52) em seu livro “Os condenados da terra”, “o colono tira seus bens, sua verdade.” A trama é feita de força, de sequestros, de dor, de sofrimento, exploração e de informações que são criadas para

desconsiderar a história e por que não outras histórias, apagar nomes, conhecimentos, origens.

Voltamos à formação dessa trama que tem como linha mestra na composição desse tecido o encontro dos alunos e alunas no ensino superior em Educação Física com o ensino e reflexão nas histórias dos povos africanos, povos originários e europeus.

Percebemos que se faz necessário uma linguagem que os atinja amplamente, que seja profunda e significativamente rica de outras informações e de diferentes enredos para que se possa visualizar novas texturas, sem deixar de compreender que existe uma razão do tecido ser assim.

Desconstruir ideias e alguns conceitos há muito tempo colocados e ceifados para que não houvesse dúvidas e nem se quisesse ampliar o conhecimento, por mais que todas as informações estivessem a tratar de pessoas e suas origens.

Como nos traz Grada Kilomba em seu livro “Memórias de plantação” (2019, p.50), “esse exercício nos permite visualizar e compreender como conceitos de conhecimento, erudição e ciência estão intrinsecamente ligados ao poder e à autoridade racial”.

Costurar uma ideia de que os africanos não tinham um modo de viver, que isso só aconteceu depois dos sequestros e explorações dos europeus, é negar que a sociedade africana tinha um modo de vida organizado e estruturado de acordo com suas questões próprias geográficas, políticas, sociais e culturais e que todos precisam ter o conhecimento disso para tentarmos dialogar sobre diversidade.

Encontrei na Ecologia de saberes de Boaventura Souza Santos, uma textura para esse processo, a que nos é apresentada em seu livro Epistemologias do Sul, relevantes autores que estudam a importância de trazermos outros caminhos para ampliarmos nosso repertório,

Distinções invisíveis são estabelecidas através de linhas radicais que dividem a realidade social em dois universos distintos: o universo deste lado da linha e o universo do outro lado da linha. A divisão é tal que o outro lado da linha desaparece enquanto a realidade torna-se inexistente, é mesmo produzido como inexistente. (SANTOS, 2010, p.32).

Um grupo se sobrepõe ao outro quando se considera superior e/ou mais forte e que seu entendimento sobre o que deve ser o ideal de vida, de beleza, de riqueza, de sociedade, de religião, de arte, de literatura é o que dita os moldes da sociedade e

se não estiver nesses moldes, ali não cabe. Para tirar os que ali não se encaixam utiliza-se da força, do desprezo, da distinção. Said nos ajuda a entender,

O mundo ainda se dividia em melhores e inferiores e, se a categoria dos seres inferiores se ampliara para incluir uma porção de gente nova, assim como uma nova era, então pior para eles. Portanto, ser um dos colonizados é potencialmente ser muitas coisas diferentes, mas inferiores, em muitos lugares diferentes em muitos momentos diferentes. (SAID, 2003, p.116).

Essa textura sobre a divisão de mundo percorria todos os espaços inclusive os escolares. Temos consciência que essa estrutura está muito presente nos espaços, nos currículos e formação de ensino, sejam eles de base ou superior, quem nos ajuda é Vera Candau, em seu livro “Multiculturalismo” (2013, p.33):

A escola como instituição está construída tendo por base a afirmação de conhecimentos considerados universais, uma universalidade muitas vezes formal que, se aprofundarmos um pouco, termina por estar assentada na cultura ocidental e europeia, considerada como portadora de universalidade.

Isso dificulta ainda mais o conhecimento de todos sobre a história da civilização, sobre direitos, a consciência política para uma sociedade verdadeira e que no espaço onde se deveria ter as trocas de histórias e de modos de ver a vida, procurasse homogeneizar o corpo e a mente.

A trama que está colocada nos traz entrelaçamentos que chegam com ornamentos bem construídos por quem os coseu, em que se acredita no que nos é apresentado como verdade e não há estranhamento ou indignação já que não se sabe e não precisa saber o que não está se vendo.

Porém, está se vendo a intolerância, o racismo, a vergonha e quando diversas informações, outros princípios e noções são colocadas diante deles, alguns alunos e alunas começam a perguntar, questionar, dialogar, relatar, continuar indiferente, ignorar, muitos são os posicionamentos que estão no cotidiano dos encontros das aulas.

Neste primeiro momento eles se dão conta de que desconhecem, do que talvez eles critiquem, comentem, reclamam. Qual o peso do desconhecimento?

Para responder a esse questionamento, vou utilizar uma citação de Lélia Gonzales em seu texto, “Racismo e sexismo na cultura brasileira”, que está no livro:

“Por um feminismo Afro latino Americano”, onde a autora está comentando sobre o lugar da mulher negra na formação cultural:

A gente está falando da noção de consciência e de memória. Como consciência a gente entende o lugar do desconhecimento, do encobrimento, da alienação, do esquecimento e até do saber. É por aí que o discurso ideológico se faz presente. Já a memória, a gente considera como o não saber que conhece esse lugar de inscrições que restituem uma história que não foi escrita, o lugar da emergência da verdade, dessa verdade que se estrutura como ficção. Consciência exclui o que a memória inclui. Daí, na medida em que é o lugar da rejeição, a consciência se expressa como discurso dominante (ou efeitos desse discurso), ocultando a memória, mediante a imposição do que ela, consciência, afirma como a verdade. (GONZALES, 2020, p.78-79).

A falta de informações sobre muitos assuntos que envolvem os povos africanos e os povos originários e a propagação de noções falsas estimula o não querer saber sobre o outro e deixar para o imaginário, com aquilo que pouco se sabe, criar aquilo que não é real e ter isso como certo.

Como o outro é considerado menor, mesmo que às vezes inconsciente, ele é objeto, está para servir e não para ser servido, não preciso conhecê-lo e nem me interessar por ele. Assim por séculos se mantém uma linha de pensamento e ação “que são baseados em estereótipos acerca de indivíduos que pertençam a um determinado grupo racializado e que pode ou não resultar em práticas discriminatórias” (ALMEIDA, 2020, p.33).

O desprezo pelo outro acontece nas esferas culturais, sociais e histórica, mesmo sendo a nossa formação tão distinta e influenciada por diversas vertentes das quais algumas foram valorizadas e outras deixadas de lado. São todos pertencentes e responsáveis diante das intransigências provocadas pelo colonialismo e o racismo em nossa sociedade que está vinculado às características físicas, ao poder econômico, social, cultural e da inferioridade, onde se dá mais garantias e possibilidades para uns do que para outros.

Segundo Beatriz Nascimento, mulher, negra, professora, escritora, pensadora e militante que no seu livro que é uma coletânea de seus textos: Uma história feita por mãos negras, nos auxilia:

O preconceito quanto ao estudo das ideologias provoca, no pensamento das camadas instruídas do país, uma série de mal-entendidos que-com a aparência de “aceitar” a “contribuição cultural” do negro-perpetuam o racismo

desconhecem quem são os “contribuintes” e o que é pior, não querem conhecer. (NASCIMENTO; RATTIS. 2021, p.51)

O racismo reforça padrões que não condizem com a realidade, sempre a inferiorizar aquele que não está no poder, que reforçam o histórico da escravidão e para alguns teóricos, o racismo está mais para a questão capitalista que de heranças consagradas. Para Antônio Sergio Alfredo de Guimarães o racismo brasileiro precisa ser evidenciado em seu início, três momentos da história:

Primeiro, o processo de formação da nação brasileira e seu desdobramento atual: segundo, o intercruzamento discursivo e ideológico da ideia de “raça” com outros conceitos de hierarquia como classe, status e gênero; por último, as transformações da ordem socioeconômica e seus efeitos regionais (GUIMARÃES, 2009, p.51).

Entendemos que a ideia de racismo vem para homogeneizar a história, com a proposta de negar a diversidade e apresentar que uma raça<sup>15</sup> superior a outra e que determinava a cor como forma de se classificar, cada pessoa. E ainda em Kabengele Munanga:

Visto deste ponto de vista, o racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural. O racista cria a raça no sentido sociológico, ou seja, a raça no imaginário do racista não é exclusivamente um grupo definido pelos traços físicos (MUNANGA, 2003, p.08).

No Brasil com a chegada dos imigrantes, a formação de algumas regiões foi mudando suas características nos contextos sociais, culturais e econômicos, enquanto outras não sofriam alterações, pois não recebiam tantos forasteiros. Temos então os brancos, os imigrantes e os negros e indígenas. As distâncias sociais aumentavam e a desigualdade econômica e de educação ficam evidentes.

E mesmo os grupos que sofreram com tanta violência aos enfrentamentos resistem, se posicionam, lutam por espaços, por seus direitos com músicas, textos,

---

<sup>15</sup> Raça entendida aqui com o auxílio de Antônio Sergio Guimarães, “um conceito que não corresponde a nenhuma realidade natural. Trata-se, ao contrário, de um conceito que denota tão somente uma forma de classificação social, baseada numa atitude negativa frente a certos grupos sociais, e informada por uma noção específica de natureza, como algo endo determinado.” (GUIMARÃES, 2009, p.11).

teses, palestras, conversas, causos, rezas, de diferentes formas compartilham outras histórias, outras verdades, para Luiz Rufino no seu livro “Pedagogia das encruzilhadas”<sup>16</sup>, no qual de maneira arguta nos coloca na encruzilhada em diálogo com as mais variadas formas de saberes nos diz: “A partir do saber das encruzilhadas, a transgressão da colonização das mentalidades emerge como um ato de libertação.” (RUFINO, 2019, p.75)

O tema do racismo levanta muitos pontos para o debate, cabeças estão baixas, outras rabiscando e outras distraídas em seus celulares, quando Murilo, levanta a mão e pergunta: mas professora, quem quer, consegue mudar isso e ser tratado de forma diferente.

Paula, imediatamente começa a falar: *-Você acha que temos somente cinco alunos negros na sala, pois os outros não querem fazer Educação Física, você acredita mesmo que todos tiveram as mesmas oportunidades para chegar aqui?*

Completo que esse é um discurso que acompanhamos sempre de que é só querer que você consegue mudar as situações, não se percebe que o racismo é estrutural.

Murilo ainda argumenta que é descendente de negros e sabe o que “eles” passam.

Outros temas são levantados, a aula termina, Paula se aproxima e me diz:

*- Então né professora, eu sei o que “eles” passam é bem diferente do que: eu sei o que “nós” passamos. Eu digo a ela que entendo e concordo com sua posição, mas que os embates são importantes e devem ser feitos no coletivo se queremos ver mudanças.*

Ela me diz: vou ver e se despede

Anita chega de forma lenta e fala baixinho professora falei de você para minha avó, eu pergunto: *- Opa! Bem ou mal!*

Ela riu e contou que após cada aula ela conversava sobre os temas tratados com a avó, pois desde pequena a progenitora sempre a incentivou a levantar a cabeça e querer mais e correr atrás do que fosse de seu direito e que nada deveria mudar isso. Anita me contou que muito do que comentávamos em aula fazia sentido com os assuntos que a avó tratava, mas que muitas vezes ela não entendia o que ela queria

---

<sup>16</sup> Para maior entendimento sobre a pedagogia das encruzilhadas, recorrer ao livro Pedagogia das encruzilhadas de Luiz Rufino. Mórula; Rio de Janeiro, 2019.

dizer e agora parecia que entendia. Me contou que o avô, não gostava dessas conversas, que minha avó estava enchendo minha cabeça e sorriu. Professora minha avó te mandou um abraço, mandei outro e disse que ficaria feliz em conhecê-la.

Em um final de aula Sergio passa pela minha mesa e me diz que as aulas tinham despertado a vontade de escrever que fazia tempo não acontecia e deixou para eu ler depois. Disse que estava contente por isso ter acontecido e agradeci.

Recorro a bell hooks “neste momento efeito total sobre o desenvolvimento do aluno, não somente um efeito intelectual, mas um efeito sobre como esse aluno percebe a realidade fora da sala de aula” (hooks,2017, p.183)

“Alto grita o racismo.  
E nosso país continua no abismo,  
a desigualdade não para na ponte.  
Marcas do passado que duram até hoje,  
não tinha escrita, mas tinha a palavra.  
Griots passando a história contada,  
cultura tirada arrancada a força,  
ninguém estava a fim de registrar nada”

A cultura africana e indígena adentra o curso de Educação Física, essas culturas que são marginalizadas, por serem consideradas por muitos como inferiores, mas na verdade são sofisticadas, sendo que o requinte está no respeito e as ligações com a natureza, onde aos olhos de muitos evidencia-se até uma simplicidade e, na verdade, o processo de conhecimentos e não nos exageros que estão no entendimento, respeito e valorização da natureza e não no seu abuso e exploração.

O inusitado adentra o cotidiano do curso de Educação Física e a reflexão teórica encontra nas práticas pedagógicas sua razão de ser. Os alunos e alunas vão se percebendo sujeitos da história, protagonistas de debates, diálogos, músicas, composições, slams e leituras.

A costura desta colcha procura ser feita com as muitas texturas que se formam na dança das tramas e acontecem nos cotidianos neste cotidiano de corpos, anilhas, máquinas e bolas. São feitos nas mais diferentes composições, formado por diversas fibras que, diante de nós e das propostas que estão sendo feitas, apresentam ou talvez só consigamos enxergar alguns de seus retalhos e por alguma razão que está

relacionada à nossa identificação ou empatia, escolhamos determinados pedaços para a criação da colcha. Assim nos ajuda Marcos Reigota e Barbara Prado (2008, p.22) no livro “Educação ambiental: teoria e práxis”, “Toda leitura e recorte trazem escolhas de trechos, momentos, frases relacionadas a nossa sensibilidade, disposição abertura, percepção, conhecimento e entendimento do outro e de sua narrativa naquele momento específico da leitura e releituras.”

A urdidura é a que foi posta como verdade na história escolar dos estudantes e não é deixada de lado, por ela que podemos fazer uso de diferentes tramas, o que diante de algumas pessoas pode parecer estranho, não queremos desconsiderá-la, é importante saber o que foi pensado, que linhas foram usadas para essa composição e assim, talvez, entendermos o que está diante de nós ainda hoje, depois de tanto tempo.

A composição não é linear, segue seu caminho próprio com a escolha de alguns pontos que levantamos, tramamos e que neste momento consideramos importantes e que mais tarde talvez possam não ser assim vistos.

A estruturação ainda não pode ser visualizada, o momento é de escolha e de montagem da história, ou melhor, das histórias que vão acontecendo e estão sendo vistas, ouvidas, observadas a todo instante neste cotidiano.

Muitos são os arranjos possíveis para quem a escolha ficará por conta da professora/aluna/pesquisadora/ecologista. Unir, costurar, remendar e narrar de forma ficcional o que está sendo vivenciado, trazer com o urdume que proponho as tramas que os estudantes trazem e ficam a elaborar nos encontros e propostas.

Contar, recontar, tramar, entrelaçar de uma forma expressiva o que se passa, se faz, se conversa, se discute, desenha, dança e elabora diariamente nos diferentes momentos nos cotidianos desses espaços que são explorados por todos os implicados e que, viabiliza a cientificidade das narrativas. Dessa forma,

As narrativas (escrita, oral, visual, corporal, não são nem verdades, nem mentiras, mas uma forma criativa depressiva, alegre, positiva, negativa, pessimista, otimista, nostálgica, saudosista, futurista, realista, surrealista, impressionista, fragmentada, barroca, minimalista, redundante, clássica, erudita, pop etc.) de organizar e comunicar situações vividas e imaginadas. (REIGOTA, 1999, p.80).

Ao trabalharmos com as narrativas, a pertinência do que os sujeitos envolvidos nos dizem e levamos para o espaço público, os anônimos vão para a centralidade, sem trazer informação e sim provocações que nos dão subsídios para muitos

questionamentos, que nesse ambiente que foi construído podemos recusar ou dialogar. Sobre essa questão, destacamos:

É preciso, pois, que incorporemos a ideia que ao dizer uma história, somos narradores praticantes traçando/trançando as redes dos múltiplos relatos que chegaram/chegam até nós, neles inserindo, sempre, o fio de nosso modo próprio de contar. Exercemos, assim, a arte de contar histórias, tão importante para quem vive o cotidiano do *aprender ensinar*. Buscamos acrescentar ao grande prazer de contestar histórias, o também prazeroso ato de pertinência do que é científico. É possível? Bem, se outros e outras fizeram antes de nós e continuam fazendo, por que não? (ALVES, 2001b, p. 35).

As narrativas possibilitam não uma técnica diferente ou metodologias educativas, mas como expressões de ideias, de realidade colocada em práticas comprovadas por pensamentos e reunião de autores que essa professora/aluna/pensadora/ecologista está levando para o diálogo, para o encontro. Como esses autores conversam com alunos e alunas da faculdade de Educação Física de uma cidade do interior de São Paulo? Como essas autoras, autores, cantores, cantoras, poetisas, poetas, dançarinos e dançarinas dialogam com os alunos e alunas, nos momentos que estamos diante de tantos temas?

Trago atilhos para esse tecido, para que se possa entender as texturas anteriores que foram criadas para contar as histórias que interessavam para determinados grupos. Histórias essas, que tinham em suas tramas e urdumes a mesma linha homogênea para uma mesma ideia e um mesmo pensamento. Nesses encontros o que se propõe é costurar os vários tecidos do continente africano e do território brasileiro cerzido com diferentes linhas, bordados, brocados, aplicando, sementes, folhas, botões e outros retalhos.

O que se percebe é que os urdumes que estavam expostos para os alunos e alunas tinham em sua maioria, na composição, o ponto de vista de quem chegou e não de quem aqui já estava com seus modos de vida, costumes e menos ainda de quem foi escravizado e comercializado, os depoimentos em aula denotam isso. E as anotações das narrativas por mim feitas iam aumentando cada vez mais minha curiosidade e a responsabilidade, por apresentar outras referências, tentar alinhar tudo que estava sendo apresentado diante dos meus olhos, corpo. Nas palavras do autor:

O narrado, o escrito ou visualizado é resultado de uma relação dialógica verbal anterior, na qual a confiança e a cumplicidade entre os interlocutores/as são estabelecidas na convivência. Não chega ao/à

narradora e as narrativas significativas e com significados sem esse Pré-requisito. (REIGOTA; PRADO, 2008, p.19).

Acaba a primeira aula e três alunos esperam para conversar comigo.

*“É preciso mudar a partir do início, a partir de nós! Papeis invertidos, valores desconhecidos.” MC Cesar Canção Infantil*

Chega primeiro Antônio, um jovem recém-saído do ensino médio, que se manifestou várias vezes durante esse primeiro encontro com colocações interessantes. Tem um sotaque diferente e uma postura forte com várias tatuagens caricatas, agradece a oportunidade de poder falar o que pensa, mas que ele estava chocado por estar falando desse tema ali, naquele espaço e também por que ele se achava conhecedor de muitas coisas, onde naquele primeiro encontro, percebeu que tinha muito ainda por saber. Eu sorri e perguntei por que ele achava que já sabia muito e a resposta foi que ele se informa. O interrompi e perguntei onde ele buscava suas informações. Então contou que nas redes é onde ele tira suas dúvidas e que conversa com os amigos, e de pronto afirma que ele não é racista. Dou um sorriso e digo que estou feliz por ele ter se sentido à vontade para dar suas opiniões. Ele se despede e não espera pelos outros.

*“Se trata de começo de desconstrução, de começar de maneira diferente, com empatia e com amor...”. MC Cesar Canção Infantil*

Olho para o lado e diante de mim está Joana. Rapidamente faço um pequena leitura de sua imagem: uma mulher com um rosto bonito, exótico, tem um cabelo que chama atenção pela beleza, aparenta ser tímida de rosto abaixado verificando se não tem ninguém envolta, comenta que não tinha ideia de muita coisa que eu havia dito assim, como os colegas que se pronunciaram, mas ela não se considerava ignorante, ou que “tapava o sol com a peneira”, mas estava indignada com as informações que lhe foram negadas e que estava ansiosa pelas novas informações. Me pediu uma referência literária para ajudá-la entender. Sugeri os livros da Nilma Rodrigues, do Kabengele Munanga naquele momento.

*“... até quando vamos aceitar a piada preconceituosa, homofóbica de alguém que conhecemos? E quem disse que o silêncio é a melhor resposta nessas situações?” MC Cesar Canção Infantil*

E então se aproximou o Haroldo, um homem mais velho, já formado, que abaixava a cabeça e a voz para falar, tendo a certeza de que ninguém estava ouvindo. Ele falou: - *Professora, tudo muito interessante, não conhecia quase nada que você comentou, mas dar opinião assim para todo mundo ouvir é perigoso.*

Espantei-me, mas sem demonstrar, perguntei: - *Como assim?*

Ele continuou dizendo que as pessoas falam bonito na frente de todos, mas na verdade não fazem nada daquilo. Fiz um gesto com a cabeça para que ele terminasse seu raciocínio: a verdade, disse ele, ninguém é verdadeiro. Todos têm preconceitos escondidos e que nunca vão acabar. Já estava com meu material na mão, quando outro aluno entrou na sala falando alto achando que não tinha ninguém na sala e comentou algo com o Haroldo, que se virou para o aluno e se distanciou de mim, terminando ali sua opinião. Fui saindo pensando em suas palavras, que era uma realidade, mas que quando afirmamos que todo mundo é, generaliza e dificulta o diálogo. Eu tinha que tratar disso com mais intensidade, pensei comigo.

A pergunta sempre ficava nos olhos e às vezes era verbalizada, por que uma professora descendente de alemães e italianos, de olhos claros? Por que ela está falando de relações étnicas e não alguém que venha do movimento negro ou indígena? E quem disse que a professora/aluna não está envolvida no movimento? Os estereótipos estavam sendo colocados na professora. E por que não poderia eu estar nesse componente curricular?

Eu sentia o peso da minha responsabilidade, mas busquei em Paulo Freire, que no seminário realizado na Universidade de Iowa, Cedar Falls em Ohio, em 24 de março de 1996, apresentado no livro "Pedagogia da Solidariedade" de Anita Freire e Walter Ferreira (2016, p.28) traz de que maneira um professor de outro local pode ajudar na educação do local que ele está naquele momento, diz-nos o autor: "Se realmente ele souber alguma coisa sobre o país; Se ele quiser aprender sobre aquela realidade; Se ele for realmente humilde para repensar a si mesmo ou mesmo dentro de uma nova realidade".

Isso me fez pensar que sou deste país e talvez estivesse no caminho certo ao ser eu a professora, não porque eu saiba tudo sobre Africanos, povos originários e europeus, ou porque eu sei sobre as realidades desses povos, nem tão pouco por eu ser qualquer outra coisa que se encaixe, porém eu queria saber e queria principalmente repensar a minha prática como professora/aluna/pensadora/

ecologista. De que forma os encontros, por mim propostos, poderiam auxiliar a desmistificar a história e com isso proporcionar novas relações, outros encontros também na Educação Física? Busco em Reigota, um auxílio:

A compreensão das relações sociais numa perspectiva ecológica, ou a "ecologia das relações", onde se evidencie a busca das formas saudáveis de relacionamento entre os diferentes é uma das possibilidades e desafios da práxis ecologista. (REIGOTA,1999, p.56).

As imagens, vídeos, filmes, músicas, são exploradas todas elas com pensadores, pensadoras, autores, autoras, cantoras, cantores que são estudiosos abaixo da linha do Equador. Reforço que não estamos aqui tratando de técnicas ou metodologias, mas do que acontece nos encontros nos diferentes espaços da faculdade, dos testemunhos, dos depoimentos, dos relatos. O interesse está nestes estudos, naquilo que é dito nos diálogos, nas entrelinhas como nos diz Inês Barbosa de Oliveira (2010, p.19): "A busca por outras formas de conhecer e de expressar conhecimentos, isso requer descobrir, inventar novos modos de ler/ ver/ouvir/sentir o mundo e de narrá-lo".

A minha prática docente ultrapassa as referências básicas do componente curricular, essa prática da professora/aluna/pesquisadora/ ecologista, busca o desafio de recorrer a outras fontes para um fazer com que os alunos e alunas se manifestem em cartazes, *slams*, canções, acrósticos e teatros, as suas produções, seus pensamentos, seus conhecimentos, que foram gerados a partir do que se propunha nos encontros com todos os envolvidos. Com isso,

O desafio maior do educador fica sendo passar a mensagem da necessidade de intervenção cidadã, em ações locais na busca de alternativas e soluções aos problemas globais, de forma ágil, compreensível, direta, com conhecimentos específicos, desconstrução de representações e reconstrução de uma melhor visão de mundo com possibilidades de ação. (REIGOTA, 2002b, p.119).

No decorrer das aulas, entre aulas expositivas e filmes, músicas, solicito que tragam para aula impresso ou escrito por eles letras de músicas que de alguma forma se entrelacem com as tramas que estávamos propondo.

Os artistas são variados Elza Soares, Jorge Aragão, Alcione, Clara Nunes, Legião Urbana, Djonga, Racionais Mc, Gabriel o pensador, Emicida, Baco Exu, Sambas enredos, enfim...

Para algumas turmas, peço que construam acrósticos, alguns não faziam ideia do que se tratava e outros não lembravam, já para outras turmas, peço que escrevam sobre o porquê da escolha, em que momento ela estava representada em nossos encontros. Muita insegurança por acharem que tínhamos uma única resposta. Em todas as turmas percebe-se que alguns já tinham nas músicas seu conhecimento de história e de política e os encontros só vieram corroborar com as informações que já possuíam.

Havia outros que na verdade nunca tinham parado para prestar atenção na letra, sabiam que a música tratava de racismo, de preconceito, de escravidão entre outros temas, porém não tinham se dado conta da dimensão da letra. E outros ainda que não sabiam explicar a escolha seja por desatenção, ou porque a proposta não os envolveu.

Para Bento, um jovem interessado e que sempre questionava os assuntos em aula, a música escolhida tinha uma mensagem essencial: - *Trouxe esse samba da Alcione, pois ela é uma marca na minha casa. Essa música é importante para mim, ela passa uma mensagem essencial, com o intuito de ressignificar esta expressão da mídia que, junto a outros ditos populares, onde outras pessoas com auto estima baixa e carente de referências positivas relacionadas à cor de sua pele possam se enxergar de outra forma e se permitir ser quem é.*

Felipe me entrega sua folha quase ao final da aula e me diz que quase não ouve rap, mas que escolheu essa música pelo fato dela representar bem uma das piores coisas que já foram criadas... O racismo.

Na letra dela podemos ver a seguinte parte:

*“Negro drama, eu sei quem trama e quem tá comigo*

*O trauma que eu carrego pra não ser mais um preto fudido*

*O drama da cadeia e favela*

*“Túmulo, sangue, sirene, choros e velas”.*

- *Para mim essa parte retrata muito bem o que os negros passavam, aqueles que “tramam” seriam os mesmos que xingam e agridem os mesmos.*

*“o trauma que carrego [...]” Seriam as dores, dificuldades, o fato de serem tratados como “lixo” diante a sociedade.*

*“O drama da cadeia e favela*

*Túmulo, sangue, sirene, choros e velas” A pobreza e a miséria, como se vivessem em um filme de terror, uma “guerra”.*

Sonia escreve rapidamente: - *Escolhi “A carne” porque ela representa, além da letra, a minha desconstrução racista. Fui criada por um pai que, desde sua infância foi ensinado que se deve atravessar a rua quando um negro está vindo, para se prevenir de assaltos. E assim ele reproduziu para mim.*

*Quando eu era criança e ouvia a Elza cantando essa música na tv, eu achava “zoada”. Talvez por toda a bagagem negativa que me foi dada, eu inconscientemente já julgava, além de não conseguir compreender o contexto histórico da letra. Logo procuro transmitir essa mensagem a todos os meus amigos e familiares para que assim como eu, possam tornar-se pessoas melhores. As últimas aulas me fizeram enxergar que todos os movimentos contra o racismo não são apenas “mimimis” e sim uma luta e revolta contra os diversos atos cruéis impostos para com todos os negros e escravos.*

Helena, uma menina sorridente e engraçada, muito desbocada, já me entrega e diz que não sabe se eu vou gostar, eu pergunto por quê? Ela só me diz, sei lá.

*“Bom, escolhi essa música por alguns motivos; primeiro que é uma música que eu escuto na minha rotina, gosto de sons que abordam temas importantes como esse e mesmo não sendo minha realidade, já presenciei comportamentos racistas e acredito que não basta apenas não ser racista, precisamos ser contra a prática do preconceito; segundo, a música traz uma conversa entre o que pratica o preconceito e o que sofre, ou seja, é possível encontrar diversos termos, frases racistas que infelizmente ainda são utilizadas, e a resposta serve como um “tapa na cara” do preconceituoso.*

*Com relação ao conteúdo estudado, eu escutei a música quando foi lançada, bem antes de termos essas aulas, porém, quando foi passado os motivos de ainda presenciarmos a escravidão, como não ter direito ao ensino, adquirir terras, entre outros, já veio na minha cabeça o trecho da música: ‘a abolição aqui só aconteceu nos livros de história’, por mais que eu já tivesse escutado frases desse tipo, antes da aula eu não tinha conhecimento desses direitos listados na aula.*

*As propagandas, novelas, enfim, ainda sim tem meios de comunicação que retratam a relação entre “branco” e “negro” como uma relação de patrão e serviçal, na música isso também é relatado.*

*A questão da meritocracia, na música cita que o sangue de quem sofre preconceito é a base da sociedade, enquanto o homem branco retratado diz que se o negro não consegue nada na vida é porque é preguiçoso.”*

- Professora vou te contar que agora eu prestei mais atenção na letra da música, antes eu só cantava sem entender muito. Eu escolhi essa música, pois ela relata, de certa forma, a visão dos índios e também dos pretos que foram enganados pelos europeus, Como podemos ver no primeiro “parágrafo” da música, eles trocavam espelhos, roupas, etc., com índios e pretos e acabaram conquistando eles e com isso os europeus acabaram escravizando os índios e pretos, na música retrata o ego que os europeus tinham na época, como vemos no penúltimo parágrafo, que eles quando chegaram na América do Sul tinham uma visão que os povos que tinham uma vida diferente da deles, Costumes, vestes, estilo de vida simples, eles trataram como inferior, Essa música traz muita reflexão pois ela te coloca no lugar do índio ou do escravo que passou pela mesma situação, pois quando os europeus chegaram na África eles fizeram a mesma coisa que eles fizeram com os índios e acaba trazendo a situação e o arrependimento de ter confiado nos europeus que exploraram até não poder mais.

Mirna chega com sua música e já me diz:

- Escolhi a letra dessa música, primeiro porque Elza Soares foi revolucionária, mulher, negra e fora dos padrões impostos por aquela época.

Essa letra me lembrou muito a explicação da aula passada, fiquei pensando sobre como eles eram trazidos ao nosso país em navios em situações desumanas. Fiquei com essa sensação de serem comparados como “pedaços de carne” “e como objetos”.

Pela letra já se tinha a porcentagem de que os negros são sempre a maioria nas penitenciárias.

A letra expõe também como deveriam deixar seus cabelos lisos, como se somente os cabelos lisos fossem exemplos, hoje em dia existem muitas lutas para que possam expor seus cabelos afros, com o empoderamento cultural. Essa letra de música ainda diz muito o que vivemos nos dias de hoje.

Amarildo só me entrega a folha, nada me diz.

- Foi muito difícil escolher um repertório do Djonga. E eu queria que fosse ele. Queria porque é o artista que mais acompanho que dá ênfase ao assunto. Existem inúmeros, mas gostaria que fosse algum do meu cotidiano. Ele geralmente costuma colocar pelo menos 5 frases impactantes em cada som, escolhi esse porque foi logo no início. O Djonga aborda de forma explícita o racismo estrutural em “quem tem

*minha cor é ladrão” e confirma a violência em “morreu mais um no seu bairro” só confirmando os dados de jornais, páginas de redes sociais e da televisão. Esse racismo estrutural foi visto e lembrado na aula de hoje, onde mostra os comentários maldosos e constrangedores que negros escutam e vivem todos os dias. Existem mais trechos fortes em Corra (que ele cita a chegada dos imigrantes vista nas primeiras aulas) e A Música da Mãe, caso seja de seu interesse. E em muitas outras músicas desse artista.*

*Eu fui ouvir, são potentes!!!!*

Pedro me pergunta se eu conheço Fioti, digo que sim.

*- Escolhi essa música, lê aí se você gostou do que eu escrevi, depois me conta. Eu sorrio e ele se vai... Escolhi a música “nego lutou” do Fioti, irmão do Emicida, pois ela busca resgatar e reafirmar a importância do povo negro na construção do Brasil. No meio de diversas outras músicas que abordam o tema sobre luta, sobre se reerguer e mostrar o real significado do que é lutar, do que é sangrar, do que é viver num país pelo qual a desigualdade étnico-racial ainda é grande. O que entra também nas aulas passadas em questões de colonizações, da forma pelas quais eram tratadas, de como eram as vivências, nessa música ele cita sobre força bruta, sobre os meios de opressões, que eram também muito utilizados nos séculos passados, e acaba retratando sobre como eles não se diferem das outras pessoas, de que a luta deles não devem ser invalidadas e sim respeitadas num todo, pois vemos o quão às lutas deles foram árduas e que não merecem ser diminuídas ou invalidadas, por pessoas que não sentiram na pele o sofrimento de não ter o que comer, ou de sentir que a sua vida vale menos do que a das outras pessoas.*

Beatriz me entrega a folha e me conta que adorou fazer a atividade. Ela escreve:

*“O compositor Baco escreve a música como forma de ir à luta, usando o seu trabalho para promover o empoderamento e combate ao racismo que continua presente nas mentalidades e na cultura brasileira e mundial. Buscando uma linha de frente para um novo tempo, onde os negros podem criar suas próprias narrativas e falar de si mesmos.*

*Trouxe essa música, pois fala sobre o negro estar à margem, onde os brancos alimentavam e alimentam estereótipos negativos da raça, perpetuando falsas imagens dos afro-americanos como violentos ou menos capazes.*

*Convocando várias imagens que foram tornadas brancas pela História, como a figura de Jesus Cristo, onde é preciso reconhecemos o valor (e os verdadeiros autores) de toda nossa herança cultural.”*

O cotidiano das aulas é de troca, de debate, de espanto, de indiferença, de surpresas e silêncio. Quando na aula apresento o continente africano, que não é aquele que muitas vezes é apresentado como a demoníaca, termo esse que não vem desse colonizador no qual estamos nos referindo, que faz com que pensem e indignados se surpreendem com o comentário ou a que é inferior, precária, desumana e que não tem nada de produtivo, percebo o quanto a Branquitude <sup>17</sup> está na formação dos estudantes. Assim como nos diz Achiles Mbembe em seu texto “Descolonização, micropolítica e o futuro do mundo” (2019) “*Como que as forças coloniais nos atravessam até hoje?*”.

Com o decorrer das aulas a sensação é de que eles passam a ter um novo olhar sobre as letras de músicas que cantam com os *slams* declamados, as histórias que parecem ser ficção, parecem ser imaginadas, percebem que existem outras histórias a serem contadas e que foram deixadas de lado, mas não porque não tinham importância ou relevância, pelo contrário, porque assim foi determinado o que tinha, que deveria e o que não deveria ser apresentado.

Desse modo, eles percebem que estão próximos dos assuntos, mas ao mesmo tempo distantes. Na verdade, parece que começam a entender por que os movimentos étnicos, reivindicam, reclamam, buscam, resistem.

Como nos traz Carlos Ferraço (2007, p.06) em seu livro Pesquisa com o cotidiano,

Assumimos que qualquer tentativa de análise, discussão, pesquisa ou estudo com o cotidiano só se legitima, só se sustenta enquanto possibilidade de algo pertinente algo que tem sentido para a vida cotidiana, se acontecer com as pessoas que praticam esse cotidiano e, sobretudo, a partir das questões ou temas que se colocam como pertinentes às redes cotidianas.

---

<sup>17</sup> Branquitude segundo Nilma Lino Gomes revela as facetas da violência racial, do privilégio simbólico da brancura, ultrapassa as fronteiras de classe e também se soma ao gênero. No contexto das desigualdades raciais, sociais e de gênero, as pessoas brancas são “blindadas” racialmente. Sua cultura que é diversa, sua subjetividade que também apresenta conflitos, sua mestiçagem que também lhes impõe diferentes modos como são vistos pela sociedade e a sua relação com a classe, a raça e o gênero também interferem na forma como se veem brancos e como são vistos pela sociedade (MELLO,2016, p.120).

Uma nova proposta é sugerida, a da construção de um acróstico, pelo exercício de usar em grupo as músicas que trouxeram para as aulas com a intenção de intercâmbio com as letras e novas possibilidades de trocas de conhecimento pelas músicas. Muitos alunos e alunas não sabiam do que se tratava, depois das explicações alguns já tinham feito na escola. Algumas solicitações foram feitas: deveria ser feito em grupo, a palavra central deveria fazer referência aos nossos encontros e as palavras tinham que estar nas músicas. Diante disso, alguns grupos de pronto já se sentaram juntos e deram início à escolha da palavra central, cada um com sua música em mãos a procura por palavras que rimassem e que tivessem sentido ao que se queria dizer.

*Gente igual a gente sofre;  
Uma espécie de lavagem cerebral;  
E nem venha me dizer que é vitimismo;  
Tire a burrice do peito e me dê ouvidos;  
Opressão, humilhação e preconceito;  
Só precisamos de uma reformulação geral;*

*Fez e faz história;  
A negra velha mais sábia;  
Você ri da minha pele;  
Eles são cadeados e já forma correntes;  
Lágrima de preto;  
A ver meu filho nascer e crescer e ser um campeão;*

*Deixa eu te contar que é interessante;  
Infinita beleza;  
Faço da arte um engarte;  
É pura cultura que pulsa o coração;  
Respeitar porque o povo preto veio para revolucionar;  
E do meu canto nasce, cresce, vence a esperança;  
Negro é lindo, negro é amigo;  
Tem gente de tudo quanto é jeito em qualquer nação;  
Eu quero ver;*

Os temas das aulas percorrem os caminhos históricos, de escravidão, racismo, apropriação cultural, sons, danças, religião e esportes e os que mais chamam a atenção dos estudantes são os históricos e para nós o que chama a atenção são os alunos e alunas que chegam ao ensino superior, abismados ao saberem que no continente africano há abundância de recursos naturais, eram bem utilizados e tratados, que a população africana em seus espaços de convivência tinha seus conhecimentos sobre agricultura, mineração, cooperação, organização, reservas, o poder matriarcal entre outras coisas, eram avançados, adiantados e superiores, talvez, mais do que quem por ali chegou. Busco em Reigota e Prado mais um auxílio:

Trabalhamos com a perspectiva política das subjetividades (desejos, sentidos, significados, representações) relacionadas ao meio ambiente e a educação, como ela se manifesta nas relações de poder e nas práticas pedagógicas e sociais cotidianas em espaços de aprendizagem, particularmente na escola. (REIGOTA; PRADO, 2008, p.18).

Ficam indignados e incomodados com seu desconhecimento, a princípio o desconhecimento aparece como me disse Douglas, um jovem simpático e sorridente que se aproxima devagar antes de sair da sala:

*- Professora, não conhecer história é ruim, mas também o que se pode fazer já foi.*

A Fernanda que está sentada na primeira carteira na frente, pergunta: *- Você não acha que ter conhecimento desde cedo não faria diferença, para você? E você acha que já foi? Que tudo mudou?*

Ele levantou os ombros e seguiu. Ela olha para mim, sorri e sai.

Depois de algumas aulas Mauricio um jovem tímido que não se manifesta muito, mas ao final da aula, levanta a mão no meio da sala e pergunta:

*- Professora e por que não nos contaram tudo isso? Se soubéssemos antes talvez não fosse assim do jeito que está hoje. Poderia ser diferente.*

Inicia-se um debate que eu fico só a observar os comentários, novos temas levantados. E eles mesmos vão ao encontro das respostas para a pergunta de Mauricio. E eu sempre estou a anotar, pois os alunos e alunas mostram caminhos outros que eu não pensava em caminhar.

Como percebo, quando Alice se aproxima de mim, no fim da aula e me diz que sempre imaginou que eles (os negros) passavam fome e para eles foi ótimo serem escravos no Brasil. Para ela era uma boa solução eles terem sido escravizados.

Indignada ela me pergunta: - *Como que nós nunca soubemos disso? Por que eles não querem contar algo tão importante?*

Em outra aula a indignação continua quando apresento a viagem dos escravos para as Américas sem romancear, ao contrário, mostrar a realidade desde a organização, para os sequestros, a exploração humana e de como essa exploração iria contribuir para outra exploração, a da terra.

Berenice me conta em voz baixa, quando passo ao lado de sua cadeira, que sempre achou que já havia escravos no Brasil quando os portugueses chegaram.

Eu perguntei: - *Mas eles seriam escravos de quem?*

Ela me disse: - *Então... Achei que era uma situação de vida que acontecia já se nascia escravo.*

Sua expressão é lívida. Quando ela se afasta eu fico pensando o quanto toda essa história está em nossos cotidianos sem mesmos conhecermos. O que eles desconhecem? O que eles conhecem?

As tramas dançam e trabalham, desfilio, refaço e a cada encontro tento trazer novos movimentos para formar outros ângulos.

Os temas são os mesmos que são trazidos entre os povos africanos e os povos originários, sobre os negros e negras eles sabem o que foi colocado como importante, a capoeira, a feijoada, a escravidão, alguns sobre os quilombos, sobre macumba, já outros sobre os povos originários eles sabem que eram preguiçosos e que não queriam trabalhar e que comiam pessoas. Quando se trata de trazer os modos de vida das aldeias que aqui estavam e as suas posições geográficas na costa brasileira, o espanto é geral, neste momento eles se dão conta que houve uma conquista brutal pelo território e não o descobrimento. Que as aldeias têm algumas coisas que são comuns, como viverem na cooperação, viver da subsistência, cuidar da terra para que ela não se esgotasse, mas que cada grupo tinha suas características particulares e viviam ao seu modo de acordo com as suas convicções. E que os rituais antropofágicos iam muito além do comer a carne humana.

Professora do céu, grita Márcio do fundo da sala, a história foi contada de uma maneira e a gente acreditou! E ainda ficam homenageando o homem no dia do

descobrimto, deviam tirar esse dia do calendário, ou chamar de chegada dos portugueses.

Ida levanta a mão e diz que sempre leu sobre a escravidão africana, pois ela sendo negra, sempre teve interesse em conhecer a história verdadeira, mas eu me peguei pensando que eu só pensei no meu povo, nunca pensei que os indígenas estavam sofrendo do mesmo mal, estou me martirizando aqui. Eu pergunto por quê? Ela me diz que como ela pode estar lutando somente pelos direitos do grupo dela sendo que outros grupos passam pelo mesmo preconceito, eu estou me vendo como a única que sofre. Muito egoísta!

Professora, estou me dando conta dos privilégios raciais, fala Claudio, só agora estou pensando no que os negros e indígenas passam, estou tentando ser mais empático e perceber que discriminação é crime e não diversão ou humor.

São tantas tramas que passam pela urdidura, mas uma que não pode deixar de ser contada é a do silêncio, “silêncio que atravessa os conflitos étnicos da sociedade é o mesmo que sustenta o preconceito e a discriminação no interior da escola” (CAVALLEIRO, 2020, p.98). São muitas as situações relatadas pelos estudantes onde eles colocam que ficam indignados com situações que eles vivem, por serem negros e negras.

Gustavo mostra sua indignação quando saiu com seu irmão na balada e a polícia parou o carro, que seu irmão dirigia. Gustavo é um aluno branco e me diz que seu irmão é negro, fruto do segundo casamento da sua mãe.

*- A polícia veio do meu lado e perguntou se estava tendo algum problema eu disse que não e ele pediu para meu irmão sair para ser revistado. Eu também sai, ele disse que não precisava, mas eu quero, por que só meu irmão tinha que sair? Perguntei. Meu irmão pediu que eu ficasse quieto, imagina né professora que eu ficaria quieto. Eu entendi rapidamente, pois ele é muito falante. Eu fiquei muito bravo e quando a polícia nos dispensou eu fiquei falando, falando na cabeça do meu irmão que estava quieto e de repente ele me disse, somos diferentes e nada vai mudar isso, você estava do meu lado viu tudo, mas não sabe o que se passa dentro de mim todos os dias. Somente nesse dia eu entendi essa sociedade terrível que a gente vive.*

É pelo silêncio que acontece na vida das pessoas que cada um vai ao encontro do seu espaço que lhe foi permitido. Desde cedo cada um percebe que o tratamento não é o mesmo, não porque há um respeito às diferenças, mas porque cada um se encaixa numa categoria e é tratado com o que lhe cabe por ali estar.

Você apenas pensou que havia um problema com você, mas talvez nunca tenha percebido que toda aquela vontade de ficar calado, que toda aquela vontade de permanecer quieto, pudesse ter a ver com a cor da sua pele. Que seu receio de falar, seu receio de se expor, pudesse ter a ver com as orientações que você recebeu desde a infância: não chame a atenção dos brancos. Não fale alto em certos lugares, as pessoas se assustam quando um rapaz negro fala alto. Não ande por muito tempo atrás de uma pessoa branca, na rua. Não faça nenhum tipo de movimento brusco quando um policial te abordar. Nunca saia sem seus documentos. Não ande com quem não presta. Não seja um vagabundo, tenha um emprego. *Tudo isso passava anos reverberando em você. Como um mantra. Um manual de sobrevivência.* (TENÓRIO, 2020, p. 88).

O silêncio está do lado de quem oprime e de quem é oprimido, o primeiro se encontra em um status que não será alterado, o segundo por medo, por indignação. Os silêncios estão também nos espaços que estão acomodados e não querem ser importunados com situações conflitantes. E algumas famílias ficam em silêncio, “silenciam, um sentimento de impotência ante o racismo da sociedade, que se mostra hostil e forte. “Silencia” a dificuldade que se tem em se falar de sentimentos que remetem ao sofrimento.” (CAVALLEIRO, 2020, p.100).

Os estudantes em suas criações, produções apresentam suas indignações, dúvidas, indiferenças diante das experiências propostas à observação. É constante e a prática pedagógica vai se alterando de acordo com os contextos que vão se apresentando diante da professora/aluna/pensadora/ecologista, as experiências vão se construindo e desconstruindo diante de temas fundamentais e atuais para o debate da nossa sociedade.

Pensar os conhecimentos, valorizar todos os saberes, oferecer situações para que se associem e para que isso ocorra, temos que valorizar o cotidiano, trazer outros caminhos costurar e tecer redes/colchas outras, nas quais todos os envolvidos que vivem este instante têm sua forma de amarrá-la, de construí-la, de costurá-la, pois são todos esses encontros que vão formando essas redes de saberes e conhecimentos, como nos sugere Ferraço (2007, p.6), “Consideramos como sendo cotidiano o próprio movimento de tessitura e partilha dessas redes. As redes não estão no cotidiano. Elas são o cotidiano!”.

Ainda temos urdiduras por fazer, mas vamos seguir...

Figura 36 -Aessos



Fonte: Elaboração Própria

## BLOCO AVESSE

O avesso é o que está do lado contrário, que está desordenado em desalinho, aprendi desde cedo que o avesso deve estar perfeito e sempre como a frente de um trabalho, por isso quando era pequena não queria bordar, minha tia dizia que eu não era jeitosa. Quando fui fazer *patchwork*, minha professora, sempre dizia que o avesso precisa estar em ordem. Eu sempre me questioneei, por que estar em ordem, qual o problema do outro lado estar diferente?

Como vimos ao longo desses blocos da colcha, a procura foi por trazer a diferença como possibilidade de aprendizado e de modo de viver, de estudar com os autores e autoras, a compreensão e importância da diversidade “Definitivamente não somos iguais, e é maravilhoso saber que cada um de nós que está aqui é diferente do outro, como constelações” (KRENAK, 2019, p.33).

Compreender-nos como seres inacabados que somos, resultados de nossas histórias, do “compreender o mundo e nossa posição nele”, como afirma Freire (2017, p.27) e com isso as leituras de mundo que realizamos e que podem nos fazer ver o avesso como uma novidade, não como erro ou como fora de ordem.

Os tecidos coloridos são de diferentes tamanhos, não existe perda na costura de retalhos, estão espalhados os lisos, os estampados com ricos desenhos ou simples traços, flores, poás, formas geométricas, arabescos, folhas, *batikes* em diferentes tamanhos e cores são inúmeras as combinações quanto mais cores, mais informações terão e ali já se tem uma narrativa quem os teria feito, quem teria escolhido, desenhado e colorido? De que forma? Carimbo, serigrafia, prensa? Dou-me conta que meus pais eram desenhistas e coloristas de tecidos da Companhia Nacional de Estamparia de São Paulo (CIANÊ).

Meu pai vindo transferido do Rio de Janeiro para gerenciar o setor e minha mãe ali já era desenhista das estampas. Quando resolvem se unir, pela política da empresa, os dois profissionais não poderiam trabalhar juntos e um dos dois teriam que sair. Com isso minha mãe se torna dona de casa, mas meu pai continua e, oito anos depois, é transferido para a unidade de Sorocaba e mais tarde se tornam artistas plásticos e professores particulares de artes plásticas na cidade.

Voltamos para a colcha para entender um pouco da história do trabalho com retalhos, que é uma das técnicas mais antigas que se tem notícias, desde um tapete na Sibéria do Séc. I A.C, à capa de uma sela de montaria com aplicações em feltro do

século V A.C, como também uma tenda funerária do século IX A.C., foi pelas cruzadas que a costura com retalhos se espalha pela Europa, no século XI aplicação foram introduzidos na Europa, através das Cruzadas (GREGÓRIO, 2013).

Além da costura temos os apliques, que é um processo criado para remendar tecidos surrados com outros tecidos. Ao longo do tempo, foram se tornando mais decorativos ao se começar a recortar os remendos em diferentes formatos e arrematar suas bordas com fios em realce, os temas podem ser variados, dependendo do que se quer contar. São medidos, desenhados, recortados e, assim, desferir no tecido desejado, isso pode ser feito de diferentes formas como antigamente e ainda hoje à mão e depois de algum tempo passou a ser feito à máquina.

Mello (2007) ressalta, que por ser a aplicação mais rápida de ser executada do que o bordado e ao mesmo tempo capaz de alcançar um bom resultado estético, foi muito usada do século XIII ao XVII, muitas vezes para substituir o bordado. Na Itália, na Alemanha e na França, a grande parte das aplicações era feita mais em artigos domésticos, tais como roupas de cama, enquanto na Inglaterra eram mais usadas nas peças eclesiásticas e vestuários.

Já o *quilting* é uma junção de tecidos acolchoada, macia, enchumaçada. A informação que se tem notícia é que os soldados sarracenos que vieram nas cruzadas trouxeram esse modelo. A sua utilização foi explorada além dos figurinos, na decoração como na tapeçaria, roupas de cama nas casas e palácios por muito tempo.

No Brasil essas técnicas foram trazidas pelas mulheres portuguesas que acompanhavam seus maridos na trajetória pelo Brasil, aqui encontraram com os indígenas que eram excelentes artesãos com seus tapetes balaios e redes, (SILVA,1995). As técnicas foram hibridizadas, transformadas, adaptadas ao nosso contexto social, e permaneceram até os dias atuais. No Brasil, há uma diversidade de técnicas ligadas a linhas e agulhas, como crochê, tricô, rendas de diversos tipos: renascença, bilro, labirinto, crivo, filé, bordados diferenciados, ponto cruz, pontos livres, vagonites, frivolitê e macramê (SILVA,1995).

Essas técnicas aliadas ao ato de tecer e costurar estão entre as práticas mais antigas da história das civilizações, sendo seu uso relacionado do requinte e luxo à proteção, sendo valorizada e apreciada por nobres e burgueses, nômades e camponeses ao longo da história, através dos tempos. Sua permanência e utilização sofreram inúmeras adaptações ao longo de seu tempo de uso, acompanhando o contexto social em que estavam inseridas no momento, todas relacionadas ao

trabalho da mulher na esfera doméstica, responsáveis pela composição não apenas do imaginário feminino, mas na representação de seu espaço e seus objetos, traduzindo o lugar da mulher na sociedade.

Além dos tecidos para se fazer uma colcha de retalhos, como já foi citado, é preciso, agulhas, alfinetes, linhas, régua, placas, estiletes, bastidores, materiais necessários para as muitas formas de trabalho que podem ser realizados. Também é preciso dominar os alinhavos, nós, pontos, tramas, além de aprender sobre apliques, *quilting* e trapuntos.

Figura 37 – Panôs, trapuntos, blocos



Fonte: Elaboração própria

A colcha de retalhos, que poderia ser um panô, uma bandeira, um estandarte, uma tese é uma junção de tecidos de algodão que são cortados, medidos com cuidado, combinados e costurados, formando diferentes desenhos, com variadas formas que são alinhavados em outro tecido e, entre eles, coloca-se uma manta acrílica ou de algodão, que vai fazer com que ela tenha uma aparência mais alta,

saliente e macia. São muitas as técnicas<sup>18</sup> que podem ser realizadas, e foram trazidas dos Estados Unidos e da Europa como *Nine patch*, *Eight Pointed Star*, *Catavento*, *Log Cabin*, *crazy*, livre, entre outras....

Figura 38 – Técnica Blocos



Fonte: Elaboração Própria

A representação da colcha de retalhos neste trabalho vai muito além de uma ilustração, vai além de uma estratégia de leitura que já foi muito utilizada em diferentes contextos, mas neste caso em que procuro estudar o pensamento Ecologista, nas práticas aplicadas no cotidiano escolar no ensino superior na cidade de Sorocaba. Como nos trazem Nilda Alves e Inês Barbosa de Oliveira em seu texto, *Imagens em escolas: espaços tempos de diferenças no cotidiano* (2004, no resumo).

---

<sup>18</sup> Para melhor entendimento buscar in BERTI, G. V. *The complete book of quilting*. Toronto: Sterling Publishing Co, 2004.

Interpretando-as como narrativas de situações ou constituidoras de significados dos mais diversos e evidências das muitas diferenças e semelhanças entre umas e outras, procurando evidenciar a riqueza que elas possuem bem como as múltiplas possibilidades que abrem na compreensão das redes de saberes e fazeres que envolvem os *espaçostempos* cotidianos de *ensinaraprender*, o que as torna, para nós, material de inestimável valor para as pesquisas no/do cotidiano escolar.

Trago essa práxis para percorrer o caminho junto com as outras estudadas e aplicadas e assim a professora/pedagoga/aluna transita com os autores e autoras que provocam, ativam, alimentam as suas experiências e costumes. Estes que se encontram pela minha leitura de suas ideias, que dialogam comigo e com o que acontece no cotidiano das aulas neste tempo e no lugar onde me encontro, com as muitas experiências, leituras e interpretações, como nos traz Alberto Manguel, neste caso ele está fazendo a leitura de uma obra de arte, uma pintura, assim como eu faço com o *Patchwork*.

A nossa interpretação continua privada, uma dentre muitas, uma história acrescentada à história privada da própria pintura, uma segunda, terceira ou décima camada de significado que não se desenvolve a partir da película original da pintura, mas a partir de nosso tempo e lugar. (MANGUEL, 2001, p.171).

O *Patchwork* que estou a praticar faz poucos anos, com o intuito de lazer, ainda no início de um processo que parece longo e na perspectiva impressionista e perfeccionista, mas longo ainda. É apreendida pela aluna do ponto de vista da técnica e depois a observação da pesquisadora aflora, pois sempre esteve ali e com isso observam além das técnicas, as relações que se formam, com as pessoas, com os materiais, com a história da costura e de quem está a coser. Porém, essa forma de trabalho com tecidos, mesmo a pessoa pouco habilidosa ou o que é mais grave, pouco perfeccionista, se aventura em alguns projetos, detalhando todos os processos do produto que irá realizar. Já me arrisquei em alguns planos e devido à paciência de monge da professora e pedagoga Márcia Rodrigues, que consegue de maneira didática e com muitas estratégias, tornar algo difícil em prazeroso, relaxante e encantador, consegui realizar.

São muitos os caminhos de um projeto para uma colcha de retalhos. Pode-se fazer uma interpretação deixando os retalhos escuros de um lado os claros de outro, intercalar os claros e escuros, em sequência, os escuros em cima e os claros embaixo, independentemente de suas estampas. Assim também são as nossas práticas nos

cotidianos escolares, que podem ser variadas. Como desenvolvemos nossa trajetória como professores e professoras estão de acordo com o que lemos, estudamos e acreditamos dentro daquele tempo e espaço onde estamos com aquelas pessoas que também têm suas leituras e questionamentos de mundo. Na prática do cotidiano escolar como na colcha quando você se dispõe a fazer não é algo fácil, você precisa estar disposto, animado, inspirado, algo precisa estar a te mover para ter essa resolução. Pois, é algo grande que demandará um tempo dialogando com direção, coordenação, alunos, assim como com os tecidos, linhas, rendas, apliques, cordões e o que mais você quiser colocar. E não se pode colocar de qualquer maneira, com qualquer tecido, pois não te levará ao teu objetivo, levará a algum lugar que pode ser melhor ou não, será diferente e precisa estar prestando atenção e fazer essas leituras todas que estão surgindo diante de todo o processo. Quando se está realmente envolvido, esses momentos são críticos, porém de muita intensidade. Encontro em Octavio Paz (2006, p.85) no célebre ensaio O uso e a contemplação: “Mas não é só a utilidade que torna o artesanato tão cativante. Ele vive em contato íntimo com nossos sentidos e é por isso que é tão difícil abandoná-lo. Seria como expulsar de casa um velho amigo”. E ainda:

Uma vez que é feita por mãos humanas, a peça de artesanato preserva as impressões digitais – reais ou metafóricas – do artesão que a criou. Essas impressões não são a assinatura do artista; elas não são um nome. Nem são uma marca registrada. Antes, são um signo: a cicatriz quase invisível que denota a irmandade original dos homens, e sua separação. Além de ser feito por mãos humanas, o artesanato também é feito para mãos humanas: não apenas podemos vê-lo, mas tocá-lo com nossos dedos. Nós vemos a obra de arte, mas não a tocamos. (PAZ,2006, p.85).

Esta colcha junto com as práticas do cotidiano está muito manuseada, costurada, descosturada em sua construção, feita e refeita, medida e remeida, necessitando ser passada a ferro em cada costura. O capricho está nos detalhes, são muitas medidas e réguas, é tudo muito minucioso, o exercício da paciência é necessário. Se nesta colcha houver a decisão de se colocar apliques e bordados, a atenção deve ser redobrada porque uma colcha com bordados e apliques a primeira lição aprendida é que o avesso tem que estar melhor que o verso. As práticas têm seu avesso? Qual seria esse avesso? Avesso que vem do latim *aversus* segundo o dicionário Houaiss, que também nos traz: o que se está dentro à amostra e também defeito, desacerto, engano. Quando estamos tratando de práticas, o avesso, o que

está por dentro do que elaboramos, é maior do que imaginamos quando elaboramos o projeto da costura, as situações experienciadas nos proporcionam outras situações, outros aprendizados, que muitas vezes nos levam a 2016 novas montagens da colcha. Como nos traz Paulo Freire, no livro *Pedagogia da solidariedade*;

Neste caso, o professor faz um esforço sincero para ensinar o objeto que ele ou ela supostamente já conhece e os estudantes fazem um esforço sincero para aprender o objeto que eles ainda não conhecem. Entretanto, o fato de que o professor supostamente sabe e que o estudante supostamente não sabe não impede o professor de aprender durante o processo de ensinar e o estudante de ensinar no processo de aprender. A boniteza do processo é exatamente esta possibilidade de reaprender, de trocar. (FREIRE; FERREIRA. 2016, p.30).

Não podemos desconsiderar tudo que o avesso pode nos contar, mostrar, precisamos ler o avesso não como algo a ser arrumado, mas como uma possibilidade de manifestação, de representação de outras histórias daquelas que talvez não possam ou não queiram ser contadas e só iremos descobrir se estivermos envolvidos nas práticas de todas as formas. Desse modo,

É necessário preservar o avesso, você me disse. Preservar aquilo que ninguém vê. Porque não demora muito e a cor da pele atravessa nosso corpo e determina nosso modo de estar no mundo. E por mais que sua vida seja medida pela cor, por mais que suas atitudes e modos de viver estejam sob esse domínio, você de alguma forma, tem de preservar algo que não se encaixa nisso, entende? (TENÓRIO, 2020, p.61).

Ficamos por muito tempo em um perfeccionismo que nos afasta da realidade, do que está acontecendo na prática, do imprevisível, do momento, do instante. Assim, nos traz Jeanne Marie Gagnebin em seu texto: *A criança no limiar do labirinto*, lido no texto *O avesso do bordado: Walter Benjamin, José Leonilson e Lu Menezes [...]*, mas a criança não borda somente para ver aparecer as flores esboçadas no lado 'certo' do papel; ela se encanta também pelo verso, por esse avesso labiríntico inseparável da ordem do desenho (GAGNEBIN, 2013, p. 92) e ainda em Walter Benjamin:

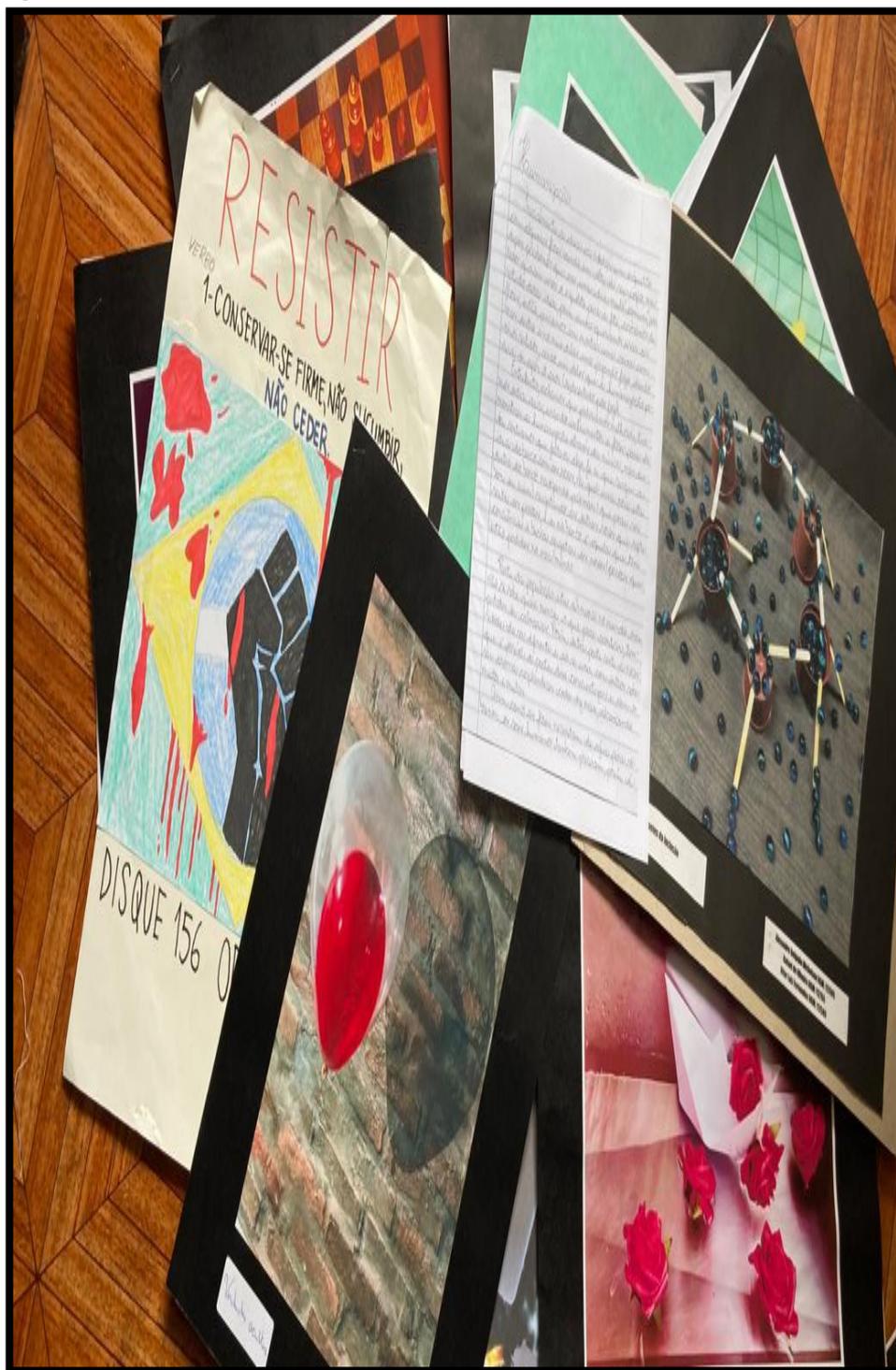
Quando mais cedo escurecia, tanto mais frequentemente pedíamos as tesouras. Então ficávamos, nós também, horas seguindo com o olhar a agulha, da qual pendia indolente um grosso fio de lã. Pois sem dizê-lo, cada um de nós tomara de suas coisas que pudessem ser forradas – pratos de papel, limpa-penas, capas – e nelas alinhavávamos flores segundo o desenho. E à medida que o papel abria caminho à agulha com um leve estalo, eu cedia à tentação de me apaixonar pelo reticulado do avesso que ia ficando cada vez mais confuso a cada ponto dado, com o qual, na frente, me aproximava da meta (BENJAMIN, 2012, p. 131).

Fazer uma colcha, contar uma história, Amos Oz em seu livro póstumo *Do que é feita a maçã* (2019, p.12), com a sua editora Shira Hadad nos presenteia com essa definição de história,

Uma maçã. Tome uma maçã. Do que é feita a maçã? Água, terra, sol, uma macieira e um pouco de adubo. Mas ela não se parece com nenhuma dessas coisas. É feita delas, mas não se parece com elas. Assim é uma história, que com certeza é feita de uma soma de encontros e experiências e atenções.

As costuras têm a intenção de trazer à tona todas as histórias observadas e cercadas pelo pensamento ecologista, que propunham aos estudantes de Educação Física, outros olhares sobre a imagem, a poesia, sobre a cultura, sobre a história que foi contada e as que deixaram de ser contadas. A intenção era de provocação de transbordar, recolher os retalhos, as linhas, as fitas e juntá-los, sair do óbvio e usar outras formas de diálogo, ressignificar o debate na educação. E continuamos a chulear, apenas continuamos...

Figura 39 - Continuar



Fonte: Elaboração Própria

Figura 40: Pontear



Fonte: Arquivo da autora

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda N. **O perigo de uma única história**. 2009. *TED* (Tecnologia, Entretenimento e design) 1 vídeo (19:16). Disponível em: [https://www.ted.com/talks/chimamanda\\_Ngozidi\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story/transcript/language=pt](https://www.ted.com/talks/chimamanda_Ngozidi_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript/language=pt) Acesso em 05/08/2019.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora: Jandaíra, 2020.

ALVES, Nilda. **O espaço escolar e suas marcas: o espaço escolar como dimensão material do currículo**. Rio de Janeiro: D, P & A, 1998.

ALVES, Nilda. **A narrativa como método na história do cotidiano escolar**. Disponível em: [www.Bibliotecadominiopublico.com.br](http://www.Bibliotecadominiopublico.com.br). Último acesso em 12 de jun. 2020, v. 29, p. 0972009, 2000a.

ALVES, Nilda. A aula: redes de práticas. **Os processos cotidianos de aprender e ensinar**. Rio de Janeiro, 2000b.

ALVES, Nilda. Tecer conhecimento em rede. *In*: ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite (org.). **O sentido da escola**. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001a.

ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite. Atravessando fronteiras e descobrindo (mais uma vez) a complexidade do mundo. *In*: ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite (org.). **O sentido da escola**. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001a.

ALVES, Nilda *et al.* **Criar currículo no cotidiano**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2004.

ALVES, Nilda. **Práticas pedagógicas em imagens e narrativas**: memórias de processos didáticos e curriculares para pensar a escola de hoje. São Paulo: Cortez, 2019.

ALVES, Nilda. Dois fotógrafos e imagens de crianças e seus professores: as possibilidades de contribuição de fotografias e narrativas na compreensão de *espaçotempos* de processos curriculares. *In*: OLIVEIRA, Inês Barbosa (org.). **Narrativas: outros conhecimentos e outras formas de expressão**. Petrópolis, RJ: DP et Alii, 2010.p.185-206.

ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa. Imagens de escolas: *espaçotempos* de diferenças. **Educação e Sociedade**. v.25, n.86, p.17-36, abr. 2004. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302004000100003&lng=pt&tlng=ptno](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302004000100003&lng=pt&tlng=ptno) cotidiano. Acesso em 13 out.2019.

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho – o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. *In*: OLIVEIRA, Inês B; ALVES, Nilda. (org.). **Pesquisa no/do**

**cotidiano das escolas: sobre redes de saberes.** Rio de Janeiro: DP&A, 2001b. p. 13-38.

ANDRADE, Nívea; CALDAS, Alessandra Nunes; ALVES, Nilda. Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos – após muitas ‘conversas’ acerca deles. *In* OLIVEIRA, Inês Barbosa, PEIXOTO, Leonardo Ferreira; SÜSSEKIND, Maria Luiza. **Estudos do cotidiano, currículo e formação docente: questões metodológicas, políticas e epistemológicas.** Curitiba:CRV,2019. p.19-45.

ASSIS, Machado. **Um apólogo.** São Paulo: DCL, 2003.

BACCEGA, Maria Aparecida. O estereótipo e as diversidades. **Comunicação & Educação**, n. 13, p. 7-14, dez. 1998. DOI: 10.11606/ISSN 2316-9125.v0i13. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36820>. Acesso em: 15 abr. 2019.

BAHIA, Ana Beatriz. **Bordaduras na Arte Contemporânea brasileira:** Edith Derdyk, Lia Menna Barreto e Leonilson.2002. **Periscope Magazine**, Florianópolis, n. 3, ano 2, mai.2002. Disponível em: <http://www.casthalia.com.br/periscope/casthaliamagazine3.html>. Acesso em: 19 fev.2020.

BARCHI, Rodrigo. Contribuições “inversas”, perversas” e menores às educações ambientais. **Revista Interações.** v. 5, n. 11, abr. 2009.ISSN 1646- 2335 *online*. DOI 10.25755/int.381. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/interacoes/issue/view/45>. Acesso em: 14 jun.2020.

BARCHI, Rodrigo. **As pichações nas escolas: uma análise sob a perspectiva da educação ambiental libertária.** Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade de Sorocaba - Sorocaba,2006. Disponível em: <http://educacao.uniso.br/producao-discente/dissertacoes/2006/027/Rodrigo%20Barchi.pdf>. Acesso em:20 jun.2020.

BARCHI, Rodrigo. O ruído infame das ecologias menores: O grindcore e as relações entre meio ambiente e educação. **Revista do Lhiste** – Laboratório de Ensino de História e Educação da Universidade Federal do Rio Grande do disponível em: Sul: Porto Alegre, v.4, n.6, jan./dez 2017. ISSN 2359-5973 Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/revistadolhiste/issue/view/3525/showToc>. Acesso em 14 jun.2020.

BARTALOTTI, Celina Camargo. **Inclusão social da pessoa com deficiência: utopia ou possibilidade.** 1ª ed. São Paulo: Paulus, 2006.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto.** São Paulo: Perspectiva, 1987.

BARTHES, Roland. **Aula: aula inaugural de cadeiras de semiologia literária do Colégio de França, pronunciado dia 07 de janeiro de 1977.** Tradução de Leyla Perrone-Moisés. 16ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BATT, Tanya Robin. **O tecido dos contos maravilhosos: contos de lugares distantes**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

BENITO, Rosângela. **A influência da Associação Cristã de Moços na disseminação do esporte e lazer em Sorocaba**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) Universidade Metodista de Piracicaba - Piracicaba, 2007. Disponível em: [http://iepapp.unimep.br/biblioteca\\_digital/visualiza.php?cod=MzQy](http://iepapp.unimep.br/biblioteca_digital/visualiza.php?cod=MzQy). Acesso em: 15 abr.2019.

BENJAMIN, Walter. **Rua de Mão única**. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BERTI, Gianna De Valli. **The complete book of quilting**. Toronto: Sterling Publishing Co, 2004.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo Romeu. A Pesquisa Participante e a partilha do saber: uma introdução. *In: Pesquisa Participante: a partilha do saber*. Aparecida, São Paulo: Ideias & Letras, 2006.p.21-54.

BRITO, Thais Fernanda Salves. **Bordados e bordadeiras: Um estudo etnográfico sobre a produção de bordados em Caicó/RN**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-15122011-175001/pt-br.php>. Acesso em: 10 jan.2021.

BRITO, Thais Fernanda Salves de. Narrativas, repertórios e aprendizado: Bordados e bordadeiras. **Illuminuras**, Porto Alegre, v. 14, n. 34, p. 125-154, ago./dez. 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/illuminuras/article/view/44384>. Acesso em: 10 jan.2021.

CAMELO, Francisco. O avesso do bordado: Walter Benjamin, José Leonilson e Lu Menezes. **IPOTESI**, Juíz de Fora, v.22, n.2, p.118-127, jul./dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/ipotesi/article/view/25635>. Acesso em: 18 dez.2021.

CANDAU, Vera Lúcia. Multiculturalismo e educação: desafios de uma prática pedagógica. *In: MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; CANDAU, Vera Lucia. Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas*. 10ª edição. Petrópolis: Vozes, 2013.p.13-37.

CANDAU, Vera Lucia. Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas. **Currículo sem fronteiras**. Rio de Janeiro, v.1, n.2, p.240-255, jul./dez.2011. ISSN 1645-1384 Disponível em: <https://saopauloopencentre.com.br/wp-content/uploads/2019/05/candau.pdf>. Acesso em: 19 set.2020.

CANDAU, Vera Lucia. Diferenças culturais, interculturalidade e educação em direitos humanos. **Educação e Sociedade**. Campinas, v..33, n.118, p. 235-255, jan./mar.2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/QL9nWPmwbhP8B4QdN8yt5xg/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em :19 set.2020.

CARAMÉS, Julia. **Teko Semente e seus Vestidos Poema: O artista costura roupas honrando a natureza e reaproveitando tecidos que iriam para o lixo. E, a cada criação, também nasce bordada uma poesia.** 09/10/2020. <https://yam.com.vc/conexao/792273/teko-semente-e-seus-vestidos-poema-que-honram-a-natureza>. Acesso em: 15 abr.2021.

CARDOSO, Carlos Augusto. **A dança do espantalho/ 1º movimento**. Sem data. Técnica de giz pastel. Coleção particular.

CARDOSO, Íris Adriane Santoro Cardoso. **Educação Física e Educação Ambiental: Uma possibilidade de diálogo por meio das práticas pedagógicas cotidianas com crianças de 1ª a 4ªséries**. 2007. (Dissertação de Mestrado em Educação) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba,2007.

CARONE, Modesto. **Resumo de Ana**. 2ª ed. São Paulo, Companhia das letras,1998.

CARVALHO, Rosita Edler. **Escola inclusiva: A reorganização do trabalho pedagógico**. 3ª ed. Porto Alegre: Ed. Meditação, 2010.

CASTANHO. Lenine. Universal music, 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=r8hkfn3FMCU>.

CASTELANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil: a história que não se conta**. São Paulo: Papyrus, 1988.

CATUNDA, Marta. **ABC dos encontros sonoros: entre cotidianos da educação ambiental**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2013.

CAVALIERI, Márcia Maria. **Patchwork: Retalhos De Técnica, Memória, Arte E Artesanato**. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade) - Universidade da Região de Joinville, Joinville, 2011. Disponível em: [file:///C:/Users/Usuario/Downloads/MARCIA\\_CAVALLIERI%20\(1\).PDF](file:///C:/Users/Usuario/Downloads/MARCIA_CAVALLIERI%20(1).PDF). Acesso em: 20/02/2020

CAVALLEIRO, Eliane (ORG). **Racismo e antirracismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Selo Negro, 2001.

CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar, ao silêncio escolar**. 6ª ed. São Paulo: Editora Contexto, 2020.

CHAGAS, Claudia Regina Ribeiro Pinheiro das. **Bordado como expressão de vida: gênero, sexualidade.** *In:* REUNIÃO ANUAL DA ANPED., 30., 2008, Caxambu. Tema: Gênero, Sexualidade e Educação.

CESAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo.** São Paulo: Veneta, 2020.

Clavatta, Maria. Educando o trabalhador da grande “família da fábrica”. A fotografia como fonte histórica. *In:* Clavatta, Maria; Alves, Nilda (Orgs.). **A leitura de imagens na pesquisa social: história comunicação e educação.** São Paulo: Cortez, 2004.p.37-59.

Collet, Leticia Gouvêa. **Bordar a academia: Antropologia estética e saber do corpo.** *In:* Congresso em Artes-manuais na Academia.jan.2020, São Paulo. **Anais do I Congresso em Artes-Manuais na Academia** [livro eletrônico]. Museu Nacional de Belas Artes, 2021. p.22-33.

Daolio, Jocimar. **Educação física brasileira: autores e atores da década de 1980.** Campinas: Papirus, 1998

Daolio, Jocimar. **Educação e o conceito de cultura.** Campinas: Autores Associados, 2004.

Daolio, Jocimar. **Cultura: Educação física e futebol.** 3ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

Daolio, Jocimar. **Educação Física escolar: olhares a partir da cultura.** Campinas: Autores Associados, 2010.

Daolio, Jocimar. **Da cultura do corpo.** 17ªed. Campinas: Papirus, 2013.

Daolio, Jocimar. **Educação Física + humanas.** Campinas: Autores Associados, 2015.

Degas, Edgar. **Aula de dança.** 1871-1874. Pintura óleo sobre tela. Disponível em: <https://pt.wahooart.com/@/8EWFD6-Edgar-Degas-a-aula-de-dan%C3%A7a>. Acesso em: 20 mai.2020.

Delfiol, Tatiana de Andrade Aguiar Delfiol; Rosa, Milton. Etnomodelagem em salas de aula através dos quilts da liberdade. **Revista Interdisciplinar em ensino de ciências e matemática.** Araguaína. v.01, n.02, p. 94 – 108, 2021. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/12275-Texto%20do%20artigo-60955-1-10-20211123.pdf>. Acesso em: 03 jan.2022

Deligny, Fernand. **Os vagabundos eficazes.** São Paulo: N1edições,2018.

Fanon, Frantz. **Condenados da terra.** 3ª ed. Juiz de Fora: UFJF, 2015.

Fanon, Frantz. **Pele Negra Máscaras Brancas.** 1ª ed. Salvador: EDUFBA, 2008.

FANON, Frantz. **Por uma revolução africana: textos políticos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. **Pesquisa com o cotidiano**. Educ. Soc., vol. 28, n. 98, p. 73-95. Campinas: Jan/Abr. 2007.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. Currículos e conhecimentos em redes: as artes de dizer e escrever sobre a arte de fazer. *In*: ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite (org.). **O sentido da escola**. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.p.121-150.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. [...]e pesquisas com os cotidianos: ou sobre imagens e narrativas, *In*: FERRAÇO, Carlos Eduardo. [...] **currículos em redes**. Curitiba: CRV, 2016.p.27- 40.

FREIRE, Ana Maria Araújo. (Org). **Pedagogia do compromisso/ América Latina e educação popular**. 1ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e terra, 2018.

FREIRE, Ana Maria Araujo; OLIVEIRA, Walter Ferreira. **Pedagogia da solidariedade**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e terra, 2016.

FREIRE, João Batista. **Educação de corpo inteiro**. 3ª ed. São Paulo: Scipione, 1992.

FREIRE, João Batista; SCAGLIA, Alcides José. **Educação da prática corporal**. São Paulo: Scipione, 2009.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 28ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho D'Água, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. 4ª ed. São Paulo: UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: Unesp, 2001.

FREIRE, Paulo. **Política e educação: questões da nossa época**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo**. 5ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 63ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

FREIRE, Paulo. **Direitos humanos e educação libertadora: Gestão democrática da educação pública na cidade de São Paulo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. Memória: Entrevista Paulo Freire. [Entrevista concedida a Mario Sérgio Cortella e Paulo de Tarso Venceslau]. **Revista Teoria e Debate**, n. 17 – jan.1992. Disponível em: <http://csbh.fpabramo.org.br/o-quefazemos/editora/teoria-e-debate/edicoes-anteriores/memoria-entrevista-paulo-freire>. Acesso em: 10 set. 2019.

FREIRE, Paulo. **Paulo Freire: o andarilho da utopia**. Produzido por Rádio Nederland. 14 min. nov. 1998. Disponível em <http://acervo.paulofreire.org/xmlui/handle/7891/3279>. Acesso em: 27set.2020.

GAGBENIN, Jeanne Marie. A criança no limiar do labirinto. *In*: GAGBENIN, Jeanne Marie. **História e narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 2013. p. 73-92.

GALLO, Silvio. Em torno de uma educação menor. **Educação e realidade**, Rio Grande do Sul, v.07, n.02. 2002. ISSN 2175-6236 Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/25926>. Acesso em: 15 abr.2021.

GANDERTON, Lucinda. **Dicionário de pontos**. São Paulo: Ambientes & Costumes Editora,2012.

GARCIA, Regina Leite. Do baú de memórias: histórias de professora. *In*: ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite (org.). **O sentido da escola**. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p.43 – 63.

GERMANO, Marcia A; REIGOTA, Marcos. Relembrando Paulo Freire: Entrevista com Ana Maria Araújo Freire. **Revista de Estudos Universitários - REU**, v. 35, n. 1, 2009. Disponível em: <http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/reu/article/view/406>. Acesso em: 27 jul.2021.

GOBBY, Camila. Uma peneira fina que retém só os nós do bordado, de Camila. *In: Escola de criação ficcionais: Escrevo*. 2018. Disponível em: <http://escrevo.etc.br/para-ler-escritoras-16>. Acesso em: 14 mai.2021.

GODOY, Ana. **A menor das ecologias**. São Paulo: EDUSP, 2008.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, n.01, jun. 2003. p. 167-182. DOI 10.1590/S1517-97022003000100012. Disponível em: <https://www.scielo.br/ij/ep/a/sGzxY8WTnyQQQbwjG5nSQpK/?lang=pt>. Acesso em: 16 jun. 2020.

GOMES, Nilma Lino. **Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte**. Tese (Doutorado de Filosofia, Letras e Ciências Humanas) - Universidade de São Paulo. 2002. Disponível em: <http://pos.fflch.usp.br/node/13424>. Acesso em: 14 ago.2019.

GOMES. Laurentino. **Escravidão – do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares**. Vol. I. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.

GOMES. Laurentino. **Escravidão – da corrida do ouro em Minas Gerais até a chegada da corte de Dom João ao Brasil**. Vol. II. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2021.

GONZALES, Lélia. **Por um feminismo Afro-latino-americano: ensaios intervenções e diálogos/Organização Flavia Rios, Marcia Lima**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GREGORIO, Paula Maria Fernandes. **A exploração da técnica do patchwork no vestuário feminino contemporâneo**. Dissertação (Mestrado em Design de Vestuário e Têxtil) - Escola Superior de Artes Aplicadas do Instituto Politécnico de Castelo Branco - Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa.2013. Disponível em: <https://1library.org/document/zgxl062q-a-exploracao-da-tecnica-patchwork-vestuario-feminino-contemporaneo.html>. Acesso em 20/02/2020

GREINER, Christine. **O corpo: pistas para estudos indisciplinados**. São Paulo: Annablume, 2005.

GREINER, Christine. **Os novos estudos do corpo para repensar metodologias de pesquisa DO CORPO: Ciências e Artes**. v. 1, n. 1, jul./dez. 2011. Disponível em: [https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/11\\_Os\\_novos\\_estudos\\_do\\_corpo\\_para\\_repensar.pdf](https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/11_Os_novos_estudos_do_corpo_para_repensar.pdf). Acesso em 09 mar. 2021.

GUIMARÃES, Ana Archangelo *et al.* Educação Física escolar: atitudes e valores. 2001. **Motriz**, Rio Claro, v. 07, n. 01, jun.2001. p.17-22. Disponível em: <http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/07n1/Guimaraes.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2019.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio A. **Classes, Raças e Democracia**. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio A. **Racismo e Antirracismo no Brasil**. 3ª ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso et. al. (org.). **Ecologias Inventivas: experiências das/nas paisagens**. Curitiba: CRV, 2015.

GUIMARÃES, Mariana. O fio como paisagem na mediação casa, corpo e obra. In: Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. **Anais do 26º Encontro da Anpap**. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2017. p. 2511-2524. Disponível em: [http://anpap.org.br/anais/2017/PDF/S04/26encontro\\_\\_\\_\\_GUIMAR%C3%83ES\\_Mariana.pdf](http://anpap.org.br/anais/2017/PDF/S04/26encontro____GUIMAR%C3%83ES_Mariana.pdf). Acesso em: 15 jun. 2021.

GUSMÃO, Neusa. **Diversidade, cultura e educação**. 1ª ed. São Paulo: Biruta, 2013.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. 5ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 103-133.

HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

HATOUM, Milton. **Cinzas do Norte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

HATOUM, Milton. **Órfão do Eldorado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

HATOUM, Milton **A cidade ilhada: contos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.  
hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

JANUZZI, Gilberta de Martino. **A educação do deficiente no Brasil: dos primórdios ao início do século XXI**. 2ª ed. Campinas: Autores Associados, 2006.

KILOMBA, Grada. **Memórias de plantação**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KILOMBA, Grada. #Pina live. **Bate papo com Grada Kilomba** [entrevista cedida] Yoran (Jorshen) Voltz. 06/06/2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XMMex7AsXck>. Acesso em: 06jun.2020.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. 5ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LOBO, Thamy. **Nós 'escritoresleitores': tecendo narrativas cotidianas e imaginárias com jovens acerca de movimentos migratórios**. Dissertação (Pós graduação em processos formativos e desigualdades sociais) - Universidade do estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://www.bdttd.uerj.br:8443/bitstream/1/16369/2/Disserta%c3%a7%c3%a3o%20-%20Thamy%20Lobo%20-%202021%20-%20Completa.pdf>. Acesso em: 17/11/2021.

LOPES, Nei. **Enciclopédia Brasileira da diáspora africana**. 4ª ed. São Paulo: Selo Negro, 2011.

LOURO, Guacira Lopes. **Corpo Educado; pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e a teoria Queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. **Rev. Estud. Fem.** v. 9, n. 2, fev.2001, p. 541-553. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/64NPxWpgVkt9BXvLXvTvHMr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 06 abr.2021.

MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens**. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

MASSARI, Maurício. **A contribuição do mestrado em Educação da UNISO aos professores de Educação Física**. 2014. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de Sorocaba. Disponível em: [http://educacao.uniso.br/producao-discente/teses/Teses\\_2014/mauricio-massari.pdf](http://educacao.uniso.br/producao-discente/teses/Teses_2014/mauricio-massari.pdf). Acesso em: 14 abr.2020.

MASHELLAN, Jean. E-ducando o Olhar: a necessidade de uma pedagogia pobre. **Educação & Realidade**. v.33, n.01, p. 35 - 48 jan/jun 2008. ISSN 2175 6236. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/6685/3998>. Acesso em: 20jul. 2019.

MAZZOTTA, Marcos José da Silveira. **Educação especial no Brasil: história e políticas públicas**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2005

MBEMBE, Achiles. **Descolonização, necropolítica e o futuro do mundo**. Outras Fitas, Brasil, 2019. Disponível em: <http://afita.com.br/outras-fitasdescolonizacao-necropolitica-e-o-futuro-do-mundo-com-achille-mbembe/>. Acesso em: 05 nov.2019.

MC Cesar. **Canção Infantil**. Rio de Janeiro: Produtora Pineapple Storm.2019 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ri-eF5PJ2X0-cancao>. Acesso em: 09/10/2019.

MELLO, Lydia Nunes Rebouças. **Retalhos d'alma: uma pesquisa ação sobre as repercussões do trabalho com retalhos no mundo da mulher arte-sã**.

Dissertação (mestrado) – Universidade Católica de Brasília. Brasília, 2007. Disponível em: <https://bdtd.ucb.br:8443/jspui/handle/123456789/1904>. Acesso em 20 nov.2020.

MELO, Glenda Cristina Valim. Entrevista com Nilma Lino Gomes/LINGUAGEM EM FOCO. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UECE**. v.08, n.02, ano 2016 - Volume Temático: Linguagem e Raça: diálogos possíveis p.115-122 Disponível em: [https://www.1912-texto%20do%20manuscrito%20com%20identifica%C3%A7%C3%A3o-6624-1-10-20190923%20\(1\).pdf](https://www.1912-texto%20do%20manuscrito%20com%20identifica%C3%A7%C3%A3o-6624-1-10-20190923%20(1).pdf). Acesso em: 21 fev.2021.

MENEZES, Lu; MASSI, Augusto. **Gabinete de curiosidades**. São Paulo: Luna Parque, 2016.

MONTEIRO, Marianna Francisca Martins.; Dias, Paulo. Os fios da trama: grandes temas da música popular tradicional brasileira. Estudos Avançados. **Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo**, São Paulo, v. 24, n. 69, p. 349-371, 2010. Disponível em: <https://hdl.handle.net/11449/29118>. Acesso em: 21/02/2021.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. 10ª ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. *IN: 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação*, Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira- Niterói,2003. Disponível em: <http://www.eduff.uff.br/index.php/livros/662-cadernos-penesb-programa-de-educacao-sobre-o-negro-na-sociedade-brasileira-n-5>. Acesso em: 12 dez.2021.

NASCIMENTO, Beatriz; RATTI, Alex. **Uma história feita por mãos negras: Relações raciais, quilombos e movimentos**. Rio de Janeiro:Zahar,2021.

NUNES, Marília Forgearini. Leitura mediada do livro de imagem pra o letramento visual e sensível das crianças. **Revista Claraboia**, Jacarezinho, n.16, p. 169-185, jul./dez, 2021. ISSN: 2357-9234. Disponível em: <https://1905-7490-1-PB.pdf>. Acesso em 20set.2021.

OLIVEIRA, Inês Barbosa; SGARBI, Paulo. **Estudos dos cotidianos & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de Oliveira *et al.* **Narrativas: outros conhecimentos outras formas de expressão**. Petrópolis, RJ: DP et Alii FAPERJ, 2010.

OLIVEIRA, Inês Barbosa; GERALDI, João Wanderley. Narrativas: outros conhecimentos e outras formas de expressão. *In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de Oliveira*

*et al. Narrativas: outros conhecimentos e outras formas de expressão.* Petrópolis, RJ: DP et Alii, 2010.p.13 - 28.

OLIVEIRA, Inês Barbosa; GARCIA, Alexandra. **Nilda Alves:Praticantepensante de cotidianos.** Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

OZ, Amos; SHIRA, Hadad. **Do que é feita a maçã: seis conversas sobre amor, culpa e prazeres.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

OZ, Amos. **De repente nas profundezas do bosque.** São Paulo: Editora Seguinte, 2007.

PRADO, Barbara Heliodora Soares do Prado. **Educação Ambiental no cotidiano das escolas rurais de Itapetininga: A recuperação das matas ciliares.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba,2004. Disponível em: <http://educacao.uniso.br/producao-discente/dissertacoes/2004/barbara-soares.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2020.

PAZ, Octavio. O Uso e a Contemplação. São Paulo. **Revista Raiz.** n.3. p.82-89, 2006. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/352042511/Revista-RAIZ-Edicao-N%C2%BA-03-Octavio-Paz>. Acesso em: 20 abr. 2020.

PROENÇA, Eder Rodrigues. **Cartografia dos corpos estranhos: narrativas ficcionais das homossexualidades no cotidiano escolar.** 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2009. Disponível em: [http://educacao.uniso.br/producao-discente/dissertacoes/2009/Eder\\_Rodrigues\\_Proenca.pdf](http://educacao.uniso.br/producao-discente/dissertacoes/2009/Eder_Rodrigues_Proenca.pdf). Acesso em: 19 abr.2020.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se: Feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade.** Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

RAMOS, Andreia Teixeira. **Mulheres no congo do Espírito Santo: Práticas de re-existência ecologista nos cotidianos escolares.** 2018. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de Sorocaba. Sorocaba, 2018.

REIGOTA, Marcos Antônio dos Santos. **Ecologistas.** Santa Cruz do Sul: EDUNISC,1999.

REIGOTA, Marcos Antônio dos Santos. **O que é Educação ambiental.** São Paulo: Brasiliense, 2001.

REIGOTA, Marcos Antônio dos Santos. **Meio ambiente e representação social.** 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2002a.

REIGOTA, Marcos Antônio dos Santos. **A Floresta e a escola**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2002b.

REIGOTA, Marcos Antônio dos Santos. Trajetórias e narrativas através da Educação Ambiental. *In*: REIGOTA, Marcos Antônio dos Santos; POSSAS, Raquel; RIBEIRO, Adalberto. (org.). **Trajetórias e narrativas através da Educação Ambiental**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.p.09 -18.

REIGOTA, Marcos Antônio dos Santos; PRADO, Barbara; Heliodora Soares. **Educação Ambiental: utopia e práxis**. São Paulo: Cortez, 2008.

REIGOTA, Marcos Antônio dos Santos. A contribuição política e pedagógica dos que vêm das margens. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v.11, n. 21, jan./abr. 2010. ISSN 1982 – 0305. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24105>. Acesso em: 31jun.2020.

REIGOTA, Marcos Antônio dos Santos. Houve uma vez um verão: Releituras com a noção de rede de conhecimentos de Nilda Alves. **Revista Teias**. Rio de Janeiro, v. 13, n. 29, p.35-46. n. especial. 2012. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24293>. Acesso em: 15 ago.2021.

REIGOTA, Marcos Antônio dos Santos. A devastação ecológica em cinzas do norte de Milton Hatoum. **Psicologia & Sociedade**, v.26, n.3, p.707-715, 2014. DOI 10.1590/S0102-71822014000300019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/ckb63YgRDZMptdxYCYypZxB/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 23 out. 2020.

REIGOTA, Marcos Antônio dos Santos. Afetos, educação ambiental e política: Encontros com Nita e Paulo Freire. **The Postcolonialist**. v. 1, p. 1-5, 2013. Disponível em: <http://postcolonialist.com/culture/afetos-educacao-ambiental-e-politica-encontros-com-nita-e-paulo-freire/>. Acesso em: 12 nov.2019.

REIGOTA, Marcos Antônio dos Santos. A ecosofia de Félix Guattari e suas conexões tropicais. *In*: ROMAGUERA, Alda; AMORIM, Antonio Carlos. **Conexões: Deleuze e máquinas e devires e...** Petrópolis: DP *et Alli*, 2016. P. 77-92.

REMBRANDT, Harmenszoon van Rijn. **Paisagem com três árvores**.1643. Gravura. Disponível em: <https://www.wikiart.org/pt/pierre-auguste-renoir/o-almoco-dos-barqueiros-1881>. Acesso em: 20 mai.2019.

RENOIR, Auguste – Pierre. **Almoço com os barqueiros**. 1881. Pintura óleo sobre tela. Disponível em: <https://pt.wahooart.com/@/@/8EWFD6-Edgar-Degas-a-aula-de-dan%C3%A7a>. Acesso em: 20 mai.2020.

RIBAS, Maria Cristina. Depoimentos à meia luz: a Janela da Alma ou um breve tratado sobre a miopia. **ALCEU**, v.3 - n.6 - p. 65 a 78 - jan./jul. 2003. Disponível em: [http://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/media/alceu\\_n6\\_Ribas.pdf](http://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/media/alceu_n6_Ribas.pdf). Acesso em: 13 abr. 2021.

RIBEIRO, Leodir Francisco. **Por entre corpos, vidas e culturas: Um (des) encontro entre a Educação Física escolar e a Educação ambiental**. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Sorocaba. Sorocaba, 2004. Disponível em: <http://educacao.uniso.br/producao-discente/dissertacoes/2004/leodir-ribeiro.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2020.

RODIN, François Auguste René. **Três sombras**. Escultura em bronze. 1886. Disponível em: <https://pt.wahooart.com/@@/8EWFD6-Edgar-Degas-a-aula-de-dan%C3%A7a>. Acesso em: 20 mai. 2020.

ROSENHEIN, Daiane Figueiredo; ZAMPERETTI Maristani Polidori. As tramas nas Artes Visuais – uma possibilidade para o sensível. **Anais XVIII Seminário da história da arte**. v.02, n.09, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Arte/article/view/4930/3690> Acesso em: 10 nov. 2021.

RUFINO, LUIZ. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

RUSSO, Renata. Do corpo usado ao corpo conhecido: uma reflexão a partir da Educação Física e da Ginástica. *In*: GAIO, Roberta; GÓIS, Ana Angélica Freitas; BATISTA, José Carlos Freitas. **Ginástica em questão**. São Paulo: Phorte, 2010. p.77 – 96.

SAID, Edward W. **Reflexões do exílio: e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SAID, Edward W. **Fora do lugar: memórias**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SANTORO, Ida. **Flores**. Sem data. Original de arte, acrílico sobre tela, 70 cm x 90 cm. Coleção particular.

SANTOS, Boaventura de Souza; Para além do pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *In*: SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010. p.31-83.

SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula. Introdução. *In*: SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010. p.15-27.

SASSAKI, Romeu K. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. 7ª ed. Rio de Janeiro: WVA, 2006.

SEMENTE, Teko. Website YAM. Entrevista realizada por Julia Caramés em 09/10/2020. Disponível em: <https://yam.com.vc/conexao/792273/teko-semente-e-seus-vestidos-poema-que-honram-a-natureza>. Acesso em: 06/07/2021.

SILVA, Maria Regina. **O Universo da bordadeira: Estudo etnográfico do bordado em Passira**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 1995. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/16973>. Acesso em: 21 ago. 2020.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 73-102.

SOARES, Carmem Lúcia; MADUREIRA, José Rafael. Educação física, linguagem e arte: possibilidades de um diálogo poético do corpo. **Revista Movimento da UFRGS**. v. 11, n. 02, 2005. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.2869> Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2869/0>. Acesso em: 21 mar. 2021.

SOARES, Carmem Lucia. Imagens da educação no Corpo. A ginástica e estética da retidão. **Revista Digital – Buenos Aires**, v. 5, n. 26, out. 2000. IIIº Encuentro Deporte Y Ciencias Sociales y 1ªs Jornadas Interdisciplinares sobre deporte. UBA – 13 al 15 de Octubre 2000. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd26a/corpo.htm>. Acesso em: 12 mar. 2021.

SOARES, Carmen Lúcia. **Educação física: raízes europeias e Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

SOARES, Magda. **Metamemória – Memórias: travessia de uma educadora**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

SPNK, Mary Jane Paris. **Linguagem e produção de sentidos no cotidiano**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010.

SPINK, Mary Jane Paris. **Viver em área de risco: reflexos sobre vulnerabilidades socioambientais**. São Paulo, EDUC: Terceiro nome, 2018.

SPINK, Peter Kevin. **O pesquisador conversador no cotidiano**. Psicologia & Sociedade. Porto Alegre: Edição Especial, 2008. p. 70-77.

TENÓRIO, Jeferson. **O avesso da pele**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras. 2020.

THAMY, Lobo. **Nós escritoresleitores: Tecendo narrativas cotidianas e imaginárias com jovens acerca de movimentos migratórios**. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação - Processos Formativos e Desigualdades Sociais) - Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2021. Disponível em: <http://www.bdttd.uerj.br/handle/1/16369>. Acesso em: 16 nov. 2021.

TREVISAN, Kleber. **O SER PROFESSOR: NARRATIVAS DO COTIDIANO NA FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA ACM DE SOROCABA**. 2021. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de Sorocaba. Sorocaba, 2021. Disponível em: [http://educacao.uniso.br/producao-discente/teses/teses\\_2021/kleber-trevisam.pdf](http://educacao.uniso.br/producao-discente/teses/teses_2021/kleber-trevisam.pdf). Acesso em: 20 set. 2021.

TORRES, Daniela Lima **Novas configurações de dança no processo de comunicação entre corpo e ambiente: uma análise de espacialidades de dança em Realidade Aumentada móvel**. Dissertação (em Artes, Cultura e Linguagens) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/ppgacl/wp-content/uploads/sites/139/2019/08/Daniela-Torres-Lima-Disserta%C3%A7%C3%A3o-final.pdf>. Acesso em: 10 set. 2021.

VARGAS, Lina María Álvarez. **La poética del peinado afrocolombiano en Bogotá**. 2003. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade de Colombia, Bogotá, 2003. Disponível em: <https://jaimearocha.files.wordpress.com/2015/06/poc3a9tica-del-peinado-afrocolombiano.pdf>. Acesso em: 12 de 2021.

VIANNA, Angel; CASTILHO, Jacyan. Percebendo o corpo. *In*: GARCIA, Regina Leite (org.). **O corpo que fala dentro e fora da Escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

VIEIRA, Erika Viviane Costa. Bordado como intervenção poética: Intermídia e remediação no uso de têxteis e textos. **Anais do I Congresso em Artes-Manuais na Academia**. São Paulo, SP: Museu Nacional de Belas Artes, 2021. P.366-382.

WAINER, John. **O coreografo**. Fotografia. Disponível em: <https://folhapress.folha.com.br/paginas/galerias/fotografos/joaowainer/index.shtml>. Acesso em: 20 mai.2020.

WUNDER, Alike.; SPEGLICH, Erica.; CARVALHO, Fabiana Aparecida.; AMORIM, Antonio Carlos R. A educação ambiental: entornos pós-modernos. **Pesquisa em Educação Ambiental**, Rio Claro, v.02, n.02, jul.2007, p.67-87. DOI 10.18675/2177-580X\_ Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/pesquisa/article/view/6143/4502>. Acesso em: 22 jul.2021.

WUNDER, Alik; MARQUES, Davina; ROMAGUERA, Alda Romaguera. T. Ciranda de experimentações: giros que ressoam forças. Educação e filosofia. **EDUCAÇÃO E FILOSOFIA**, Uberlândia, v.31, n.63, dez. 2017. p.1539–1557. DOI 10.14393/REVEDFIL. ISSN 0102-6801. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/40667>. Acesso em: 22 fev.2019.

## ANEXOS

## Associação de Artistas Plásticos Sorocabanos

**Na praça Fajardo, a feira de arte dos artistas plásticos.**

Os artistas plásticos da cidade vão promover, em colaboração com o Serviço de Difusão Cultural da Prefeitura Municipal de Sorocaba, no próximo dia 29, das 8 às 12 horas, na Praça Arthur Fajardo, uma Feira de Arte.

Inúmeros trabalhos deverão ser expostos e, além disso, os artistas deverão trabalhar no local da exposição fazendo, perante o público presente, demonstrações técnicas de como se utilizar um pincel.

Além do mais, o programa deverá contar, também, com a presença de pessoas ligadas a arte de toda a Região — e, nisto, os artistas plásticos sorocabanos, promotores da mostra, insistem: "a exposição é aberta a todos e qualquer um pode participar".

**A CASA DA ARTE**

Brevemente, Sorocaba deverá contar com uma Casa de Arte — que será administrada pelo Clube de Artistas. Ela foi cedida pela Imobiliária Ofre para a Prefeitura Municipal, por empréstimo, e está localizada bem no centro da cidade, no prédio onde, antigamente, estava localizada a Loja Duval.

Nesse local, os artistas plásticos sorocabanos pretendem, futuramente, realizar exposições e mostras quase que constantes.

Dependendo ainda de uma série de fatores que serão acertados, o II Salão de Artes Plásticas (que, por sinal, talvez não saia neste ano) poderá ser realizado nesse recinto. A intenção dos membros do Clube de Artistas Plásticos da cidade é fazer do local uma espécie de galeria, sem

sofisticação, com a finalidade de dar ao público sorocabano mais facilidade para o acesso às obras artísticas.

Os artistas, falando da Feira

**COESP inaugura nova agência em Sorocaba**

A Companhia de Seguros do Estado de São Paulo inaugurou, no final da semana passada, sua agência de Sorocaba, em comunicação endereçada ao Secretário do Trabalho e Administração, Ciro Albuquerque, pelo diretor-superintendente da empresa, Waldemar L. Martinez.

Com essa inauguração, a COESP passou a manter no Rio de Janeiro e Brasília, sucursais e em Aracatuba, Bauru, Campinas, Marília, Presidente Prudente, Ribeirão Preto, São José do Rio Preto e Sorocaba, agências. E há previsão para a instalação de outras em São José dos Campos, São Carlos e Franca.

Cada dependência do órgão, em funcionamento, dispõe de pessoal especializado e inspetores de produção para o atendimento dos segurados do interior e ampliação de negócios.

Fonte: Jornal Cruzeiro do Sul – Sorocaba -17/09/1974

## Associação de Artistas Plásticos Sorocabanos

QUARTA-FEIRA, 26 DE MARÇO DE 1975 CRUZEIRO DO SUL 5ª PAGINA

**Artistas querem uma verba fixa para o Salão de Artes Plásticas**

A Associação dos Artistas Plásticos de Sorocaba, cumprindo a promessa que fez na semana passada, encaminhou ontem ao Prefeito Municipal de Sorocaba, dr. Armando Panunzio, uma carta em que propõe o adiantamento "a título de" da realização do II Salão de Artes Plásticas de Sorocaba, que o ano passado teve a data de sua realização transferida para abril do corrente, a pedido desses mesmos artistas. Em recente entrevista concedida ao "CRUZEIRO DO SUL", o atual responsável pela AAPS, Antonio Carlos Baddini, explicou ser "impossível realizar o Salão nas condições propostas pela Prefeitura", e prometeu que o documento ontem encaminhado ao Executivo mostraria as falhas dos métodos até agora adotados e apresentaria sugestões para a futura realização do Salão. A intenção dos artistas plásticos é institucionalizar o Salão, provendo-o de verba oficial específica e anual. A posição oficial da Prefeitura a respeito do problema deverá ser conhecida ainda hoje. Segundo se sabe, a Prefeitura tem recebido inclusive propostas de artistas "dissidentes" pretendendo realizar o Salão, não tendo contudo, até agora, manifestado-se com relação a questão.

Cópias da carta ontem remetida ao Prefeito foram enviadas ao Serviço de Difusão Cultural e aos jornais de Sorocaba, para divulgação.

Eis sua íntegra:

Sorocaba SP, 21 de março de 1975  
Ilmo. Sr.  
Dr. ARMANDO PANUNZIO  
PREFEITO MUNICIPAL DE  
SOROCABA

Em atenção ao pedido feito pelo Dr. Otto Wey Netto, em reunião realizada em princípios de mês de setembro do ano próximo passado, alguns artistas de Sorocaba se reuniram por diversas vezes a fim de estudar a reformulação dos Estatutos do "SALÃO DE ARTES PLÁSTICAS DE SOROCABA".

Com o intuito de corrigir as falhas verificadas e tentar melhorar alguns pontos negativos do I Salão, inúmeras sugestões e consultas foram feitas, chegando, ao cabo de algum tempo, a amadurecer a solução mais viável, mais racional, mais prática, mais lógica e inteligente.

Consideramos sob todos os aspectos, a atualidade Sorocabana, no que diz respeito ao seu desenvolvimento e crescimento que a todos assombra. Sendo atualmente Sorocaba uma cidade de impositivos prognósticos de crescimento, não igualmente impositivos prognósticos do Orçamento Municipal relativos a gêneros para todos os setores das diversas necessidades.

Reconhecemos inúmeras necessidades mais urgentes que a realização do ideal do nosso Grupo; estamos pensando, creiam, em termos de coletividade, pois, mesmo o nosso desejo depende dessa coletividade.

Sabemos, também, do Orçamento Municipal um tanto quanto justo para atender a todos, em virtude das vantagens em isenções ou reduções nos impostos concedidas às novas indústrias, o que possibilita o vertiginoso crescimento de nossa terra. Política, aliás, das mais louváveis e inteligentes.

Diante desse "taboão" e, envolvidos pelo entusiasmo de sentirmos a nossa Sorocaba se agigantando, pensamos num "Salão de Artes" digno do nosso progresso: não um Salãozinho cheio de falhas e pobre em todos os sentidos. Pensamos sim, num Salão Mostra, Gigante como é Gigante o nosso prestígio por esse Brasil imenso. Pensamos num Salão com uma estrutura administrativa permanente; pessoal qualificado para as funções; verba pré-fixada; local exclusivo e adequado; enfim, o mínimo que é necessário para a realização de um Salão de Artes Plásticas.

Sorocaba é grande demais para que, todo ano se procurem pessoas dispostas e com tempo material suficiente para fazer o Salão de Artes. Cada Salão é uma guerra. Luta-se contra os problemas normais de uma mostra e luta-se contra o ímprobo ânimo que mina o nosso terreno de ação.

Não é justo, também, que sobreexageremos um setor da Administração Municipal que já não vence nem mesmo os problemas normais e rotineiros, como é a Coordenadoria da Educação e Saúde Municipal e o Serviço de Difusão Cultural a ela pertencente.

Achamos, nós artistas, que há necessidade de se preparar a infraestrutura desses serviços. Dentro da própria Coordenadoria da Educação e do Serviço de Difusão Cultural, como quem, deveria existir "sub-serviços", como por exemplo: "Cultura Artes-Plásticas"; "Cultura Artística Teatro e Danças"; "Cultura Artística-Literatura"; "Cultura Artística-Fotografia-Sem", e etc. etc. etc. O "Salão de Artes Plásticas" deverá existir para sempre. Mudem os homens, mudem os artistas, mudem os Administradores, mude todo o mundo, mas o Salão continuará. E assim que pensamos, engravar o Salão na rotina Administrativa e assim, não mais constituir problema anual para a sua realização e com isso, abrir portas para que terceiros possam tentar lançar mão dele como se fosse um simples objeto. O empreendimento deve ser falxa Administrativa.

Presentemente não vemos a menor possibilidade, com urgência, tentarmos estruturar referido empreendimento, mesmo porque, em face à turbulenta e crescente problemática administrativa, creio que cometeríamos indústrias e lamentáveis falhas. Esperamos, pois, que "a água se torne cristalina", si olharmos o fundo do riacho e sabermos onde pisar. O movimento artístico em nossa cidade ainda é novo. Vamos dar tempo ao tempo, pois os valores jovens que conhecemos escondidos por aí prometem muito.

Continuaremos com o nosso programa, o da Associação dos Artistas Plásticos de Sorocaba, esperando contar, como até aqui tem acontecido, com o apoio Oficial da Prefeitura e não colidando, também, ao inteiro dispor das Autoridades Municipais para futuras realizações em nossa área de trabalho.

Saudações  
a) MARIO BARBOSA MATTOS  
a) CARLOS AUGUSTO CARDOSO  
a) FRANCISCO OLIVEIRA FILHO  
a) ANTONIO CARLOS BADDINI  
a) HEITOR BERANGER

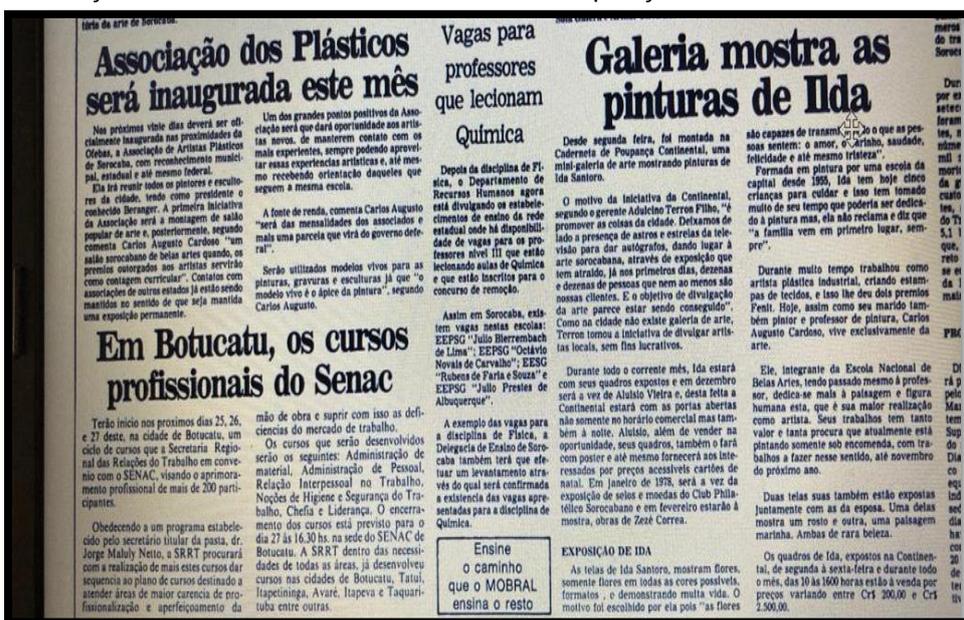
Fonte: Jornal Cruzeiro do Sul – Sorocaba- 26/03/1975

Associação de Artistas Plásticos Sorocabanos



Fonte: Jornal cruzeiro do Sul – Sorocaba – 31/07/77

Associação de Artistas Plásticos Sorocabanos/ Exposição de Ida Santoro



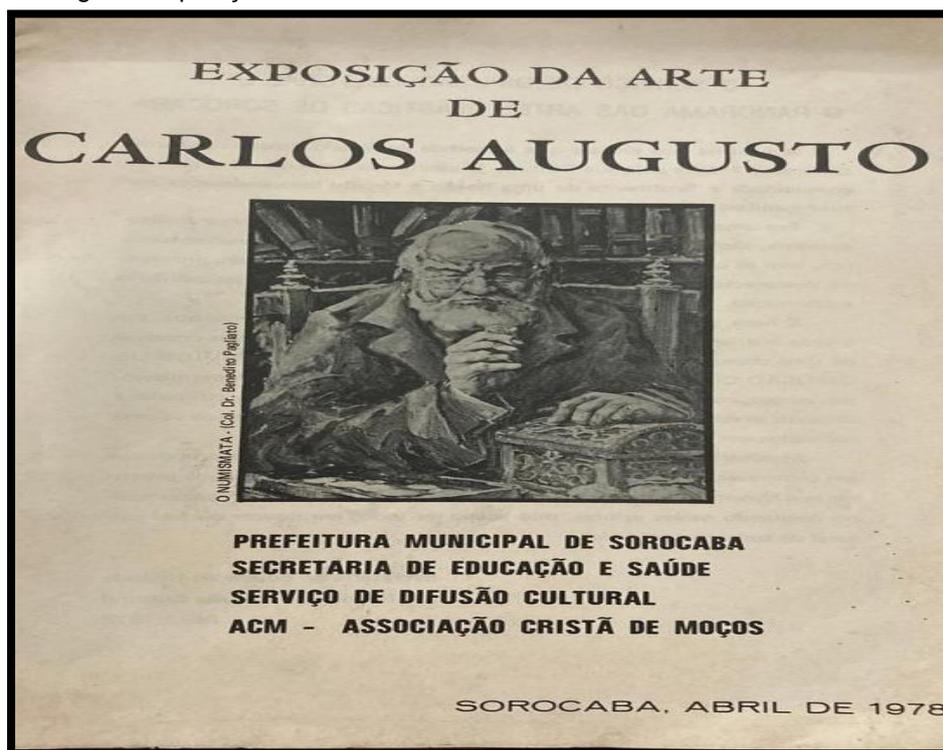
Fonte: Jornal Cruzeiro do Sul – Sorocaba – 09/11/1977

Exposição de Ida Santoro



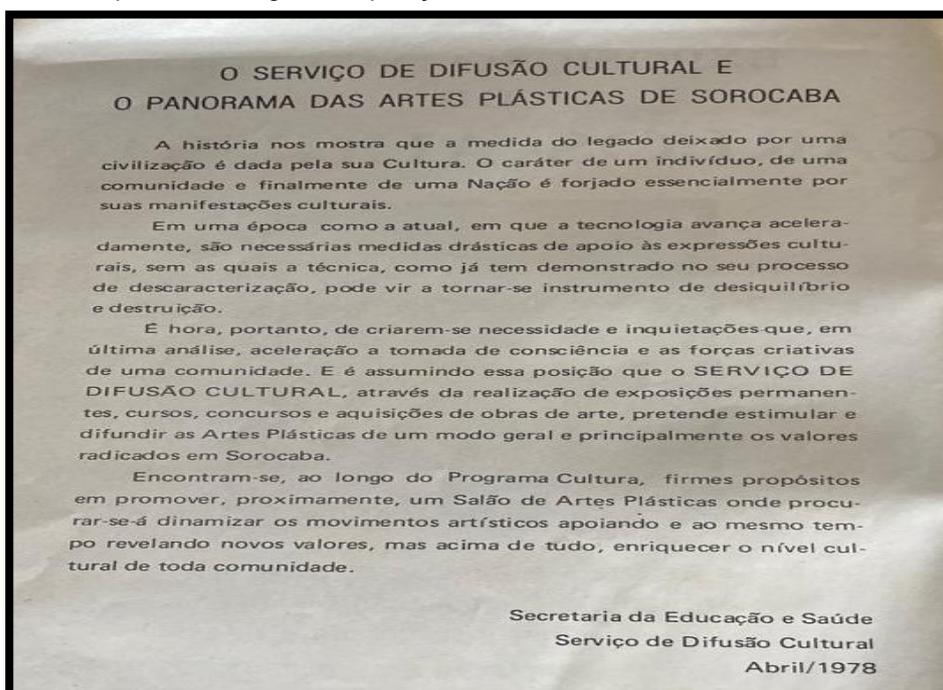
Fonte: Jornal Cruzeiro do Sul – 13/11/1977

Catálogo da exposição Abril 1978



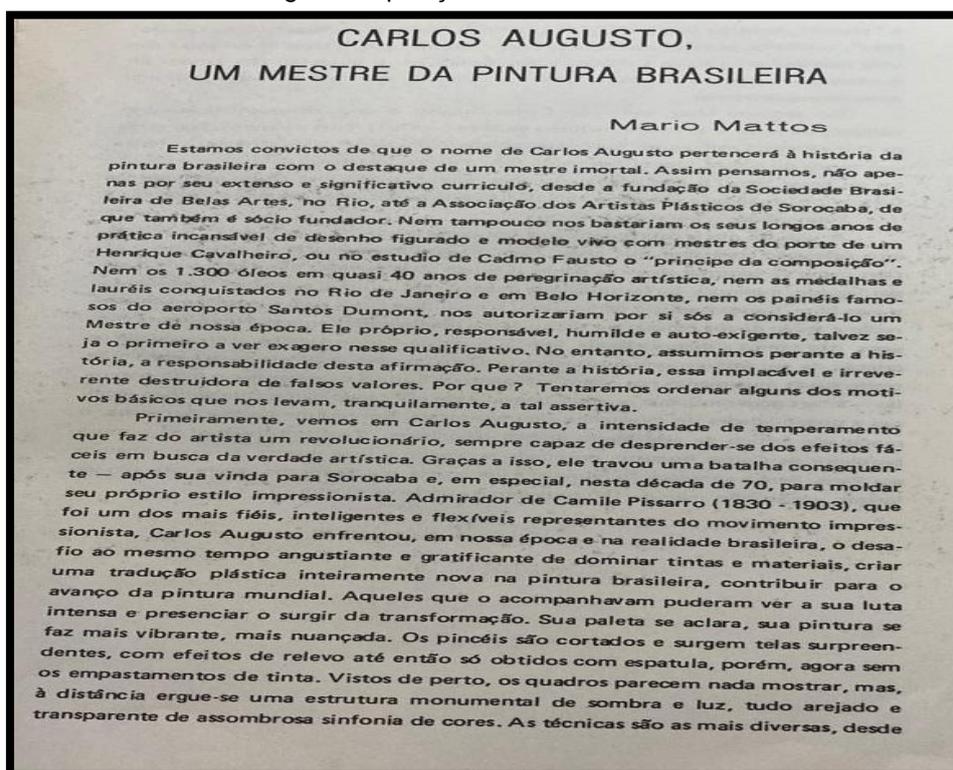
Fonte: - Arquivo pessoal

Contra capa do Catálogo da exposição - Abril 1978



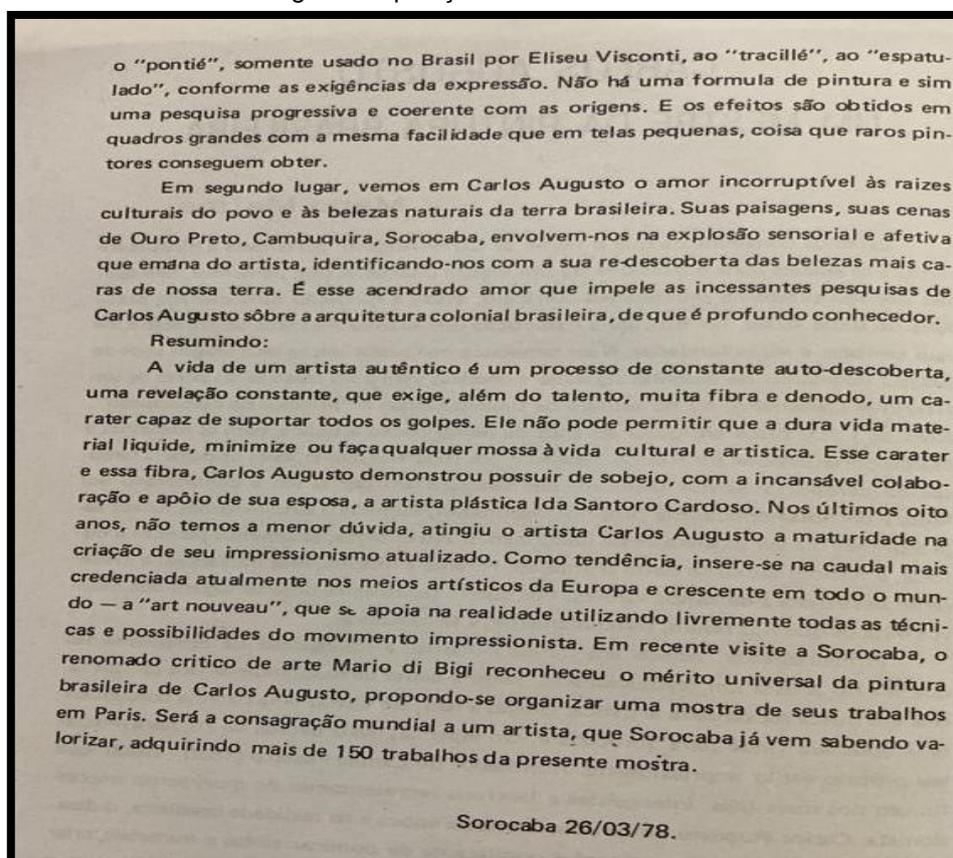
Fonte: Arquivo pessoal

## Parte interna I do catálogo da exposição - Abril 1978



Fonte: Arquivo pessoal

## Parte interna II do catálogo da exposição - Abril 1978



Fonte: Arquivo pessoal

Fotos da Exposição – Abril 1978



Fonte: Arquivo pessoal

Ida Santoro



Fonte: Jornal do Cruzeiro do Sul 28/02/1988

## Mostra de Ida Santoro

QUARTA-FEIRA, 25/07/90

Arte & Lozer

CRUZEIRO DO SUL, PÁG. 19

## Mostra de Ida Santoro abre novo espaço cultural

**Sem dinheiro, o 6º FestRio é cancelado**

Depois de dois anos sem expor, a artista Ida Santoro inaugura hoje uma mostra individual de sua autoria na Caixa Econômica Federal (CEF) de Sorocaba — um novo espaço para as artes plásticas que surge na cidade. São duas telas impressionistas feitas com tinta acrílica de flores, paisagem, casarão e o retrato de uma modelo.

Segundo Laurentino Martins Júnior, supervisor da Caixa Econômica Federal, a iniciativa para a criação deste espaço aconteceu para "suprir de alguma forma a carência de espaços para artes plásticas na cidade." O espaço fica no andar térreo do banco, logo na entrada. Quem entrar na agência terá a oportunidade de ver a exposição. Laurentino informou que não são apenas os clientes que poderão presenciar-lá. Qualquer pessoa interessada pode ir até a CEF só para ver os quadros.

Ida Santoro se dedica há dezesseis anos, sem parar, à pintura de flores: "Me identifiquei com elas; foi uma explosão que deu em mim e comecei a perceber os seus segredos e os toques que elas me dão." Para a artista, as flores são mágicas por estarem presen-

tes nos momentos de "alegria, saudade, tristeza, amor, conquista." Tudo isso remete as pessoas e os ambientes à "paixão e alegria".

Além de flores, Ida Santoro vem se dedicando habilmente à pintura de casarões e paisagens. A sua próxima exposição deverá ser os casarões. Pintar, para a artista, significa "dizer em poucas pinceladas aquilo que desejo expressar." In-

teressante, o estilo impressionista que usa em suas obras, depois de dois anos de estudo, a artista leva muito em conta a combinação de luz e sombra, além de trabalhar com poucas pinceladas. O oposto deste estilo é o acadêmico. Aqui o artista pinta um quadro até conseguir detalhes do seu tema.

A exposição de Ida Santoro ficará na CEF até o dia 10 de agosto. O horário da exposição ao público, é o mesmo do funcionamento do banco, das 10h às 18h30.

**Grupo apresentará música renascentista no dia 5**

A música renascentista de Banda Modália, de Campinas, é o destaque do espetáculo a ser apresentado na cidade, a Banda Modália conta, através de um narrador e de bonecos fantoches, as aventuras de Galerna (Um cavaleiro do exército de Carlos Magno) e de Melisenda (uma jovem da época que está como refém em um castelo mouro). Neste cenário, surge a figura de Dom Quixote — o defensor dos fracos e oprimidos — para ajudar os amantes. No final, a sua intervenção é destronada. A narração do espetáculo é de Raquel M. da Silva e o boneco de Benedito Bore.

Antônio Antunes, do Censo, que Patrícia Gatti está na Europa. No espetáculo a ser apresentado na cidade, a Banda Modália conta, através de um narrador e de bonecos fantoches, as aventuras de Galerna (Um cavaleiro do exército de Carlos Magno) e de Melisenda (uma jovem da época que está como refém em um castelo mouro). Neste cenário, surge a figura de Dom Quixote — o defensor dos fracos e oprimidos — para ajudar os amantes. No final, a sua intervenção é destronada. A narração do espetáculo é de Raquel M. da Silva e o boneco de Benedito Bore.




Fonte: Jornal do Cruzeiro do Sul 25/07/1990

## Partida

## Morre o pintor Carlos Augusto Cardoso

Foi enterrado ontem pela manhã o pintor Carlos Augusto Cardoso, morto na última segunda-feira, vítima de problemas de saúde. Carlos Augusto era um dos pintores do estilo impressionista mais respeitados de todo o país. Carioca de nascimento, estava em Sorocaba há mais de 25 anos, onde veio transferido da Companhia Nacional de Estamparia (Cianê) do Rio de Janeiro para a fábrica local.

Aqui produziu muitos quadros e deu muitas aulas. Há oito anos, em entrevista ao Cruzeiro confessou ter mais prazer em trabalhar nas suas pinturas à noite. Dedicava-se aos quadros durante a madrugada, das 22h às 7h, dormia até às 15h e depois desse pe-

riodo dava aulas. Não era um horário rígido, mas era o de sua preferência.

Carlos Augusto se dedicou por

mais de quarenta anos às artes plásticas. Foi fundador da Sociedade Brasileira de Belas Artes no Rio de Janeiro e da extinta Associação de Artistas Plásticos de Sorocaba. Em toda sua carreira pintou "com maestria", como disse certa vez o crítico Mário di Bigli, mais de 1.300 quadros, ganhou medalhas, honrarias e pintou os painéis existentes no Aeroporto Santos Dumont (RJ).

Preciso no seu trabalho e dono de uma auto-crítica muitas vezes invejada, Carlos Augusto sabia como fazer para conseguir os efeitos de luz e sombra num quadro. Admirou Camille Pissarro (1830 - 1903). Durante a vida, sempre ao seu lado, esteve a também artista plástica Ida Santoro.



O pintor Carlos A. Cardoso

Fonte: Jornal do Cruzeiro do Sul 22/08/1990

Painéis no Rio de Janeiro

**ARTE E LAZER**  
 PAINÉIS DO SANTOS DUMONT GUARDAM PINCELADAS DE ARTISTA DE SOROCABA

O restaurador da pintura Renato Vieira, 74, ao apresentar uma exposição para celebrar o aniversário de 50 anos do Painéis do Santos Dumont, destacou o trabalho do pintor de Sorocaba Carlos Augusto Cardoso. Ele participou da obra em 1948, sob a orientação do arquiteto carioca Carlos Roberto de Oliveira. Carlos Augusto Cardoso, 74, nasceu em 23 de agosto de 1924.

De família tradicional, seu pai, Renato Vieira, foi um dos fundadores da cidade de Sorocaba. Cardoso estudou na Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro. Foi aluno de Carlos Roberto de Oliveira. Cardoso trabalhou em Sorocaba por 15 anos, entre 1948 e 1963. Ele trabalhou no Painéis do Santos Dumont, sob a orientação do arquiteto carioca Carlos Roberto de Oliveira. Cardoso trabalhou em Sorocaba por 15 anos, entre 1948 e 1963.

Fonte: Jornal do Cruzeiro do Sul 17/02/1998

Homenagens

**MAIS CRUZEIRO**  
 Sorocaba, quarta-feira, 05 de setembro de 2001

**Fundec traz 50 anos de pintura sorocabana**

A Fundec (Fundação de Desenvolvimento Cultural de Sorocaba) e o Núcleo de Artes Plásticas de Sorocaba abrem a partir das 20h de hoje, a "Mostra Sorocabana - 50 Anos de Pintura" com obras produzidas por 14 artistas sorocabanos, ou atuais na cidade, entre as décadas de 40 e 90. A abertura oficial, realizada na sede da Fundec, contará com a apresentação do Quarteto de Cordas formado por músicos da Orquestra Sinfônica de Sorocaba. Um catálogo com informações sobre os artistas estará a disposição dos presentes.

A mostra - que vai até o dia 23, destaca a importância dos trabalhos desses artistas, já falecidos, no desenvolvimento cultural de Sorocaba. São eles: Aluisio Vieira, Carlos Augusto Cardoso, Ennio Silvestre Wolff, Ettore Marangoni, Flávio Gagliardi, Hector Beranger, Ida Santoro, José Rodrigues Del Pino, Ludovico Prohaska, Mário Sola, Pedro Marango, Sérgio Pastura, Zezé Corréia da Silva e Zuri Longo.

Após uma intenso trabalho de pesquisa, que analisou além das pinturas, fotografias, textos biográficos, depoimentos e vídeos, a "Mostra Sorocabana - 50 anos de Pintura" conta com 50 quadros e três esculturas em técnicas variadas como óleo sobre tela, aquarela, pintura sobre madeira entre outras, selecionadas pela Fundec em conjunto com o Núcleo de Artes Plásticas de Sorocaba, responsável pelas pesquisas e curadoria da exposição.

De acordo com as informações fornecidas pelo diretor técnico da Fundec, Nelson Raul Fonseca, os quadros desta exposição são obras pertencentes a colecionadores, membros da sociedade sorocabana e familiares dos artistas. Alguns trabalhos também pertencem ao Museu Histórico Sorocabano e à Oficina Cultural Grande Otelo.

"O nosso objetivo é homenagear e resgatar a memória desses artistas plásticos que viveram entre as décadas de 40 e 90, mostrando para toda a sociedade que eles foram e continuam sendo uma referência cultural", destaca o diretor técnico.

Algumas obras retratam os monumentos históricos da cidade como a igreja de João de Camargo, o Mosteiro de São Bento, o monumento dos Tropeiros e o casarão do bairro Vergueiro (atual Faculdade de Direito de Sorocaba). "Muitos artistas que hoje estão no mercado foram alunos dessas pessoas. O trabalho que eles nos deixaram tem um valor cultural inigualável", destaca Fonseca.

Os curadores da exposição são: Antônio Carlos Basti, Carmem Lúcia Corrêa de Camargo, Célia Mercasca, Francisco Antônio Chaves, Lúcia Castanho Ramparini, Mirella Mostoni, Olete Fazzari, Pedro Lopes, Rosa Holtz e Tadeu Vilela.

**Outras exposições**

Desde a inauguração da atual sede, no final de julho, o salão de exposições da Fundec abrigou as mostras de artes "Instituto dos Arquitetos do Brasil - Núcleo Sorocabano", "Prêmio Flávio Gagliardi de Artes Plásticas" e "III Salão Nacional de Fotografias de Sorocaba - Adolfo Prioli", reunindo centenas de pessoas.

Segundo Nelson Raul, além de divulgar os trabalhos dos artistas locais para a sociedade sorocabana, outro objetivo das mostras realizadas no salão da Fundec é dar preferência às manifestações coletivas. "A cidade possui vários centros de exposições onde os artistas podem realizar suas mostras individualmente, mas quando o assunto é manifestação coletiva, fica difícil. Queremos realizar mais atividades como esta com os artistas da cidade, bem como criar um intercâmbio cultural aos artistas de outras localidades."

A sede da Fundec, na rua Brigadeiro Tobias, 73, centro, estará aberta ao público de 2ª a 6ª feira das 9h às 18h; aos sábados, das 9h às 17h, e aos domingos, das 10h às 15h. Mais informações podem ser obtidas pelo telefone (0xx15) 233-2220 ou na própria Fundec.

**"Êxodos" de Salgado está em Votorantim**

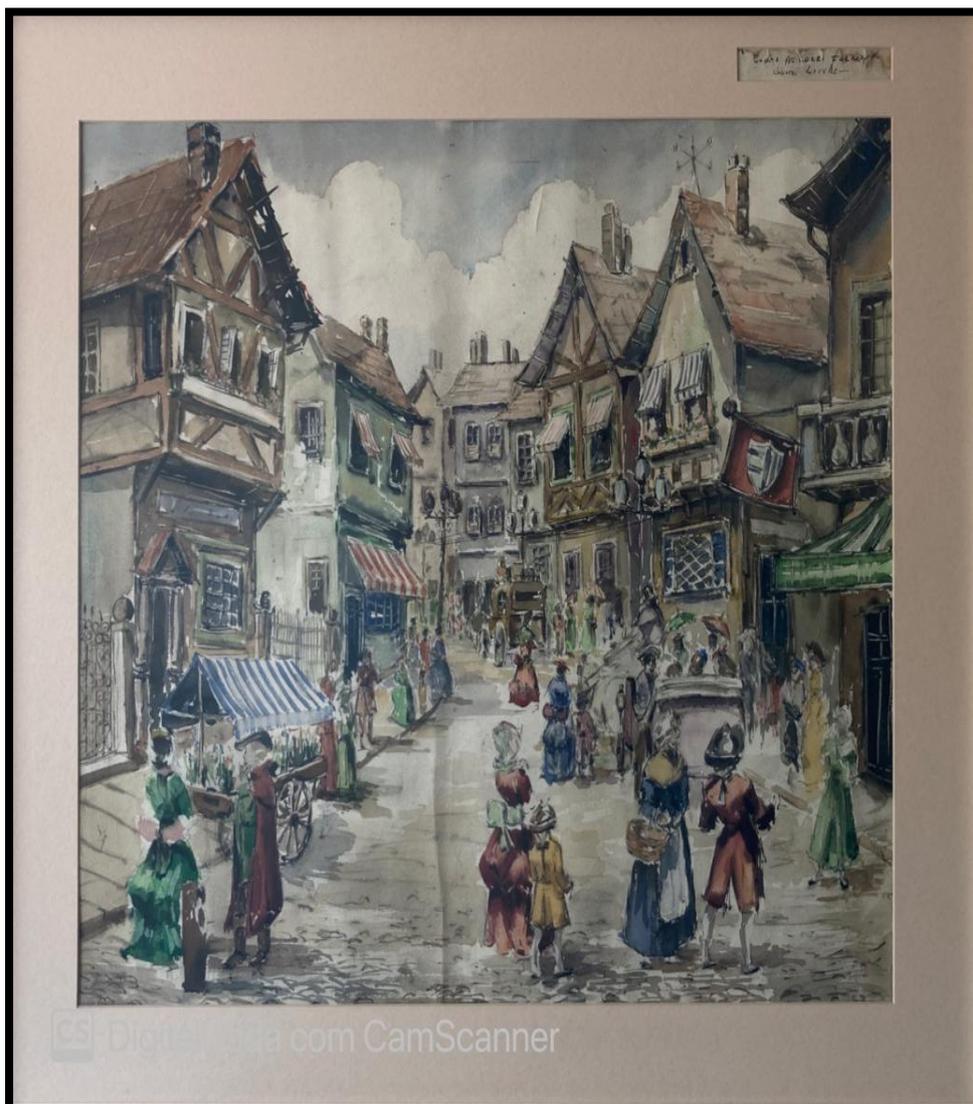
De hoje até o dia 16, o Aquário Cultural de Votorantim recebe a exposição "Êxodos", realizada pelo fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado. O projeto "Êxodos", com 360 fotografias, já foi exposto no Sesc Pompéia, em São Paulo, em Paris, Lisboa, Vitoria e Rio de Janeiro.

A exposição "Êxodos" de Salgado está em Votorantim, através da Secretaria de Cultura e Turismo, Sesc (Serviço Social do Comércio São Paulo), Sindicato do Comércio Varejista de Sorocaba e Grupo Imagem Núcleo de Fotografia.

O Aquário Cultural fica na rua Moacir Oséias Gutierrez, Centro.

Fonte: Jornal do Cruzeiro do Sul 05/09/2001

Estudo sem data



Fonte: Arquivo Pessoal

Sorocaba



Fonte: Arquivo Pessoal

Casarios



Fonte: Arquivo Pessoal

Marina



Fonte: Arquivo Pessoal

Procissão



Fonte: Arquivo Pessoal

## Dança dos espantalhos – Outros movimentos



Fonte: Arquivo Pessoal

Mais Flores



Fonte: Arquivo Pessoal

Natureza morta



Fonte: Arquivo Pessoal

Primavera



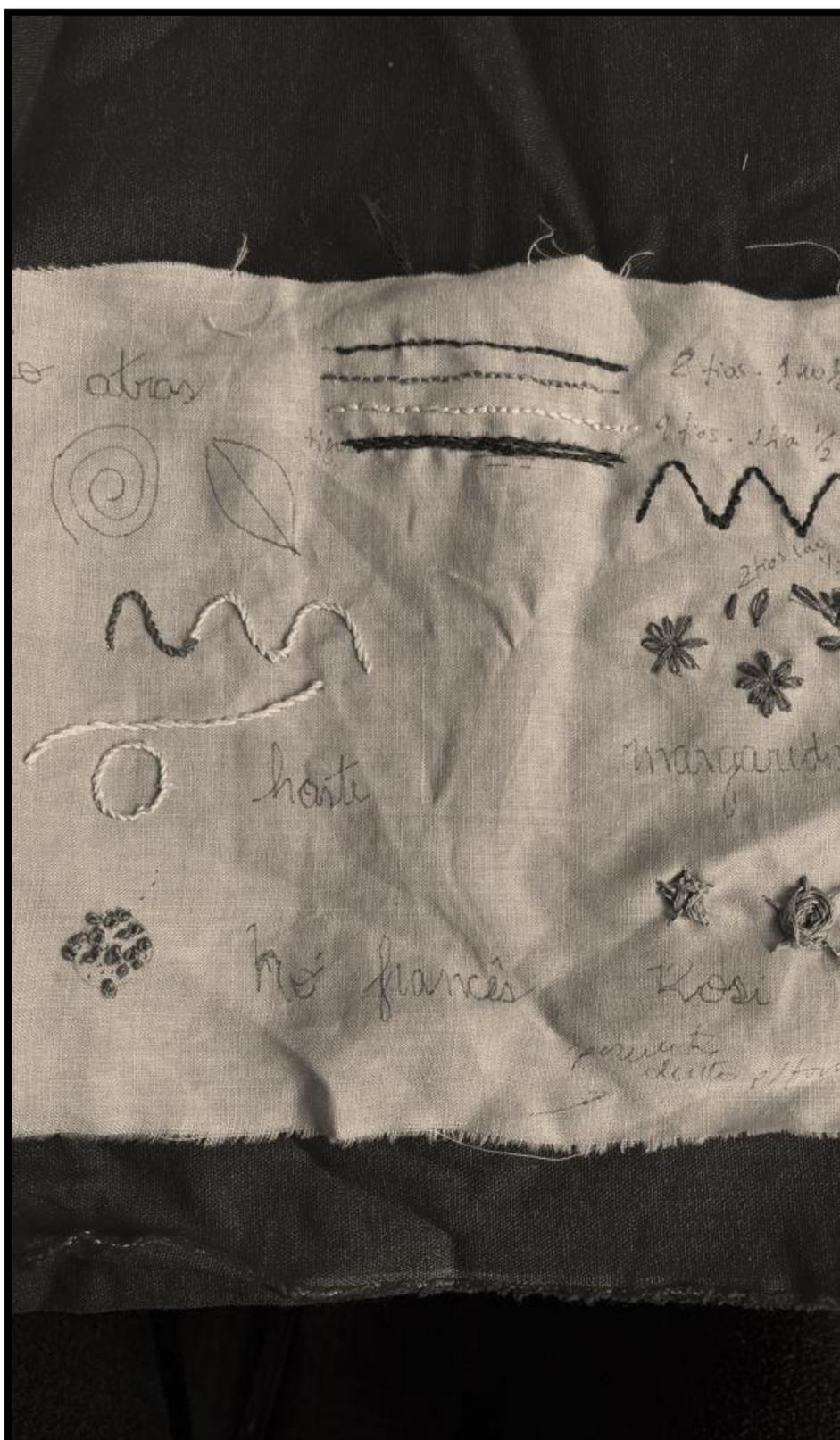
Fonte: Arquivo Pessoal

## Rascunho



Fonte: Elaboração Própria

## Pontos de bordado



Fonte: Elaboração Própria

## Novos Atilhos



Fonte: Elaboração Própria